DICIONÁRIO DE PERSONAGENS DA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO

dicionario Personagens Jose Sar1 1 09.01.12 12:13:28

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

REITOR
João Natel Pollonio Machado

VICE-REITOR
Griseldes Fredel Boos

edifurb
25 ANOS

EDITORA DA FURB

CONSELHO EDITORIAL
Edson Luiz Borges
Elsa Bevian
João Noll
Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira
Roberto Heinzle
Marco Antônio Wanrowsky
Maristela Pereira Fritzen

EDITOR EXECUTIVO
Maicon Tenfen

CAPA
Criação da Coordenadoria de Comunicação
e Marketing da FURB - Criativo: Bruno Jahn Bertoli.

DISTRIBUIÇÃO
Edifurb

SALMA FERRAZ

DICIONÁRIO DE PERSONAGENS DA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO

edifurb
25 ANOS
Blumenau, 2012.

dicionario Personagens Jose Sar3 3 09.01.12 12:13:30

Esta obra foi finalizada e publicada
com recursos do Governo Federal e Ministério da Cultura
através da Lei de Incentivo à Cultura.

Patrocinadores

Passeres plumarum similium
iunctim uolare solent.[1]

Ao Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina, pelas horas de pesquisa concedidas durante os últimos anos e pela minha liberação para o Pós-Doutorado, o que possibilitou terminar este projeto.

Ao Cnpq, pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa nunca concedida.

A todos os alunos da Graduação e Pós-Graduação, colaboradores e pesquisadores que me ajudaram ao longo destes 12 anos de pesquisa.

Aos Amigos
Roseli Broering, Tony Roberson de Mello Rodrigues, Maura Paula Miranda, Tuca, Raphael, Jaime, Vera Sabino, Arcari, Ellen, Elba, Rosilda, Valdete, Virginia Zimmermann, José Ernesto, Zilma Gesser, Izabel Seara, Mauri Furlan, Celdon Fritzen.

À
Matriarca Raquel Ferraz

Ao Querido Tio
Rubens Ferraz

Ao
Irmão Samuel

Aos Filhos
Kirlan Ferraz Vidal de Oliveira
Josemar Vidal Junior

À princesa
Heloise Ferraz

[1] *Pássaros da mesma plumagem costumam voar juntos.*

© Salma Ferraz, 2012.

Editora da FURB
Rua Antônio da Veiga, 140
89012-900 Blumenau SC BRASIL
Fone/Fax: (047) 3321-0329
Fone: (047) 3321-0330
Correio eletrônico: editora@furb.br
Internet: www.furb.br/editora

Distribuição: Editora da FURB

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1825,
de 20 de dezembro de 1907.
"Impresso no Brasil / Printed in Brazil"

Elaborada pela Biblioteca Central da FURB

Ferraz, Salma
F381d Dicionário de personagens da obra de José Saramago /
Salma Ferraz. – Blumenau : Edifurb, 2012.
360 p.
ISBN 978-85-7114-312-8
Bibliografia: p. 329-341.

1. Saramago, José, 1922-2010. – Personagens - Dicionários.
2. Personagens literários. 3. Literatura portuguesa – Dicionários.
I. Título.

CDD 869.03

SUMÁRIO

Autoria, Revisão, Colaboração e Pesquisa 9

De como a Personagem foi Mestre e o Autor seu Aprendiz ... 17

Apresentação 29

Relação de Personagens

por livro 33

por ordem alfabética 43

Verbetes

A 55

B 77

C 87

D 115

E 133

F 141

G 153

H 159

I 169

J 175

L 199

M 207

N 245

O 249

P 255

Q 269

R 273

S 287
T 299
V 305
Z 311

Bibliografia do Autor
por ordem alfabética 315
por ordem cronológica 319
por gênero 323
traduções 325

Bibliografia Consultada
livros 329
artigos 339

Autobiografia 343

Biografia 349

Distinções e Honrarias
Doutoramentos Honoris Causa 351
Prêmios 352
Condecorações 353

Adaptações 357

Sobre a Autora 359

AUTORIA, PESQUISA E ORGANIZAÇÃO

Salma Ferraz

REVISÃO FINAL

Salma Ferraz
Raphael Novaresi Leopoldo

REVISÃO TEXTUAL

Edair Maria Gorski

COLABORADORES

Agnes Teresa
André Luiz do Amaral
Antonieta Mercês da Silva
Daniel de Oliveira Gomes
Delzi Alves Laranjeira
Fernando Petry
Jaqueline Silva da Cunha
Jonas Tenfen
Josiele Kaminski Corso Ozelame
Maria de Fátima Bueno
Raphael Novaresi Leopoldo
Rodrigo Oliveira
Rodrigo Uliano
Tony Roberson de Mello Rodrigues
Viegas Fernandes da Costa

PESQUISADORES

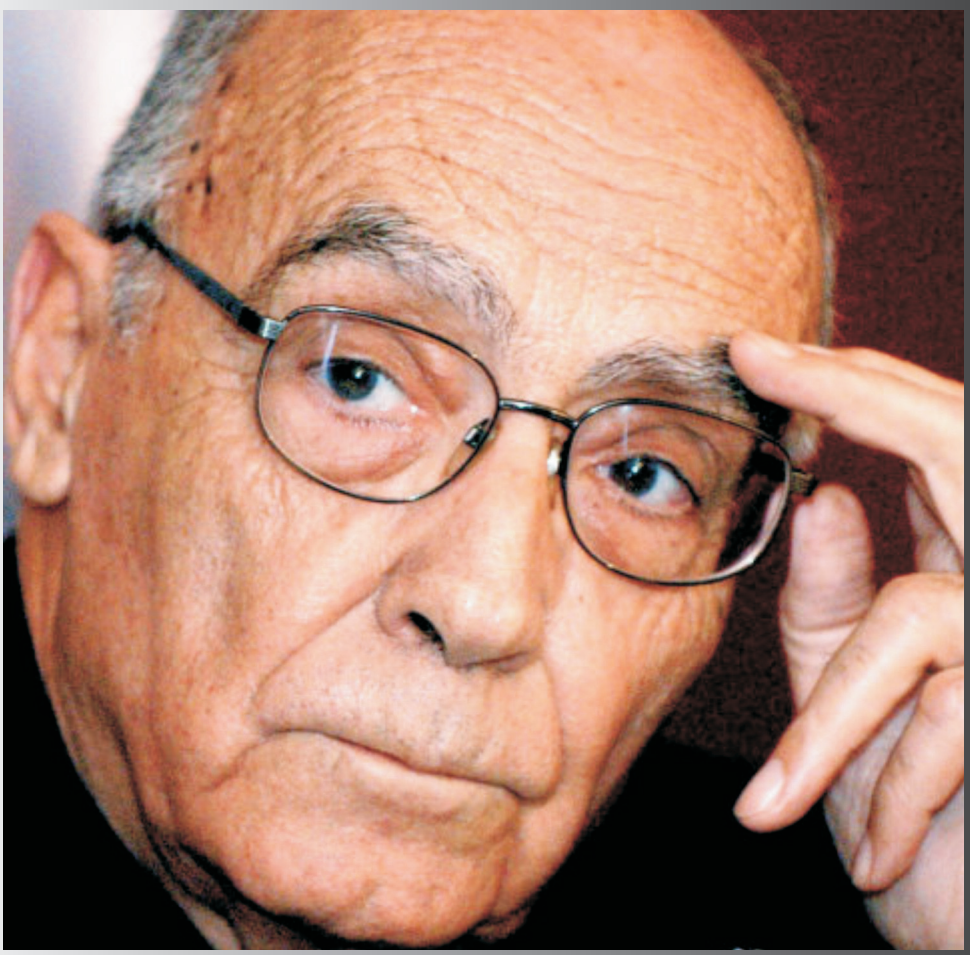
Adriana Cristina da Silva
Alexandra de Oliveira
Alexandra Miranda dos Santos
Aline Silva Zilli
Ana Carolina Dalacosta
Ana Luiza Costa do Amaral

Andréa Cristina Natal Simões
Andréia da Rosa Gonçalves
Andrezza Peres
António Augusto Nery
Carina de Melo
Carina Pamplona
Ciliane Bedin
Clarete Aparecida Maus
Claudia Cristina Marinho Miechotek
Claudia Helena Carvalho
Claudia Regina Pinheiro Pires
Cristiano de Sales
Débora Regina Ouriques
Denise A Capistrano
Egídio M. do Nascimento
Elaine Cristina García
Eliane Cristina Testa
Elisa Rocha
Francisco Massanori Nakagawara Jr.
Gisela Martinez Carvalho
Gislayne da Penha Romeiro Pinheiro
Gláucia Marques Bitencourt
Gloria Amaral
Izabel Teixeira
Jaqueline Silva da Cunha
Jeferson Candido
Josemar Vidal de Oliveira Junior
Julia Garcia da Silva
Juliane Abel Barchinski
Laertes Rebelo
Leandro Brandtner
Leandro Michel Corrêa
Lenice Terezinha Grave Junkes
Lídia Hubert
Luceni Prado
Luciane Maria da Silva
Luiza Helena Schneider
Manoela Hoffmann
Márcia Fernandes
Marco Aurélio Castro Rodrigues

dicionario Personagens Jose Sar10 10 09.01.12 12:13:34

Maria Aparecida Borges Viera
Maria Goretti Kobus
Maria José Raccioppi
Mônica Quartiero de Faveri
Nilza Pieritz
Patrícia Brasil
Patrícia Leonor
Priscila Neves
Rejane Barroso de Sousa
Renato Joaquim de Souza
Rita Salma Feltz
Rochele da Silva
Roseli Broering dos Santos
Sabrina Casagrande
Sabrina L. C. Nascimento
Saskia K. M. Godoy Ferreira
Silvio Somer
Simone Guesser
Solange Aparecida Boreggio
Sunamita Pereira
Valquíria Lovatto Bazzan
Wellington Gonçalves

dicionario Personagens Jose Sar11 11 09.01.12 12:13:34



José Saramago

Trata-se, talvez, da consciência muito clara, enfim, muito viva, que no fundo no fundo, nós somos feitos de papel. Quer dizer, cada um de nós é muito mais feito de papel do que de carne e osso. E digo que somos feitos de papel porque somos feitos das leituras que fizemos. Então, parece-me um erro, de certa maneira, parece-me um erro dividir, digamos, a vida entre o que é realidade, o que chamamos de realidade – as pessoas que estão por aí, nós próprios aqui todos juntos – e esse outro universo feito de palavras, de personagens, de livros, de páginas. Tudo isso, no fundo, tem, às vezes tem, creio que tem, eu diria que tem sempre, ou pelo menos tem mais fortemente em muitos casos, tem mais influência em nós do que a própria realidade, isso que chamamos de realidade. Portanto, se nos meus livros de fato há o apelo constante a esses seres de papel, para encontrar outros seres de papel, outros, em primeiro lugar o autor, e depois outros seres de papel, que são os leitores, é por uma razão muito simples: é que eu não separo isso a que chamamos de realidade dessa outra realidade fictícia, que é da imaginação, que é da invenção, e a ambas eu vejo embrechadas uma na outra. [...] Então, toda esta, digamos, todo este imbricamento entre o que é fictício e o que é real, julgo eu, é o que passa pelos meus livros.

José Saramago[2]

[2] SARAMAGO, José. **Memória Roda Viva**: José Saramago. Entrevistador: Rodolfo Konder. São Paulo, Rede Cultura, 7 set. 1992. Entrevista concedida ao Programa Roda Viva. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/10/leitura/entrevistados/josesaramago_1992.htm>. Acesso em: 21 dez. 2010.

DE COMO A PERSONAGEM FOI MESTRE E O AUTOR SEU APRENDIZ

José Saramago[3]

Discurso em Estocolmo, por ocasião da premiação como Nobel de Literatura

O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever. Às quatro da madrugada, quando a promessa de um novo dia ainda vinha em terras de França, levantava-se da enxerga e saía para o campo, levando ao pasto a meia dúzia de porcas de cuja fertilidade se alimentavam ele e a mulher. Viviam desta escassez os meus avós maternos, da pequena criação de porcos que, depois do desmame, eram vendidos aos vizinhos da aldeia. Azinhaga de seu nome, na província do Ribatejo. Chamavam-se Jerónimo Melrinho e Josefa Caixinha esses avós, e eram analfabetos um e outro. No Inverno, quando o frio da noite apertava ao ponto de a água dos cântaros gelar dentro da casa, iam buscar às pocilgas os bácoros mais débeis e levavam-nos para a sua cama. Debaixo das mantas grosseiras, o calor dos humanos livrava os animaizinhos do enregelamento e salvava-os de uma morte certa. Ainda que fossem gente de bom carácter, não era por primores de alma compassiva que os dois velhos assim procediam: o que os preocupava, sem sentimentalismos nem retóricas, era proteger o seu ganha-pão, com a naturalidade de quem, para manter a vida, não aprendeu a pensar mais do que o indispensável. Ajudei muitas vezes este meu avô Jerónimo nas suas andanças de pastor, cavei muitas vezes a terra do quintal anexo à casa e cortei lenha para o lume, muitas vezes, dando voltas e voltas à grande roda de ferro que accionava a bomba, fiz subir a água do poço comunitário e a transportei ao ombro, muitas vezes, às escondidas dos guardas das searas, fui com a minha avó, também pela madrugada, munidos de ancinho, panal

[3] SARAMAGO, José. De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz. In: NOBEL FOUNDATION. **The Nobel Prize in Literature 1998**: José Saramago, Nobel Lecture. Disponível em: <http://nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1998/lecture-p.html>. Acesso em: 21 dez. 2010.

e corda, a recolher nos restolhos a palha solta que depois haveria de servir para a cama do gado. E algumas vezes, em noites quentes de Verão, depois da ceia, meu avô me disse: "José, hoje vamos dormir os dois debaixo da figueira". Havia outras duas figueiras, mas aquela, certamente por ser a maior, por ser a mais antiga, por ser a de sempre, era, para todas as pessoas da casa, a figueira. Mais ou menos por antonomásia, palavra erudita que só muitos anos depois viria a conhecer e a saber o que significava... No meio da paz nocturna, entre os ramos altos da árvore, uma estrela aparecia-me, e depois, lentamente, escondia-se por trás de uma folha, e, olhando eu noutra direcção, tal como um rio correndo em silêncio pelo céu côncavo, surgia a claridade opalescente da Via Láctea, o Caminho de Santiago, como ainda lhe chamávamos na aldeia. Enquanto o sono não chegava, a noite povoava-se com as histórias e os casos que o meu avô ia contando: lendas, aparições, assombros, episódios singulares, mortes antigas, zaragatas de pau e pedra, palavras de antepassados, um incansável rumor de memórias que me mantinha desperto, ao mesmo tempo que suavemente me acalentava. Nunca pude saber se ele se calava quando se apercebia de que eu tinha adormecido, ou se continuava a falar para não deixar em meio a resposta à pergunta que invariavelmente lhe fazia nas pausas mais demoradas que ele calculadamente metia no relato: "E depois?". Talvez repetisse as histórias para si próprio, quer fosse para não as esquecer, quer fosse para as enriquecer com peripécias novas. Naquela idade minha e naquele tempo de nós todos, nem será preciso dizer que eu imaginava que o meu avô Jerónimo era senhor de toda a ciência do mundo. Quando, à primeira luz da manhã, o canto dos pássaros me despertava, ele já não estava ali, tinha saído para o campo com os seus animais, deixando-me a dormir. Então levantava-me, dobrava a manta e, descalço (na aldeia andei sempre descalço até aos 14 anos), ainda com palhas agarradas ao cabelo, passava da parte cultivada do quintal para a outra onde se encontravam as pocilgas, ao lado da casa. Minha avó, já a pé antes do meu avô, punha-me na frente uma grande tigela de café com pedaços de pão e perguntava-me se tinha dormido bem. Se eu lhe contava algum mau sonho nascido das histórias do avô, ela sempre me tranquilizava: "Não faças caso, em sonhos não há firmeza". Pensava então que a minha avó, embora fosse também uma mulher muito sábia, não alcançava as alturas do meu avô, esse que, deitado debaixo da figueira, tendo ao lado o neto José, era capaz de pôr o universo em movimento apenas com duas palavras. Foi só muitos anos depois, quando o meu avô já se tinha ido deste mundo e eu era

dicionario Personagens Jose Sar18 18 09.01.12 12:13:38

um homem feito, que vim a compreender que a avó, afinal, também acreditava em sonhos. Outra coisa não poderia significar que, estando ela sentada, uma noite, à porta da sua pobre casa, onde então vivia sozinha, a olhar as estrelas maiores e menores por cima da sua cabeça, tivesse dito estas palavras: "O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer". Não disse medo de morrer, disse pena de morrer, como se a vida de pesado e contínuo trabalho que tinha sido a sua estivesse, naquele momento quase final, a receber a graça de uma suprema e derradeira despedida, a consolação da beleza revelada. Estava sentada à porta de uma casa como não creio que tenha havido alguma outra no mundo porque nela viveu gente capaz de dormir com porcos como se fossem os seus próprias filhos, gente que tinha pena de ir-se da vida só porque o mundo era bonito, gente, e este foi o meu avô Jerónimo, pastor e contador de histórias, que, ao pressentir que a morte o vinha buscar, foi despedir-se das árvores do seu quintal, uma por uma, abraçando-se a elas e chorando porque sabia que não as tornaria a ver.

Muitos anos depois, escrevendo pela primeira vez sobre este meu avô Jerónimo e esta minha avó Josefa (faltou-me dizer que ela tinha sido, no dizer de quantos a conheceram quando rapariga, de uma formosura invulgar), tive consciência de que estava a transformar as pessoas comuns que eles haviam sido em personagens literárias e que essa era, provavelmente, a maneira de não os esquecer, desenhando e tornando a desenhar os seus rostos com o lápis sempre cambiante da recordação, colorindo e iluminando a monotonia de um quotidiano baço e sem horizontes, como quem vai recriando, por cima do instável mapa da memória, a irrealidade sobrenatural do país em que decidiu passar a viver. A mesma atitude de espírito que, depois de haver evocado a fascinante e enigmática figura de um certo bisavô berbere, me levaria a descrever mais ou menos nestes termos um velho retrato (hoje já com quase oitenta anos) onde os meus pais aparecem: "Estão os dois de pé, belos e jovens, de frente para o fotógrafo, mostrando no rosto uma expressão de solene gravidade que é talvez temor diante da câmara, no instante em que a objectiva vai fixar, de um e de outro, a imagem que nunca mais tornarão a ter, porque o dia seguinte será implacavelmente outro dia... Minha mãe apoia o cotovelo direito numa alta coluna e segura na mão esquerda, caída ao longo do corpo, uma flor. Meu pai passa o braço por trás das costas de minha mãe e a sua mão calosa aparece sobre o ombro dela como uma asa. Ambos pisam acanhados um tapete de ramagens. A tela que serve de fundo postiço ao retrato mostra umas difusas e incongruentes arquitecturas neoclássicas".

dicionario Personagens Jose Sar19 19 09.01.12 12:13:39

E terminava: “Um dia tinha de chegar em que contaria estas coisas. Nada disto tem importância, a não ser para mim. Um avô berbere, vindo do Norte de África, um outro avô pastor de porcos, uma avó maravilhosamente bela, uns pais graves e formosos, uma flor num retrato – que outra genealogia pode importar-me? a que melhor árvore me encontraria?”

Escrevi estas palavras há quase trinta anos, sem outra intenção que não fosse reconstituir e registrar instantes da vida das pessoas que me geraram e que mais perto de mim estiveram, pensando que nada mais precisaria de explicar para que se soubesse de onde venho e de que materiais se fez a pessoa que comecei por ser e esta em que pouco a pouco me vim tornando. Afinal, estava enganado, a biologia não determina tudo, e, quanto à genética, muito misteriosos deverão ter sido os seus caminhos para terem dado uma volta tão larga... À minha árvore genealógica (perdôe-se-me a presunção de a designar assim, sendo tão minguada a substância da sua seiva) não faltavam apenas alguns daqueles ramos que o tempo e os sucessivos encontros da vida vão fazendo romper do tronco central, também lhe faltava quem ajudasse as suas raízes a penetrar até às camadas subterrâneas mais fundas, quem apurasse a consistência e o sabor dos seus frutos, quem ampliasse e robustecesse a sua copa para fazer dela abrigo de aves migrantes e amparo de ninhos. Ao pintar os meus pais e os meus avós com tintas de literatura, transformando-os, de simples pessoas de carne e osso que haviam sido, em personagens novamente e de outro modo construtoras da minha vida, estava, sem o perceber, a traçar o caminho por onde as personagens que viesse a inventar, as outras, as efectivamente literárias, iriam fabricar e trazer-me os materiais e as ferramentas que, finalmente, no bom e no menos bom, no bastante e no insuficiente, no ganho e no perdido, naquilo que é defeito mas também naquilo que é excesso, acabariam por fazer de mim a pessoa em que hoje me reconheço: criador dessas personagens, mas, ao mesmo tempo, criatura delas. Em certo sentido poder-se-á mesmo dizer que, letra a letra, palavra a palavra, página a página, livro a livro, tenho vindo, sucessivamente, a implantar no homem que fui as personagens que criei. Creio que, sem elas, não seria a pessoa que hoje sou, sem elas talvez a minha vida não tivesse logrado ser mais do que um esboço impreciso, uma promessa como tantas outras que de promessa não conseguiram passar, a existência de alguém que talvez pudesse ter sido e afinal não tinha chegado a ser.

Agora sou capaz de ver com clareza quem foram os meus mestres de vida, os que mais intensamente me ensinaram o duro ofício de

dicionario Personagens Jose Sar20 20 09.01.12 12:13:39

viver, essas dezenas de personagens de romance e de teatro que neste momento vejo desfilar diante dos meus olhos, esses homens e essas mulheres feitos de papel e tinta, essa gente que eu acreditava ir guiando de acordo com as minhas conveniências de narrador e obedecendo à minha vontade de autor, como títeres articulados cujas acções não pudessem ter mais efeito em mim que o peso suportado e a tensão dos fios com que os movia**.** Desses mestres, o primeiro foi, sem dúvida, um medíocre pintor de retratos que designei simplesmente pela letra H., protagonista de uma história a que creio razoável chamar de dupla iniciação (a dele, mas também, de algum modo, do autor do livro), intitulada *Manual de Pintura e Caligrafia*, que me ensinou a honradez elementar de reconhecer e acatar, sem ressentimento nem frustração, os meus próprios limites: não podendo nem ambicionando aventurar-me para além do meu pequeno terreno de cultivo, restava-me a possibilidade de escavar para o fundo, para baixo, na direcção das raízes. As minhas, mas também as do mundo, se podia permitir-me uma ambição tão desmedida. Não me compete a mim, claro está, avaliar o mérito do resultado dos esforços feitos, mas creio ser hoje patente que todo o meu trabalho, de aí para diante, obedeceu a esse propósito e a esse princípio.

Vieram depois os homens e as mulheres do Alentejo, aquela mesma irmandade de condenados da terra a que pertenceram o meu avô Jerónimo e a minha avó Josefa, camponeses rudes obrigados a alugar a força dos braços a troco de um salário e de condições de trabalho que só mereceriam o nome de infames, cobrando por menos que nada a vida a que os seres cultos e civilizados que nos prezamos de ser apreciamos chamar, segundo as ocasiões, preciosa, sagrada ou sublime. Gente popular que conheci, enganada por uma Igreja tão cúmplice como beneficiária do poder do Estado e dos terra-tenentes latifundistas, gente permanentemente vigiada pela policia, gente, quantas e quantas vezes, vítima inocente das arbitrariedades de uma justiça falsa. Três gerações de uma família de camponeses, os Mau-Tempo, desde o começo do século até a Revolução de Abril de 1974 que derrubou a ditadura, passam nesse romance a que dei o título de *Levantado do Chão,* e foi com tais homens e mulheres do chão levantados, pessoas reais primeiro, figuras de ficção depois, que aprendi a ser paciente, a confiar e a entregar-me ao tempo, a esse tempo que simultaneamente nos vai construindo e destruindo para de novo nos construir e outra vez nos destruir. Só não tenho a certeza de haver assimilado de maneira satisfatória aquilo que a dureza das experiências tornou virtude nessas mulheres e nesses

dicionario Personagens Jose Sar21 21 09.01.12 12:13:40

homens: uma atitude naturalmente estóica perante a vida. Tendo em conta, porém, que a lição recebida, passados mais de vinte anos, ainda permanece intacta na minha memória, que todos os dias a sinto presente no meu espírito como uma insistente convocatória, não perdi, até agora, a esperança de me vir a tornar um pouco mais merecedor da grandeza dos exemplos de dignidade que me foram propostos na imensidão das planícies do Alentejo. O tempo o dirá.

Que outras lições poderia eu receber de um português que viveu no século XVI, que compôs as Rimas e as glórias, os naufrágios e os desencantos pátrios de *Os Lusíadas*, que foi um génio poético absoluto, o maior da nossa literatura, por muito que isso pese a Fernando Pessoa, que a si mesmo se proclamou como o Super-Camões dela? Nenhuma lição que estivesse à minha medida, nenhuma lição que eu fosse capaz de aprender, salvo a mais simples que me poderia ser oferecida pelo homem Luís Vaz de Camões na sua estreme humanidade, por exemplo, a humildade orgulhosa de um autor que vai chamando a todas as portas à procura de quem esteja disposto a publicar-lhe o livro que escreveu, sofrendo por isso o desprezo dos ignorantes de sangue e de casta, a indiferença desdenhosa de um rei e da sua companhia de poderosos, o escárnio com que desde sempre o mundo tem recebido a visita dos poetas, dos visionários e dos loucos. Ao menos uma vez na vida todos os autores tiveram ou terão de ser Luís de Camões, mesmo se não escreverem as redondilhas de "Sôbolos rios"... Entre fidalgos da corte e censores do Santo Ofício, entre os amores de antanho e as desilusões da velhice prematura, entre a dor de escrever e a alegria de ter escrito, foi a este homem doente que regressa pobre da Índia, aonde muitos só iam para enriquecer, foi a este soldado cego de um olho e golpeado na alma, foi a este sedutor sem fortuna que não voltará nunca mais a perturbar os sentidos das damas do paço, que eu pus a viver no palco da peça teatro chamada *Que farei com este livro?,* em cujo final ecoa uma outra pergunta, aquela que importa verdadeiramente, aquela que nunca saberemos se alguma vez chegará a ter resposta suficiente: "Que fareis com este livro?". Humildade orgulhosa foi essa de levar debaixo do braço uma obra-prima e ver-se injustamente enjeitado pelo mundo. Humildade orgulhosa também, e obstinada, esta de querer saber para que irão servir amanhã os livros que andamos a escrever hoje, e logo duvidar que consigam perdurar longamente (até quando?) as razões tranquilizadoras que acaso nos estejam a ser dadas ou que estejamos a dar a nós próprios. Ninguém melhor se engana que quando consente que o enganem os outros...

dicionario Personagens Jose Sar22 22 09.01.12 12:13:40

Aproximam-se agora um homem que deixou a mão esquerda na guerra e uma mulher que veio ao mundo com o misterioso poder de ver o que há por trás da pele das pessoas. Ele chama-se Baltasar Mateus e tem a alcunha de Sete-Sóis, a ela conhecem-na pelo nome de Blimunda, e também pelo apodo de Sete-Luas que lhe foi acrescentado depois, porque está escrito que onde haja um sol terá de haver uma lua, e que só a presença conjunta e harmoniosa de um e do outro tornará habitável, pelo amor, a terra. Aproxima-se também um padre jesuíta chamado Bartolomeu que inventou uma máquina capaz de subir ao céu e voar sem outro combustível que não seja a vontade humana, essa que, segundo se vem dizendo, tudo pode, mas que não pôde, ou não soube, ou não quis, até hoje, ser o sol e a lua da simples bondade ou do ainda mais simples respeito. São três loucos portugueses do século XVIII, num tempo e num país onde floresceram as superstições e as fogueiras da Inquisição, onde a vaidade e a megalomania de um rei fizeram erguer um convento, um palácio e uma basílica que haveriam de assombrar o mundo exterior, no caso pouco provável de esse mundo ter olhos bastantes para ver Portugal, tal como sabemos que os tinha Blimunda para ver o que escondido estava... E também se aproxima uma multidão de milhares e milhares de homens com as mãos sujas e calosas, com o corpo exausto de haver levantado, durante anos a fio, pedra a pedra, os muros implacáveis do convento, as salas enormes do palácio, as colunas e as pilastras, as aéreas torres sineiras, a cúpula da basílica suspensa sobre o vazio. Os sons que estamos a ouvir são do cravo de Domenico Scarlatti, que não sabe se deve rir ou chorar... Esta é a história de *Memorial do Convento*, um livro em que o aprendiz de autor, graças ao que lhe vinha sendo ensinado desde o antigo tempo dos seus avós Jerónimo e Josefa, já conseguiu escrever palavras como estas, donde não está ausente alguma poesia: "Além da conversa das mulheres, são os sonhos que seguram o mundo na sua órbita. Mas são também os sonhos que lhe fazem uma coroa de luas, por isso o céu é o resplendor que há dentro da cabeça dos homens, se não é a cabeça dos homens o próprio e único céu". Que assim seja.

De lições de poesia sabia já alguma coisa o adolescente, aprendidas nos seus livros de texto quando, numa escola de ensino profissional de Lisboa, andava a preparar-se para o ofício que exerceu no começo da sua vida de trabalho: o de serralheiro mecânico. Teve também bons mestres de arte poética nas longas horas nocturnas que passou em bibliotecas públicas, lendo ao acaso de encontros e de catálogos, sem orientação, sem alguém

dicionario Personagens Jose Sar23 23 09.01.12 12:13:40

que o aconselhasse com o mesmo assombro criador do navegante que vai inventando cada lugar que descobre. Mas foi na biblioteca da escola industrial que *O Ano da Morte de Ricardo Reis* começou a ser escrito... Ali encontrou um dia o jovem aprendiz de serralheiro (teria então 17 anos) uma revista – *Atena* era o título – em que havia poemas assinados com aquele nome e, naturalmente, sendo tão mau conhecedor da cartografia literária do seu país pensou que existia em Portugal um poeta que se chamava assim: Ricardo Reis. Não tardou muito tempo, porém, a saber que o poeta propriamente dito tinha sido um tal Fernando Nogueira Pessoa que assinava poemas com nomes de poetas inexistentes nascidos na sua cabeça e a que chamava heterónimos, palavra que não constava dos dicionários da época, por isso custou tanto trabalho ao aprendiz de letras saber o que ela significava. Aprendeu de cor muitos poemas de Ricardo Reis ("Para ser grande sê inteiro/Põe quanto és no mínimo que fazes"), mas não podia resignar-se, apesar de tão novo e ignorante, que um espírito superior tivesse podido conceber, sem remorso este verso cruel: "Sábio é o que se contenta com o espectáculo do mundo". Muito, muito tempo depois, o aprendiz, já de cabelos brancos e um pouco mais sábio das suas próprias sabedorias, atreveu-se a escrever um romance para mostrar ao poeta das *Odes* alguma coisa do que era o espectáculo do mundo nesse ano de 1936 em que o tinha posto a viver os seus últimos dias: a ocupação da Renânia pelo exército nazista, a guerra de Franco contra a República espanhola, a criação por Salazar das milícias fascistas portuguesas. Foi como se estivesse a dizer-lhe: "Eis o espectáculo do mundo, meu poeta das amarguras serenas e do cepticismo elegante. Desfruta, goza, contempla, já que estar sentado é a tua sabedoria..."

O Ano da Morte de Ricardo Reis terminava com umas palavras melancólicas: "Aqui, onde o mar se acabou e a terra espera". Portanto, não haveria mais descobrimentos para Portugal, apenas como destino uma espera infinita de futuros nem aos menos inimagináveis: só o fado do costume, a saudade de sempre, e pouco mais... Foi então que o aprendiz imaginou que talvez houvesse ainda uma maneira de tornar a lançar os barcos à água, por exemplo, mover a própria terra e pô-la a navegar pelo mar fora. Fruto imediato do ressentimento colectivo português pelos desdéns históricos de Europa (mais exacto seria dizer fruto de um meu ressentimento pessoal...), o romance que então escrevi – *A Jangada de Pedra* – separou do continente europeu toda a Península Ibérica para a transformar numa grande ilha flutuante, movendo-se sem remos, nem velas, nem hélices em direcção ao Sul do mundo,

dicionario Personagens Jose Sar24 24 09.01.12 12:13:41

"massa de pedra e terra, coberta de cidades, aldeias, rios, bosques, fábricas, matos bravios, campos cultivados, com a sua gente e os seus animais", a caminho de uma utopia nova: o encontro cultural dos povos peninsulares com os povos do outro lado do Atlântico, desafiando assim, a tanto a minha estratégia se atreveu, o domínio sufocante que os Estados Unidos da América do Norte vêm exercendo naquelas paragens... Uma visão duas vezes utópica entenderia esta ficção política como uma metáfora muito mais generosa e humana: que a Europa, toda ela, deverá deslocar-se para o Sul, a fim de, em desconto dos seus abusos colonialistas antigos e modernos, ajudar a equilibrar o mundo. Isto é, Europa finalmente como ética. As personagens da *Jangada de Pedra* – duas mulheres, três homens e um cão – viajam incansavelmente através da península enquanto ela vai sulcando o oceano. O mundo está a mudar e eles sabem que devem procurar em si mesmos as pessoas novas em que irão tornar-se (sem esquecer o cão, que não é um cão como os outros...). Isso lhes basta.

Lembrou-se então o aprendiz de que em tempos da sua vida havia feito algumas revisões de provas de livros e que se na *Jangada de Pedra* tinha, por assim dizer, revisado o futuro, não estaria mal que revisasse agora o passado, inventando um romance que se chamaria *História do Cerco de Lisboa,* no qual um revisor, revendo um livro do mesmo título, mas de História, e cansado de ver como a dita História cada vez é menos capaz de surpreender, decide pôr no lugar de um "sim" um "não", subvertendo a autoridade das "verdades históricas". Raimundo Silva, assim se chama o revisor, é um homem simples, vulgar, que só se distingue da maioria por acreditar que todas as coisas têm o seu lado visível e o seu lado invisível e que não saberemos nada delas enquanto não lhes tivermos dado a volta completa. De isso precisamente se trata numa conversa que ele tem com o historiador. Assim: "Recordo-lhe que os revisores já viram muito de literatura e vida, O meu livro, recordo-lhe eu, é de história, Não sendo propósito meu apontar outras contradições, senhor doutor, em minha opinião tudo quanto não for vida é literatura, A história também. A história sobretudo, sem querer ofender, E a pintura, e a música, A música anda a resistir desde que nasceu, ora vai, ora vem, quer livrar-se da palavra, suponho que por inveja, mas regressa sempre à obediência, E a pintura, Ora, a pintura não é mais do que literatura feita com pincéis, Espero que não esteja esquecido de que a humanidade começou a pintar muito antes de saber escrever, Conhece o rifão, se não tens cão caça com o gato, ou, por outras palavras, quem não pode escrever, pinta, ou desenha, é

dicionario Personagens Jose Sar25 25 09.01.12 12:13:41

o que fazem as crianças, O que você quer dizer, por outras palavras, é que a literatura já existia antes de ter nascido, Sim senhor, como o homem, por outras palavras, antes de o ser já o era, Quer-me parecer que você errou a vocação, devia era ser historiador, Falta-me o preparo, senhor doutor, que pode um simples homem fazer sem o preparo, muita sorte já foi ter vindo ao mundo com a genética arrumada, mas, por assim dizer, em estado bruto, e depois não mais polimento que primeiras letras que ficaram únicas, Podia apresentar-se como autodidacta, produto do seu próprio e digno esforço, não é vergonha nenhuma, antigamente a sociedade tinha orgulho nos seus autodidactas, Isso acabou, veio o desenvolvimento e acabou, os autodidactas são vistos com maus olhos, só os que escrevem versos e histórias para distrair é que estão autorizados a ser autodidactas, mas eu para a criação literária nunca tive jeito, Então, meta-se a filósofo, O senhor doutor é um humorista, cultiva a ironia, chego a perguntar-me como se dedicou à história, sendo ela tão grave e profunda ciência, Sou irónico apenas na vida real, Bem me queria a mim parecer que a história não é a vida real, literatura, sim, e nada mais, Mas a história foi vida real no tempo em que ainda não se lhe poderia chamar história, Então o senhor doutor acha que a história é a vida real, Acho, sim, Que a história foi vida real, quero dizer, Não tenho a menor dúvida, Que seria de nós se o deleatur que tudo apaga não existisse, suspirou o revisor". Escusado será acrescentar que o aprendiz aprendeu com Raimundo Silva a lição da dúvida. Já não era sem tempo.

Ora, foi provavelmente esta aprendizagem da dúvida que o levou, dois anos mais tarde, a escrever *O Evangelho segundo Jesus Cristo.* É certo, e ele tem-no dito, que as palavras do título lhe surgiram por efeito de uma ilusão de óptica, mas é legítimo interrogar-nos se não teria sido o sereno exemplo do revisor o que, nesse meio tempo, lhe andou a preparar o terreno de onde haveria de brotar o novo romance. Desta vez não se tratava de olhar por trás das páginas do Novo Testamento à procura de contrários, mas sim de iluminar com uma luz rasante a superfície delas, como se faz a uma pintura, de modo a fazer-lhe ressaltar os relevos, os sinais de passagem, a obscuridade das depressões. Foi assim que o aprendiz, agora rodeado de personagens evangélicas, leu, como se fosse a primeira vez, a descrição da matança dos Inocentes, e, tendo lido, não compreendeu. Não compreendeu que já pudesse haver mártires numa religião que ainda teria de esperar trinta anos para que o seu fundador pronunciasse a primeira palavra dela, não compreendeu que não tivesse salvado a vida das crianças de Belém precisamente

dicionario Personagens Jose Sar26 26 09.01.12 12:13:41

a única pessoa que o poderia ter feito, não compreendeu a ausência, em José, de um sentimento mínimo de responsabilidade, de remorso, de culpa, ou sequer de curiosidade, depois de voltar do Egipto com a família. Nem se poderá argumentar, em defesa da causa, que foi necessário que as crianças de Belém morressem para que pudesse salvar-se a vida de Jesus: o simples senso comum, que a todas as coisas, tanto às humanas como às divinas, deveria presidir, aí está para nos recordar que Deus não enviaria o seu Filho à terra, de mais a mais com o encargo de redimir os pecados da humanidade, para que ele viesse a morrer aos dois anos de idade degolado por um soldado de Herodes... Nesse Evangelho, escrito pelo aprendiz com o respeito que merecem os grandes dramas, José será consciente da sua culpa, aceitará o remorso em castigo da falta que cometeu e deixar-se-á levar à morte quase sem resistência, como se isso lhe faltasse ainda para liquidar as suas contas com o mundo. O Evangelho do aprendiz não é, portanto, mais uma lenda edificante de bem-aventurados e de deuses, mas a história de uns quantos seres humanos sujeitos a um poder contra o qual lutam, mas que não podem vencer. Jesus, que herdará as sandálias com que o pai tinha pisado o pó dos caminhos da terra, também herdará dele o sentimento trágico da responsabilidade e da culpa que nunca mais o abandonará, nem mesmo quando levantar a voz do alto da cruz: "Homens, perdoai-lhe porque ele não sabe o que fez", por certo referindo-se ao Deus que o levara até ali, mas quem sabe se recordando ainda, nessa agonia derradeira, o seu pai autêntico, aquele que, na carne e no sangue, humanamente o gerara. Como se vê, o aprendiz já tinha feito uma larga viagem quando no seu herético Evangelho escreveu as últimas palavras do diálogo no templo entre Jesus e o escriba: "A culpa é um lobo que come o filho depois de ter devorado o pai, disse o escriba, Esse lobo de que falas já comeu o meu pai, disse Jesus, Então só falta que te devore a ti, E tu, na tua vida, foste comido, ou devorado, Não apenas comido e devorado, mas vomitado, respondeu o escriba".

Se o imperador Carlos Magno não tivesse estabelecido no Norte da Alemanha um mosteiro, se esse mosteiro não tivesse dado origem à cidade de Münster, se Münster não tivesse querido assinalar os mil e duzentos anos da sua fundação com uma ópera sobre a pavorosa guerra que enfrentou no século XVI protestantes anabaptistas e católicos, o aprendiz não teria escrito a peça de teatro a que chamou *In Nomine Dei.* Uma vez mais, sem outro auxílio que a pequena luz da sua razão, o aprendiz teve de penetrar no obscuro labirinto das crenças religiosas, essas que com tanta facilidade

dicionario Personagens Jose Sar27 27 09.01.12 12:13:42

levam os seres humanos a matar e a deixar-se matar. E o que viu foi novamente a máscara horrenda da intolerância, uma intolerância que em Münster atingiu o paroxismo demencial, uma intolerância que insultava a própria causa que ambas as partes proclamavam defender. Porque não se tratava de uma guerra em nome de dois deuses inimigos, mas de uma guerra em nome de um mesmo deus. Cegos pelas suas próprias crenças, os anabaptistas e os católicos de Münster não foram capazes de compreender a mais clara de todas as evidências: no dia do Juízo Final, quando uns e outros se apresentarem a receber o prémio ou o castigo que mereceram as suas acções na terra, Deus, se em suas decisões se rege por algo parecido à lógica humana, terá de receber no paraíso tanto a uns como aos outros, pela simples razão de que uns e outros nele crêem. A terrível carnificina de Münster ensinou ao aprendiz que, ao contrário do que prometeram, as religiões nunca serviram para aproximar os homens, e que a mais absurda de todas as guerras é uma guerra religiosa, tendo em consideração que Deus não pode, ainda que o quisesse, declarar guerra a si próprio...

Cegos. O aprendiz pensou: "Estamos cegos", e sentou-se a escrever o *Ensaio sobre a Cegueira* para recordar a quem o viesse a ler que usamos perversamente a razão quando humilhamos a vida, que a dignidade do ser humano é todos os dias insultada pelos poderosos do nosso mundo, que a mentira universal tomou o lugar das verdades plurais, que o homem deixou de respeitar-se a si mesmo quando perdeu o respeito que devia ao seu semelhante. Depois, o aprendiz, como se tentasse exorcizar os monstros engendrados pela cegueira da razão, pôs-se a escrever a mais simples de todas as histórias: uma pessoa que vai à procura de outra pessoa apenas porque compreendeu que a vida não tem nada mais importante que pedir a um ser humano. O livro chama-se *Todos os Nomes*. Não escritos, todos os nossos nomes estão lá. Os nomes dos vivos e os nomes dos mortos.

Termino. A voz que leu estas páginas quis ser o eco das vozes conjuntas das minhas personagens. Não tenho, a bem dizer, mais voz que a voz que elas tiverem. Perdoai-me se vos pareceu pouco isto que para mim é tudo.

dicionario Personagens Jose Sar28 28 09.01.12 12:13:42

APRESENTAÇÃO

Após publicar meu livro intitulado *O Quinto Evangelista* pela Editora da UNB em 1998 – resultado de minha dissertação de mestrado – e quando terminava a escritura de *As faces de Deus na obra de um ateu: José Saramago* – resultado de meu doutorado – publicado pela Editora da UFJF e EDIFURB em 2003, tive a idéia de escrever um *Dicionário de Personagens* da obra do Prêmio Nobel de Literatura, José Saramago (1922-2010), para complementar os estudos que vinha desenvolvendo sobre esse autor.

Foram concedidos ao autor 37 doutoramentos *Honoris Causa*, a partir de 1991, sendo 33 deles após ter sido laureado com o Prêmio Nobel, em 1998. Foram-lhe outorgados outros 22 prêmios literários, em cinco países diferentes, e 45 condecorações das mais diversas naturezas. Acrescentem-se a esses números, que mudam dia a dia, as centenas de livros, artigos, resenhas, dissertações e teses sobre sua vida e obra publicados em todo o mundo.

Segundo André Luiz do Amaral, Saramago alcançou, em vida, um *status idolátrico*, transformando-se num *autor-ídolo* que soube direcionar a máquina midiática a seu favor. Assim, ele obteve quase que uma espécie de canonização ainda em vida, tornando-se coparticipante de sua fortuna crítica. O literato fazia ou ainda faz valer sua própria voz, negando-se a sair de cena, contrariando a teoria da *morte do autor* decretada por Barthes. Saramago centra sua obra quase que tiranicamente em sua pessoa, mantendo *o império do autor*, ou seja, a obra sob controle absoluto. Ele é Blimunda, Madalena, Deus, o Diabo, etc.; ele é as 354 personagens elencadas neste dicionário. Saramago recusa-se a morrer em vida e, paradoxalmente, nega-se a morrer mesmo após seu falecimento. Afinal, 2010 não foi o ano da morte de José Saramago, pois em 18 de Junho daquele ano ninguém morreu...

Esta pesquisa tem cerca de quinze anos, e eu achava que nunca chegaria ao fim e, principalmente, que nunca me contentaria com seu resultado. O fim chegou, depois de dezenas de reescrituras dos verbetes, e com ele o remorso e o receio de que algum verbete mais interessante tenha sido substituído por outro não tão à altura. Não obstante, resolvi colocar um ponto final nesta empreitada, admitindo que, para o momento, este livro foi o melhor que conseguimos fazer.

Adianto, porém, que não estou contente, persigo a perfeição e já visualizo várias revisões em futuras edições. Esta é uma obra aberta, sem pretensão de ser definitiva. O objetivo desta primeira versão é, além de homenagear José Saramago e de catalogar a imensa galeria de personagens criada pele autor, abrir o debate e a troca de idéias. Portanto, todos os que quiserem colaborar com novos verbetes, novas nuances, desde já estão convidados a enviar sua preciosa observação.

Cabem a seguir alguns esclarecimentos. Em alguns verbetes, o leitor encontrará o sinal * e mais abaixo o sinal **. Nesses casos foram feitas duas descrições, consideradas ambas pertinentes. Na dúvida entre qual tirar e qual manter, optamos por deixar as duas versões numa mesma entrada do dicionário. O tamanho dos verbetes dependeu em muito da paixão de quem escrevia pelo personagem biografado. Há casos em que é pequeno, como o da escrava Zelomi, com apenas três linhas, mas sua importância na trama d'*O Evangelho segundo Jesus Cristo* é fundamental.

Por uma questão metodológica, resolvemos deixar de fora as crônicas e contos da chamada *primeira fase* de José Saramago e nos concentrarmos nos romances e peças teatrais. Uma exceção foi feita para o romance *Terra do Pecado,* pertencente a essa primeira fase, incluído por constatarmos nessa obra procedimentos e temáticas que apareceram na chamada *fase madura* do escritor. Um único conto – *A Ilha Desconhecida* – foi contemplado, por fazer parte da fase de maturidade literária do autor. Para esta edição optamos por não incluir o romance *Claraboia*, escrito em 1953 e publicado pela Companhia das Letras em 2011, por ser uma publicação *post mortem*.

Mesmo se tratando de um dicionário de personagens, certos lugares presentes em alguns romances também mereceram seu verbete, porque esses lugares transcendem seu papel de mero local em que os fatos acontecem e chegam a comportar-se como personagens importantes para o desenvolvimento do enredo. É o caso do 'Centro' (Shopping) de *A Caverna,* 'Conservatória Geral' e 'Cemitério Geral' de *Todos os Nomes,* 'Quarto da Morte' de *As Intermitências da Morte,* 'Deserto' do *Evangelho segundo Jesus Cristo*. Também certas personificações tiveram seu verbete como 'Morte' e 'Gadanha' de *As Intermitências da Morte* e instituições como 'Máphia' e 'Governo' do mesmo romance.

Outros verbetes são destinados aos cães, que na obra de Saramago são, em alguns casos, mais importantes que certas personagens humanas. Eles são sensíveis e humanizados, tais

dicionario Personagens Jose Sar30 30 09.01.12 12:13:42

como o 'Achado', 'Ardent', 'Tomarctus', 'Cão das Lágrimas', etc. Outro animal a merecer seu verbete é o 'Elefante', que protagoniza o antepenúltimo romance do autor: *A viagem do Elefante.*

Quanto à organização do *Dicionário,* seguem-se a esta apresentação duas relações de personagens em ordem alfabética: a primeira é especificada por livro do escritor português; e a segunda é geral, sendo cada personagem acompanhado das iniciais da obra a que pertence. A distribuição dos 354 verbetes que compõem o dicionário configura-se de acordo com essa segunda relação e, em boa parte deles, há uma frase final em destaque que marca uma importante fala da personagem. A referência à página dessa citação foi omitida, uma vez que os verbetes passaram por diversas reescrituras e cada pesquisador lançou mão de uma edição diferente da obra, além da internet.

Outro esclarecimento diz respeito aos destaques nos nomes no alto de cada folha. Tais destaques nem sempre coincidem com o primeiro nome do início de cada folha. Às vezes, o destaque foi dado para o personagem que autora achou mais relevante em determinada página.

Vale salientar ainda que os nomes próprios e definidos que aparecerem na descrição de um determinado verbete – por exemplo, em 'Achado' de *A Caverna* – são devidamente identificados ou caracterizados em seus respectivos verbetes específicos. Assim, caso o leitor não identifique de imediato certos referentes, poderá consultar os verbetes das personagens em questão no próprio *Dicionário*. No caso específico do livro *Caim*, os nomes próprios foram grafados em letra minúscula na descrição dos personagens, mantendo-se a forma de escrita do autor.

Um último esclarecimento diz respeito à questão do estilo. Como cada pesquisador ou colaborador imprimiu sua escrita peculiar em cada um dos verbetes, diferenças estilísticas acabaram se entrecruzando ao longo do trabalho, a despeito de revisões realizadas em busca de uma certa homogeneização.

Não posso deixar de mencionar o excelente trabalho desenvolvido pelo Professor Miguel Kollef, titular da cátedra de Literaturas Lusófonas da Faculdad de Lenguas da Universidad de Córdoba (Argentina), que também pesquisou e organizou um dicionário de personagens, além de uma teoria geral da novela de José Saramago. Nossas pesquisas foram coincidentes na temática, chegamos a entrar em contato, mas a distância e o problema da língua foram impeditivos de um trabalho conjunto. Seu dicionário foi publicado pela Editorial de la Universidad Católica de Córdoba em 2008.

dicionario Personagens Jose Sar31 31 09.01.12 12:13:43

Fica aqui a minha gratidão às dezenas de alunos da cadeira de Literatura Portuguesa da **UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina** que, com paciência e esforço, colaboraram na pesquisa e escritura desses verbetes. Não poderia deixar de agradecer ao **Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas** da **UFSC** que concedeu, durante os últimos anos, tempo para que eu desenvolvesse o projeto de pesquisa cujo resultado é aqui apresentado. Também agradeço ao **Funpesquisa/UFSC** pela verba destinada à compra de livros para este projeto.

O agradecimento maior fica para o **Governo Federal**, para o **Ministério da Cultura**, a **Irmãos Fischer S.A. – Indústria e Comércio**, de Brusque – SC, para a **Fapesc** - **Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina e BRDE, Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul** que tornaram possível, por meio da Lei de Incentivo à Cultura, a pesquisa, a finalização, a publicação e a distribuição da presente obra.

Na expectativa de que este seja um dicionário básico que venha, entre outros que surgirão, colaborar um pouquinho para o enriquecimento da crítica sobre a obra do autor, dedicamos este *Dicionário de Personagens* aos amantes da boa literatura de José Saramago.

Salma Ferraz
Profa. Associada de Literatura Portuguesa da
Universidade Federal de Santa Catarina

dicionario Personagens Jose Sar32 32 09.01.12 12:13:43

RELAÇÃO DE PERSONAGENS

- por livro -

A Caverna (AC)

Achado
Centro
Chefe de Departamento de Compras
Cipriano Algor
Isaura Madruga
Justa Isasca
Marçal
Marta

A Ilha Desconhecida (AID)

Capitão do Porto
Homem
Mulher da Limpeza
Rei

A Jangada de Pedra (AJP)

Ardent
Cães de Cerbère
Joana Carda
Joaquim Sassa
José Anaiço
Maria Dolores
Maria Guavaira
Navegador Solitário
Pedro Orce
Pigarço – Pig e Al
Platero
Roque Lozano

A Noite (AN)

Abílio Valadares
Afonso
Baltazar
Cardoso
Cláudia
Damião
Esmeralda
Faustino

A Segunda Vida de Francisco de Assis (ASVFA)

Bernardo
Clara
Elias
Francisco
Gil
Inês
Jacoba
Junípero
Leão
Masseo
Pedro I
Pedro II
Pica
Rufino

A Viagem do Elefante (*AVE*)

Alcaide
Arcebispo de Valladolid
Arquiduque Maximiliano de Áustria
Arquiduquesa
Boieiro
Bruxa da Aldeia
Comandante Austríaco
Comandante Português
Conde
Cornaca
Couraceiros
Cura
Dom João III
Dona Catarina de Áustria
Elefante
Esculcas
Estribeiro-Mor
Feitor
Fritz
Lacaio-Mor
Marinheiro
Menina
Náufrago
O Língua
Padre de Pádua

dicionario Personagens Jose Sar34 34 09.01.12 12:13:44

Pajens
Pêro de Alcáçova Carneiro
Porta-Voz da Aldeia
Rapaz Galego
Salomão
Sargento dos Couraceiros
Sargento Português
Secretário
Solimão
Subhro
Velho Labrego

As Intermitências da Morte (AIM)

Cardeal
Gadanha
Governo
Jornalista
Máphia
Morte
Primeiro-Ministro
Quarto da Morte
Violoncelista

Caim (C)

Abel
Abrão
Adão
Anjos
Azael
Caim
Deus
Escravo
Eva
Homem
Isaac
Lilith
Noah
Noé
Olheiro
Sara
Velho

dicionario Personagens Jose Sar35 35 09.01.12 12:13:44

Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido (DG)

Comendador
Don Giovanni
Don Octavio
Dona Ana
Dona Elvira
Leporello
Masetto
Zerlina

Ensaio sobre a Cegueira (ESC)

Ajudante de Farmácia
Cão das Lágrimas
Cego da Contabilidade
Chefe dos Malvados
Criada de Hotel
Empregada do Consultório
Ladrão do Carro
Médico
Mulher do Médico
Mulher do Primeiro Cego
Primeiro Cego
Rapariga dos Óculos Escuros
Rapazinho Estrábico
Velho da Venda Preta

Ensaio sobre a Lucidez (ESL)

Agente de Segunda Classe
Chefe da Redacção
Chefe do Estado
Comissário
Delegado do P.D.D.
Delegado do P.D.E.
Delegado do P.D.M.
Director da Redacção
Ex-Mulher do Homem da Carta
Homem da Carta
Homem da Gravata azul com pintas brancas
Inspector
Médico
Ministro da Cultura
Ministro da Defesa
Ministro da Justiça

dicionario Personagens Jose Sar36 36 09.01.12 12:13:44

Ministro do Interior
Ministro dos Negócios Estrangeiros
Mulher do Médico
Mulher do Presidente
Povo
Presidente da Câmara
Presidente da Mesa da Assembléia Eleitoral
Presidente da República
Primeiro-Ministro
Rapariga dos Óculos Escuros
Rapaz Estrábico
Secretário
Velho da Venda Preta
Vogal

História do Cerco de Lisboa (HCL)

Almuadem
Aroldo de Aarschot
Autor
Cavaleiro Henrique
Costa
Maria
Maria Sara
Mogueime
Ouroana
Raimundo Benvindo Silva
Sara

In Nomine Dei (IND)

Berndt Knipperdollinck
Berndt Rothmann
Else Wandscherer
Franz Von Waldeck
Gertrud Von Utrech – Divara
Heinrich Krechting
Hille Feiken
Hubert Ruescher
Jan Dusentschuer
Jan Matthys
Jan Van Leiden
Povo de Münster
Síndico de Münster
Von Der Wieck

dicionario Personagens Jose Sar37 37 09.01.12 12:13:45

Levantado do Chão (LC)

Adalberto
Agamedes
Alberto
Amélia
Angilberto
Ansberto
Anselmo
António
Dagoberto
Domingos
Domingos Mau-Tempo
Felisberto Lampas
Floriberto
Gilberto
Gracinda
João Mau-Tempo
Lamberto Horques
Manuel Espada
Maria Adelaide Espada
Maria Conceição
Norberto
Sara Conceição
Sigisberto
Sigismundo Canastro

Manual de Pintura e Caligrafia (MPC)

Adelaide
Adelina
Ana
António
Carmo
Chico
Concha
Francisco
H.
M.
Olga
Ricardo
S.
Sandra

dicionario Personagens Jose Sar38 38 09.01.12 12:13:45

Memorial do Convento (MC)

Álvaro Diogo
Baltasar Mateus ou Sete-Sóis
Bartolomeu Lourenço Gusmão
Blimunda de Jesus ou Sete Luas
D. João V
Damião
Domenico Scarlatti
Francisco Marques
Inés Antónia
João Elvas
João Francisco Mateus
José Pequeno
Manuel Milho
Maria Ana Josefa
Marta Maria

O Ano da Morte de Ricardo Reis (OAMRR)

Felipe
Fernando Pessoa
Lídia
Marcenda
Pimenta
Ramón
Ricardo Reis
Salvador
Sampaio
Vitor

O Evangelho Segundo Jesus Cristo (OESJC)

Abiatar
Ana
Ananias
André
Anjo
Arquelau
Bartolomeu
Bom Ladrão
César Augusto
Chua
Deserto

dicionario Personagens Jose Sar39 39 09.01.12 12:13:45

Deus
Diabo/Pastor
Dotaim
Endemoninhado de Gadara
Filipe
Herodes
Herodes Ântipas
Herodes Filipe
Jesus
João (filho de Zebedeu, irmão de Tiago)
João, o Batista
Joaquim
José (esposo de Maria)
José (filho de José e Maria, irmão de Jesus)
José de Arimatéia
Judas (filho de José e Maria, irmão de Jesus)
Judas (galileu, guerrilheiro)
Judas de Iscariote
Judas Tadeu
Justo
Lázaro
Lídia
Lísia
Maria de Magdala/Maria Madalena
Maria de Nazaré
Marta
Mateus
Mau Ladrão
Miquéias
Pilatos
Públio Sulpício Quirino
Samuel
Simão (discípulo de Jesus)
Simão (filho de José e Maria, irmão de Jesus)
Simão de Cirene
Simão, o Pedro (discípulo de Jesus, irmão de André)
Simeão
Tiago (filho de Alfeu, discípulo de Jesus)
Tiago (filho de José e Maria, irmão de Jesus)
Tiago (filho de Zebedeu, discípulo de Jesus)
Tomé
Zaquias
Zelomi

dicionario Personagens Jose Sar40 40 09.01.12 12:13:45

O Homem Duplicado (OHD)

António Claro
Carolina
Helena
Maria da Paz
Professor de Matemática
Senso Comum
Tertuliano Máximo Afonso
Tomarctus

Que Farei com este Livro? (QFCEL)

Ana de Sá
António Gonçalves
Cardeal D. Henrique
Catarina de Áustria
Damião de Góis
Diogo de Couto
Francisca de Aragão
Frei Bartolomeu Ferreira
Frei Manoel da Encarnação
Luís de Camões
Luís Gonçalves da Câmara
Maria de Athaíde
Martins Gonçalves da Câmara
Miguel Dias
Sebastião
Servente
Vasco da Gama

Terra do Pecado (TP)

António
Benedita
Bento Simões
Carlos
Carlos Pinto
Catarino
Dionísio
Jerónimo
Joana
João I
João II

dicionario Personagens Jose Sar41 41 09.01.12 12:13:46

Joaquim Tendeiro
Joaquina
Júlia
Manuel Ribeiro
Maria Leonor
Padre Cristiano
Teresa
Viegas

Todos os Nomes (TN)

Cemitério Geral
Conservador
Conservatória Geral
Enfermeiro
José
Mulher Desconhecida
Pastor de Ovelhas
Senhora do Rés-Do-Chão Direito

dicionario Personagens Jose Sar42 42 09.01.12 12:13:46

- por ordem alfabética -

Abel (C)
Abiatar (OESJC)
Abílio Valadares (AN)
Abraão (C)
Achado (AC)
Adalberto(LC)
Adão (C)
Adelaide (MPC)
Adelina (MPC)
Afonso (AN)
Agamedes (LC)
Agente de Segunda Classe (ESL)
Ajudante de Farmácia (ESC)
Alberto(LC)
Alcaide (AVE)
Almuadem (HCL)
Álvaro Diogo (MC)
Amélia (LC)
Ana (MPC)
Ana (OESJC)
Ana de Sá (QFCEL)
Ananias (OESJC)
André (OESJC)
Angilberto (LC)
Anjo (OESJC)
Anjos (C)
Ansberto (LC)
Anselmo (LC)
António (LC)
António (MPC)
António (TP)
António Claro (OHD)
António Gonçalves (QFCEL)
Arcebispo de Valladolid (AVE)
Ardent (AJP)
Aroldo de Aarschot (HCL)
Arquelau (OESJC)
Arquiduque Maximiliano de Áustria (AVE)
Arquiduquesa (AVE)
Autor (HCL)

Azael (C)
Baltasar Mateus ou Sete-Sóis (MC)
Baltazar (AN)
Bartolomeu (OESJC)
Bartolomeu Lourenço Gusmão (MC)
Benedita (TP)
Bento Simões (TP)
Bernardo (ASVFA)
Berndt Knipperdollinck (IND)
Berndt Rothmann (IND)
Blimunda de Jesus ou Sete Luas (MC)
Boieiro (AVE)
Bom Ladrão (OESJC)
Bruxa da Aldeia (AVE)
Cães de Cerbère (AJP)
Caim (C)
Cão das Lágrimas (ESC)
Capitão do Porto (AID)
Cardeal (AIM)
Cardeal D. Henrique (QFCEL)
Cardoso (AN)
Carlos (TP)
Carlos Pinto (TP)
Carmo (MPC)
Carolina (OHD)
Catarina de Áustria (QFCEL)
Catarino (TP)
Cavaleiro Henrique (HCL)
Cego da Contabilidade (ESC)
Cemitério Geral (TN)
Centro (AC)
César Augusto (OESJC)
Chefe da Redacção (ESL)
Chefe de Departamento de Compras (AC)
Chefe do Estado (ESL)
Chefe dos Malvados (ESC)
Chico (MPC)
Chua (OESJC)
Cipriano Algor (AC)
Clara (ASVFA)
Cláudia (AN)
Comandante Austríaco (AVE)

dicionario Personagens Jose Sar44 44 09.01.12 12:13:46

Comandante Português (AVE)
Comendador (DG)
Comissário (ESL)
Concha (MPC)
Conde (AVE)
Conservador (TN)
Conservatória Geral (TN)
Cornaca (AVE)
Costa (HCL)
Couraceiros (AVE)
Criada de Hotel (ESC)
Cura (AVE)
D. João V (MC)
Dagoberto (LC)
Damião (AN)
Damião (MC)
Damião de Góis (QFCEL)
Delegado do P.D.D. (ESL)
Delegado do P.D.E. (ESL)
Delegado do P.D.M. (ESL)
Deserto (OESJC)
Deus (C)
Deus (OESJC)
Diabo/Pastor (OESJC)
Diogo de Couto (QFCEL)
Dionísio (TP)
Director da Redacção (ESL)
Dom João III (AVE)
Domenico Scarlatti (MC)
Domingos (LC)
Domingos Mau-Tempo (LC)
Don Giovanni (DG)
Don Octavio (DG)
Dona Ana (DG)
Dona Catarina de Áustria (AVE)
Dona Elvira (DG)
Dotaim (OESJC)
Elefante (AVE)
Elias (ASVFA)
Else Wandscherer (IND)
Empregada do Consultório (ESC)
Endemoninhado de Gadara (OESJC)

dicionario Personagens Jose Sar45 45 09.01.12 12:13:47

Enfermeiro (TN)
Escravo (C)
Esculcas (AVE)
Esmeralda (AN)
Estribeiro-Mor (AVE)
Eva (C)
Ex-Mulher do Homem da Carta (ESL)
Faustino (AN)
Feitor (AVE)
Felipe (OAMRR)
Felisberto Lampas (LC)
Fernando Pessoa (OAMRR)
Filipe (OESJC)
Floriberto (LC)
Francisca de Aragão (QFCEL)
Francisco (ASVFA)
Francisco (MPC)
Francisco Marques (MC)
Franz Von Waldeck (IND)
Frei Bartolomeu Ferreira (QFCEL)
Frei Manoel da Encarnação (QFCEL)
Fritz (AVE)
Gadanha (AIM)
Gertrud Von Utrech – Divara (IND)
Gil (ASVFA)
Gilberto (LC)
Governo (AIM)
Gracinda (LC)
H. (MPC)
Heinrich Krechting (IND)
Helena (OHD)
Herodes (OESJC)
Herodes Ântipas (OESJC)
Herodes Filipe (OESJC)
Hille Feiken (IND)
Homem (AID)
Homem (C)
Homem da Carta (ESL)
Homem da Gravata azul com pintas brancas (ESL)
Hubert Ruescher (IND)
Inês (ASVFA)
Inés Antónia (MC)

dicionario Personagens Jose Sar46 46 09.01.12 12:13:47

Inspector (ESL)
Isaac (C)
Isaura Madruga (AC)
Jacoba (ASVFA)
Jan Dusentschuer (IND)
Jan Matthys (IND)
Jan Van Leiden (IND)
Jerónimo (TP)
Jesus (OESJC)
Joana (TP)
Joana Carda (AJP)
João (filho de Zebedeu, irmão de Tiago) (OESJC)
João Elvas (MC)
João Francisco Mateus (MC)
João I (TP)
João II (TP)
João Mau-Tempo (LC)
João, O Batista (OESJC)
Joaquim (OESJC)
Joaquim Sassa (AJP)
Joaquim Tendeiro (TP)
Joaquina (TP)
Jornalista (AIM)
José (esposo de Maria) (OESJC)
José (filho de José e Maria, irmão de Jesus) (OESJC)
José (TN)
José Anaiço (AJP)
José de Arimatéia (OESJC)
José Pequeno (MC)
Judas (filho de José e Maria, irmão de Jesus) (OESJC)
Judas (galileu, guerrilheiro) (OESJC)
Judas de Iscariote (OESJC)
Judas Tadeu (OESJC)
Júlia (TP)
Junípero (ASVFA)
Justa Isasca (AC)
Justo (OESJC)
Lacaio-Mor (AVE)
Ladrão do Carro (ESC)
Lamberto Horques (LC)
Lázaro (OESJC)
Leão (ASVFA)

dicionario Personagens Jose Sar47 47 09.01.12 12:13:47

Leporello (DG)
Lídia (OAMRR)
Lídia (OESJC)
Lilith (C)
Lísia (OESJC)
Luís de Camões (QFCEL)
Luís Gonçalves da Câmara (QFCEL)
M. (MPC)
Manuel Espada (LC)
Manuel Milho (MC)
Manuel Ribeiro (TP)
Máphia (AIM)
Marçal (AC)
Marcenda (OAMRR)
Maria (HCL)
Maria Adelaide Espada (LC)
Maria Ana Josefa (MC)
Maria Conceição (LC)
Maria da Paz (OHD)
Maria de Athaíde (QFCEL)
Maria de Magdala/Maria Madalena (OESJC)
Maria de Nazaré (OESJC)
Maria Dolores (AJP)
Maria Guavaira (AJP)
Maria Leonor (TP)
Maria Sara (HCL)
Marinheiro (AVE)
Marta (AC)
Marta (OESJC)
Marta Maria (MC)
Martins Gonçalves da Câmara (QFCEL)
Masetto (DG)
Masseo (ASVFA)
Mateus (OESJC)
Mau Ladrão (OESJC)
Médico (ESC)
Médico (ESL)
Menina (AVE)
Miguel Dias (QFCEL)
Ministro da Cultura (ESL)
Ministro da Defesa (ESL)
Ministro da Justiça (ESL)

dicionario Personagens Jose Sar48 48 09.01.12 12:13:47

Ministro do Interior (ESL)
Ministro dos Negócios Estrangeiros (ESL)
Miquéias (OESJC)
Mogueime (HCL)
Morte (AIM)
Mulher da Limpeza (AID)
Mulher Desconhecida (TN)
Mulher do Médico (ESC)
Mulher do Médico (ESL)
Mulher do Presidente (ESL)
Mulher do Primeiro Cego (ESC)
Náufrago (AVE)
Navegador Solitário (AJP)
Noah (C)
Noé (C)
Norberto (LC)
O Língua (AVE)
Olga (MPC)
Olheiro (C)
Ouroana (HCL)
Padre Cristiano (TP)
Padre de Pádua (AVE)
Pajens (AVE)
Pastor de Ovelhas (TN)
Pedro I (ASVFA)
Pedro II (ASVFA)
Pedro Orce (AJP)
Pêro de Alcáçova Carneiro (AVE)
Pica (ASVFA)
Pigarço – Pig e Al (AJP)
Pilatos (OESJC)
Pimenta (OAMRR)
Platero (AJP)
Porta-Voz da Aldeia (AVE)
Povo (ESL)
Povo de Münster (IND)
Presidente da Câmara (ESL)
Presidente da Mesa da Assembléia Eleitoral (ESL)
Presidente da República (ESL)
Primeiro Cego (ESC)
Primeiro-Ministro (AIM)
Primeiro-Ministro (ESL)

dicionario Personagens Jose Sar49 49 09.01.12 12:13:48

Professor de Matemática (OHD)
Públio Sulpício Quirino (OESJC)
Quarto da Morte (AIM)
Raimundo Benvindo Silva (HCL)
Ramón (OAMRR)
Rapariga dos Óculos Escuros (ESC)
Rapariga dos Óculos Escuros (ESL)
Rapaz Estrábico (ESL)
Rapaz Galego (AVE)
Rapazinho Estrábico (ESC)
Rei (AID)
Ricardo (MPC)
Ricardo Reis (OAMRR)
Roque Lozano (AJP)
Rufino (ASVFA)
S. (MPC)
Salomão (AVE)
Salvador (OAMRR)
Sampaio (OAMRR)
Samuel (OESJC)
Sandra (MPC)
Sara (C)
Sara (HCL)
Sara Conceição (LC)
Sargento dos Couraceiros (AVE)
Sargento Português (AVE)
Sebastião (QFCEL)
Secretário (AVE)
Secretário (ESL)
Senhora do Rés-Do-Chão Direito (TN)
Senso Comum (OHD)
Servente (QFCEL)
Sigisberto (LC)
Sigismundo Canastro (LC)
Simão (discípulo de Jesus) (OESJC)
Simão (filho de José e Maria, irmão de Jesus) (OESJC)
Simão de Cirene (OESJC)
Simão, o Pedro (discípulo de Jesus, irmão de André) (OESJC)
Simeão (OESJC)
Síndico de Münster (IND)
Solimão (AVE)
Subhro (AVE)

dicionario Personagens Jose Sar50 50 09.01.12 12:13:48

Teresa (TP)
Tertuliano Máximo Afonso (OHD)
Tiago (filho de Alfeu, discípulo de Jesus) (OESJC)
Tiago (filho de José e Maria, irmão de Jesus) (OESJC)
Tiago (filho de Zebedeu, discípulo de Jesus) (OESJC)
Tomarctus (OHD)
Tomé (OESJC)
Vasco da Gama (QFCEL)
Velho (C)
Velho da Venda Preta (ESC)
Velho da Venda Preta (ESL)
Velho Labrego (AVE)
Viegas (TP)
Violoncelista (AIM)
Vitor (OAMRR)
Vogal (ESL)
Von Der Wieck (IND)
Zaquias (OESJC)
Zelomi (OESJC)
Zerlina (DG)

dicionario Personagens Jose Sar51 51 09.01.12 12:13:48

Eu sou a Blimunda...

Muito pelo contrário: o autor está ali no livro, o autor é o livro, mesmo quando o livro não consegue ser todo o autor. Não foi simplesmente para chocar a sociedade do seu tempo que Gustave Flaubert declarou que Madame Bovary era ele próprio. Parece-me, até, que ele não fez mais do que arrombar uma porta desde sempre aberta. Sem faltar ao respeito que é devido ao autor de Bouvard et Pécuchet, poder-se-ia mesmo dizer que uma tal afirmação não peca por excesso, mas por defeito: faltou a Flaubert acrescentar que ele era também o marido e os amantes de Emma, que era a casa e a rua, que era a cidade e todos quantos, de todas as condições e idades, nela viviam, porque a imagem e o espírito, o sangue e a carne de tudo isto tiveram de passar, inteiros, por um só homem: Gustave Flaubert, isto é, o autor. Emma Bovary é Gustave Flaubert porque sem ele seria coisa nenhuma. E se me é permitida agora a presunção de pronunciar outro nome depois de ter mencionado o do autor de L'éducation sentimentale, diria que também eu, ainda que tão pouca coisa, sou a Blimunda e o Baltasar de Memorial do Convento, e que em O Evangelho segundo Jesus Cristo não sou apenas Jesus e Maria Madalena, ou José e Maria, porque sou também o Deus e o Diabo que lá estão.

José Saramago[4]

[4] SARAMAGO, José. Entre o narrador omnisciente e o monólogo interior: deveremos voltar ao autor? In: FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO. **O Caderno de Saramago**. Disponível em: <http://www.josesaramago.org/saramago/detalle.php?id=10>. Acesso em: 18 mar. 2011.

dicionario Personagens Jose Sar53 53 09.01.12 12:13:49

A

ABEL *(Caim)*: Segundo, dos três filhos de adão e eva. Apesar da pele morena dos pais, nasce com uma rosada brancura, algo de angelical. Nos afazeres cotidianos, envereda pelos ofícios do pastoreio, ao contrário de caim, que se dedica à agricultura. Deus aceita com maior prazer a sua oferenda e, por isso, apesar da amizade muito estreita com o irmão, abel escarnece de caim. É assassinado a golpes de queixada de jumenta pelo humilhado caim. Durante toda a narrativa, abel não possui nenhuma fala, mas será uma lembrança constante pois, em vários momentos, caim toma o nome do irmão para si.

"Abel é o meu nome, disse caim."

ABIATAR *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Um dos três anciões da Sinagoga que, a pedido de José, visitam e interrogam Maria sobre a misteriosa visita (pedinte/mendigo/anjo) que ela tinha recebido. Tem barbas e veste túnicas.

ABÍLIO VALADARES *(A Noite)*: Chefe de redação de um jornal de Lisboa. Na posição de antagonista, pensa e diz ser o *pára-choque* intermediando entre a redação e a direção do jornal. Encontra-se, porém, numa posição desconfortável na medida em que não tem o respeito nem do diretor, nem dos redatores, principalmente do protagonista Torres, seu maior e mais freqüente debatedor. Fraco de caráter, flexível em termos de princípios, acaba recebendo ordens dos tipógrafos, desacatado pela estagiária, ridicularizado por Torres, desacreditado pelos subalternos e humilhado pela cúpula do jornal. Seu maior receio é perder a autoridade que ele pensa que tem.

"Para cumprir a sua obrigação profissional, só tem que falar comigo ou com os redactores que eu designar para o efeito. Percebeu?"

ABRAÃO *(Caim)*: Vive em uma tenda, junto das azinheiras de mambré, e costuma hospedar viajantes. Tem um filho com a escrava agar, que se chama ismael. Um dia, deus e caim se hospedam na tenda de abraão (apesar de caim reconhecer deus, deus não reconhece caim, pois este traz a sua marca escondida). Deus anuncia que abraão

dicionario Personagens Jose Sar57 57 09.01.12 12:13:50

terá um filho com sua esposa, sara, apesar da idade avançada de ambos. Anuncia também que irá destruir sodoma e gomorra. Mesmo temendo ofender, abraão tenta pela retórica e pela piedade convencer o senhor a não cometer tais atos, porém ambas as cidades são destruídas. Depois que seu filho com sara, chamado isaac, nasce, abraão recebe ordens de deus para que leve o filho à região do monte mória e o ofereça em sacrifício. Enquanto caminham lado a lado, isaac insiste em perguntar onde está a vítima do sacrifício. Ao chegar ao local indicado, abraão amarra isaac, coloca-o no altar sobre a lenha e empunha a faca em direção à garganta do próprio filho, mas o gesto derradeiro é impedido por caim. Alguns instantes depois chega o anjo incumbido de evitar o assassinato de isaac. Abraão é abençoado pelo senhor por sua prova de lealdade e, por meio das palavras do anjo, fica sabendo do glorioso destino que lhe está reservado.

"Não é possível que vás fazer uma coisa dessas, senhor, condenar à morte o inocente juntamente com o culpado, desse modo, aos olhos de toda a gente, ser inocente ou culpado seria a mesma coisa, ora, tu, que és o juiz do mundo inteiro, deves ser justo nas tuas sentenças."

ACHADO *(A Caverna)*: Trata-se de um cão bonito de tamanho normal, um animal novo, esbelto, de pêlo crespo entre o cinzento e o preto, com uma estreita mancha branca que lhe divide o peito até o ventre e que parece uma gravata. Segundo Isaura Estudiosa, este cão veio de outro mundo. Com um finíssimo senso de humor, Cipriano Algor conclui que não há nome melhor para um cão *perdido* do que *achado*, o que explica a origem do nome. A primeira reação que Achado tem ao conhecer o uniformizado Marçal Aquino é atacá-lo. Os motivos que levam o cão a tal atitude ficam implícitos na narrativa; podem ser tanto um prenúncio de tudo o que vai acontecer – pois como cão de guarda sua função é defender a olaria e nada a ameaça mais do que o Centro –, como trauma por ter, talvez, apanhado de alguém com uniforme. Achado, em verdade, é o único que pode escolher, tanto é que

dicionario Personagens Jose Sar58 58 09.01.12 12:13:50

escolhe a família com quem quer ficar. O cão também ajuda na decisão de Cipriano de ficar na casa com a olaria, parecendo querer compensar Cipriano e dar-lhe força pela perda do seu ofício na olaria. Achado serve de ponte para o encontro e união de Cipriano e Isaura. É o protetor da casa e percebe o que se passa ao seu redor. O narrador propõe um jogo de atribuições de valores ao cão como consciente, sensível e quase humano. Isso fica bastante claro em passagens onde há uma sensação de lamentação pelos limites impostos pela diferença de universos. E como não há saída real para isso, a solução é fazer o cão ser compreendido à nossa maneira. Essa idéia de falsa autonomia agrada o leitor, na medida em que Achado, mesmo nas situações cuja impressão que fica é de transcendência da vida animal, nunca deixa de ser, na própria visão do narrador, um cão. O processo de humanização pelo qual Achado parece passar é, na verdade, fruto da atribuição de valores humanos a um ser que pauta suas ações em instintos que, por sua vez, justamente por escaparem à compreensão humana, devem ser acomodados de uma forma que viabilize o entendimento acerca da relação que se estabeleceu entre os personagens humanos e o cão. Ele representa a esperança de dias melhores e com sua chegada, ninguém sabe de onde, parece ter tomado, a seu modo e no seu mundo, a atitude radical de também mudar de vida, buscando novas paragens. Mostra-se um dócil e fiel personagem no decorrer do romance, mesmo quando temporariamente abandonado no período em que Cipriano e a família foram morar no Centro. Quando a mudança para o Centro se concretiza, não há lugar para o cão na nova morada. Muito mais do que um elo de ligação, ele é deixado aos cuidados de Isaura Madruga pelo fato de que os Algor não têm mais ninguém, de confiança, com quem deixá-lo. Achado retorna à olaria e Isaura o acompanha. Os dois fazem companhia um ao outro enquanto esperam pelo regresso dos seus. Em meio ao turbilhão das emoções vividas, ele sempre representa a certeza do gesto de aceitação incondicional e de carinho para com seus donos. Fidelidade retribuída, no final, porque foi levado junto rumando para uma nova vida, já que era estimado como uma pessoa da família.

dicionario Personagens Jose Sar59 59 09.01.12 12:13:50

ADALBERTO *(Levantado do Chão)*: Os bertos eram brancos, donos dos latifúndios, e faziam parte da chamada trindade (LEI = latifúndio, Estado, igreja). Mantinham a estrutura medieval em Portugal. Representam a hipocrisia e a injustiça, já que oprimiam e escravizavam todos os trabalhadores. Adalberto, um dos bertos, explora os trabalhadores, ditando as regras da jornada, resistindo à proposta pelas oito horas diárias e pagando o que bem quer aos contratados. Aliás, sempre foi assim que os bertos agiram. E, terminada a colheita, Adalberto manda que o feitor deixe na terra só os homens dos porcos e das ovelhas e o guarda. Não quer a sua terra pisada por grevistas. Adalberto, por ocasião da resistência dos trabalhadores no tempo de colheita, manda passar as máquinas por cima da seara. A intenção era essa mesma — que os trabalhadores se dobrassem pela fome.

"O peixe morre pela boca [...]."

ADÃO *(Caim)*: Vive até os 930 anos, chegando a conhecer lamec, pai de noé. Quando teve a língua e a fala introduzida goela abaixo, suas primeiras palavras a deus foram de reconhecimento por ser o primogênito do senhor. Depois convidou eva para irem para a cama. Quando questionado por deus sobre o fruto proibido, diz inicialmente que não o comeu por inteiro; como isso não gerou resultado algum, pôs a culpa em eva. Os dois expulsos do paraíso passam fome, sede, frio e outras privações até então desconhecidas. Adão escarnece da idéia de eva ir pedir ajuda a um anjo, mas se dá por vencido ao ver o resultado obtido pela diligência da esposa. Na segunda visita ao anjo vai junto e, apesar do ciúme, ouve atentamente os conselhos do querubim. Entra em uma caravana e aprende, assim, a trabalhar a terra. Algum tempo depois consegue comprar uma gleba de terra, onde cria caim, abel e set.

"[...] melhor estaríamos com o pó que éramos antes, sem vontade nem desejo."

ADELAIDE *(Manual de Pintura e Caligrafia)*: Empregada doméstica que cuida do apartamento de H., protagonista narrador.

dicionario Personagens Jose Sar60 60 09.01.12 12:13:51

Durante todo o romance não há registros de sua fala, apenas de um balbucio, contudo sua presença passa a ser notada pelo bater surdo de suas chinelas e pelo próprio silêncio. É esse mesmo silêncio de Adelaide que levará o *escrepintor* H. a pensar o mundo exterior e sua própria personalidade. Quando foi dispensada de seus serviços, Adelaide se manteve impassível, à exceção do movimento do pé direito, que assinalou sua angústia naquele momento. Personagem que marca figurativamente uma classe de trabalhadores que não consegue se representar, seja pela fala ou pela caligrafia.

"[...] até quando quiser."

ADELINA *(Manual de Pintura e Caligrafia)*: Adelina é apresentada, a partir da perspectiva de H., como a sua namorada, oficialmente reconhecida pelo grupo social ao qual ambos pertencem: dezoito anos mais nova que seu par, com um bom corpo, ventre belíssimo, excelente *máquina de fornicar* e inteligente. É dona de boutique e parece estar satisfeita com a vida que leva com o pintor, estando sempre disponível para acompanhá-lo ou satisfazê-lo. Apresentados por amigos comuns, intensificam suas relações com o único objetivo de mútua satisfação sexual. De origem simples, Adelina tem a mãe viva e mora com ela. Aos 32 anos, Adelina representa a mulher que encontra no sexo não só a sua liberação como também uma forma de, veladamente, exercitar o seu poder sobre H., o homem que a deseja. Tacitamente, a relação se mostra aberta e construída em torno do sexo como forma de disputa de poder entre ambos. A despeito da aparente igualdade alcançada, sem o saber, Adelina compõe um triângulo amoroso com a secretária Olga e H.. Apesar das tórridas fantasias que Adelina suscita em H., o colóquio amoroso se mantém pela inércia e entra em colapso durante a narrativa. Esse fato explica a distância conferida por H. ao tratamento da personagem, a forma como a julga preconceituosamente e, a despeito do fantasma da solidão que o assombra, a forma como ele anseia pelo final do compromisso imposto pelo grupo social a que pertencem. A relação se sustenta na presença dos amigos, mas não resiste à solidão a dois. No desenrolar da narrativa, o

dicionario Personagens Jose Sar61 61 09.01.12 12:13:51

pressentido afastamento de Adelina provoca em H. o movimento de confirmação da escrita como forma de sobrevivência e de auto-conhecimento. Diante desse desconhecido que ora se apresenta aos seus olhos – H. escritor –, Adelina se transforma. Adelina, ao descer as escadas do apartamento do amante, seguramente bate os saltos, *secos e breves* nos degraus, numa nítida demonstração de quem acredita ocupar situação vantajosa no interlúdio, assume uma atitude de defesa/ataque possível de ser lida no desdém crítico com o qual recebe o primeiro relato de viagem que lhe é apresentado por H.. No cenário metaficcional que subjaz à história do percurso de H., nesse momento, Adelina assume papel do leitor crítico questionando os limites entre os gêneros literários. O ataque da fera ferida que pressente a morte do romance continua na forma como desdenhosamente expõe aos amigos a nova atividade de H.. Declarada a guerra entre os sexos, H. assume velada defesa. A trégua acontece com a ausência de Adelina, que viaja em visita à família fora de Lisboa, enquanto H. se dedica à escrita dos seus exercícios autobiográficos. A estocada final chega, num último movimento de exacerbação de poder, através da carta de Adelina, perfeitamente elaborada satisfazendo os mais rígidos requisitos da escrita epistolar, selando o final do compromisso. Depois de algum tempo, Adelina retorna ao apartamento de H.. Será através do olhar machista de H. que se despedirá da narrativa. No entanto, as armas da subjetividade são depostas quando o narrador-personagem, num movimento em direção à objetividade, modaliza a sua fala e revela uma personagem claramente segura de seus atos. Após ter cumprido o seu papel, Adelina sai da narrativa como nela entrou. Diferentemente de H., S. ou M., que constroem um nome durante o relato, à Adelina foi conferido o destino de apenas retratar uma parcela significativa de mulheres que acolheram as posturas feministas alardeadas nas décadas dos 60 e 70.

AFONSO *(A Noite)*: É linotipista e, juntamente com Damião e Jerônimo, o chefe da tipografia, compõe o grupo responsável pela oficina onde o jornal é rodado. Seu amor pelo jornalismo desmonta a tentativa feita pelo diretor

dicionario Personagens Jose Sar62 62 09.01.12 12:13:51

de não publicar a notícia sobre o golpe de 25 de abril de 1974, que põe fim ao governo de Marcelo Caetano, na presidência desde 1968, quando substituiu o ditador Salazar.

"Temos feito jornais passivamente, às vezes a chorar de raiva, temos transformado a vergonha em linhas de chumbo, e temos derretido as linhas de chumbo à espera de que chegasse o dia em que fundiríamos linhas novas. Linhas novas, entende? Chegou esse dia. É hoje."

AGAMEDES *(Levantado do Chão)*: Padre da paróquia de Landeira e padrinho de João Mau-Tempo. Mau caráter, vivia de intrigas, bebia muito vinho, defendia as terras da igreja e dos latifundiários. Brigou com Domingos Mau-Tempo. Oprimia o povo e tinha sempre um discurso de conformismo, fazendo os homens aceitarem as situações. Fazia parte da trindade: LEI = latifúndio, Estado, igreja. Era um pouco desvairado e falava por parábolas.

"o vosso reino não é deste mundo, padecei para ganhardes o céu [...]."

AGENTE DE SEGUNDA CLASSE *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Terceiro nível de graduação de oficiais, último subalterno, o segundo agente/auxiliar apresenta idéias incoerentes e sem a mínima chance de dar certo.

AJUDANTE DE FARMÁCIA *(Ensaio sobre a Cegueira)*: Trabalhava numa farmácia como ajudante e foi quem vendeu o colírio à rapariga dos óculos escuros. Parece um galanteador.

"O meu caso [...] foi mais simples, ouvi dizer que havia pessoas a cegarem, então pensei como seria se eu cegasse também, fechei os olhos a experimentar e quando os abri estava cego."

ALBERTO *(Levantado do Chão)*: Os bertos eram brancos, donos dos latifúndios, e faziam parte da chamada trindade (LEI = latifúndio, Estado, igreja). Mantinham a estrutura medieval em Portugal. Representam a hipocrisia e a

dicionario Personagens Jose Sar63 63 09.01.12 12:13:52

injustiça, já que oprimiam e escravizavam todos os trabalhadores. Alberto, um dos bertos, possuía mão forte. Para ele, o povo do latifúndio foi feito para viver sujo e esfomeado — um bicho da terra a viver como bicho mesmo. Combate a reivindicação dos trabalhadores pelas oito horas de trabalho, dizendo que são invenções da cidade e um convite à malandrice, pois, tirando oito horas para o trabalho, oito para dormirem, o que vão fazer nas oito horas que sobram? Ele não entende o povo: quando não há trabalho reclamam e se há também reclamam. Afinal, trata-se de um povo que nasceu para trabalhar, então, seria uma contradição abusarem do descanso.

"Deitar cedo e cedo erguer, dá saúde e faz crescer."

ALCAIDE *(A Viagem do Elefante)*: Título dado ao administrador de uma fortaleza, praça ou província. Na obra, é o responsável pela fortificação de Figueira de Castelo Rodrigo, vila portuguesa que faz fronteira com a Espanha. É ele quem recebe a caravana portuguesa responsável por levar o elefante a Valladolid e entregá-lo ao arquiduque austríaco Maximiliano. Após uma disputa verbal entre os líderes das tropas portuguesas e austríacas, o alcaide age como mediador e intercede pela paz entre os povos.

ALMUADEM *(História do Cerco de Lisboa)*: Velho mouro determinado que se dirige à mesquita maior ao pôr do sol, durante a tomada de Lisboa pelos portugueses, chamando seu povo para a oração pela última vez, antes de ser degolado por um soldado cristão. É cego mas, como a maioria das pessoas com a mesma deficiência, desenvolveu bem os outros sentidos. No momento de sua morte, ele avista uma luz, o que sugere a presença de Deus, que na morte aparece para todos, cegos ou não, mouros ou cristãos.

"Allahu akbar."

ÁLVARO DIOGO *(Memorial do Convento)*: Cunhado de Baltasar, tem trinta e nove anos e alguns cabelos brancos. Foi ele quem levou Baltasar para trabalhar na construção do convento. Cuidava da família e estava contente com

dicionario Personagens Jose Sar64 64 09.01.12 12:13:52

seu trabalho na construção do convento, pois dizia que não faltaria trabalho aos pedreiros quando as obras começassem. Sujeito conformado e eficiente naquilo que fazia, era otimista e acreditava que a construção estava indo bem, ao contrário de Baltasar. Em conversa com Baltasar, demonstra conformismo e otimismo.

AMÉLIA *(Levantado do Chão)*: Personagem pertencente à terceira geração: *tempo de luta*. Segunda filha de João Mau-Tempo e Faustina, irmã de António e Gracinda. Era mansa e discreta como a mãe. Não estudou. Quatro anos mais moça que o irmão e dois anos a menos que a irmã, com quem não era muito parecida, Amélia, sempre submissa, passa a servir, desde pequena, em Montemor. João Mau-Tempo, quando estava para morrer, recorda que Amélia fora perdendo os dentes e que conseguira, com seu suor, juntar dinheiro para pôr uma dentadura – isso ele teve oportunidade de ver na ocasião em que Amélia fora visitá-lo no hospital. Ela conseguiu comprar uma dentadura, mas, devido a muito sofrimento na vida, não conseguiu salvar o seu sorriso.

ANA *(Manual de Pintura e Caligrafia)*: Casada com o publicitário Francisco, integra o grupo social a que pertencem H. e Adelina. Junto com seu marido, serão sempre retratados pelo *escrepintor* H. como componentes de um par afinado, pois pertencem à mesma faixa etária e atuam na mesma profissão. O modelo de felicidade conjugal coloca ambos numa posição de contraponto com os demais membros do grupo, que se mostram tateantes no caminho de busca da realização afetiva. Durante a narrativa, as manifestações de excitação mútua entre Ana e o marido cedem lugar ao cansaço flagrante da relação. Personagem secundária, a atuação de Ana evidencia o impacto da volubilidade afetiva experimentada pela geração amadurecida de setenta. O casal fornece os índices do novo arcabouço moral que passa a reger as relações amorosas desde então: *que o amor seja eterno enquanto dure*.

ANA *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Mulher que em idade avançada concebeu Maria, mãe de Jesus e esposa de José.

dicionario Personagens Jose Sar65 65 09.01.12 12:13:52

ANA DE SÁ *(Que Farei com este Livro?)*: Mãe atenta e dedicada de Luís de Camões. Ela é incansável, dócil e serena, sempre à espera de um amor e de uma afeição incondicional por parte do filho, já que ficara dezessete anos esperando por ele. Embora representando a personificação da resignação e da esperança, exasperava-se com o tratamento dado pela corte ao seu filho. Mesmo não sabendo ler, ela reconhecia o talento do filho. Não tem participação decisiva nas cenas em que aparece.

"Mãe dos homens, se meu filho morre, se a mim me conservaste a vida para o ver morrer a ele, esquece-te de Ana de Sá, porque aos teus pés nunca mais ajoelharei."

ANANIAS *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Homem valente, zeloso, atencioso, companheiro, desafiador, combatente, confidente, audacioso, curioso, fiel e determinado e que aprecia bolachas feitas de gafanhotos secos e moídos. A figura de Ananias é de fundamental importância nos conselhos que dá para o casal José e Maria. O vizinho Ananias é muito curioso e prestativo, protegendo o casal em várias ocasiões: avisa que o Império Romano havia decretado que todas as famílias de Israel deveriam recensear-se no seu local de origem; e toma conta da casa de José e Maria enquanto estes viajam para Belém para participar do censo. Dessa forma, Ananias é o homem de confiança dos pais de Jesus. Essa relação fica mais evidente quando Ananias confessa para José que quer separar-se de sua mulher e ir lutar com o exército de Judas Galileu contra os romanos. Nota-se um laço de amizade muito forte entre essas duas personagens, haja vista o zelo e as confissões que marcam essa relação de confiabilidade e fidelidade. Não se contentando com a condição de submissão perante as ordens do Império Romano, Ananias resolve, audaciosamente, combatê-lo. Alista-se no exército do guerrilheiro Judas Galileu e parte em busca do seu objetivo: derrotar os romanos, provando ser um homem determinado em suas atitudes e nas decisões com a certeza de que luta pelo seu ideal. Ananias é ferido em combate e, por esse motivo, José deixa seu lar para resgatar o amigo, comprovando assim a amizade sincera que nutria por ele. José o encontra

dicionario Personagens Jose Sar66 66 09.01.12 12:13:53

moribundo em Seféris, mas não consegue levá-lo de volta a Belém, porque Ananias, devido a seus ferimentos, morre segurando as mãos de José. A coragem é sua marca definitiva e, tentando transpor todos os limites, paga com a sua própria vida por ter lutado pelos seus ideais.

"Eram outros os tempos, o Senhor manifestava-se em presença todos os dias, não apenas nas suas obras."

ANDRÉ *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Pescador, irmão de Simão, tem aproximadamente trinta anos. Conhece Jesus no mar de Genesaré e se tornam amigos. Junto com seu irmão, riem de Jesus pela sua inexperiência com o mar e com os peixes. André assiste perplexo Jesus lançar a rede três vezes e ao mar e nas três vezes a rede voltar completamente cheia. Impressiona-se com os prodígios, quando Jesus faz com que a pesca seja abundante e quando acalma a tempestade, e espalha a notícia de que Jesus atrai os peixes e doma as tempestades. Afirma que estará com Jesus mesmo que ele não o queira mais. Fica sabendo do episódio envolvendo a expulsão dos demônios do gadareno, e que os demônios informaram a Jesus que ele era Filho de Deus; quando Jesus afirma que o Diabo é o Pai da Mentira, ele responde e revela uma estranha sabedoria:

"[...] o Diabo não deixa de ser Diabo por alguma vez ter falado a verdade."

ANGILBERTO *(Levantado do Chão)*: Tem a mesma aparência física e profissão de todos os bertos da família. Em tempos de ameaça dos trabalhadores, ele lançava searas ao gado. Em outros, tinha como entretenimento andar gastando balas, tendo como alvo um bidão, que se despencava pelo silvado a cada tiro; e como lacaio um carreiro, tratado aos gritos se demorasse a trazer de volta o bidão. Coitado daquele que se intrometesse em suas terras: se levasse um tiro, precisava fazer de conta que tinha sido atingido por uma bala perdida.

ANJO *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Aparece pela primeira vez a Maria como um pobre pedinte desconhecido e ela

dicionario Personagens Jose Sar67 67 09.01.12 12:13:53

lhe oferece uma tigela com alimento. Quando o pedinte volta para entregar a tigela, ele parecia muito maior, mais alto do que antes. Seu rosto resplandecia e seus olhos faiscavam. As roupas velhas e esfarrapadas se agitavam ao vento e davam a impressão de serem compostas por finas telas e vestidas não por um mendigo, mas por um titã. Ele, antes de devolver a tigela, a enche com um punhado de terra luminosa que não cessará de brilhar, o que deixa José muito intrigado. José desconfia dessa visita e deste ser que visitou Maria antes dela lhe anunciar que estava grávida. Nessa visita, o anjo se manifesta como um filósofo ao comunicar que Maria está grávida: *"Ainda a barriga não cresceu e já os filhos brilham nos olhos das mães"*. José vê o mendigo/anjo caminhando ao lado de Maria quando estão indo para o recenseamento em Belém e isso o angustia mais ainda. Quando Maria recebe a visita dos três pastores, pela fala do terceiro pastor, ela o identifica com o anjo/mendigo/anunciador. No episódio da matança das crianças em Belém, o anjo aparece a Maria na gruta, não mais em forma de mendigo, mas em forma de pastor. Apresenta-se então como um anjo, não de perdões, mas de palavras cruéis: acusa José de ter cometido um crime e afirma que os crimes cometidos por homens bons não podem ser perdoados; também acusa José de ser o responsável pela morte dos vinte e cinco inocentes de Belém, já que se preocupara apenas em salvar seu filho sem avisar os pais das outras crianças; afirma que Herodes seria perdoado mais facilmente que José. É desse anjo o diagnóstico da culpa que passa de pais para filhos. Trata-se, enfim, de uma mistura de anjo, demônio, pastor, conselheiro e profeta.

"Não sou anjo de perdões."

ANJOS *(Caim)*: Para auxiliar nos seus desígnios, deus conta com a ajuda de anjos. Durante toda a narrativa, porém, em nenhum momento os anjos cumprem com maestria e destreza as incumbências que lhe são confiadas. O único desses seres a ser nomeado é azael, que fora encarregado de manter adão e eva afastados do éden. Mas, azael não resiste e dá frutos à nua eva. Mais vezes os anjos se mostram ineficazes: aquele que deveria evitar o sacrifício

dicionario Personagens Jose Sar68 68 09.01.12 12:13:53

de isaac se atrasa, e os dois que deveriam levar notícias das vicissitudes a jó, e contar apenas a jó, acabam por narrar tudo a caim. Durante a construção da arca, noé, percebendo que não terá tempo hábil, pede ajuda a deus, que manda uma legião de anjos para ajudar a terminar o serviço de carpintaria e carregar a arca ao mar. Contudo, durante o que seria o primeiro vôo panorâmico, os anjos não atendem aos pedidos desesperados de noé para baixarem a arca de modo que ele possa recolher um espécime de unicórnio, culminando assim com a extinção do, agora, mitológico animal.

"[...] se cá cheguei foi por um milagre do senhor."

ANSBERTO *(Levantado do Chão)*: Os bertos eram brancos, donos dos latifúndios, e faziam parte da chamada trindade (LEI = latifúndio, Estado, igreja). Mantinham a estrutura medieval em Portugal. Representam a hipocrisia e a injustiça, já que oprimiam e escravizavam todos os trabalhadores. Ansberto é mais um berto, quase sinônimo de latifúndio. Seu nome se confunde com todos os outros latifundiários: Dagoberto, Alberto, Floriberto, Norberto, Berto, Sigisberto, Adalberto, Angilberto, Gilberto, Ansberto, Contraberto.

ANSELMO *(Levantado do Chão)*: Pertencente à segunda geração: *tempo de perguntas*. Segundo filho de Domingos Mau-Tempo e Sara Conceição, irmão de João Mau-Tempo, Maria da Conceição e Domingos. Nasceu em meio a muita dor e sofrimento, sendo calado e sofrido como a mãe. Certo dia resolveu ir para o Norte e nunca mais deu notícias. João Mau-Tempo, quando está para morrer, sem saber notícias de Anselmo (se ele morreu ou não), sente remorsos por não ter dado mais atenção à vida do irmão.

"Certas vidas são mais apagadas do que outras, mas é só porque temos tanta coisa em que pensar, acabamos por não reparar nelas e lá vem o dia em que nos arrependemos."

ANTÓNIO *(Levantado do Chão)*: Personagem pertencente à terceira geração: *tempo de luta*. Primeiro filho de João

dicionario Personagens Jose Sar69 69 09.01.12 12:13:54

Mau-Tempo e Faustina, irmão de Amélia e Gracinda. Tinha o corpo do pai, porém sem ter seus olhos azuis. Era trabalhador, guardador de porcos, dotado de senso de humor, alegre e de riso solto. Foi para o exército, mas acabou voltando por motivos de saúde e foi ser corticeiro. Gostava de contar histórias e mudar de casa, assim como fazia o seu avô Domingos Mau-Tempo. Não estudou e passou muita necessidade. A fome era tanta que o fez sair, certa ocasião, com o pai, a catar bolotas do chão nas terras do patrão. Não considerava isso roubo. Mas, e se fosse? Afinal *quem rouba por precisão tem cem anos de perdão.* A necessidade era muita. Nas tempestades, de água ou de gelo, ajeitava-se com uma saca de guano, como vestimenta, crendo que Deus dá o frio conforme a roupa. No exército, contava aos companheiros que em sua terra a fome era tão grande que chegavam a comer ervas, porém era melhor do que a comida do quartel, que servia somente para ser comida por porcos. Mas valia comer cardos, sem contar que na parada do quartel, eram tratados por burros.

"[...] burro com fome cardos come [...]."

ANTÓNIO *(Manual de Pintura e Caligrafia)*: Embora resida em Lisboa, António pertence a uma família de Santarém. É irmão mais velho de M. por quem H. se apaixona. A despeito de despretensiosa atuação como participante do grupo social ao qual pertence o narrador, o arquiteto António ganha o estatuto de herói na grande aventura que H. narra no final do romance. Filtrado pela perspectiva de H., o *calado* e *secreto* António marca presença no episódio do retrato de S.. Durante uma das inócuas reuniões sociais promovidas pelo pintor H. em seu apartamento, em Lisboa, o arquiteto rompe as regras da boa convivência do grupo quando, numa clara atitude de invasão à privacidade do anfitrião, expõe a todos o segundo retrato de S. que o pintor cobrira com um grande borrão de tinta preta. A atitude agressiva do arquiteto, que naquele momento criticava ironicamente a atividade artística *burguesa* de H., só será entendida pelo leitor capítulos à frente com a revelação da prisão de António em função do seu engajamento político. Mais

dicionario Personagens Jose Sar70 70 09.01.12 12:13:54

adiante, H. refletirá que a agressão *represada* teria sido dirigida ao grupo que se reunira para comemorar o fim e o resultado material do retrato oficial de S., o qual o pintor acabara de entregar ao cliente. Apesar da cena infeliz (a tela pintada em preto), H. considera António como amigo confiável cuja opinião o instiga a explorar novas posturas artísticas. Nas anotações do manuscrito de H., consta a inquietação pela perda de contato com o companheiro por ocasião de sua prisão. A despeito de pertencer a um grupo de intelectuais que se mantinham ao largo da efervescência dos acontecimentos políticos da época, os quais, quando muito, trocavam informações sobre livros e leituras que criticavam o sistema, António sempre se manteve *reservado* para com o grupo, a ponto de H. se esforçar para trazer à memória indícios de sua militância. H. recorda que foi precisamente António que o recomendou que lesse *Contribuição para a Crítica da Economia Política*. Alguns posicionamentos exaltados assumidos pelo arquiteto em conversas corriqueiras sobre política funcionam como prenúncio e preparam a atuação heróica de António no final do romance. Encaminhando o desfecho narrativo, a aventura do arquiteto passa a iluminar, em primeiro plano, o momento histórico que antecedeu a Revolução dos Cravos. Embora não seja esmiuçada pela narrativa, a secreta atividade revolucionária assumida pela personagem António possibilita à escrita romanesca desenvolver-se em duas frentes: a da crítica, ao absorver a realidade política vivida em Portugal da década de setenta; e a do sentimento amoroso desencadeado entre H. e M., irmã de António. A história do país se funde, pois, às trajetórias pessoais – do pintor H., do arquiteto António e de M. Com isso, o romance experimenta, em seu final, a consistência que será insistentemente alcançada nos demais romances do autor.

"Queres ir? No fundo, vê se percebes, a questão é esta: quando nós quisermos ir, nós, percebes, isto acaba, não agüenta, não dura um fósforo. Mas é preciso ir, não ficar aqui, no conchego [...]."

ANTÓNIO *(Terra do Pecado)*: Irmão de Manuel Ribeiro, cunhado de Maria Leonor, tem 35 anos, residia na cidade do Porto onde

dicionario Personagens Jose Sar71 71 09.01.12 12:13:54

exercia a medicina, mas não era feliz na profissão. Fizera medicina por imposição do pai. Sentindo necessidade de tirar umas férias, já que se sentia deprimido, escreve a Maria Leonor avisando de sua chegada na quinta. Possui boa aparência demonstrando ser um homem asseado, e cavalga muito bem. Após sua chegada na quinta, surgem várias cenas que revelam a importância do desejo sexual no romance, especificamente o desejo desenfreado de António por sua cunhada Leonor. O narrador o compara a Júpiter, que seduziu Dánae. A sedução se realiza: Leonor e António conversam intimamente a sós no escritório que fora do falecido marido e, numa atmosfera escura e silenciosa, acabam por ter uma relação sexual brutal, sem nenhuma preparação prévia, envolta em muita volúpia. António revela-se um covarde, pois cede às ameaças da criada Benedita e deixa a quinta, abandonando Leonor nas mãos da criada.

"E louvo os deuses por não se ter lembrado de me fazer padre!..."

ANTÓNIO CLARO *(O Homem Duplicado)*: Ator de cinema secundário, quase um figurante que utiliza o nome artístico de Daniel Santa-Clara. Ao fazer um papel secundário de recepcionista de hotel num filme de terceira categoria, é reconhecido por Tertuliano Máximo Afonso como seu sósia. Tertuliano tenta encontrá-lo por seu pseudônimo, mas seu nome verdadeiro é descoberto através de uma carta da produtora. António Claro é casado com Helena, e sua aparência é idêntica em tudo à do seu sósia. A diferença entre eles, além dos trinta e um minutos no horário do nascimento, está na postura diante da vida, na personalidade. António Claro mostra-se mais determinado profissionalmente e as atitudes tomadas por ele são mais diretas em comparação com as de Tertuliano. Mesmo sabendo que é o original, António Claro arma uma vingança contra seu sósia, usando Maria da Paz, amiga/namorada/amante de Tertuliano, descoberta por ele através da investigação que fez a respeito da carta que Tertuliano enviara à produtora. Demonstra ser um mau caráter, frio e calculista, já que, além da vingança de dormir com Maria da Paz, também trai sua esposa Helena.

dicionario Personagens Jose Sar72 72 09.01.12 12:13:55

Na troca das identidades, quando coloca seu plano em ação, revela-se um homem ardiloso, trocando as roupas, documentos e o carro, ameaçando o duplicado de contar toda a verdade a Maria da Paz. Essa inversão de papéis é descoberta por Maria da Paz pela marca da aliança no dedo anelar da mão esquerda de António Claro, na manhã seguinte à noite de amor que os dois tiveram. Na volta para a cidade, o original, que vinha brigando com Maria da Paz, morre em um acidente de carro. Assim, acaba perdendo, além da vida, também sua identidade original, camuflada pelo nome de Tertuliano.

"[...] como não sou capaz de o matar a si, mato-o doutra maneira, fodo-lhe a mulher."

ANTÓNIO GONÇALVES *(Que Farei com este Livro?)*: Trabalha como impressor. Mostra-se justo no seu preço e ainda facilita a forma de pagamento para a impressão de *Os Lusíadas*. É, portanto, um oportunista no bom sentido, pois não usurpou nada, apenas aproveitou a oportunidade de publicar o livro. Ele, antes de tomar a decisão de imprimir o livro, *chamou à consciência* Camões fazendo-lhe várias perguntas.

"É de costume. Não podemos mudar o mundo. Eu não posso. Vossa Mercê traz-me o livro para imprimir, paga-me a minha despesa e o meu ganho, e eu imprimo."

ARCEBISPO DE VALLADOLID *(A Viagem do Elefante)*: Aparece brevemente na história para reforçar o estereótipo mesquinho do clero, destilando inveja diante dos ornamentos utilizados pelo elefante Salomão após este ter sido entregue ao arquiduque Maximiliano.

ARDENT *(A Jangada de Pedra)*: Ardent é um cão de Cerbère que foi expulso do ambiente doméstico depois do episódio em que os cães desse local, após um histórico de nunca terem latido, passaram a ladrar. Graças a ouvidos apuradíssimos, ouve o estalar da grande laje nos Montes Alberes e, tendo encontrado a primeira grande rachadura, some temporariamente da narrativa. Reaparece entre árvores, na cena em que Joana Carda busca mostrar a

dicionario Personagens Jose Sar73 73 09.01.12 12:13:55

Pedro Orce, Joaquim Sassa e José Anaiço o risco feito no chão com a vara de negrilho. Ele impede Joana de se separar dos outros e, assim, os quatro viajantes se põem na estrada com o cão, que os guia até a casa de Maria Guavaira. Durante toda a viagem, ele se mostra um cão manso e quieto, às vezes até protetor, e muito próximo de Pedro Orce. Em determinado momento, após uma conversa sobre as origens do nome de Maria Guavaira, as personagens principais decidem que nome dar ao cão. Essa discussão não tinha sentido, segundo Joaquim Sassa, porque sendo o único cão a acompanhá-los, ele atenderia por qualquer nome. Pedro Orce sugere Fiel ou Piloto, Joana Carda propõe Fronteiro ou Combatente, Maria Guavaira sugere Anjo-da-Guarda e José Anaiço, buscando conciliar todos esses nomes, sugere Constante. Quando Pedro Orce morre, o cão Ardent/Constante se aproxima e uiva. Tenta raspar posteriormente a sepultura com as unhas. Na cena em que os personagens vão partir, chamam o cão, que fica ao lado da sepultura e depois desaparece e ninguém nunca mais o vê. Cipriano Algor, personagem de *A Caverna,* em diálogo com Isaura Madruga, afirma que já teve um cão também chamado Constante. O cão das lágrimas de *Ensaio sobre a Cegueira* só é nomeado em *Ensaio sobre a Lucidez*, no qual a mulher do médico afirma ao comissário que aquele se chama Constante. No final de *Ensaio sobre a Lucidez,* o cão é assassinado juntamente com a mulher do médico. Parece que o autor faz uma brincadeira com o nome dos cães e todos acabam sendo um só.

AROLDO DE AARSCHOT *(História do Cerco de Lisboa)*: Personagem secundária que comandava os guerreiros vindos de diversas partes do império germânico.

ARQUELAU *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Filho de Herodes, governou a Judéia, Samaria e Iduméia.

ARQUIDUQUE MAXIMILIANO DE ÁUSTRIA *(A Viagem do Elefante)*: Arquiduque de Áustria, Maximiliano é primo da esposa de Dom João III, Dona Catarina de Áustria, e regente da Espanha. Inicialmente encontra-se morando em Valladolid, no território espanhol, em companhia da

dicionario Personagens Jose Sar74 74 09.01.12 12:13:55

esposa, a arquiduquesa Maria. É ele o destinatário do elefante, que lhe é oferecido como presente de casamento. Ao conhecer o cornaca, o arquiduque muda-lhe o nome de Subhro para Fritz, alegando ser mais fácil de lembrar. O nome do elefante já havia sido mudado pelo secretário do rei D. João III - Pêro de Alcáçova Carneiro, antes mesmo de ter sido recebido pelo arquiduque, passando de Salomão para Solimão. O arquiduque de Áustria é figura oposta ao rei de Portugal: é mais pragmático, contestador do cristianismo, generoso, e até mesmo mais belo que o rei.

ARQUIDUQUESA *(A Viagem do Elefante)*: Maria de Espanha, filha do imperador Carlos V (Carlos de Habsburgo, Imperador do Sacro Império Romano) e esposa do arquiduque Maximiliano, com quem teve dezesseis filhos, dez homens e seis mulheres.

AUTOR *(História do Cerco de Lisboa)*: Aparece no primeiro capítulo do romance em interessante diálogo com o revisor Raimundo Silva, que se mostra mais perspicaz que o próprio autor. Para o autor, os revisores funcionam como anjo da guarda dos escritores e todo autor deve exibir ares de modesto. Segundo Raimundo Silva, o autor que é historiador é um homem prático, moderno, dotado de um fino senso de humor. Já na opinião do autor, Raimundo Silva nasceu para ser filósofo ou historiador, pois apresenta uma amargura cética. O autor escreve um livro sobre a *História do Cerco de Lisboa*, revisado por Raimundo Silva que vai colocar um *não* no texto do historiador; e é a partir desse fato que o romance se desenvolverá. Discute com o revisor sobre o que é literatura, história, pintura, música.

"Os autores emendam sempre, somos os eternos insatisfeitos."

AZAEL *(Caim)*: Querubim encarregado de vigiar as portas do éden, com claro intuito de impedir o retorno de adão e eva que foram expulsos de lá. Sua arma é uma espada de fogo que, aos olhos de eva, possui um brilho maligno. Depois de um debate, concorda em dar algumas frutas à faminta

dicionario Personagens Jose Sar75 75 09.01.12 12:13:55

eva, mas esta, em troca, deveria guardar segredo do fato. Ao ver o seio descoberto de eva, toca-o, e a espada irradia um lampejo de luz. Na segunda visita de eva, agora acompanhada de adão, azael informa aos dois que foram uma experiência de deus e os incentiva a ingressarem em alguma caravana para assim poderem ganhar a vida. É alvo dos ciúmes de adão, e lembrança constante na conversa dos dois.

"Já deveis saber que os desígnios do senhor são inescrutáveis [...]".

dicionario Personagens Jose Sar76 76 09.01.12 12:13:56

B

BALTASAR MATEUS OU SETE-SÓIS *(Memorial do Convento)*: Nasceu em Mafra. Homem de grande vigor físico, com desparelhadas vestes, descalço, mas ainda assim com o mesmo ar de quando era soldado. Teve sua carreira no exército terminada quando lhe arrancaram a mão esquerda na guerra. Usa duas próteses na mão amputada: o gancho e o espigão, e não tem vergonha de sua deficiência, uma vez que tanto ele como a sociedade assimilam esse aleijamento. É um ser anormal, esteticamente defeituoso e mutilado, fazendo parte das personagens criadas pelo autor que se enquadram na categoria do séquito dos disformes; mas não integra o cortejo de lázaros e quasímodos que trabalham em Mafra. Pertence, pois, à galeria de personagens diferentes, especiais, um aleijado que é um dos protagonistas do romance. Depois que teve a mão amputada, passou a ser pedinte em Lisboa. Baltasar aprendeu que não lhe davam esmola quando estava com o gancho e, principalmente, com o espigão, por isso os leva no alforge para assim garantir sua renda. As duas palavras-chave de sua vida são trabalho e guerra. O povo passa fome e Baltasar pede esmola contando a sua trágica história para sobreviver. Sonha com a vitória dos portugueses e que ele é um dos heróis de guerra que vem na frente segurando a mão cortada com a outra mão. Sente-se aliviado, apesar da amputação, por estar vivo e livre da guerra. Baltasar promete um coração de cera para São Bento e pede que lhe traga uma inglesa loura, de olhos verdes, alta e delgada. Encontra-se com Blimunda e com o padre Bartolomeu Lourenço durante um auto de fé da Inquisição, formando uma espécie de trindade terrena. Ele pensa na mão tanto como uma ferramenta que não pode mais ser usada, quanto como um órgão estimado, parte da qual sente falta para aparar a própria cabeça enquanto dorme ou para poder tocar sua esposa. De vez em quando sente sua mão como se ela ali estivesse. É um homem *ignorante* nas ciências e no estudo e, sem mão, sente uma insatisfação física que não pode ser compensada pelos seus dotes mentais, mas que é apaziguada quando é convidado pelo padre Bartolomeu para participar como artesão da construção da Passarola. Empenha-se muito na construção da máquina e, depois de voarem e caírem, continua a

dicionario Personagens Jose Sar79 79 09.01.12 12:13:56

vistoriá-la, fazendo reparos, na esperança de que um dia ela voltasse aos céus. Parece que o vôo dá a Baltasar a possibilidade de ser inteiro novamente. No entanto, possui um pensamento muito prático. Duvida da existência de tudo aquilo que está fora do mundo físico. A princípio não crê no fato de Blimunda e sua mãe terem se falado em pensamento e na possibilidade do homem voar**,** mas diz que Blimunda deitou um encanto nele e que o olhou por dentro – o que não é verdade. Representa a força física, o trabalho braçal necessário para a construção da Passarola. Após descobrir acidentalmente as esferas da máquina de voar – a Passarola – ele alça vôo e nunca mais é visto. Blimunda procura Baltasar por nove anos e o encontra ardendo na fogueira da Inquisição. Blimunda encontra a vontade, a nuvem fechada no centro do corpo de Baltasar. Blimunda chama a vontade dele e ela se desprende de Baltasar e não sobe aos céus, mas vai para Blimunda, pois a ela pertencia. Baltasar Sete-Sóis pode ser considerado psicologicamente alienado para os padrões da época.

"[...] um homem precisa fazer a sua provisão de sonhos."

BALTAZAR *(A Noite)*: É fotógrafo e atua mais ligado a Pinto, redator desportivo. Apenas com duas falas insignificantes na peça, não apresenta nenhuma atuação marcante na trama.

BARTOLOMEU *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Um dos doze discípulos de Jesus, que se converte logo após o milagre da transformação dos pássaros de barro em pássaros verdadeiros. Segundo o sangrento dicionário de mortes elaborado por Deus, será esfolado vivo.

BARTOLOMEU LOURENÇO GUSMÃO *(Memorial do Convento)*: Um pouco mais baixo que Baltasar, parece mais novo, mas tem a mesma idade que ele. Nasceu no Brasil e ainda novo foi para Portugal. Estudou muito, sabendo de cor Virgílio, Horácio, Ovídio, Quinto Cúrcio, Suetónio, Mecenas e Sêneca. Conhecedor de Filosofia, defende os pontos mais intricados e complicados da mesma. É versado nas Sagradas Escrituras, tanto no

dicionario Personagens Jose Sar80 80 09.01.12 12:13:57

Velho Testamento como do Novo Testamento. Bartolomeu, assim descrito, é um prodígio, um sábio nas artes poéticas e filosóficas. Além disso, é também um cientista conhecedor de geometria e de alquimia. É um padre que possui pensamentos heréticos e afirma que Deus é maneta da mão esquerda. Vive atormentado por dúvidas, não crê em verdades absolutas e revela-se um cético. Ele é o intelectual, o idealizador da Passarola, que é seu sonho e seu desejo, e por esse sonho pretende lutar por toda vida, mesmo que seja ridicularizado pela sociedade. Apesar das piadas, ele não deixa de acreditar na capacidade do homem em voar. Por querer voar, conheceu a mãe de Blimunda, dotada de poderes sobrenaturais. D. João V o distingue com estima e proteção ofertando a quinta do duque de Aveiro para realizar seus experimentos. Vive o dilema de querer voar e o impasse de não conseguir fazer tudo sozinho. Utiliza-se da força de Baltasar, da magia de Blimunda e da arte de Domênico Scarlatti para realizar esse sonho. É dúbio com relação à religiosidade. Crê em alguns preceitos religiosos e ignora outros.

"[...] só eu digo que Deus não tem a mão esquerda, porque é à sua direita, à sua mão direita, que se sentam os eleitos, não se fala nunca da mão esquerda de Deus [...] à esquerda de Deus não se senta ninguém, é o vazio, o nada, a ausência, portanto Deus é maneta."

BENEDITA *(Terra do Pecado)*: Criada de Maria Leonor, a acompanha desde a infância, seguindo com a ama depois do casamento desta. No início do romance ela tem 42 anos, mas suas mãos são como as de uma velha. Ela tem profundas rugas que descem da asa do nariz ao canto da boca, caída e murcha, e veste-se de preto. Em sua face, uma fisionomia severa denuncia o amargor e a rabugice da criada. Possui um ar conventual, fala sempre com voz baixa, é astuciosa, religiosa, adora fazer insinuações, anda com cautela e é recatada nas palavras, exceto com Leonor a quem manipula como um boneco. Possui um olfato refinado para o cheiro de sexo, consegue senti-lo no ar e tem um olhar descrito como inquieto e perfurante. Solteira, ela sentia vontade de ter tido um marido, invejava a sorte da ama e até

dicionario Personagens Jose Sar81 81 09.01.12 12:13:57

do marido de Leonor, por quem sentia uma adoração e um desejo sexual reprimido. Empregada zelosa, ela toma conta de todos na casa: reza pelo patrão, vela o sono das crianças, toma conta da ama como uma mãe zelosa e muitas vezes cruel. Porém todo esse zelo torna-se quase doentio quando a pureza de Leonor está ameaçada. Manter a honra da patroa, a quem considerava perversa e cheia de ignomínia, vira uma verdadeira obsessão para Benedita. O sentimento de adoração transforma-se em ódio à medida que a sexualidade de Leonor se evidencia e a torna descontrolada a ponto de bater nos filhos. Dona de uma crença religiosa inabalável, a criada vê na religião a explicação e as leis para tudo. E ela é capaz de qualquer coisa para garantir o cumprimento dessas leis, por isso irá se intrometer na vida de Leonor sempre que perceber que a ama está se afastando dos caminhos traçados pela religião. Quando Leonor começa a dedicar-se intensamente aos trabalhos na quinta e deixa de freqüentar a missa, Benedita interfere pedindo ao padre Cristiano que vá até lá cobrar a presença da viúva na igreja. Mais tarde, ao perceber o erotismo de Leonor, passa a vigiá-la e controlá-la desafiadoramente para evitar o pecado, em nome da moral. Benedita é uma mulher alienada e subjugada pela religião, completamente inconsciente disso. Sua função no romance é de guardiã da moral e dos bons costumes na quinta, farejando o pecado nas roupas da ama, vasculhando sua consciência, impiedosamente, travando com Leonor uma luta quase silenciosa. Quando pressente, mesmo que inconscientemente, o pecado ao qual se entregará Leonor, a puritana Benedita começa a odiar a até então adorada ama, além de tratar com rispidez António e o Dr. Viegas, com os quais nunca chegou a simpatizar. Essa indisposição mais subjetiva torna-se real à medida que o ato sexual se concretiza, confirmando suas suspeitas. Benedita flagra Leonor primeiro com o cunhado, e depois com o médico. Após efetivado o ato, nas duas vezes em que isso ocorre, arranca a confissão dos olhos da patroa, do cenário e dos odores que inundam o ambiente. Revela-se implacável, engenhosa e até mesmo cruel quando se trata de defender os preceitos morais do catolicismo, mesmo que para isso tenha que mentir, ameaçar, torturar e, até

dicionario Personagens Jose Sar82 82 09.01.12 12:13:57

mesmo, quem sabe matar. Seus esforços para preservar a pureza de Maria Leonor não terão limites. Quando a viúva entrega-se ao cunhado, Benedita o expulsa da quinta, espalhando a mentira de que ele viera exigir metade da propriedade que fora de seu irmão, deixando a todos perplexos com tal acontecimento. Já ao que parece, o que a obcecada reserva ao Dr. Viegas é ainda pior. No fim do romance, depois de o médico e Leonor manterem uma relação sexual, ele morre em um estranho acidente de carroça no caminho de casa.

"E Deus não a matou, não lhe caiu um raio em cima, que os despedaçasse, quando se espojavam aí como dois cães."

BENTO SIMÕES *(Terra do Pecado)*: Aluno que presta exames escolares junto com o filho de Leonor e Dionísio. Moreno de grandes cabelos negros pendendo na testa.

BERNARDO *(A Segunda Vida de Francisco de Assis)*: Membro do conselho geral da companhia na qual a ordem franciscana primitiva se transformou. Sempre se mantém fiel à empresa e permanece aliado às idéias de Elias, sendo, portanto, contrário a Francisco. Nas duas votações às quais Francisco é submetido para continuar ou não na companhia, Bernardo posiciona-se contra o fundador de sua ordem.

BERNDT KNIPPERDOLLINCK *(In Nomine Dei)*: Chefe da oposição anticlerical em Münster. É um anabaptista que atua durante toda a trama. Juntamente com Rothmann, lidera as primeiras ações visando a Reforma. Demonstra ser um fanático por seus ideais. Apesar de iniciar o livro liderando o movimento, posteriormente perde espaço para Jan Matthys e Jan Van Leiden, líderes vindo de fora. No final do livro, não abjura de sua causa e termina preso.

"Não desperdicemos em bailes a força de que precisamos para a guerra."

BERNDT ROTHMANN *(In Nomine Dei)*: É um anabaptista que inicia o livro pregando seus ideais junto com

dicionario Personagens Jose Sar83 83 09.01.12 12:13:58

Knipperdollinck. De todos, parece ser o mais ideológico e justo – se é que se pode dizer isso de um fanático como ele. Apesar de ser um pregador veemente, não demonstra estar imbuído de tanta ambição. Permanece ligado ao movimento durante todo o livro e morre no final, quando a cidade é invadida.

"Digo que Deus restaurou a faculdade de querer o bem e o mal."

BLIMUNDA DE JESUS OU SETE LUAS *(Memorial do Convento)*: Mulher simples e do povo, portadora de uma sensibilidade aguçada, é madura, paciente, vidente, sensual, sábia, feiticeira, livre, age com naturalidade. É apresentada inicialmente como sendo uma bela moça alta de corpo delgado. É dotada de uma força de espírito descomunal, possui um estranho conhecimento, é inteligente, tem poderes sobrenaturais e uma sabedoria ancestral. Possui uma naturalidade que se contrapõe a seu lado místico. É uma mulher iniciada, pertence à raça das mulheres gerúndicas, espécie de sacerdotisa/pitonisa, um ser diferente, cuja anormalidade se manifesta não pela falta, mas pelo excesso de visão, dotada de um dom tão especial que a limita e a desorienta, e a torna carente pelo excesso de luz. Ela sabe que, por ser diferente, pode ser extirpada da sociedade. É uma personagem fantástica e estranha que pertence à galeria das personagens especiais criadas pelo autor uma vez que possui poderes misteriosos. Seus misteriosos olhos são indefiníveis, ora claros de cinzento, ou verde ou azul e, às vezes, tornam-se negros noturnos ou ainda brancos brilhantes. Esse olhar enigmático, mágico e misterioso reporta-nos à Capitu de *Dom Casmurro* de Machado de Assis. Esse olhar também remete ao olhar sagrado e mítico, uma metáfora do olhar feminino, do olhar de Eva, do olhar de todas as mulheres. Caso não coma nada nos dias em que a lua é nova, pode enxergar o que está no interior das pessoas, vivenciando o mundo de uma maneira ambivalente e possuindo aquilo que poderíamos denominar de iluminação profana. Esse seu estranho mundo lhe possibilita a obtenção da energia/força combustível para fazer voar a Passarola e libertar-se das

dicionario Personagens Jose Sar84 84 09.01.12 12:13:58

pequenezas terrenas, mas também pode abrir o caminho para a morte, se o Santo Ofício descobrir que possui esses poderes. É mulher de Baltasar, mesmo aparentando ser submissa, conduz seu destino e o destino de todos que a cercam. Omissão e submissão, dependência e escravidão não fazem parte do caráter desta mulher-enigma. Ela questiona o papel do ser humano perante o amor, a morte, o pecado e perante Deus. Não aceita os dogmas e os questiona, não aceita nenhuma repressão, tampouco aceita os sacramentos da Igreja, foge de qualquer convenção e paradigma, anuncia novas dimensões e faz inovadoras proposições, sempre subvertendo a ordem estabelecida. Representa na estranha trindade, composta pelo padre Bartolomeu, Baltasar e ela, o Espírito Santo, pela capacidade de ver o que os outros não vêem e pela capacidade de recolher as vontades dos seres humanos na hora da morte. Sua grande importância é expressa quando recebe a missão, por parte do padre Bartolomeu, de reunir as vontades humanas para que estas auxiliem no vôo da Passarola. É, pois, um pilar básico e essencial para o projeto da Passarola. Seus olhos são os olhos do Espírito porque conseguem ver o que vai dentro das pessoas. Evoca uma espécie de sacerdotisa celta e vive, do ponto de vista religioso, sob o signo da transgressão. Para ela a Igreja Católica é signo de castração, uma vez que o poder da Igreja levou sua mãe ao degredo. Quando desaparece Baltasar, ela passa a viver um verdadeiro purgatório atrás do seu homem. Como uma andarilha, peregrina pelo país, passando fome, frio e toda sorte de dificuldades. Quando menciona que procura um homem e uma máquina voadora é tida como louca e visionária. Esse é o seu vôo maior. Sai de Mafra e com olhos de águia procura Baltasar, seu referencial, seu centro. São dois os seus vôos: o primeiro vôo, em busca da liberdade e da libertação, a ousadia do sonho. O segundo vôo, atrás de Baltasar, um mergulho silencioso para dentro de si mesma, palmilhando o território de Portugal, mas também, palmilhando o seu espírito, o seu corpo, a sua verdade. No tempo em que percorre terras portuguesas, sete voltas ela dá, sete como os degraus do purgatório de Dante. Nove anos dura a sua peregrinação, como nove são os círculos do inferno dantesco. Esse é o seu

dicionario Personagens Jose Sar85 85 09.01.12 12:13:58

caminho, o caminho do conhecimento e da redenção. Vive primeiramente a trajetória de Ícaro em sua ânsia de voar e depois a de Cassandra, já que ninguém mais acredita em suas palavras. Chega a ser maltratada e apedrejada por acharem que era louca. Depois indica um veio de água puríssima para a população local e é aclamada como santa. Com seus *olhos excessivos* é considerada os olhos do autor no texto. É ela a última personagem a ter ação no romance, pois é quem vai assistir ao suplício final de Baltasar. Forma – ao lado de Madalena, Maria Sara, Mulher do Médico, Joana Carda e Maria Guavaira – a magnífica galeria representativa de personagens femininas do autor. Numa analogia com o casal adâmico, ela representaria Eva, a parte alquímica e labiríntica do saber sobrenatural. A Passarola tem uma ascensão e depois uma queda, tal como no Gênese. E a Passarola carrega em seu âmago um casal com tonalidades bíblicas.

"Não tenho pecados a confessar [...]."

BOIEIRO *(A Viagem do Elefante)*: Vivia em uma aldeia chamada Mem Martins. É o responsável por conduzir duas juntas de bois, as quais puxam o carro que traz uma dorna de água e os fardos de forragem para o elefante.

BOM LADRÃO *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Está presente na crucifixão. Tem o cabelo todo encaracolado, a face rubicunda, está nu e atado a um tronco de árvore, envolto em um pano que lhe cobre as partes íntimas. É identificado pelo narrador como uma má pessoa, um aproveitador, já que acreditou que um minuto de bondade compensasse uma vida inteira de pecado; ao contrário do Mau Ladrão, que foi um homem mau até o minuto final.

BRUXA DA ALDEIA *(A Viagem do Elefante)*: Mulher da aldeia que faz as vezes de curandeira. Ajuda o cura quando este fica em estado de choque após quase ter sido atacado pelo elefante enquanto tentava exorcizá-lo.

dicionario Personagens Jose Sar86 86 09.01.12 12:13:59

C

CÃES DE CERBÈRE *(A Jangada de Pedra)*: O narrador identifica Médor e Ardent como Cães de Cerbère. O cão Médor, no princípio do romance, é dissecado por veterinários para verificar o porquê de os cães ladraram depois de terem permanecido mudos por tanto tempo.

CAIM *(Caim)*: Primeiro dos três filhos de adão e eva, concebido e criado fora do paraíso. Para alegria dos pais, torna-se agricultor enquanto o irmão se dedica ao pastoreio: assim se cobria por inteiro os dois mais importantes setores da economia da época. É muito amigo do seu irmão, até o momento em que deus aceita com maior alegria o sacrifício de abel e este passa a escarnecer do irmão mais velho. Revoltado e rancoroso, caim premedita e mata abel. Depois do fratricídio, há uma difícil conversa entre deus e caim; conversa esta que se encerra com deus fazendo um sinal na testa de caim para protegê-lo. Nesse instante, sem se despedir dos pais, ele começa a sua peregrinação. Antes de adentrar as terras de nod, encontra um velho com duas cabras e ele caim diz, pela primeira vez, o nome abel como se fosse seu. Em nod, de amassador de barro acaba se tornando porteiro da antecâmara do quarto de lilith, um eufemismo para amante. Antes de ser apresentado à rainha, é lavado e masturbado pelas criadas, conhecendo, dessa forma, o prazer sexual. Torna-se o melhor amante que lilith já teve, a ponto de despertar os ciúmes de noah. Depois do fracasso de um atentado contra sua vida, caim decide retornar à vida de errante. Acaba se tornando testemunha-participante de vários episódios do antigo testamento, pois, sem entender o porquê, faz viagens no tempo e em grandes dimensões de espaço. Impede que abraão degole isaac, conversa com um pedreiro em babel, hospeda-se na tenda de abraão quando é anunciada a vinda de isaac, vê sodoma e gomorra serem destruídas e lot e suas filhas fugirem da cidade (não é testemunha dos acontecimentos entre lot e suas filhas no deserto, nem mesmo da conversa entre josué e deus, mas tecerá comentários a respeito de ambos os casos), vê a distribuição dos despojos dos medianitas, a destruição de jericó, o destino de acan, a destruição da cidade de ai. Após ver a conquista e destruição de várias outras cidades, visita novamente lilith e, então,

dicionario Personagens Jose Sar89 89 09.01.12 12:13:59

conhece seu filho com ela: enoch. Retoma suas viagens, torna-se servo de job e trabalha na construção da arca de noé. Durante o dilúvio, mata todos dentro da arca como uma última afronta a deus, selando assim seu próprio destino: vagar só pelo mundo até se tornar um cadáver insepulto.

"É simples, matei abel porque não podia matar-te a ti, pela intenção estás morto."

CÃO DAS LÁGRIMAS *(Ensaio sobre a Cegueira)*: Um cão, talvez um vira-lata. Este cão parece ter como função enxugar lágrimas de sofredores, num processo de antropomorfização. Ele se habituou, desde pequeno, a enxugar lágrimas, mas nem por isso espera ser servido como forma de agradecimento. Não é um animal para ficar à espera de que o alimentem. Assemelha-se a um ser humano frio e calculista nas coisas práticas do dia-a-dia, porém se torna meigo e sempre sabe quando necessitam dele. Foi ele a quem a mulher do médico recorreu duas vezes, abraçando-o quando se sentiu perdida, solitária e desesperada. Depois que enxugou as lágrimas dessa mulher pela primeira vez, se sentiu no dever de segui-la porque nunca se sabe se terá que enxugar outras lágrimas. Este cão reaparece em *Ensaio sobre a Lucidez*, no qual a mulher do médico afirma ao comissário que ele se chama Constante. No final de *Ensaio sobre a Lucidez* é assassinado juntamente com a mulher do médico.

CAPITÃO DO PORTO *(A Ilha Desconhecida)*: Homem do mar, objetivo, decidido, prático, inquisidor, desconfiado, racionalista, experiente, por vezes irônico, mas prudente. No conto, serve como conselheiro, lembrando o *homem do barco* sobre os perigos de se navegar sem experiência. Era entendido no seu ofício, no seu trabalho de capitão do mar, profundo conhecedor dos barcos e das suas funções. Está convencido de que sabia tudo sobre ilhas e sobre navegação. Por ser um conhecedor do mar, tenta abalar a decisão do homem do barco de sair em busca da ilha desconhecida. Ciente de sua importância como navegador do reino, afirma ao homem do barco que o rei aprendeu tudo que sabe com ele. Diante do embate com o

dicionario Personagens Jose Sar90 90 09.01.12 12:14:00

homem do barco sobre a existência da ilha desconhecida, vê quebrar as linhas de força da arquitetura social entre ambos e recua em suas questões, cedendo às convicções do primeiro.

"[...] já não há ilhas desconhecidas."

CARDEAL *(As Intermitências da Morte)*: Demonstrando grande influência dentro do governo, o cardeal aparece no livro logo após o pronunciamento oficial sobre a especial situação da morte no país. Criticando o primeiro-ministro pela declaração, o cardeal representa, por si só, a igreja, e dá lições ao primeiro-ministro sobre como agir em situações-problema. Mostra-se hábil, feroz e extremamente sagaz dentro do jogo político que envolve a relação entre governo, membros da monarquia e igreja, criticando, também, a reação do rei à referida declaração. Aparece, ainda, preocupado com o futuro da igreja enquanto instituição religiosa, pois:

"Eminência, perdoe-me, temo não compreender aonde quer chegar, Sem morte, ouça-me bem, senhor primeiro-ministro, sem morte não há ressurreição, e sem ressurreição não há igreja, Ó diabo, Não percebi o que acaba de dizer, repita, por favor."

CARDEAL D. HENRIQUE *(Que Farei com este Livro?)*: Cardeal-infante e inquisitor-mor, tio de D. Sebastião. Educou el-rei. O cardeal, já no segundo quadro do primeiro ato, tipifica as posições da Igreja e do Reino, já que é o representante da Igreja junto à corte. Preocupa-se com as influências das pessoas próximas a el-rei. Queixa-se por não ser ouvido e preocupa-se com os destinos de Portugal e sua aproximação com Castela. Faz o típico interesseiro, preocupado só com o seu ganha pão, e dirige el-rei como bem lhe apraz.

"Eduquei-o para que escutasse o conselho dos de maior experiência e idade, não para se rodear de insensatos que o distraem da governança e o incitam a aventuras de conquista que nenhum bem trarão a Portugal."

dicionario Personagens Jose Sar91 91 09.01.12 12:14:00

CARDOSO *(A Noite)*: É o redator da cidade. Personagem secundária, não opina politicamente, porém gosta de uma piada. Nas raras vezes em que se manifesta, é para rir ou fazer rir, quando, por exemplo, o chefe da redação estranha que o contínuo ainda não tenha voltado do exame prévio – leia-se, censura.

CARLOS *(Terra do Pecado)*: Só se mostra através de uma carta ao irmão, Dr. Viegas, na qual se declara ateu. Revela-se bem disposto a hospedar o menino Dionísio em sua casa, em Lisboa, para que este estude no liceu. Como pai, é bastante acessível e liberal, deixando que o filho João tome a decisão de terem ou não um pensionista, já que é principalmente ao filho que tal decisão afetará.

CARLOS PINTO *(Terra do Pecado)*: Aluno que presta exames escolares no mesmo dia que Dionísio, filho de Leonor. Era um dos rapazes da família dos barqueiros.

CARMO *(Manual de Pintura e Caligrafia)*: Editor viúvo que detém a primazia de ser o mais velho do grupo social ao qual pertence H. e Adelina. Apesar das atitudes moralistas que assume – não aprova as exibições *amorosas* de Ana e Francisco –, suspira ardentemente pela decoradora Sandra. A submissão ao objeto de conquista subverte o machismo que lhe é peculiar e fortalece a posição feminina que passa de *sexo frágil* ao comando da relação. A relação Carmo/Sandra espelha o contexto social do período (década de setenta), marcado pela ascensão do feminismo que promove o jogo de poder no cenário das conquistas amorosas. Através dessas personagens, Saramago mostra como a geração amadurecida e intelectualizada da década de setenta trabalha o impacto das propostas do *amor livre* preconizadas pelos *hippies* de sessenta. Pertencente a um grupo no qual as aparências prevalecem sobre as essências, exposto à volubilidade de Sandra que divide as atenções com os outros homens do grupo, e deixando-se conduzir pelas regras de conquista que privilegiam a performance masculina, Carmo se apresenta como uma personagem em conflito ao sucumbir às vontades da moça. Propõe-se a editar os escritos de H., pois isso o promove perante

dicionario Personagens Jose Sar92 92 09.01.12 12:14:00

a decoradora. A atuação da personagem Carmo ganha funcionalidade no romance, uma vez que a possibilidade de edição do livro do pintor provoca transformação na forma de expressão escrita. Enquanto se dedica à escrita dos exercícios de autobiografia, H. se isola do grupo sem, contudo, deixar de acompanhar a trajetória de Carmo, que viaja com Sandra para o Algarve ou Espanha. Carmo retorna ao cenário narrativo quando H. está totalmente envolvido pelo ato da escrita da própria *pré-história*. O editor adentra ao cenário narrativo, para nele completar a sua trajetória de amante abandonado e inconformado. Embora H. se mostre penalizado, a visita do editor provoca uma reação de enfado no pintor. O encontro dramático entre Carmo e H. passa pelo registro do final do romance e do lacrimejante destino, e pelo pedido de ajuda, tendo um fundo musical que amaldiçoa todas as filhas de Eva. A postura realista de H. provoca alteração na atitude rastejante do editor, que recupera a serenidade para anunciar formalmente, com clara intenção de revanche, a inconveniência da edição do livro do pintor. Mais uma vez funcional, a ação da personagem Carmo contribui para uma mudança de direção dos caminhos artísticos traçados por H., que agora se confirmam não como *simples itinerários turísticos*, mas como os de busca da compreensão do mundo.

"A ocasião não é boa para livros desse gênero."

CAROLINA *(O Homem Duplicado)*: Mãe de Tertuliano, o qual a vê, embora nunca confesse, como uma pesada carga. Ela funciona como um porto seguro para seu filho. Vive numa outra cidade, sempre à espera de uma visita ou de um telefonema do filho. É uma assídua e fervorosa leitora de romances, uma senhora discreta que respeita a vida do filho. Mesmo distante de Tertuliano, mostra-se uma mãe dedicada e preocupada com a felicidade dele; e é a partir de algumas observações que ela faz a respeito de Maria da Paz que seu filho começa a enxergar a amante de outra maneira. Tertuliano hesita em contar para a mãe sobre a existência do seu sósia, António Claro. Somente depois de algum tempo vivendo nessa angústia é que ele revela parcialmente para Carolina o

dicionario Personagens Jose Sar93 93 09.01.12 12:14:01

que está acontecendo. Quase que num tom de profecia e sem imaginar a complexidade da estória do sósia, ela faz seu filho prometer que não se encontraria mais com António Claro. O filho responde que ela fala como Cassandra, que tentara alertar em vão os troianos de que Tróia seria destruída. Após o acidente com o falso Tertuliano – António Claro, usurpara a identidade do filho de Carolina e morreu juntamente com Maria da Paz, a noiva/amante/amiga de Tertuliano – o verdadeiro Tertuliano telefona para sua mãe e avisa que está vivo. Carolina, então, apóia o filho Tertuliano na decisão de viver como António Claro, confirmando assim o que dissera a ele:

"Nem que me trouxessem aqui dez iguais a ti, vestidos da mesma maneira, e tu metido no meio deles, para o meu filho é que apontaria logo, o instinto materno não se engana."

CATARINA DE ÁUSTRIA *(Que Farei com este Livro?)*: Teve nove filhos, todos portugueses. Avó de D. Sebastião, viúva de D. João III, vive preocupada com os destinos de Portugal. Castelhana de origem, ela arquiteta aproximar Portugal de Castela. Estava interessada em casar o neto. Nas conversas que tem, procura manter a hierarquia, e deixa muitas possibilidades de interpretação nas entrelinhas do que fala. Ela é muito matreira: não revela tudo e, no caso de se sentir traída, apela para a sua *ingenuidade*. Demonstra querer o melhor para Portugal.

"Não depende de mim nem de vós o destino do reino. Há em Portugal um rei."

CATARINO *(Terra do Pecado)*: Aluno que presta exames escolares no mesmo dia que Dionísio, filho de Leonor. Era um enjeitado, órfão que trabalhava na casa de Faustino por caridade deste.

CAVALEIRO HENRIQUE *(História do Cerco de Lisboa)*: Personagem do autor Raimundo Silva, era um cruzado alemão admirado pelo rei e pelos soldados que estavam subordinados ao seu comando. Era um bom homem e

dicionario Personagens Jose Sar94 94 09.01.12 12:14:01

vivia com Ouroana, personagem fictícia da *outra* história, sua concubina. Apesar de tê-la trazido à força, tratava-a bem. Teve a brilhante idéia de construir uma torre para avançar sobre as muralhas do castelo e invadir o cerco mouro a Lisboa facilitando, assim, o ataque dos portugueses. Um problema na base da torre, devido ao acidentado terreno sob a mesma, fez com que esta quase ruísse. O cavaleiro Henrique não mediu esforços para remediar o problema, mas foi ferido mortalmente por uma chuva de flechas incendiadas atiradas pelos mouros. Morto em combate, teve um funeral com honras – conforme as condições precárias da guerra permitiam – como cabia a seu posto. Nessa parte da ficção criada por Raimundo Silva, o fantástico é acrescentado à narrativa, ou seja, o espírito do cavaleiro Henrique aparece para Frei Rogeiro, solicitando que o corpo de seu fiel escudeiro fosse sepultado junto do seu, mas o Frei, achando tratar-se de sonho, voltou a dormir. Porém, a alma do cavaleiro não sossegou enquanto o padre não executou a tarefa por ele encomendada. O Frei passou um bom trabalho para dar conta da empresa. Quando se lembra que o espírito ou alma penada do cavaleiro não voltou para agradecê-lo, milagrosamente aparece uma palma na cabeceira de Frei Rogeiro, semelhante à palma que os romeiros de Jerusalém carregariam nas mãos, três séculos depois. Acontece que as folhas da palma curaram muitos doentes e aliviaram muitas dores, espalhando-se os milagres pelo acampamento. O cavaleiro Henrique ainda apareceu em sonho para dois surdos-mudos na figura de um romeiro, trazendo nas mãos ramos de palma. Os dois surdos-mudos acreditaram no poder de seus milagres e pernoitaram sobre sua sepultura. Quando os dois acordaram já podiam falar, mas estavam gagos e mal se entendia o que diziam. Persistiram então na penitência, mas foi em vão, porque permaneceram gagos.

"Levanta-te e vai àquele lugar onde os portugueses enterraram o meu escudeiro, afastado de mim, e toma o corpo dele e traze-o e enterra-o aqui junto comigo, a par desta minha sepultura."

CEGO DA CONTABILIDADE *(Ensaio sobre a Cegueira)*: O único cego que já era cego de verdade. Lia braile e por isso

dicionario Personagens Jose Sar95 95 09.01.12 12:14:01

tornou-se contabilista do grupo dos malvados, unindo-se a eles para não passar fome. Depois que o chefe dos malvados foi assassinado, tomou a postura de líder.

"Mas eu não sou cego como ele, como vocês, quando vocês cegaram já eu conhecia tudo do mundo."

CEMITÉRIO GERAL *(Todos os Nomes)*: A estrutura que organiza o trabalho do Cemitério Geral é tão estratificada quanto a da Conservatória Geral. No alto da pirâmide está o curador e na base estão os guias ou, pelo nome que não consta nos seus registros de trabalho, coveiros. É um labirinto, e difere do labirinto que é a Conservatória Geral pela falta de paredes. Um antigo curador mandara derrubar os muros e não reerguer outros, o que retirou a delimitação física entre o mundo dos vivos e dos mortos (antecipando o que também ocorreria na Conservatória). Devido aos percursos da natureza humana, está sempre em expansão, disputando espaço com os vivos. Há táxis e outros veículos que transitam no seu interior para vencer as distâncias. O escritório apresenta tecnologias que a Conservatória não tem, como a máquina, com milhões de cores, que fornece mapas da localização de tumbas. No que concerne às informações, o Cemitério Geral é mais sucinto que a Conservatória Geral, pois apenas carrega o nome dos finados em suas lápides. Não há informações precisas sobre a divisão dos terrenos em lotes que separam ricos e pobres, homens e mulheres. Há a menção sobre a *ala dos suicidas*, onde repousam os restos mortais da mulher desconhecida, em alguma das várias covas que ali se encontram.

"Está morta, já não posso fazer mais nada, contra a morte não se pode fazer nada."

CENTRO *(A Caverna)*: A caverna pós-modernidade, onde todos querem morar. O Centro, como um deus tirânico e onisciente, age como um tribunal que decide tudo sobre a vida das pessoas: de quem as mercadorias devem ser compradas, o que as pessoas devem comprar e do que devem gostar. Tudo nele é artificial: neve, chuva, luz, dia e noite, até mesmo as pessoas – a verdadeira ilha da

dicionario Personagens Jose Sar96 96 09.01.12 12:14:02

fantasia. As pessoas não precisam sair dali para nada, a tal ponto que passam a viver no Centro porque ele oferece tudo que um ser humano precisa, sem correr risco algum. É uma ilha da tecnologia moderna, um paraíso cibernético com câmaras de vídeo como se fosse um monstruoso *Big Brother*, transformando-se numa gruta artificial povoada por seres que não pertencem mais a este mundo, nada mais que simulacros e sombras. Possui diversos cartazes e letreiros espalhados. Ele funciona como uma espécie de útero às avessas, para onde todos querem voltar, a uma posição fetal de aconchego e proteção. Na filosofia grega, a noção de caverna aparece como metáfora do mundo material; a imagem platônica concebe a humanidade acorrentada numa caverna a ver ilusões. Poderíamos ainda pensar no Centro como uma espécie de Labirinto do Minotauro. Mas ao contrário daquele, deste labirinto formado pelas dezenas de andares, ninguém quer sair, querem permanecer presos numa realidade virtual, enganosa, porém, sem perigo. Tendo em vista que o diálogo proposto no romance é com a Alegoria da Caverna, d'*A República* de Platão, vale a pena pensarmos neste Centro como uma personagem que, em muito, lembra os *shopping centers* da era atual: não há janelas, não há sujeição aos efeitos da natureza, mas ao mesmo tempo pode forjar todas essas particularidades do mundo real. Neles se tem a impressão de estarmos sempre seguros e de tudo podermos. É o próprio simulacro, sugerido por Baudrillard, é o próprio Matrix. Na primeira vez que Cipriano Algor visita o interior deste imenso Shopping Center, andando de elevador, fica extasiado com a sua dimensão, movimentação e diversidade. O Centro possui 48 andares e resume em si a história da humanidade e simulacros de todos os grandes feitos e obras dos homens. As atrações e variedades do Centro são tantas que uma pessoa com oitenta anos de vida ociosa não conseguiria desfrutar com proveito tudo o que é oferecido. O catálogo oficial do Centro possui cinqüenta e cinco volumes com mil e quinhentas páginas cada um. Tal qual o inferno de Dante, o Centro está em constante expansão. Suas janelas não abrem para o exterior, mas não se sabe se é para evitar concorrência com a paisagem ou para evitar suicídios. De qualquer forma, é possível criar qualquer

dicionario Personagens Jose Sar97 97 09.01.12 12:14:02

clima que se deseje. A preocupação com os cemitérios, com o que fazer com os mortos, sempre teve destaque na obra do Saramago; as cidades passam a perder espaço para as necrópoles, habitadas pelos mortos. Contudo, o Centro, apesar de ter um caráter de museu vivo, não pode ter espaço desperdiçado com algo tão insignificante como lápides; a não ser que sejam túmulos com um potencial comercial – de alguém famoso ou, como ocorreu, de uma réplica da alegoria da caverna, de Platão. Os mortos do Centro são cremados, sua existência se transforma em fumaça, expelida por uma chaminé dentre tantas outras. A descoberta da gruta localizada nas profundezas do Centro está envolta no mais absoluto sigilo. Os dirigentes do Centro temiam o que aquela visão poderia provocar nos seus moradores.

"BREVEMENTE, ABERTURA AO PÚBLICO DA CAVERNA DE PLATÃO, ATRACÇÃO EXCLUSIVA, ÚNICA DO MUNDO, COMPRE JÁ A SUA ENTRADA."

CÉSAR AUGUSTO *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Imperador Romano na época do nascimento de Jesus que decretou o recenseamento, o que forçou a família de Jesus a deslocar-se de Nazaré até Belém.

CHEFE DA REDACÇÃO *(Ensaio Sobre a Lucidez)*: Recebe a visita do comissário, que lhe entrega uma carta denunciando toda a farsa para incriminar a mulher do médico. Fica transtornado ao ler a carta, mas não tem coragem de publicá-la sem a autorização do director do jornal.

CHEFE DE DEPARTAMENTO DE COMPRAS *(A Caverna)*: Chefe dos responsáveis por efetuar as compras para o Centro. É diretamente com ele que Cipriano Algor negocia a encomenda de estatuetas na tentativa de salvar a sua olaria. Durante essa negociação, inicia-se um jogo verbal *de gato e rato*, de perguntas e respostas, no qual as hierarquias são sempre lembradas e reiteradas. Sua maior característica, para não dizer necessidade, é o espírito prático, a capacidade de tomar as melhores decisões o mais rápido possível, afinal, também é um funcionário. Em sua relação com Cipriano, revela-se

dicionario Personagens Jose Sar98 98 09.01.12 12:14:02

honesto e ético. Ele joga corretamente as regras do jogo, representando o capitalismo, no qual quem vence são os melhores enquanto os outros ficam à míngua. Possui uma visão objetiva e clara acerca da engrenagem da máquina industrial – se as pessoas não acompanham o ritmo dessa engrenagem, simplesmente são substituídas por outras e marginalizadas –, nos lembrando o filme *Tempos Modernos* de Chaplin. Exatamente por representar os interesses do Centro no romance é que este personagem se caracteriza como o grande representante da frieza e hipocrisia cabíveis ao capitalismo latente e denunciado no livro. Para o chefe de departamento de compras, o Centro é um imenso tribunal. A partir dessa afirmação, podemos deduzir que o juiz seria o consumo – juiz imparcial, mas nem sempre justo – e os jurados os consumidores. De fato, muitas das regras do jogo econômico se assemelham às da floresta, aos preceitos de Darwin.

"Sou um chefe, de facto, mas só para aqueles que estão abaixo de mim, acima há outros juízes."

CHEFE DO ESTADO *(Ensaio sobre a Lucidez)*: É o homem mais experiente e responsável por tomar medidas apaziguadoras na cidade. Porém se deixa levar pelos planos dos superiores, não fazendo valer a sua experiência.

CHEFE DOS MALVADOS *(Ensaio sobre a Cegueira)*: Um grande vilão já que exerce poder sobre um determinado grupo, e com a ajuda deles manipula os cegos. Faz com que os cegos entreguem tudo o que têm em troca da comida que é servida pelo governo, porém controlada pelo chefe dos malvados e seu bando. Não bastando isso, força as mulheres cegas a fazerem sexo com ele e seus homens em troca de comida. É morto pela mulher do médico que, vingativamente, o ataca quando está prestes a ter um orgasmo.

"Quietos todos aí, e calados, se alguém se atreve a levantar a voz, faço fogo a direito, sofra quem sofrer, depois não se queixem."

CHICO *(Manual de Pintura e Caligrafia)*: O narrador protagonista H. justifica o emprego do diminutivo para nomear esta

dicionario Personagens Jose Sar99 99 09.01.12 12:14:03

personagem, por ser um modo prático de se estabelecer uma distinção com o outro Francisco. A personagem nos é apresentada a partir do ponto de vista de H. como sendo um conquistador. Num grupo social que privilegia a exteriorização dos sentimentos, o publicitário encontra terreno favorável para exercitar o que dele esperam as mulheres: enquanto Sandra reata seu *flirt* com o médico, nada mais natural do que a mulher do médico aceitar a corte do publicitário. Estabelecendo um contraponto com o inábil Carmo, as peripécias afetivas de Chico não se restringem ao âmbito do grupo e contemplam outros ambientes mais exóticos que pedem atitudes ousadas; por vezes se enamora, como na ocasião em que andara com uma bailarina inglesa, conforme nos conta H.. Mostrando-se bem informado a respeito das tendências sexuais e afetivas dos membros do grupo, Chico assume postura trocista quando sugere que Sandra poderia ser lésbica, ou quando, de forma magnânima, permite que Sandra leve Carmo no carro. A despeito das atitudes atrevidas em relação aos amigos, Chico é solidário e será através dele que H. conseguirá emprego na agência de publicidade, encontrando o seu *porto de salvamento* após o episódio de recusa do quadro que pintara. Sua atuação também será decisiva no episódio da prisão de António. Sempre bem informado, será Chico o porta-voz da notícia da prisão de António. Sair do comodismo e ir ao encontro do outro confere a esta personagem uma distinção perante os elementos do grupo que pautam suas existências unicamente em torno dos próprios interesses. Chico é o único que se inquieta com a ausência do amigo António e parte em busca de respostas para a falta de notícias. Funcional ao desfecho do romance, a solidariedade de Chico promove o movimento de H. em direção ao reconhecimento de que nada do que acontecia no país lhes era alheio.

"O António foi preso."

CHUA *(O Evangelho segundo Jesus Cristo)*: Mulher de Ananias, é vizinha e amiga de Maria. É abandonada pelo marido, que se alista no exército de Judas, o guerrilheiro galileu.

dicionario Personagens Jose Sar100 100 09.01.12 12:14:03

CIPRIANO ALGOR *(A Caverna)*: Viúvo de Justa Isasca, neto e filho de oleiros, tem 64 anos, porém aparenta ter mais, traja roupas simples. Só se veste de maneira mais apresentável (diga-se: com casaco civil, calça social e camisa sobriamente fechada no colarinho, sem gravata) quando dirige sua furgoneta ao Centro para vender as peças fabricadas na sua olaria. As mãos de camponês são grandes e fortes, e, devido ao contato com a argila, são macias e sensíveis. Desconhece a origem e significado da palavra *algor* que traz junto ao nome – que significa frio intenso, anunciador de febre. Mora, inicialmente, com a filha e com o genro num local afastado da cidade. Apesar de sua filha Marta definir os Algores como *um pouco brutos*, Cipriano revela uma sensibilidade artística espantosa, já que de oleiro passa a escultor. É uma pessoa incomum, sábia, bondosa, paternal, curiosa, astuta, possui uma personalidade pacata, revela-se um mestre na arte da discussão e do diálogo. Demonstra, durante toda a estória, a sua tristeza pelo rumo que as coisas estavam tomando, ou seja, profissões e manuais sendo substituídos por máquinas, tudo em prol da ascensão do capitalismo. Ele é um artista, apegado às tradições e ao passado; como todos os artistas é um sonhador. Tem o dom da palavra, pois se atém a explicar todos os processos, tanto da fabricação de seus artefatos na sua olaria, como do preparo para a mudança de vida, do antigo modo quase rural para o novo. O oleiro entra em crise depois que o Centro – um gigantesco Shopping Center para o qual ele fornecia seus produtos – resolve usar plásticos em vez de louça, deixando o comerciante sem rumo. Possui um contrato de exclusividade com o Centro, não porque suas peças sejam ímpares, mas porque todos aqueles que vendem para o Centro não podem ter outros clientes. Revogado o contrato, vê a iminente falência de sua olaria. O motivo da quebra de contrato – a substituição das louças de barro por louças de plástico – é aparentemente simples, já que marca a transição da continuidade para a descartabilidade; afinal, o descartável é fundamental para os ideais comerciais que norteiam o Centro.

Sua última tentativa é começar a produzir bonecos de barro de figuras estilizadas em sua olaria. As metáforas e

dicionario Personagens Jose Sar101 101 09.01.12 12:14:03

comparações com Deus (e outras narrativas do surgimento dos homens do barro), enquanto molda os bonecos, surgem, mesmo que involuntariamente. Da mesma maneira que Deus fez de Adão sua imagem e semelhança, da mesma maneira que Platão teoriza que há um molde perfeito em um mundo inacessível, Cipriano precisou fazer primeiramente os protótipos, para depois fazer os bonecos. São imensas as dificuldades da passagem de um oleiro para um artesão: os novos materiais, as novas técnicas, os novos cuidados. A gravidez da filha, Marta Algor, faz com que todo o trabalho pesado recaia sobre seus braços. Gradativamente, o trabalho vai se mostrando impossível de ser concluído e os bonecos que ele consegue fazer são apenas o suficiente para passarem por um teste de aceitação do público (que resulta negativa). Antes da sua partida para o Centro, retira da olaria falida todos os bonecos incompletos e os deixa semi-enterrados na lama. Assim, lenta e gradativamente, com as chuvas e os ventos, com o sol, eles voltariam à sua origem. Do pó ao pó. Ele vê, aos poucos, os produtos de cerâmica de produção artesanal serem substituídos pela produção industrial. Mas havia algo ainda mais precioso a perder, que seria a sua própria liberdade, quando levado pelas circunstâncias passa a residir na caverna em que para ele se constituía o grande centro comercial. Uma vez no Centro como morador, deixa aflorar uma característica sua até então pouco vista: a curiosidade. Cipriano é um herói, pela sua firme decisão de não fazer parte deste mundo, em que as pessoas ficam presas dentro de caixotes de cimento, nos *shoppings*/centros, ilhadas e alienadas do mundo real que existe lá fora. Dessa forma, ele convence Marçal e Marta de que há outra possibilidade de vida, a de não se dobrar ao poder do capitalismo. Seus divertimentos variam entre anotar as frases das lojas e participar de uma atração chamada *sensações naturais*, na qual o visitante passa por tempestades e visita praias sem sair do Centro. É essa mesma curiosidade que o leva a investigar o mistério do qual os vigias estão participando. Nas escavações para ampliação do Centro, foi encontrada uma réplica da *Alegoria da Caverna*, de Platão. Sem dizer de onde, Cipriano Algor revela que conhece essa alegoria. Diante de tal visão, decide sair

dicionario Personagens Jose Sar102 102 09.01.12 12:14:04

do Centro. Termina o romance dirigindo sua furgoneta para o desconhecido, acompanhado de Marta Algor, Marçal Aquino, Isaura Madruga e do cão Achado. Ao se deparar com personagens da caverna real encontrada no subsolo do centro comercial, viu como quem olha num espelho, a imagem do seu futuro. Decidiu que era tempo de tomar as rédeas do seu próprio destino. Partiu então sem rumo, vida afora, levando com ele tudo o que de mais caro tinha: sua amada, sua filha e genro, seu cão e sua furgoneta. Cipriano Algor é a personagem central da narrativa, representando não apenas uma vítima do sistema capitalista crescente, mas o próprio produto que está sendo rejeitado pelo Centro em favor do uso de novos produtos com novas técnicas. Ele ainda é feito de barro, como se fosse descendente direto de Adão, ao passo que os interesses do Centro já estão direcionados aos produtos feitos de plástico, ou seja, descartáveis. Pode ser considerado uma espécie de deus que ainda acredita em um Adão moldado pelas mãos divinas do oleiro, porém com um diferencial: este oleiro não abandona nem vira as costas para suas criaturas. O trabalho de oleiro tem para ele uma dimensão transcendental. Portanto, o grau de introspecção deste personagem é intenso, já que o mesmo percorre quase todo o romance lutando para dissimular suas crises existenciais. A insegurança que o toma a partir do momento em que se percebe inativo perante o sistema (Centro), impede-o até mesmo de assumir seu amor por Isaura Madruga; esse sentimento só será revelado à filha e ao genro, após sua descida ao subsolo do Centro. Mas não são apenas esses fatos que fazem de Cipriano Algor personagem central deste romance. É nele que todas as tensões se criam, seja de ordem sentimental (o romance com Isaura), ou de ordem ideológica (viver ou não numa caverna). Segundo sua filha Marta, ele é um grande apreciador de enigmas. Seu dilema maior é que sabe que o tempo passado, representado por ele e pela olaria, havia chegado ao fim, mas ele não pertencia ao futuro representado pelo Centro. Seu enigma é o enigma das pessoas que se sentem estranhas, com o sentimento de não estarem de todo no mundo em que vivem: sem futuro e sem presente. Quando vai embora com sua família na furgoneta e decide deixar os trezentos

dicionario Personagens Jose Sar103 103 09.01.12 12:14:04

bonecos na chuva, em frente ao museu em que agora se transformara sua casa e a olaria, provoca a destruição de suas criaturas. Esses bonecos não são os soldados do Imperador da China, não contarão a história de nenhum passado, não sobreviverão ao seu tempo. O pó deve voltar ao pó. Não haverá Éden, nem lembrança dele. Cipriano, protagonista deste romance, age de uma maneira opostamente paralela ao homem da caverna de Platão: onde um sobe, o outro desce, onde um sai, o outro entra. A maior oposição presente nesse paralelismo é o fato de Cipriano não começar a pregar as novidades que viu, as descobertas que fez e, por isso, não ser assassinado pelos seus ouvintes.

"Essas pessoas somos nós."

CLARA *(A Segunda Vida de Francisco de Assis)*: Ocupa o cargo de secretária da companhia. Ela vive um relacionamento de amor impossível com Francisco, o que denota um toque de romantismo em meio às tensões da disputa pela empresa. A personagem sofre muito com o desaparecimento do seu grande amor, chegando a afirmar que seu coração é de carne e *sangra todo dia*. Clara representa o papel da mulher na sociedade contemporânea, principalmente na área profissional, pois não foi atrás de seu amor porque tinha tarefas do trabalho a realizar. Esse relacionamento amoroso configura-se como paródia às biografias franciscanas tradicionais, nas quais Clara estabelece com Francisco uma convivência que, embora íntima, é encarada puramente como espiritual. Sempre mostrada como fiel amiga e confidente do *Poverelo*, ela é tida pela tradição como Santa Clara – a fundadora das *Filhas da Pobreza*, ordem feminina dos franciscanos. No texto de Saramago, porém, ela não aparece como fundadora dessa ordem. Com relativa expressão na trama, justamente pela estória de amor impossível, seu romance com Francisco é apresentado de forma direta. Logo no primeiro encontro dos dois, Clara faz questão de revelar seus sentimentos. Nas cenas em que há o encontro dos dois amantes, é criada uma expectativa para o leitor imaginar o que pode estar permeando o pensamento de ambos ou o que possivelmente estaria acontecendo. Isso pode ser

dicionario Personagens Jose Sar104 104 09.01.12 12:14:04

verificado principalmente no término da primeira cena em que o casal se reencontra: as luzes abaixam, enquanto, na escuridão, um se aproxima do outro. Em todas as cenas nas quais figura, Clara, talvez impulsionada pelo sentimento, é uma das únicas personagens que apóiam Francisco no decorrer da trama. No desfecho é a primeira a decidir segui-lo na nova decisão. Julga ser a única coisa que Francisco conseguira ganhar na sua *segunda vida*:

"Ficarei ao teu lado, ao teu lado, foi sempre aí que estive, mesmo quando não sabia de ti."

CLÁUDIA *(A Noite)*: É estagiária, iniciante na profissão e no emprego, e personifica os ideais do jornalismo. Encanta-se com o espírito liberal de seu colega Torres e, movida pela admiração ou, talvez, pelo amor que por ele nutre, enfrenta os colegas, o chefe e até o diretor. Juntamente com Torres, seu parceiro e cúmplice na peripécia, e com a equipe da oficina, compõe o grupo de esquerda que almeja a mudança na política ditatorial até então vigente. A princípio tímida, ela vai crescendo e adquire grande projeção no segundo ato.

"A nossa primeira e única obrigação é ir averiguar o que se passa e dizer. Não temos outro dever."

COMANDANTE AUSTRÍACO *(A Viagem do Elefante)*: De larga experiência em campos de batalha da Europa Central. Homem austero e imponente, que ameaça avançar contra a caravana portuguesa para tomar o elefante, mas desiste da ação militar e busca uma saída conciliatória. É ele o responsável pela condução da comitiva que leva o elefante a Viena.

COMANDANTE PORTUGUÊS *(A Viagem do Elefante)*: Militar responsável pela escolta portuguesa do elefante até entregá-lo ao arquiduque de Áustria. Caracterizado por uma considerável sabedoria pragmática e pelo respeito dedicado tanto aos oficiais sob suas ordens (repetidas vezes mostrou-se afável no trato com os subalternos) quanto aos *colaterais.* Ao longo da narrativa, se desenvolve

dicionario Personagens Jose Sar105 105 09.01.12 12:14:05

uma relação de amizade entre ele e o cornaca, com quem, trava interessante debate religioso.

"Sim, mas fizeste considerações pouco amáveis sobre jesus cristo e a virgem que não caíram nada bem no espírito das pessoas aqui presentes..."

COMENDADOR *(Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido)*: Pai de Dona Ana, foi morto em um duelo com Don Giovanni quando este se fez passar por Don Octavio (noivo de Dona Ana) para entrar no quarto dela. O comendador, agindo por meio de sua estátua, ressurge da morte para fazer com que Don Giovanni pague por suas faltas, através de uma maldição que supostamente o faria ir ao inferno. Porém, em vez de representante da moral e da justiça divina, o comendador passa a ser uma incômoda estátua que atrapalha o serviço de Leporello. O insucesso de sua maldição e o modo como Don Giovanni o ridiculariza colocam em xeque a existência de uma justiça divina e a moral que alguns dos personagens usam para condenar Don Giovanni. Dirigindo-se Dona Ana exclama:

"Vim para amaldiçoar e condenar às penas do inferno o infame que te ofendeu. Mas as maldições parecem que já não caem sobre as cabeças dos culpados e o inferno talvez não exista ou talvez tenha fechado para sempre as suas portas. As chamas apagaram-se, o mal é livre."

COMISSÁRIO *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Tem cinqüenta e sete anos, mostra-se um homem tranqüilo no que diz respeito à detenção de poder, pois é comedido em suas atitudes. É um homem desconfiado, crítico, inteligente, observador e tem pleno domínio das palavras, adora a precisão das mesmas e lida muito bem com conceitos. Inquieto, empenhado e muito preocupado em compreender a relação entre a mulher que não cegou, fato ocorrido quatro anos atrás e com a epidemia do voto em branco de agora. É questionador, pois discute, a todo momento, as ordens do ministro do interior, com quem se comunica com o cognome de *papagaio-do-mar*. Mesmo assim, segue as ordens à risca, embora pense que elas não sejam funcionais, para o caso dos brancosos. Porém, após

dicionario Personagens Jose Sar106 106 09.01.12 12:14:05

suas observações e o seu faro de detetive, percebe que a mulher do médico a quem querem acusar de ter liderado os brancosos é inocente, e uma pessoa fora do comum. Defende a mulher do médico em conversa com o ministro do interior, afirmando que quem ela matara durante a primeira epidemia era um abominável violador. Informa à mulher do médico que querem usá-la como bode expiatório. É fiel a seus princípios, enfrenta o ministro do interior que queria plantar provas que incriminassem a mulher do médico, dizendo a ele que ela era inocente. Depois de defendê-la, sabe o que o espera, mas olha-se no espelho e surpreende-se: as rugas haviam desaparecido, seu rosto estava sereno, seus olhos luminosos. Via diante do espelho a imagem de um homem honesto que havia passado por uma prova de fogo. Avisa a mulher do médico que irão publicar sua foto e do seu grupo no jornal para tentar incriminá-la. Aconselha-a que fuja e se esconda. Denuncia a farsa do ministro do interior ao chefe da redação do jornal. Posteriormente faz a mesma denúncia ao diretor do jornal. Sua idéia dá certo, porque mesmo o jornal sendo apreendido após a publicação de sua denúncia, a matéria é fartamente fotocopiada e distribuída nas ruas. Ao final, ele é morto com um tiro na cabeça por aqueles que o usaram para investigar o caso.

"A pessoa a quem querem transformar em bode expiatório, com perdão da óbvia impropriedade da expressão, é a senhora, e também, por tabela, possivelmente, o seu marido..."

CONCHA *(Manual de Pintura e Caligrafia)*: Reiteradamente, o narrador refere-se à personagem Concha como a *mulher do médico.* A despeito de lhe ser conferido esse aposto, nem sempre Concha se apresenta ao lado de seu marido Ricardo nas reuniões sociais que o narrador/pintor/H. promove. Freqüentemente é flagrada pelo narrador H. em *flirt* ou animada conversa com Chico, enquanto seu marido dispensa grandes atenções a Sandra. Entretanto, o casal, que aparentemente vive uma relação *aberta*, demonstra cumplicidade em ocasiões em que um deles se encontra em situação de confronto. Citamos o episódio

dicionario Personagens Jose Sar107 107 09.01.12 12:14:05

que narra a discussão entre Ricardo e António a propósito de uma elocubrante idéia de raptar Salazar e resistir ao poder. No momento em que António incita o médico a uma mobilização a dois, Ricardo se zanga e Concha põe-se ao lado dele, *boa mulherzinha*, e descompõe António. A cumplicidade acolhedora de Concha – segundo H., *concha, conchego* – nos faz pensar que essa *boa mulherzinha*, tão secundariamente posicionada no romance de estréia de 1976, contém em si o germe da outra anônima mulher do médico, grande personagem feminina edificada pelo *Ensaio sobre a Cegueira,* romance que o autor produz em 1995, sendo posteriormente reconduzida no *Ensaio sobre a Lucidez,* romance de 2005.

CONDE *(A Viagem do Elefante)*: Maior lavrador e latifundiário da aldeia em que o comandante português e o boieiro foram pedir uma junta de bois. Eles são levados por um velho labrego ao palácio do conde; não o encontrando, o comandante negocia os bois com o feitor do conde.

CONSERVADOR *(Todos os Nomes)*: *Frio, calculista, irônico e implacável, sua figura remete à figura de um ditador que impõe ordem e controla tudo devido à sua grandeza e imponência. Como um devorador de mundos, ele tem o governo absoluto de cada milímetro da Conservatória sobrepujando a todos num ar de soberania e despeito. Respeitado em demasia por todos, ele mesmo faz questão de ostentar sua *natural* superioridade, como se observa em uma de suas conversas com o Sr. José. A analogia entre o conservador e Deus é coerente já que os dois são perfeitos, onipotentes, onipresentes e oniscientes. Tanto o conservador como Deus conhecem o reino do visível e do invisível. Tanto um como o outro são, do ponto de vista do narrador, infalíveis. Essa onisciência e onipresença divinas são reveladas muito claramente pelo Sr. José em uma conversa com a senhora do rés-do-chão direito, quando ele compara seu chefe (o conservador) a um verdadeiro Deus todo poderoso que está em toda a parte, sabe de cor e salteado os nomes de todos que nasceram, bem como dos que morreram e, mais ainda, daqueles que estão por nascer. Por outro lado, no final da trama, a atitude do conservador de perdoar o Sr. José

dicionario Personagens Jose Sar108 108 09.01.12 12:14:06

pelas irregularidades cometidas, surpreende, já que era um sujeito implacável que não admitia erros nem desobediências, e acaba passando com certa tranqüilidade por cima das faltas do subalterno. O fato revela que ele não era tão onisciente quanto deixava transparecer, pois diante da possibilidade de ser desmascarado e com medo de perder o controle absoluto de tudo, decide tornar-se cúmplice do Sr. José. Constatando que o caos já estava efetivamente instaurado, o mais conveniente para ele era ter o Sr. José do seu lado, submisso, agradecido, e acatando as suas ordens como de costume. Essa atitude do conservador não foi de generosidade, nem a de um pai que perdoa o filho pródigo, mas a de um sujeito astuto, que sabe tirar vantagem das situações e cujo único objetivo é continuar tendo o total domínio sobre todas as coisas. **Dentro dos limites da Conservatória Geral, o conservador aproxima-se de Deus pela onipotência (está no topo da pirâmide que representa a divisão de tarefas), a onipresença (tem acesso a todos os lugares) e a onisciência (sabe de tudo sobre o trabalho e quer saber sobre os funcionários). Descobre as atividades paralelas do Sr. José, mas não o impede, deixa que ele prossiga. Depois de ter visto José entrar na calada da noite no labirinto de arquivos, toma uma decisão que vai de encontro a toda a tradição logística da Conservatória: não separar mais os vivos dos mortos. Isso poderá demorar anos, mas começará a ser feito enquanto ele for o conservador. Depois de ter lido o diário de José, pede que este esclareça pontos obscuros da narrativa. Não o pune, na verdade, premia José com a possibilidade de deixar a Mulher Desconhecida viva nos registros burocráticos. É ambígua a sua atitude, pois transita entre alguém que se solidariza com um subalterno que faz aquilo que ele também faz, e alguém que quer silenciar um funcionário que cometeu muitas infrações que, se descobertas, poderiam manchar o nome e a reputação da Conservatória Geral. O próprio autor analisa essa situação em *As Intermitências da Morte* e enuncia que o conservador resolveu reunir num só arquivo os registros e os nomes de vivos e mortos, alegando que só juntos podiam representar a humanidade, e que a humanidade deveria ser entendida como um todo, independente de

dicionario Personagens Jose Sar109 109 09.01.12 12:14:06

lugares, registros de vivos e mortos. O autor caracteriza este personagem como sensato e ousado conservador de *papéis da vida e da morte,* para quem os vivos e os mortos não deveriam ser jamais separados.

"Impossível, a única pessoa, aqui, que não comete faltas, sou eu [...]."

CONSERVATÓRIA GERAL *(Todos os Nomes)*: O primeiro parágrafo do livro *Todos os Nomes* descreve seu aspecto físico. Órgão altamente burocrático de um país não especificado, a Conservatória tem em si todos os documentos de todas as pessoas, com todos os nomes daqueles que são registrados. Uma parte dos serviços dos funcionários é separar os arquivos das pessoas que continuam vivas daquelas que já morreram. Os arquivos desse segundo grupo são guardados em depósitos dentro da própria Conservatória, entregues aos ratos, às traças e ao tempo. A perda sistemática de tais arquivos é de caráter fundamental para a manutenção da própria instituição, pois não haveria espaço para todos os nomes para todo o sempre. O trabalho é altamente estratificado: a base da pirâmide é constituída pelos auxiliares de escrita – cargo ocupado pelo protagonista Sr. José; passando por subchefes, chefes de subchefes e chefes destes, a pirâmide culmina no Conservador Geral, que possui todas as qualidades de Deus (onisciência, onipresença, onipotência) e que, por vezes, age de acordo com tais qualidades, mas, por outras vezes, deixa aflorar uma das mais humanas características (a curiosidade), demonstrando que seus plenos poderes não são tão plenos. Enquanto a Conservatória tem a função burocrática de arquivar informações virtuais no papel, sua contrapartida é o Cemitério Geral (que possui semelhanças arquitetônicas com a Conservatória), onde são *arquivados* os corpos, os quais se necessitavam da burocracia enquanto vivos, continuam necessitando depois de mortos. A Conservatória Geral acaba sendo uma metáfora contemporânea às três parcas, ninfas gregas responsáveis pelo nascimento, amadurecimento (complicações durante a vida) e morte dos humanos, dos não-deuses – uma tecia, uma fiava e a outra cortava

dicionario Personagens Jose Sar110 110 09.01.12 12:14:06

a linha da vida. Afinal, o registro de nascimento chega novo, com o passar do tempo vão se acumulando na mesma pasta certidões, diplomas, requerimentos, até o dia em que chega o registro de óbito e todo o arquivo é destinado ao depósito, ao arquivo-morto (por assim dizer), e o ser humano retorna de onde veio: o pó. Esta Conservatória lembra em muito a Biblioteca de *O Nome da Rosa* de Umberto Eco, bem como a *Biblioteca de Babel* de Borges.

CORNACA *(A Viagem do Elefante)*: Vindo de Goa, na Índia, é tratador do elefante Salomão na corte de Dom João III, em Belém, Portugal. Originalmente chama-se Subhro, que em bengali significa *branco*, mas a mando do arquiduque Maximiliano passa a se chamar Fritz. Conforme as palavras do narrador, já ao início da narrativa, o cornaca *é uma espécie de alterego do elefante.* Desempenha certo protagonismo, ocupando papéis importantes e participando de diálogos interessantíssimos nos acontecimentos marcantes da aventura: é ele quem guia o elefante durante toda a viagem e orienta a caravana para o bom andamento do trajeto. Além disso, se envolve em incidentes religiosos. Em uma parada para descanso, Subhro expõe parte da cultura religiosa hindu aos soldados e compara aspectos da história da geração de Ganeixa com a da geração do filho da virgem Maria, personagem do cristianismo. É o cornaca, também, quem trava com o comandante português um diálogo sobre a virgem, defendendo ser ela a quarta personagem da trindade cristã. Com o episódio do milagre de Salomão em Pádua, quando o elefante se ajoelha perante a basílica, o cornaca decide vender pêlos do elefante, prometendo que tal solução propicia a cura da queda de cabelos. Sua contravenção é descoberta pelo arquiduque, que o censura severamente. Sua redenção surge com o salvamento de uma menina de cinco anos, quando esta estava prestes a ser pisada pelo elefante em Viena.

COSTA *(História do Cerco de Lisboa)*: Funcionário da editora em que o revisor Raimundo Silva trabalhava. É também a pessoa que supervisionava o trabalho de Raimundo, pois era ele quem recebia as revisões quando prontas. A eficácia é

dicionario Personagens Jose Sar111 111 09.01.12 12:14:07

sua principal característica. Passa a não mais ser chefe de Raimundo a partir do momento em que Maria Sara é designada para esse cargo, justamente por causa do *não* escrito pelo revisor. Costa é um personagem impertinente, sempre preocupado com a produção (que, por sinal, é a sua função), a qual supervaloriza como carro-chefe da redação. Ele compara a importância do goleiro de um time de futebol à produção da editora: se o guarda-redes for ruim, o campeonato estará perdido, e se a produção atrasar a saída do livro, o prejuízo será certo. Ele vai pessoalmente à casa de Raimundo Silva para buscar as provas da *História do Cerco de Lisboa*, e retorna muito feliz por sentir que sua missão fora cumprida e o livro seria impresso no prazo. Contudo, após duas semanas, os dois se encontram na editora: Costa sente-se traído e questiona o revisor, referindo-se à palavra *não* que Raimundo havia inserido propositalmente no texto, alterando a narrativa histórica e causando à editora um grande problema. Como Costa era o responsável pela produção, confiara no revisor a ponto de não verificar as provas finais antes de *meter o livro na máquina,* e sentiu-se muito ofendido por ter sido enganado daquele jeito. Mas, apesar de tudo, ficou satisfeito pelo fato de a editora não despedir o revisor, sinal de que reconhecia o valor dos trabalhos prestados anteriormente por aquele homem. Esse ato também demonstra que, de certa forma, Costa já havia perdoado o senhor Silva. Entretanto, em outra oportunidade, Costa aproveita para alfinetar o revisor ao perguntar se ele também teria colocado *não* em outro livro revisado.

"Por que é que me fez uma coisa destas, senhor Silva..."

COURACEIROS *(A Viagem do Elefante)*: Guarda pessoal do arquiduque de Áustria. Responsáveis pela segurança da comitiva real, da qual passam a fazer parte o cornaca Subhro e o elefante Salomão, que terão os nomes mudados para Fritz e Solimão, respectivamente. Ao encontrarem com os solados portugueses em Castelo Rodrigo para receber o elefante, o qual deverão levar em segurança até Valladolid, criam um impasse diplomático, resolvido pelo alcaide. O incidente quase coloca Portugal e Áustria em guerra.

dicionario Personagens Jose Sar112 112 09.01.12 12:14:07

CRIADA DE HOTEL *(Ensaio sobre a Cegueira)*: A primeira pessoa a entrar no quarto quando a rapariga dos óculos escuros começou a gritar no momento em que percebeu que havia ficado cega. Parece detalhista em suas funções e também quando descreve algo.

CURA *(A Viagem do Elefante)*: Personagem caracterizada comicamente como sendo de *avançada idade e flácida corpulência*, e conhecida pelo mau humor com que acorda quando pessoas vêm lhe despertar do sono. É o padre, o reverendo da primeira aldeia visitada no trajeto da caravana do elefante. Quando o procuram na igreja alegando tratar-se de assuntos sérios, é com o desabamento do teto da igreja que ele logo se preocupa. Notificado sobre o boato de que o elefante Salomão seria um deus, toma a resolução de realizar, acompanhado de aldeões, um ritual de exorcismo do elefante, em defesa da religião católica apostólica romana. Mas alega ao comandante português que se trata de benzimento para boa viagem.

"Não me venhas com estupidezes, deixa-te de evangelhos e dá mais atenção ao que eu digo na igreja, apontar o caminho recto é missão minha e de mais ninguém, lembra-te de que quem se mete por atalhos, nunca sai de sobressaltos."

dicionario Personagens Jose Sar113 113 09.01.12 12:14:07

dicionario Personagens Jose Sar114 114 09.01.12 12:14:07

D

D. JOÃO V *(Memorial do Convento)*: Rei de Portugal, apresentado inicialmente com menos de 22 anos, moreno, figura masculina repressora e machista. O monarca esnoba a figura da rainha enquanto tira proveito sexual de outras mulheres, inclusive freiras, através de relações extraconjugais. Personagem factual/histórico que, no romance, terá uma caracterização pouco grandiosa. Sua índole é de um homem deslumbrado que sonha com a grandeza de monumentos como o convento de Mafra, sem se preocupar com o aspecto moral. Faz um voto que se a rainha gerasse um filho, ele construiria o convento de Mafra, o que realiza com o sofrimento de mais de seiscentos homens que trabalham como escravos na obra. O recrutamento desses homens é feito de maneira desumana, violenta e arbitrária. Milhares de famílias são desintegradas e centenas de vidas ceifadas para satisfazer a ambição de um único homem: o Rei de Portugal.

"A sagração da basílica de Mafra será feita no dia vinte e dois de Outubro de mil setecentos e trinta, tanto faz que o tempo sobre como falte, venha sol ou venha chuva, caia a neve ou sopre o vento, nem que se alague o mundo ou lhe dê o tranglomango."

DAGOBERTO *(Levantado do Chão)*: Os bertos eram brancos, donos dos latifúndios, e faziam parte da chamada trindade (LEI = latifúndio, Estado, igreja). Mantinham a estrutura medieval em Portugal. Representam a hipocrisia e a injustiça, já que oprimiam e escravizavam todos os trabalhadores. Dagoberto tratava como malandros os homens que lutavam pelas oito horas diárias de trabalho. Praguejava dizendo que a malandragem havia de arrepender-se da greve e que isso lhes custaria muito caro. Nas terras dele ou trabalhavam de sol a sol, ou morreriam de fome.

"[...] nas minhas terras mando eu, que sou o dono delas [...]."

DAMIÃO *(A Noite)*: Compositor manual, só aparece no segundo ato. É do grupo de Jerônimo, o chefe da tipografia. Destemido, não se intimida com o autoritarismo do diretor, nem permite que ele ponha *panos quentes* à situação, mesmo quando usa um tom paternal.

dicionario Personagens Jose Sar117 117 09.01.12 12:14:08

"Estamos a falar-lhe a sério, senhor director. Ainda não percebeu que estamos a falar a sério?"

DAMIÃO *(Memorial do Convento)*: É ele quem mais reflete sobre a morte do colega de trabalho, Francisco Marques, demonstrando, apesar da simplicidade, ter um pouco de filosofia. Para Damião, se Deus fosse mais justo teria feito os caminhos mais rasos e as pedras não demorariam tanto para chegar ao lugar desejado. Representa aqueles que mesmo estando no meio de pessoas humildes, devido à situação meramente social, por pertencer à classe dos pobres miseráveis trabalhadores de Mafra, não deixam de ter visão sobre os acontecimentos.

DAMIÃO DE GÓIS *(Que Farei com este Livro?)*: Cronista, esteve preso e é guarda-mor da Torre do Tombo. Personifica a sabedoria dos que viajam pelo mundo e também para além das fronteiras do seu tempo. Retornou ao entardecer da sua existência. Foi um dos poucos que se mostrou disposto a auxiliar na publicação do livro. Alertou sobre os conteúdos, as tendências e sobre as leituras políticas que da obra seriam feitas. Não podendo mais viver curvando-se ao poder, só poderia ter o fim que teve.

"Não vos disse eu logo que o vosso livro é barca onde cada qual quer viajar sem companhia?"

DELEGADO DO P.D.D. *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Homem político muito pedante e astuto. Por possuir um caráter esquemático e organizado, toma muito cuidado com suas palavras. Todos os movimentos da reunião ele quer que fiquem registrados em ata. Pode-se dizer que oscila entre certo cepticismo e a ironia. Vivia se digladiando, constantemente, com o delegado do partido do meio.

"Requeiro que fique exarado na acta o meu mais vivo protesto, como representante do partido da direita, contra os termos desrespeitosos e contra o inaceitável tom de chacota com que o senhor secretário acaba de se referir aos eleitores, esses que são os supremos valedores da democracia, esses sem os quais a tirania, qualquer das que existem no mundo, e são tantas, já se teria apoderado da pátria que nos deu o ser."

dicionario Personagens Jose Sar118 118 09.01.12 12:14:08

DELEGADO DO P.D.E. *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Ao contrário do delegado do partido do meio (p.d.m), demonstra um caráter otimista, apesar de reservado. Praticamente não tem voz ativa quando se encontra com seus rivais. Suas idéias ficam mais ao nível ideológico do que factível. Nesse sentido, há a representação de um cenário político onde quem de fato manda é a situação e quem está a favor dela. A esquerda, portanto, é uma voz solitária e com pouca representatividade, uma vez que se abstém de provocações.

DELEGADO DO P.D.M. *(Ensaio sobre a Lucidez)*: É um homem pessimista, cético, irônico, porém extremamente realista. Está de olho no governo, mesmo sendo a favor da situação. É um homem precavido e cauteloso com seus gestos.

"Razão tinha eu, observou o delegado do p.d.m., a abstenção será terrível, maciça, depois disto ninguém se vai entender, a única solução está na repetição das eleições, [...]".

DESERTO *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Lugar central na trama, pois ali ocorrem os momentos cruciais da narrativa. Deserto não são apenas grandes extensões de areia, mar, dunas: há desertos verdes como na Galiléia, os grandes campos sem cultivo, os lugares onde não habitam homens. José e Maria caminham solitariamente para Belém. Jesus, Deus e o Diabo encontrar-se-ão no deserto do mar. No deserto, Deus exige que Jesus sacrifique sua ovelha. No deserto, Jesus fica nu porque ali só é possível ir dessa forma. Durante os quarenta dias que durou a tentação de Jesus no meio do mar deserto, não houve pescaria, o nevoeiro cobria tudo e os pescadores não pescaram um peixe sequer.

DEUS *(Caim)*: Perfeccionista, mas não perfeito. E como será mostrado em vários momentos da narrativa, não é onisciente, nem onipotente, nem onipresente. Às vezes aparece em trajes luxuosíssimos e repletos de símbolos (quando expulsa adão e eva do paraíso), em outras apresenta-se como nuvem (quando presencia a mortandade do sinai), e ainda como reles viajante

dicionario Personagens Jose Sar119 119 09.01.12 12:14:09

(quando se hospeda na tenda de abraão) e até mesmo em trajes leves para trabalhar (em visita a noé). Insiste em aprimorar a sua criação, dando assim língua e umbigo a adão e eva. Depois do assassinato de abel, aparece a caim para tomar satisfações e entra em longo debate com o homicida. Condena caim a vagar pelo mundo, mas antes faz uma marca na testa dele, como forma de proteção. Durante as viagens, caim se encontra com deus e o vê várias vezes, apesar deste não reconhecer caim. No penúltimo encontro, deus reconhece caim e ordena a noé que o aceite na arca. Passado o dilúvio, deus descobre que caim foi responsável pela morte de todos dentro da arca e percebe que, com essa última afronta de caim, ele se transforma, por extensão, no exterminador de toda a humanidade que poderia existir no futuro. Em vários de seus desígnios, deus é auxiliado por um séquito de anjos que se mostram muito incompetentes. Temos, por exemplo, o querubim azael, que não afasta adão e eva, o anjo que se atrasa para impedir que abraão degole isaac e os anjos portadores de notícias a job que acabam contando as mesmas para caim.

"Dobrou-se à minha autoridade, reconheceu que o meu poder é absoluto, ilimitado, que não tenho que dar contas senão a mim mesmo nem deter-me por considerações de ordem pessoal e que, isto digo-to agora, sou dotado de uma consciência tão flexível que sempre a encontro de acordo com o que quer que faça."

DEUS *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: *Deus, personagem pelo qual o autor tem verdadeira obsessão em toda sua obra, aparece fisicamente de duas formas no livro. A primeira, quando Jesus o encontra no deserto – Deus está sob a forma de uma nuvem alta da altura de dois homens; assemelha-se a uma coluna de fumo que gira lentamente sobre si mesma, o que recorda as aparições dele no *Antigo Testamento*. A segunda, quando Jesus o reencontra, dessa vez, na barca – nesta cena, temos uma descrição física e humanizada de Deus, de carne e osso, como sendo um velho grande de barbas longas e espalhadas sobre o peito, com os cabelos longos, a cara larga e forte e a boca espessa; veste-se como um judeu rico,

dicionario Personagens Jose Sar120 120 09.01.12 12:14:09

de túnica comprida, cor de magenta, um manto azul com mangas, ladeado de tecido de ouro. O narrador descreve seu olhar como *o imenso-olho negro de Deus*. Faz parte do chamado séquito dos disformes, já que, segundo o Padre Bartolomeu Lourenço Gusmão de *Memorial do Convento*, Deus é maneta, porque as *Escrituras* só falam daqueles que se sentam à direita de Deus, portanto, segundo o padre, Deus não teria a mão esquerda. É um exigente diretor da trama que não permite que nada se altere e que exige o máximo do protagonista Jesus. Quanto aos aspectos psicológicos de Deus na obra, fica muito marcante sua imagem de um frio estrategista, inflexível, ganancioso, cruel, intolerante, impiedoso, sádico, tirano, sanguinário, manipulador, perverso, irônico, obcecado pelo poder e despótico, ou seja, este Deus é um Deus falho e possui uma personalidade distorcida e sinistra; é, em verdade, o grande vilão do romance. Ele perde a essência divina que o constitui e torna-se um mero rei a governar um império sob um regime ditatorial. Essas péssimas características são mostradas de várias maneiras. No primeiro encontro com seu filho no deserto, por exemplo, quando Jesus tenta salvar a ovelha dizendo não querer matá-la, Deus praticamente o obriga a sacrificar a ovelha, não aceita ser contrariando, já que quer aquela ovelha que Jesus tanta ama. Ao presenciar a morte da ovelha, Deus suspira de satisfação. Aqui o sistema figurativo é perfeito: o sacrifício da ovelha é uma prolepse do sacrifício de Jesus. O momento era delicado, mas não há piedade, ao contrário, as palavras de Deus são frias, em tom imperativo, e depois se satisfará de prazer quando Jesus matar a ovelha. Manipula os homens a seu bel-prazer, como se esses fossem marionetes. Isso pode ser constatado na figura de Jesus, filho de dele e de José. A marca mais evidente do lado sanguinário de Deus dentro do romance aparece quando descreve o rol de mortes advindas do nascimento e evolução do Cristianismo, num verdadeiro dicionário de sangue; mas, para Deus, parece ser apenas uma brincadeira extremamente enfadonha. A descrição do Templo de Jerusalém lembra um filme de terror, com sacrifícios, sangue e mais sangue, uma vez que nenhum sacrifício é o bastante para Deus. A imagem de Deus aparece distorcida, talvez como crítica,

dicionario Personagens Jose Sar121 121 09.01.12 12:14:09

não a Deus, mas à religião Cristã, que se construiu a partir de mortes e mais mortes *In Nomine Dei.* O autor usa de ironia e brinca com a idéia de Deus ser muito mais reflexo do homem do que o seu oposto, tamanha são as falhas que apresenta neste Deus, que não quer fundar o Cristianismo simplesmente para salvar o homem, mas sim para ampliar seu domínio, deixar de ser Jeová dos Judeus para ser Deus do mundo todo. Deus não tem remorso. É onisciente e parece ser o único a ter realmente livre arbítrio, já que Jesus e o Diabo/ Pastor estão predestinados pelos séculos dos séculos a cumprirem rigorosamente o papel deles na trama arquitetada por Deus. O Anjo afirma em conversa com Maria que a palavra que mais sai da boca de Deus não é o sim, mas o não. Divide a paternidade de Jesus com José, o carpinteiro. Seu livre arbítrio só pode ser abalado se o Diabo deixar de ser o Diabo, já que, sem ele, Deus deixaria de ser Deus. O fim de um seria o fim de outro, por isso o autor coloca uma misteriosa voz (o narrador que se personifica) alertando sobre os heterônimos, o que nos remete a Fernando Pessoa e sua vasta criação heteronímica.

**Deus se caracteriza como uma personagem complexa, com toque da construção helênica das divindades. É o lado humano, tão presente nas divindades gregas, que também sustenta o Deus de Saramago. Esse Deus deixa de lado os vendavais e pirotecnias tão presentes na bíblia para mostrar-se – ao menos para Jesus e o Diabo – com a face dos homens, de um rico judeu. Os deuses usam os homens como ferramentas, animais de carga, soldados descartáveis. Deus mente e manipula os homens, como o faz com sua própria lei, colocando em xeque a sua própria honra – se é que honra é algo que cabe aos deuses. Na ladainha das mortes, Deus cita nomes como se fossem números de bingo, completamente enfadado. Para o Deus maquiavélico de Saramago, que, como dá a entender o Pastor, inventou o pecado, o castigo e o medo, todos são iguais e indiferentes. Esse Deus, que não tem remorsos, não parece se tocar pela tristeza dos homens e só se mostra triste quando constata os limites de seus poderes. É um Deus que não permite que dele se duvide, que exige – como o Deus bíblico – sangue para alcançá-

dicionario Personagens Jose Sar122 122 09.01.12 12:14:10

lo. Tirando a capa cerimonial das personagens, elas se mostram vestidas de traços humanos, como os deuses, heróis e semi-deuses gregos. A cena da barca alcança o político na medida em que expõe os estratagemas de um governo autoritário e total. Não seria exagero dizer que a releitura saramaguiana invade também *O Príncipe* de Maquiavel. É maquiavélico esse Deus insatisfeito com a condição de rei de um povo tão diminuto como o é o povo hebreu e que deseja ampliar seus domínios. Para tanto martiriza seu próprio filho, como assim o faria Abraão (ou como fez na decisão de fazê-lo, ainda que o cutelo não tenha cortado a carne do filho), e aceita inclusive que se subvertam as leis que ele mesmo criou. Para que se atinjam os fins, qualquer meio é lícito, ainda que esses meios signifiquem fazer uso das artimanhas do Diabo e manipular as pessoas. Essa mesma *psicologia de massas* é usada por Deus quando este apresenta ao seu filho o papel que lhe destinou: *"O de mártir, meu filho, o de vítima, que é o que de melhor há para fazer espalhar uma crença e afervorar uma fé."* É esse papel de mártir, também, o cerne de toda a moral judaico-cristão, conforme argumentou Nietzsche em seu livro *A Genealogia da Moral*; ou seja, a compreensão de Deus sobre o papel do mártir na construção de uma identidade é o discurso que estabelece as relações identitárias do povo judeu e, por extensão, do cristianismo que se estabelecerá a partir de Roma. O Deus amoroso dos *Evangelhos* dá lugar ao Deus cruel e sanguinário. Serão quase seis páginas de um inventário de mártires e martírios que Deus apresenta a Jesus, necessários para a edificação do seu reino. Há um momento crítico em que Deus, cansado da longa exposição, pergunta ao seu filho se este já não está farto de saber de tantos mortos. É o ateísmo de Saramago levado ao extremo da ironia, afinal, qual a necessidade de tantas mortes, tanta dor? Que glória é esta, senão a glória de um Deus psicopata? O princípio do livre arbítrio é destruído, na medida em que o autor apresenta um Deus senhor dos tempos, conhecedor de toda a história e inalterável em suas decisões, como quando Jesus afirma, depois de conhecer o futuro, que não deseja mais a glória, que não quer mais participar dos planos divinos. Revolta esta a que Deus responde que quer mais poder. No final, Deus

dicionario Personagens Jose Sar123 123 09.01.12 12:14:10

frustra os planos de Jesus, que queria morrer apenas como Rei dos Judeus, ao aparecer no momento final da crucifixão e identificar Jesus como seu filho amado. Na cena da barca, o Diabo/Pastor faz um pedido de perdão quase que teológico, ao qual Deus responde:

"Não te aceito, não te perdoo, quero-te como és, e, se possível, ainda pior do que és agora, Porquê, Porque este Bem que eu sou não existiria sem esse Mal que tu és [...] enfim, se tu acabas, eu acabo, para que eu seja o Bem, é necessário que tu continues a ser o Mal, se o Diabo não vive como Diabo, Deus não vive como Deus, a morte de um seria a morte do outro."

DIABO/PASTOR *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: É o mesmo personagem do verbete Anjo – um homem alto e forte, Anjo, anunciador, pedinte, Diabo/Pastor, Lúcifer. O narrador cria e alimenta uma certa dúvida proposital no leitor, que fica confundido com as aparições do Pastor e do Anjo e não sabe ao certo onde termina um e começa o outro, quando na realidade são dois lados da mesma personalidade. Não é um enganador do homem, nem um fanático inimigo de Deus, mas, às vezes, um parceiro dele, embora extremamente moderado e menos sentimental. Diabo e Deus são as duas faces de uma mesma moeda; Deus alia-se ao Diabo para conseguir o que quer, já que quanto maior o domínio de um o será também o do outro. O Diabo/Pastor não é um mau sujeito, pois se revolta contra as injustiças de Deus em vista dos sacrifícios de animais e muitas mortes sem sentido. Sabe e conhece tudo. Como um mestre sábio, apresenta a Jesus muitos questionamentos éticos e teológicos e prepara seu discípulo Jesus para o desencontro com Deus no mar. Quando se encontra pela primeira vez com Jesus, em diálogo com este responde que o conhece desde a eternidade. É o iniciador e grande mestre de Jesus que o acompanha desde a hora da concepção. Tenta, inutilmente, ensinar ao filho de José a não sacrificar ovelhas, mas Jesus falha, assinando assim seu destino, já que a morte da ovelha é uma prolepse de sua própria morte. Ao presenciar Jesus sacrificando a ovelha que tanta amava, Pastor lhe diz que ele não aprendeu nada e manda seu discípulo embora.

dicionario Personagens Jose Sar124 124 09.01.12 12:14:10

Não é ele quem tenta Jesus, pelo contrário, Jesus é tentado por Deus primeiro no deserto e depois na barca, até o limite de suas forças. Como o leviatã, Pastor/Diabo surge das águas para participar do encontro entre Deus e Jesus. Na barca, Pastor ocupa o lado direito de Jesus, enquanto Deus está à esquerda, o que aponta para uma nova trindade. Segundo Jesus, o Diabo parece saber mais do que Deus. Quando *"[...] se diria que ia chegar do outro lado [...]"*, inesperadamente, o Diabo chega por *estibordo* – o lado direito da embarcação. Ora, estando Deus no banco de popa, de frente para Jesus, voltado para a frente do barco, o Diabo chega pela direita de Deus, e ali se senta. É o Diabo que está *à direita de Deus-Pai Todo-Poderoso*, não Jesus. E o Diabo se instala na *borda* da barca. É tão pouco homem (que fica fora da barca, na margem) tão pouco Deus (que fica dentro da barca), está na borda, no limite entre ambos. Não bastasse, senta-se exatamente entre Jesus e Deus, entre homem (Jesus ainda não aceitou sua divindade) e Deus, o centro da balança, a parte neutra – e não má, visto que Bem e Mal ficam a cargo de Deus. E em sua neutralidade, nem a barca pende – nem para um lado, nem para outro. Quanto ao Diabo, se destaca por sua marginalidade, pelo seu trânsito entre os mundos. Ele vive à margem – e vem da margem – participando de maneira complementar aos desígnios de Deus. É até certo ponto adversário, mas nem de longe a encarnação ou fonte do Mal. Analisemos sua estréia na cena. Ele surge do silêncio, incógnito, de dentro do nevoeiro. Vem a nado, de dentro da água – a água aonde Jesus foi encontrar Deus, o elemento da divindade –, mas ainda no mesmo parágrafo o narrador informa que ele veio de longe, da margem. Margem onde se encontram os homens, onde a terra é firme, segura, o elemento da humanidade. Aqui fica outro detalhe para o complemento oportuno do autor. Quando cita que o Diabo veio de longe, esclarece que ele veio da margem, supondo que o leitor poderia imaginar que esse longe fosse outro lugar (ou plano). Também fica claro, pela sua chegada resfolegante, que o visitante não era assim tão íntimo do meio aquático (divino). Já falamos de sua chegada à direita de Deus e de como se senta entre este e Jesus, mas, quando observamos o Diabo surgir do nevoeiro, ao

dicionario Personagens Jose Sar125 125 09.01.12 12:14:11

longe, o encontramos em uma forma bestial – o porco: animal impuro para o judaísmo. É na barca – sem dúvida, a cena mais importante do livro e talvez de toda a obra do autor – que o Diabo/Pastor, verdadeiro protagonista desde desevangelho, pede humildemente perdão a Deus, para impedir que o filho de Deus e do Homem termine tragicamente morto na cruz e que tanta gente, no futuro, venha a morrer por sua culpa e causa. Assim que se instala, Pastor parece não se interessar com a conversa, negando a afirmação de Deus e retomando, ao menos na aparência, o papel de antagonista, daquele que nega a Deus. Mas o Diabo, ao contrário de Deus, é quem se compadece de Jesus e dos homens, se mostra piedoso, chega a oferecer-se para salvar toda a humanidade do mal, do sofrimento, do pecado. É ele, e não Jesus, o Salvador dos homens. Aqui diz finalmente: *"Que não se diga que o Diabo não tentou um dia a Deus",* revelando sua face de Tentador, mas não dos homens e sim de Deus. É possível conjeturarmos ainda a relativização do bem e do mal nessa cena da barca que aqui estamos analisando, quando o Diabo/Pastor propõe e tenta Deus aceitando que este governe o mundo desde que seja perdoado e recebido junto aos seus anjos mais fiéis. Em nome da salvação da humanidade, Pastor abre mão de ser Diabo, abre mão inclusive de ser Lúcifer, o Archote, já que admite estar na última e humilde fila dos anjos a servirem Deus, além de se reconhecer arrependido. O Diabo quer evitar todo o sofrimento futuro da humanidade. Se na Bíblia a serpente tenta Adão no Éden, Satanás (ou Deus?) tenta Jó e o Diabo tenta Jesus no deserto, nesta obra o Diabo tenta diretamente Deus. Sabem ambos, porém, que tal proposta é inaceitável já que põe por terra a razão mesma da existência de Deus: *"Não me aceitas, não me perdoas"* – indaga o Diabo. *"Não te aceito, não te perdoo, quero-te como és, e, se possível, ainda pior do que és agora, Porquê, Porque este Bem que eu sou não existiria sem esse Mal que tu és [...] se tu acabas, eu acabo, para que eu seja o Bem, é necessário que tu continues a ser o Mal [...]."* Não existe, assim, um bem em si mesmo, da mesma forma como não existe um mal em si mesmo. Ambos só são possíveis na alteridade, na relação com um outro. O Diabo é redimido definitivamente pelo autor, que o transforma no salvador

dicionario Personagens Jose Sar126 126 09.01.12 12:14:11

do Salvador, no salvador de toda a raça humana havida e por haver, numa espécie de terceira pessoa da Trindade, ou seria uma nova trindade agora só dupla – Deus e o Diabo, heteronimicamente atados. Mas Deus ri do pedido do Diabo, não aceita seu pedido de perdão e o condena a viver eternamente como um heterônimo seu, já que, segundo Deus, o bem que Ele representa nada seria sem o mal que o Diabo é. Se um deixar de existir, o outro também desapareceria. Durante o romance recebe vários apelidos: Anjo, Anunciador, Pastor, Diabo, Inimigo, Leviatã.

"É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue."

DIOGO DE COUTO *(Que Farei com este Livro?)*: Soldado da Índia, futuro cronista e autor de *O Soldado Prático.* Personifica os amigos fiéis, a quem Luís Vaz de Camões podia confidenciar suas angústias. Exalta Camões para as outras pessoas e as questiona por não conhecerem Camões e sua obra.

"Os melhores sonhos são os que se fazem com os olhos abertos, não os da cegueira."

DIONÍSIO *(Terra do Pecado)*: Filho mais velho de Maria Leonor e Manuel Ribeiro. O garoto é muito inteligente, estudioso e orgulhoso por sê-lo. É brilhante principalmente em História. É uma espécie de ídolo para a irmã e sente-se muito feliz ao poder esclarecer à pequena curiosa alguns dos porquês que ela interrogava. Porém ficava irritado quando as questões fugiam de seu conhecimento de menino. O garoto protegia a irmã; mesmo quando sentia medo dos papões, durante a noite, ele se encorajava para poder alentar a pequena Júlia. Dionísio irritava-se com as ordens da criada Benedita e aspirava crescer logo para não ter mais que obedecê-la.

DIRECTOR DA REDACÇÃO *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Fica estupefato, pasmado ao saber que o homem que está querendo denunciar toda a farsa orquestrada pelo ministro do interior, para culpar a mulher do médico, era nada menos que um comissário de polícia. Arruma um estratagema para publicar em seu jornal a carta denúncia

dicionario Personagens Jose Sar127 127 09.01.12 12:14:11

do comissário inocentando a mulher do médico, para enganar a censura. A publicação é retirada de circulação por ordens do governo. Mas, a despeito da proibição da circulação dos jornais, o artigo publicado é fotocopiado e distribuído por jovens pelas ruas.

DOM JOÃO III *(A Viagem do Elefante)*: Dom João III, o piedoso, rei de Portugal e dos Algarves, esposo de Catarina de Áustria. É quem decide dar o elefante como presente de casamento ao arquiduque Maximiliano d'Áustria. Para tanto, envia uma comitiva a fim de entregar o animal. Quase sempre aparece acompanhado pelo secretário, Pêro de Alcáçova Carneiro, seu tutor intelectual. Ao fim da narrativa, comunica a morte do elefante à rainha, que se retira para chorar.

DOMENICO SCARLATTI *(Memorial do Convento)*: Músico italiano, muito viajado por ter sido embaixador de Roma. Tocava na casa do rei de Portugal onde conheceu e se tornou amigo de Bartolomeu. É um personagem tranqüilo e um pouco filosófico. Era o único que entendia quando o padre falava mais subjetivamente e refletia sobre as possíveis *verdades* defendidas pela Igreja.

"[...] para que os homens possam cingir-se à verdade, terão primeiramente de conhecer os erros."

DOMINGOS *(Levantado do Chão)*: Personagem pertencente à segunda geração: *tempo de perguntas*. Quarto filho de Domingos Mau-Tempo e Sara Conceição, é irmão de João Mau-Tempo, Anselmo e Maria da Conceição. Como Anselmo, Domingos foi viver longe de Monte Lavre e nunca mais deu notícias. Dele recorda pesaroso João Mau-tempo, quando está para morrer.

DOMINGOS MAU-TEMPO *(Levantado do Chão)*: Personagem pertencente à primeira geração: *tempo do silêncio,* ou seja, ao tempo em que tudo se aceitava e nada se dizia. Casado com Sara Conceição, pai de João Mau-Tempo, Anselmo, Maria da Conceição e Domingos. É sapateiro arvorado em sacristão e é canhoto. Deixava de trabalhar para ir beber na taberna. É um *filho do vento*, um maltês. Inquieto,

dicionario Personagens Jose Sar128 128 09.01.12 12:14:12

muitas vezes aparenta ser uma criança, tamanho são os caprichos que possui. Cobiçou a sobrinha do padre e, no auge de suas persistentes inquietações, brigou com o mesmo. Desprezava a família e batia na esposa; por onde passava, bebia em todos os bares até cair e fugia por não ter como pagar. Quando Sara da Conceição o deixou, foi pedir perdão ao sogro; caiu ajoelhado e ficou triste, mas por fim voltou a beber. Não encontrava uma razão particular para sua dor de ter nascido. Depois de muito perambular pelas terras, passou a mão em uma corda, embrenhou-se pelo olival e foi dar cabo de sua vida enforcando-se em uma árvore em Monte Lavre.

"[...] nenhuma terra escapará à sentença, todas malditas, condenadas e condenadoras [...]."

DON GIOVANNI *(Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido)*: Don Giovanni é um conquistador que desdenha da moral e que muito se orgulha de ter os nomes das duas mil e sessenta e cinco mulheres que possuiu, anotados em um catálogo. Quando esse catálogo é roubado e queimado por Dona Ana e Dona Elvira, Don Giovanni cai num inferno terreno. O castigo que recebe não vem dos céus e nem por seus pecados, mas sim por seu orgulho: desmistificado porque já não lhe resta mais nada. Então surge Zerlina, humilde camponesa que o conquista e mostra-lhe como ser um homem comum, um simples Giovanni, que sempre foi muito mais seduzido do que sedutor. Don Giovanni provoca a estátua Comendador, com seu discurso shakesperiano:

"Se queres saber a minha opinião, o ser humano é livre para pecar, e a pena, quando houver, aqui, ouves-me?, aqui na terra, não no inferno, só virá dar razão à sua liberdade. Nunca se pronunciaram palavras mais vãs do que quando se disse "Deus te dará o castigo." Seria para chorar se não fosse para rir."

DON OCTAVIO *(Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido)*: Noivo de Dona Ana, entrava em seu quarto, à noite, escondido. Don Giovanni se faz passar por ele para também entrar no quarto de Dona Ana, porém ela percebe a troca.

dicionario Personagens Jose Sar129 129 09.01.12 12:14:12

Don Octavio é mais um dos personagens que condena moralmente Don Giovanni. Porém, talvez, amedrontado pelo mito de Don Giovanni, nada faz para castigá-lo. Em todos os momentos, Don Octavio permanece junto com Dona Ana e Dona Elvira e é protegido por elas, até ser desafiado a duelar com Don Giovanni. Tenta escapar, mas não consegue e é morto. Sua fala para Don Giovanni revela um pouco de sua personalidade:

"Por falso e caluniador o que merecias era que eu te atravessasse com minha espada, mas o desprezo das pessoas honestas te matará, cada dia que vivas será como uma morte para ti."

DONA ANA *(Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido)*: Filha do comendador e noiva de Don Octavio, permitia que este entrasse em seu quaro à noite, até que, certo dia, Don Giovanni se fez passar por Don Octavio para conseguir o mesmo. Dona Ana, junto com Dona Elvira, são as personagens mais fortes da obra; não esperam pela justiça divina para se vingarem de Don Giovanni e resolvem fazê-lo da forma mais humana possível: desmoralizando-o e desmistificando-o. Dona Ana é mais uma das personagens que hipocritamente usam a moral para condenar Don Giovanni e tentar transformar a vida dele num inferno. Mas, diferentemente de Dona Elvira, Dona Ana não quer restituir sua honra, já que admite levar seu noivo para o quarto, e muito menos vingar-se de uma rejeição. O que a motiva é a idéia de vingar a morte do pai.

"Para matar um velho, Don Giovanni ainda serviu, mas não para levar uma mulher ao paraíso."

DONA CATARINA DE ÁUSTRIA *(A Viagem do Elefante)*: Rainha, esposa do rei Dom João III de Portugal. É ela quem sugere enviar o elefante como presente de casamento ao arquiduque Maximiliano. Chora ao saber da morte do elefante.

DONA ELVIRA *(Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido)*: Uma das vítimas de Don Giovanni, o qual chega a casar-se com

dicionario Personagens Jose Sar130 130 09.01.12 12:14:12

ela para tê-la. Dona Elvira revela que possui bastante engenho. Motivada pela rejeição que sofreu por parte de Don Giovanni, ela se une à Dona Ana para vingar-se, sem esperar que os céus se motivem a fazê-lo. Trocando o catálogo de conquistas de Don Giovanni por outro em branco, ela lhe tira o que é mais precioso para ele e que mais o identifica: sua fama de conquistador.

"A tua apregoada vida de sedutor é que é uma falsidade do princípio ao fim, um invento delirante, nunca seduziste ninguém, farejas como um cão fraldiqueiro as saias das mulheres, mas nasceste morto entre as pernas."

DOTAIM *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Um dos três anciões da Sinagoga que, a pedido de José, visitam e interrogam Maria sobre a misteriosa visita (pedinte/mendigo/anjo) que ela tinha recebido. Possui barbas e veste túnicas. Desconfia que Maria esteja falando apenas uma parte da verdade.

"A verdade, sim, mas quem sabe se toda a verdade."

dicionario Personagens Jose Sar131 131 09.01.12 12:14:13

ELEFANTE *(A Viagem do Elefante)*: O animal tem a pela grossa, cinza café, salpicada de pintas e muitos pelos. Dom João III, o piedoso, rei de Portugal e dos Algarves, esposo de Catarina de Áustria, decide dar o elefante como presente de casamento ao arquiduque Maximiliano d'Áustria. Para tanto, envia uma comitiva a fim de entregar o animal. Com essa personagem, Saramago revisita a questão da animalidade, muito importante em obras anteriores, como *A bagagem do viajante* e *Objecto quase*; e também o texto experimental *O Ano de 1993*, em que o elefante aparece como a mais terrível arma de guerra. Em *A Viagem do Elefante* essa imagem é invertida, pois o animal é descrito como um ser pacífico, não obstante estar a serviço dos interesses nacionais portugueses e austríacos.

ELIAS *(A Segunda Vida de Francisco de Assis)*: É o grande antagonista da trama. Travará com Francisco o embate de poder que vigorará durante toda a peça, principalmente no segundo ato. Francisco, após sua misteriosa volta (segunda vida), deseja o retorno da Ordem fundada por ele aos princípios de pobreza, e Elias quer que permaneça tudo como está, lutando ardorosamente para continuar como Presidente da companhia. Apresenta-se como um típico dirigente exclusivamente a serviço de sua empresa; seus interesses resumem-se em mantê-la rica e produtiva, unicamente em busca de lucros. Ele passa a ser a alma da empresa como se ela, através dele, ganhasse forma humana. Extremamente inteligente e ardiloso na condução do processo de readmissão de Francisco, busca não destruir, mas neutralizar a influência do fundador da companhia. Francisco recebe um hábito e Elias manda que ele o coloque em um cabide. Duas interpretações podem ser atribuídas a esse ato: a primeira é que a função de Francisco seria nula, ele não possuiria voz ativa, pois o hábito é uma das formas de representação da ordem franciscana; a segunda interpretação é uma metáfora de que esse gesto representa uma cruz quebrada, no sentido de que a ordem perdera seu objetivo primeiro que era de ajudar os necessitados. Elias sempre reitera que Francisco não possui mais nenhum poder sobre ele ou a companhia. Os discursos entre ambos deixam transparecer as diferenças evidentes entre a Ordem

dicionario Personagens Jose Sar135 135 09.01.12 12:14:13

primitiva e a atual companhia, entre o tempo antigo e o tempo atual, entre o ideal primeiro da ordem e o novo espírito capitalista reformador. Enquanto Francisco freqüentemente relembra os princípios evangélicos que nortearam a fundação principalmente o do *"se queres ser perfeito, vai e vende tudo o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro nos céus"*, Elias representa o contrário, pois juntamente com Pedro, pai de Francisco e diretor geral, deposita sua confiança nos bens materiais e nos valores terrenos e mundanos. Parece-nos que a figura de Elias, não foi escolhida por acaso pelo autor para desempenhar o papel mais importante de antagonista. Segundo as biografias tradicionais, Elias Bombarone fora instituído dirigente da Ordem franciscana por ocasião da morte de Pedro Cattani, primeiro responsável empossado por Francisco, uma vez que o santo decidira renunciar ao cargo. Durante os treze anos, que dirigiu a Ordem ainda em vida de Francisco, Frei Elias desempenhou o papel principal, respeitando a vontade e o ideal franciscano. Sua personalidade parece tomar novo rumo após a morte do *Poverelo*. Na época em que governou pós-morte do fundador, a Ordem chegou a ter setenta e duas províncias espalhadas pelo mundo inteiro, número surpreendente para uma ordem recém nascida em pleno século XIII. Esse crescimento vertiginoso é delegado à eficácia e senso de grandeza de Elias que, para dar prosseguimento ao ideal franciscano, desenvolveu inimizade com o papa, foi excomungado, mas, como não poderia deixar de ser, fez penitência e morreu reconciliado com a Igreja. A tradição biográfica não trata criticamente do assunto, os exegetas franciscanos simplesmente citam a mudança de personalidade de Frei Elias e ficam no questionamento de que a regra franciscana primeira não foi seguida à risca. Essa parcialidade não foi mantida por Saramago. O paródico Frei Elias do autor abomina a pobreza, pois seu objetivo maior dentro da companhia é a prosperidade financeira. Saramago escolhe para dirigir a empresa aquele que um dia fora realmente um superior franciscano, mas cuja história foi nada admirável: alguém ambicioso e dissimulado, um excomungado que propalou uma regra toda ao contrário do primitivo ideal. A figura de Elias corrobora a decisão de Francisco no

dicionario Personagens Jose Sar136 136 09.01.12 12:14:14

final do livro – o fato de o santo decidir lutar contra a pobreza é justamente pelo motivo de tomar conhecimento dos procedimentos da nova Ordem que vivia a sua regra totalmente às avessas.

"São palavras vãs. Falta-te a autoridade para usá-las. A regra é outra, da obediência decido eu. Donde vieste? Não me parece que seja este o teu lugar. [...] O que fundaste não tem qualquer semelhança com o que existe hoje. O mundo mudou enquanto estiveste ausente."

ELSE WANDSCHERER *(In Nomini Dei)*: É uma das mulheres de Leiden, e só aparece posteriormente na trama, quando ele resolve instalar a poligamia. É uma personagem curiosa que representa a indignação contra as decisões absurdas do marido. É uma voz solitária que ousa discordar dele e, por isso, acaba sendo executada. Esse episódio retrata perfeitamente a tirania do novo sistema que estava sendo pregado.

"Pois eu respondo-te que Deus não se ofende senão quando a inocência é ofendida. Porque Ele próprio estava inocente e foi sacrificado."

EMPREGADA DO CONSULTÓRIO *(Ensaio sobre a Cegueira)*: Trabalhava no consultório do médico oftalmologista.

ENDEMONINHADO DE GADARA *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Homem, espécie de avantesma, coberto de imundícias, cheirando a putrefação dos túmulos onde se escondia sempre que fugia dos grilhões e correntes aos quais vivia atado por estar possesso. Possuía uma barba e um cabelo medonhos e nele vivia um espírito imundo. Ostentando suas unhas e trazendo nos dentes escancarados restos de carnes putrefatas, a besta-fera salta na frente de Jesus, Tiago e João, quando estes chegam à região habitada pelos gadarenos. Ao aproximar-se de Jesus, o endemoninhado se ajoelha e afirma que ele é o Filho de Deus, fato esse que, até aquele momento, Jesus ignorava, já que nem Maria, nem Pastor, nem Deus haviam afirmado algo tão categórico nesse sentido. O que ele tinha até ali eram mais dúvidas do que certeza

dicionario Personagens Jose Sar137 137 09.01.12 12:14:14

e foi justamente pela boca de um endemoninhado que ele soube ser o Filho de Deus. Jesus sente-se repleto de poderes diante daquele homem possesso, poderes que ele sabia também o levariam, cedo ou tarde, para o túmulo. Permite-se dialogar com o possesso, e este lhe responde que são muitos – *"Legião, porque somos muitos."* Quando Jesus ordena que os espíritos deixem aquele homem, ouve uma sinfonia macabra de vozes de todo o tipo e de toda espécie de tom, vozes diabólicas, finas e agudam que lhe imploram que gostariam de ficar por aqueles sítios. Jesus pergunta aos demônios para onde eles gostariam de ir. Nesse instante se aproxima uma grande vara de porcos e os demônios pedem que Jesus os expulse para o corpo dos porcos. Jesus não pensou por que os porcos estariam ali, já que judeus não comem esse tipo de carne, também não pensou que os judeus comendo a carne dos porcos endemoninhados poderiam, igualmente, ficar possessos, e nem calculou o resultado de sua atitude. Ele aceita o pedido e manda que os demônios saiam do corpo do homem e entrem nos porcos. Os demônios rejubilam de alegria e entram nos porcos que, por não estarem acostumados a serem habitados por demônios, se precipitam todos num abismo indo cair no mar, onde morrem ao todo dois mil porcos. Esse milagre é apresentado como uma vitória dos demônios e uma derrota ingênua de Jesus: como os porcos não sabiam nadar, pelas suas orelhas entra muita água, matando-os em poucos minutos; os demônios, porém, por não terem corpos, se livram tranqüilamente. Os donos dos porcos ficam furiosos com Jesus e começam a lhe atirar pedras. Jesus queria ficar para dar explicações, mas Tiago e João o convencem a fugir.

"Que queres de mim, ó Jesus, filho do Deus Altíssimo, por Deus te peço que não me atormentes."

ENFERMEIRO *(Todos os Nomes)*: Pessoa educada e observadora, trata de José quando este ficou fortemente gripado, com os joelhos feridos e completamente exausto (José invadira a escola em busca de dados sobre a mulher desconhecida). José recebeu três dias de licença do médico que o visitou por ordem do conservador e o enfermeiro aplicou-lhe

dicionario Personagens Jose Sar138 138 09.01.12 12:14:14

os medicamentos. O enfermeiro traz algo mais que seringas para injeção e comprimidos: traz-lhe o jantar. Realiza novos curativos nos joelhos de José, e os dois entram em um debate sobre a origem de tais ferimentos. O enfermeiro, antes de sair, diz que precisa fazer um relatório de atividades, comentando sobre o que vai e o que não vai constar nesse relatório, pois o conservador tem interesse na vida dos seus funcionários.

"Você não é capaz de imaginar a quantidade de coisas que se descobrem olhando para umas feridas."

ESCRAVO *(Caim)*: Escravo de lilith, mas que trabalha para noah sondando o que acontece e o que faz lilith. É encarregado por lilith de levar caim para tomar sol, e é incumbido por noah de se livrar do amante da esposa (caim). Ele e mais três homens emboscam caim durante o passeio. O escravo ri da fala de caim sobre a marca na testa e também se espanta com a defesa milagrosa de caim: a espada que seria desferida contra caim transforma-se numa cobra. É preso e enforcado em praça pública, e condenado também a ter o corpo devorado pelas aves de rapina.

ESCULCAS *(A Viagem do Elefante)*: Sentinelas, guardas avançados cuja missão é alertar sobre a aproximação do inimigo. Diante da iminente aproximação dos espanhóis, o alcaide informa o comandante português sobre a existência de esculcas, os quais enviam mensagens através de pombos-correio. É assim que um dos esculcas comunica a chegada dos austríacos em Castelo Rodrigo.

ESMERALDA *(A Noite)*: É secretária da redação e faz parte do clã conservador. Obedece a ordens, dá recados, executa pequenas tarefas. Faz-se de recatada, porém se insinua ao chefe da redação. Sua participação é ínfima, ocorrendo apenas no primeiro ato.

ESTRIBEIRO-MOR *(A Viagem do Elefante)*: Fidalgo da maior confiança do rei, incumbido de organizar a expedição que levaria o elefante à cidade espanhola de Valladolid. Recebe autorização real para dispor de dois homens para

dicionario Personagens Jose Sar139 139 09.01.12 12:14:15

ajudarem o cornaca, outros para se encarregaram do abastecimento de água e de forragens, e um carro de bois para o que mais se fizesse necessário.

"As ordens de vossa alteza serão cumpridas ponto por ponto, empenho nisso a minha palavra e a minha vida."

EVA *(Caim)*: Primeira e única esposa de adão. Quando acusada de influenciar adão a comer o fruto proibido, põe a culpa na serpente que lhe apareceu em sonho. Antes de ser expulsa do paraíso, recebe três maldições de deus. Do lado de fora do paraíso, juntamente com adão, passa fome, sede, frio e outras privações. É escarnecida por adão quando expõe sua idéia de ir pedir ajuda ao anjo, mas se mostra vencedora mediante os resultados de sua diligência. Convence adão a acompanhá-la na segunda visita ao anjo e, mesmo sem querer, provoca ciúmes ao marido pelos olhares e pela maneira como se comporta diante do querubim. Juntamente com adão, aprende a trabalhar. É mãe de caim, abel e set.

"Melhor louca que medrosa."

EX-MULHER DO HOMEM DA CARTA *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Passou a ser chamada de *peixe-agulha* pelo comissário. Na realidade não era ex-mulher do homem da carta, mas ex-esposa do homem da carta, porque mulher continuaria a ser sempre. Quando interrogada pelo inspector, afirma que a mulher do médico foi protetora e extraordinária.

dicionario Personagens Jose Sar140 140 09.01.12 12:14:15

F

FAUSTINO *(A Noite)*: É contínuo da redação e subserviente ao extremo. Só faz o que lhe mandam e quase não fala nada.

FEITOR *(A Viagem do Elefante)*: Segundo o velho aldeão, o feitor é quem *governa o barco* para o conde. É a ele que o comandante português visita e solicita a junta de bois para ajudar no transporte do elefante. O feitor a princípio se mostra difícil, mas o comandante o convence do empréstimo a partir de um discurso sobre a pátria. Ainda assim, o feitor solicita ao comandante a assinatura de papéis como comprometimento com a devolução dos bois.

"Nunca vi um elefante na minha vida."

FELIPE *(O Ano da Morte de Ricardo Reis)*: Garçom do Hotel Bragança, veio da Galiza para Lisboa. Nasceu em Villa-Garcia de Arosa e é servidor habitual do Dr. Sampaio e Marcenda.

FELISBERTO LAMPAS *(Levantado do Chão)*: Tem o nome de Felisberto por mero acaso. Foi moço bonito. É mais um injustiçado trabalhador agrário. Vive mal-humorado e resmungando. Vai para Montemor, em busca de trabalho. Viaja sentado numa carroça com as pernas para fora, de costas para o destino.

"o que é preciso é a gente agüentar-se não dar parte de fraco."

FERNANDO FESSOA *(O Ano da Morte de Ricardo Reis)*: Fernando António Nogueira de Seabra Pessoa nasceu em Lisboa em 1888, no dia 13 de junho. Formado em Letras pela Universidade de Inglaterra, poeta e escritor, criador de dezenas de fantásticos heterônimos, veio a faleceu em 30 de novembro de 1935, deixando na famosa Carta *Sobre a Gênese dos Heterônimos* a data da morte de Ricardo Reis em aberto, motivo literário reaproveitado por Saramago, que começa seu romance levando Ricardo Reis de volta à cidade de Lisboa no mesmo ano da morte de Fernando Pessoa. O autor transforma Fernando

dicionario Personagens Jose Sar143 143 09.01.12 12:14:16

Pessoa numa personagem fantasma que perambula por Lisboa, sem conseguir morrer de vez, durante oito meses. Paralelamente, faz reviver, em carne e osso, o poeta Ricardo Reis, um dos heterônimos fictícios em que Pessoa se desdobrou. O autor transforma o criador em criatura, já que agora tanto Ricardo Reis como Fernando Pessoa são meros seres de papel. Pessoa possui um pescoço alto e delgado, o cabelo um pouco ralo no cimo da cabeça e aparece com corpo bem feito, não usa mais chapéu e nem óculos, acessórios que, segundo ele, somente servem para os vivos. Veste calça, jaquetão, colete preto, uma camisa branca, sapato e meias pretas. Ele desempenha um papel fundamental na obra mesmo atuando esporadicamente. Pessoa se encontra onze vezes com Ricardo Reis em toda narrativa. Durante suas visitas, questiona Reis sobre a sua postura passiva diante dos acontecimentos de 1936, já que naquele momento Pessoa passa a ocupar uma posição de espectador, observando e analisando seu heterônimo, agora com vida própria, às voltas com os acontecimentos de um mundo conturbado. É sua função na narrativa alertar Reis sobre as artimanhas do ser humano, coisa que parece não ter feito durante o tempo em que os papéis estavam invertidos: Pessoa vivo, utilizando a máscara de Ricardo Reis. Ao final de oito meses parte para o descanso *eterno*.

"O seu caso, Reis amigo, não tem remédio, você simplesmente finge-se, é fingimento de si mesmo, isso já nada tem que ver com homem e com poeta."

FILIPE *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Um dos doze discípulos de Jesus, que se converte logo após o milagre da transformação dos pássaros de barro em pássaros verdadeiros. Segundo o sangrento dicionário de mortes elaborado por Deus, acabará a vida amarrado à cruz e apedrejado até a morte.

FLORIBERTO *(Levantado do Chão)*: Os bertos eram brancos, donos dos latifúndios, e faziam parte da chamada trindade (LEI = latifúndio, Estado, igreja). Mantinham a estrutura medieval em Portugal. Representam a hipocrisia e a injustiça, já que oprimiam e escravizavam todos os

dicionario Personagens Jose Sar144 144 09.01.12 12:14:16

trabalhadores. Floriberto segue a doutrina dos bertos. Tudo é combinado entre Ansberto e Angilberto, entre Floriberto e Norberto. O acerto com os trabalhadores do campo é — vão trabalhar e depois se vê:

"[...] se os outros pagarem, eu pago."

FRANCISCA DE ARAGÃO *(Que Farei com este Livro?)*: Dama do Paço. Antigo e inesquecível amor de Luís Vaz de Camões. Personifica os amores que se perdem no tempo e que depois são resgatados na fase da maturidade. Está o tempo todo ao lado de Camões, acompanhando toda burocracia para poder publicar o livro. Oferece dinheiro para que Luís pudesse imprimir o livro, mas ele não aceita. Na sua primeira aparição, ela simplesmente olha para trás, pois estava numa posição de submissão, ou seja, ela estava na Corte e, diferentemente de Camões que enfrentou o rei, ficou calada.

"Quando vos vi, foi com se a roda do tempo tivesse desandado vinte anos para trás."

FRANCISCO *(A Segunda Vida de Francisco de Assis)*: Fundador da companhia, em torno da qual todos os interesses da trama irão girar. A Ordem que fundou, agora transformada em empresa, não possui mais nenhum dos objetivos iniciais idealizados por ele: a construção espiritual de seus filhos, o caminho das virtudes, a pobreza, a obediência, a castidade e, sobretudo, a renúncia desta vida. É essa contradição que irá fazê-lo entrar em conflito com a maioria dos membros da atual companhia. O Santo surge em cena inesperadamente, não há muitas explicações sobre o como e o porquê de sua segunda vida. Começa a figurar na primeira cena, após uma reunião do conselho da empresa que discutia os resultados de uma pesquisa sobre as formas de alcançar novos mercados. Toma conhecimento da atual situação da Ordem que fundara, através das informações que sua mãe – dona Pica – lhe passou. Ela afirma que, bem diferente do passado, existem agora agentes que andam pelo mundo vendendo o que anteriormente davam de graça: esperança, fé, caridade. Os companheiros mais

dicionario Personagens Jose Sar145 145 09.01.12 12:14:16

próximos a Francisco não mais doam tudo que têm aos pobres, mas governam, fabricam, administram, gerem, contam, pesam e, como diz Elias, às vezes dividem. É interessante o relacionamento familiar de Francisco mostrado pela ficção. Tal qual nas biografias tradicionais, ele possui uma convivência nada amistosa com o pai, pois, segundo os escritos sobre Francisco de Assis, seu pai era homem muito rico, possuía loja que vendia diversos produtos, era um verdadeiro capitalista. Devido à incompreensão do progenitor quanto ao despojamento dos bens materiais por parte do filho, o relacionamento entre os dois não era fácil. Na estória de Saramago, essa crise familiar é aprofundada. As discussões entre pai e filho serviram também para a construção do novo Francisco: um santo dessacralizado e extremamente humano. Diferente da histórica empírica, não só o pai é mostrado como o malvado, Francisco também demonstra um sentimento nada santo em relação ao pai, como se pode depreender da fala de sua mãe Pica, em uma das cenas de discussão entre os dois, quando esta denomina pai e filho como *loucos, cegos e orgulhosos*. Bem ao contrário da tradição que aponta o pai de Francisco como o algoz do filho, perseguindo e amaldiçoando a sua opção por Cristo e pelos pobres, na biografia saramaguiana é Francisco quem finalmente amaldiçoa o pai, desejando-lhe a morte. Ele vê a morte do pai como única saída para a destruição da companhia e o restabelecimento de sua Ordem: *"Alguém deverá morrer, é preciso um sinal. (Pausa) Que morra então meu pai, que morra já."* Essa maldição se concretiza logo em seguida, quando sua mãe Pica entra inesperadamente em cena e anuncia: *"Pedro morreu... (para Francisco). Teu pai está morto. Assassinado (pausa) de morte natural."* O termo utilizado por Pica para caracterizar a morte do marido *assassinado* é revelador, de certa forma incrimina seu filho que há pouco na cena havia pronunciado a maldição. Seguindo a mesma tese de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, parece haver a condenação do próprio Deus, como um assassino, aqui no caso de morte natural. O autor estabelece assim uma espécie de pacto homicida entre Deus e Francisco de Assis. Outra desconstrução da sacralidade de Francisco empírico é notada no relacionamento entre ele e Clara.

dicionario Personagens Jose Sar146 146 09.01.12 12:14:17

Ambos vivem um amor impossível e a peça é uma paródia às biografias conhecidas e à própria tradição franciscana que tem o Santo de Assis como modelo de castidade e Santa Clara como apenas fiel amiga e confidente do *Poverelo*. A principal atuação de Francisco é, sem dúvida, a contestação do que estava vigorando na Ordem que fundara. Durante toda a peça ele irá insistir no retorno à pobreza, segundo os conceitos evangélicos instituídos por ele e não seguidos pela atual Ordem. Para tentar assumir o poder de sua obra e remodelá-la voltando às origens, deseja assumir o cargo de Presidente da companhia, cargo agora ocupado por aquele que será seu principal antagonista: Elias. Para tanto, pede inicialmente uma votação secreta para sua causa. Ele perde a disputa, mas por sugestão do próprio Elias é feita uma segunda votação para que o santo ocupe um lugar no conselho. Como ocorre um empate, a decisão é dada a Elias que, pelo voto de Minerva, admite Francisco. No conselho, Francisco passa a ocupar a função de receber e preparar os novos agentes. Contudo, ele, por meio dessa função, planeja destruir o modelo de companhia vigente. A tática para isso está em doutrinar os agentes segundo os princípios da antiga regra composta por ele, que é tida como princípio básico da companhia na teoria, mas não na prática. Elias sorrateiramente descobre o plano de Francisco e convoca um conselho para decidir o futuro do *traidor*: estes resolvem destituí-lo do cargo. A última possibilidade que Francisco vê para *voltar às origens* é recorrer àqueles por quem ele doou a vida – os pobres – e, através deles, mostrar a Elias e ao restante do conselho que a pobreza poderia vencer a riqueza. Francisco traz então à presença do conselho um certo Pedro, que seria o representante dos pobres e quem o ajudaria; porém, quando Pedro tem a palavra, bem ao contrário do que esperava Francisco, volta-se contra ele e em suas declarações constatamos o que poderíamos considerar como a tese do drama. Francisco, após a fala de Pedro, parece em seu íntimo sensibilizar-se com as palavras proferidas e toma consciência de seu equívoco em relação à pobreza. É responsabilizado pelos pobres aos quais havia dedicado toda sua vida. A decisão que o Francisco de Saramago toma após esse fato surpreende

dicionario Personagens Jose Sar147 147 09.01.12 12:14:17

a todos que conhecem um pouco da biografia do santo. Ele afirma que vai embora e que a pobreza não é santa. Dizer que a pobreza não é santa pode ser tida quase como uma profanação pelos franciscanos. Essa frase pronunciada pelo próprio fundador é praticamente uma heresia. A pausa é metodicamente colocada para, provavelmente, propiciar reflexões. A conclusão a que Francisco chega é instigante na medida em que os franciscanos até hoje mantêm esse ideal. É como se Francisco fizesse um auto-exame de consciência e tivesse pena de si mesmo por ter espalhado tal ideologia que se provou equivocada ao longo dos séculos. Os únicos que resolvem acompanhar Francisco em sua nova decisão são Clara, Junípero, Leão e sua mãe, Pica. Com essa peça, o autor propõe uma outra releitura para a vida e a história de Francisco de Assis, levando o Santo e o leitor a perceberem que o mundo capitalista está inserido em nossas vidas a todo momento e que aceitar a pobreza não vai ajudar em nada a modificar esse sistema. A decisão de Francisco de lutar contra a pobreza traz à tona, dessa forma, alguns questionamentos, entre eles o de que a salvação individual por meio da pobreza e do abandono das riquezas, que era seu objetivo, é imprópria para os nossos dias. A salvação deve ser encarada agora como salvação coletiva, não buscada no céu, mas na terra, com ações políticas, econômicas e sociais que garantam, aos humildes e excluídos, condições de vida digna sem explorações e exclusões, o que, aliás, é uma das bandeiras da chamada *Teologia da Libertação.* Francisco decide agir a partir da compreensão da relação entre pobres e ricos da atualidade. Essa decisão, se bem analisada, está em consonância com as atitudes do Francisco empírico, uma atitude revolucionária que causa espanto, e que, sem discursos, palavras vãs, violência ou teorias, envolve sim ações práticas simples e um trabalho de base. Trata-se de um apelo, uma teoria humanista do homem para o homem, a transformação de um mundo que se volta cada vez mais para o capital, para o individualismo, enquanto os desprovidos de tudo ficam às margens esperando uma solução para a inclusão social. O autor reapresenta a figura de Francisco de Assis sem as marcas que o discurso religioso tradicional deixou em sua biografia, propondo o santo como um símbolo de resistência frente aos grandes

dicionario Personagens Jose Sar148 148 09.01.12 12:14:17

desafios capitalistas e ao proletariado do mundo moderno e contemporâneo, um porta-voz da luta real contra a miséria atual e para uma justa distribuição de riquezas aqui na terra, em detrimento do depois no céu. Afinal, quem garante que os pobres realmente herdarão o reino dos céus?

"Vou-me embora [...]. Agora vou lutar contra a pobreza. É a pobreza que deve ser eliminada do mundo. A pobreza não é santa."

FRANCISCO *(Manual de Pintura e Caligrafia)*: É casado com Ana e integra o grupo social a que pertencem H. e Adelina. Junto com sua mulher, serão sempre retratados pelo *escrepintor* como componentes de um par afinado, pois pertencem à mesma faixa etária e atuam na mesma profissão. O modelo de felicidade conjugal coloca ambos numa posição de contraponto com os demais membros do grupo, que se mostram tateantes no caminho de busca da realização afetiva. Durante a narrativa, as manifestações de excitação mútua cedem lugar ao cansaço flagrante da relação. Personagem secundária, a atuação de Francisco evidencia o impacto da volubilidade afetiva experimentada pela geração amadurecida de setenta; fornece os índices do novo arcabouço moral que passa a reger as relações amorosas desde então: *que o amor seja eterno enquanto dur*e.

FRANCISCO MARQUES *(Memorial do Convento)*: Era casado e possuía três filhos. Por viver de maneira miserável, resolveu trabalhar na construção do Convento de Mafra. Ao carregar uma pedra, juntamente com mais seiscentos homens, essa rola e o esmaga. Era um pouco revoltado com a vida miserável que tinha, já que o que ganhava mal dava para comer e tomar um pouco de vinho. Para ele quem vivia bem eram os donos das vendas de comida.

"[...] eu por necessidade vivo e necessitado continuo."

FRANZ VON WALDECK *(In Nomini Dei)*: É o bispo católico da cidade e representa a Igreja Católica, com seu lado também fanático e intransigente. Efetivamente, pode-se dizer que

dicionario Personagens Jose Sar149 149 09.01.12 12:14:18

aparece na trama no início e no final, quando vem para punir e aniquilar os inimigos. Exerce papel fundamental, uma vez que seus inimigos, os reformistas, não param de falar nele. É uma espécie de outra margem do rio, na qual é possível estabelecer relações entre o catolicismo e o anabaptismo. Está claro que não representa nem o bem nem o mal, mas uma força tão contraditória quanto o próprio movimento que se insurgiu contra ele. Apesar disso, vence no final do livro. Do mesmo modo como o catolicismo se impôs em todos os momentos decisivos da história da humanidade – com mão de ferro e em nome de Deus.

"Não invoqueis, malditos, a misericórdia do Senhor, porque é Ele quem vos quer exterminados."

FREI BARTOLOMEU FERREIRA *(Que Farei com este Livro?)*: Frei Dominicano revisor-censor de *Os Lusíadas*, em nome do Santo Ofício. Questiona alguns pontos da obra, já que era a sua função questionar. Aceita algumas ponderações por parte do autor, porém exige mudanças no livro. Personifica a completa submissão ao Santo Ofício, sem questionar, nem ousar e nem revelar o que ele como pessoa considerava a respeito da obra. Ele está muito *confortável* na posição que conquistou e, portanto, não faz questão de mencionar sua opinião, pois, provavelmente, sabe qual seria seu fim caso aprovasse toda a obra de Camões sem fazer qualquer ressalva.

"De cada vez censurarei o vosso livro de acordo com o pensar da Santa e Geral Inquisição. [...] E que importância tem o que eu pense do vosso livro...?"

FREI MANOEL DA ENCARNAÇÃO *(Que Farei com este Livro?)*: Confessor do Conde de Vidigueira. Mesmo com uma pequeníssima fala, representa um papel de alguém completamente submisso ao Conde. Provavelmente, nos momentos de confissão ele dizia o que o Conde queria ouvir.

"Perdoemos ao louco o seu pouco juízo."

dicionario Personagens Jose Sar150 150 09.01.12 12:14:18

FRITZ *(A Viagem do Elefante)*: Nome pelo qual Subhro (o tratador do elefante Salomão) passa a se chamar a mando do arquiduque Maximiliano de Áustria. No desenrolar da narrativa, esse seu novo nome demarca, ao lado do novo nome do elefante (Solimão), um jogo de espelhos ou duplos. O eixo identitário (Subhro–Fritz/Salomão–Solimão) se configura paralelamente ao eixo nacional (Portugal–Áustria).

dicionario Personagens Jose Sar151 151 09.01.12 12:14:18

G

GADANHA *(As Intermitências da Morte)*: Com a lâmina um pouco desgastada e enferrujada, passa seus dias encostada às paredes. É companheira de muitas aventuras e muitos massacres causados pela morte, chegando até a assumir as funções desempenhadas por ela, durante uma semana: despachar as cartas com o aviso da data da morte do destinatário. Fica impressionada com o fato do violoncelista não ter morrido, mas principalmente com a transformação da morte em uma mulher. Quando vê a morte vestida de mulher, discutem sobre o traje que a ela usa. Nessa discussão sobre trajes, a gadanha afirma que conhece Proust, um dos maiores escritores que já existiram. A morte duvida disso. Ambas discutem sobre quem entende mais de moda e a gadanha critica os trajes da morte. Depois acaba cedendo e afirma que a morte está bonita, vestida para seduzir um homem, ou melhor, vestida para matar. Não possui o poder de assumir o posto da morte, mas apenas de cumprir ordens.

"Pareceu-me haver um bom motivo, não é todos os dias que se vê a morte transformada num exemplar da espécie de quem é inimiga..."

GERTRUD VON UTRECH – DIVARA *(In Nomine Dei)*: É a primeira mulher de Jan Van Leiden. Ela não é tão fanática e, muitas vezes, questiona as decisões do marido. Está claro que não concorda com a questão da poligamia, entretanto submete-se a ela. Pode-se perceber em seus gestos a atitude solitária de uma mulher que tem seus próprios valores morais, apesar de saber que sua situação é de submissão e impotência. Apesar disso, não abjura no final do livro, permanecendo coerente com aquilo que achava certo.

GIL *(A Segunda Vida de Francisco de Assis)*: Membro do conselho. Personagem com pouca expressão, sempre se mostra conivente com as decisões apontadas por Elias e, portanto, contrário a Francisco. Suas falas reafirmam as decisões da companhia e o configuram como um profícuo administrador, muito conhecedor dos dados da empresa. No início da narrativa é mostrado como ávido defensor da renovação dos agentes da companhia.

dicionario Personagens Jose Sar155 155 09.01.12 12:14:19

"Algumas vezes aconteceu destruir o criador a sua obra. Não seria de mais, neste caso, destruir a obra o seu criador."

GILBERTO *(Levantado do Chão)*: Os bertos eram brancos, donos dos latifúndios, e faziam parte da chamada trindade (LEI = latifúndio, Estado, igreja). Mantinham a estrutura medieval em Portugal. Representam a hipocrisia e a injustiça, já que oprimiam e escravizavam todos os trabalhadores. Gilberto, como os outros bertos, se apossou das muitas terras de pequenos agricultores em dificuldades, por falta do pagamento dos empréstimos.

"[...] quem o seu não vê, o diabo o leva [...]."

GOVERNO *(As Intermitências da Morte)*: Demora um tanto para se pronunciar sobre a greve da morte. Nesse pronunciamento, apenas ratifica o fato de que ninguém morreu depois da virada do ano, pede calma à população e diz-se pronto para enfrentar qualquer situação *humanamente imaginável*. Suas ações encerram-se principalmente na figura do primeiro-ministro.

"o governo quer aproveitar esta oportunidade para informar a população de que prosseguem em ritmo acelerado os trabalhos de investigação que, assim o espera e confia, hão-de levar a um conhecimento satisfatório das causas, até este momento ainda misteriosas, do súbito desaparecimento da morte."

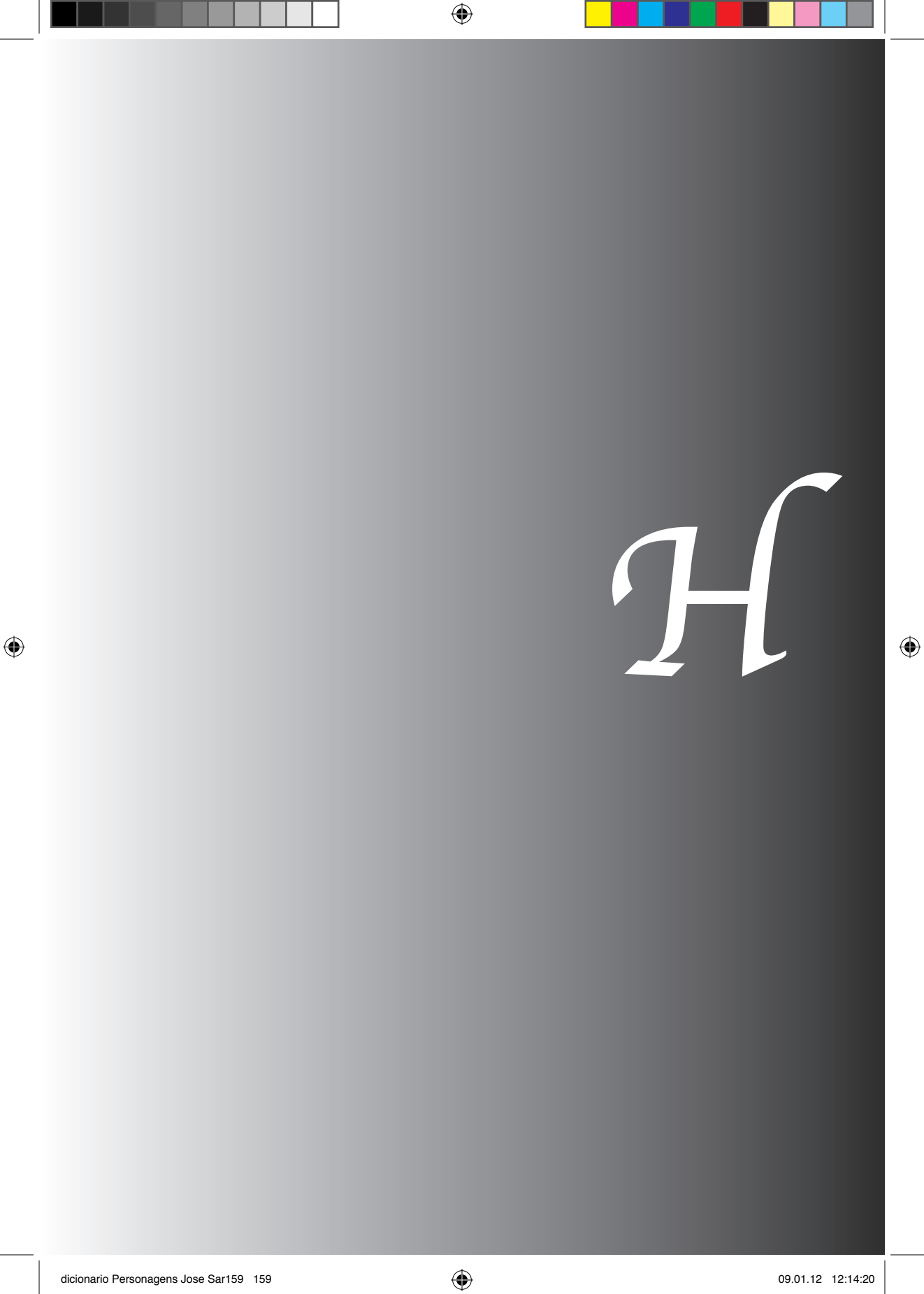
GRACINDA *(Levantado do Chão)*: Casada com Manuel Espada, com quem tem uma bela menina muito especial – Maria Adelaide –, parida com dores, que veio ao mundo com os olhos azuis do avô. Filha de Faustina e João Mau-Tempo, Gracinda pertence à terceira geração – *tempo de luta* – junto com os irmãos António e Amélia Mau-Tempo. Gracinda é uma mulher decidida. Ela deixa os campos de Monte Lavre e a filha pequena com a mãe e resolve partir com o marido e mais um grupo de homens para procurar trabalho em Montemor, onde mora sua irmã Amélia. Gracinda não sabe bem onde fica; mas vai mesmo assim. Eles partiram, porém não deram sorte.

dicionario Personagens Jose Sar156 156 09.01.12 12:14:20

Ao pedirem trabalho em frente ao castelo de Montemor, foram mal interpretados e expulsos a bala.

"As pessoas falam falam, mas não sabem o que é a precisão."

dicionario Personagens Jose Sar157 157 09.01.12 12:14:20



H. *(Manual de Pintura e Caligrafia)*: Narrador e protagonista do romance. Sob sua perspectiva, são tratadas as categorias espaço-temporais e personagens são construídas. Pintor retratista, H. é consciente da anacronia da sua forma de expressão, bem como de suas limitações estéticas. Como forma de compreender a sua arte e a si mesmo, recorre ao inusitado ato de repetir às escondidas o retrato do cliente S., enquanto se dedica à escrita de suas memórias recentes num diário. As reflexões de H. acontecem durante os estertores da ditadura salazarista e o seu desfecho coincide com a Revolução dos Cravos, mais precisamente com as manifestações do povo que sai às ruas de Lisboa no dia 25 de abril de 1974 para comemorar a queda do regime. Ao atribuir à personagem a mesma idade do regime político – H. está prestes a completar cinqüenta anos –, Saramago articula o percurso individual do pintor à realidade político-social que é retratada como pano de fundo no romance. O elemento social adentra o primeiro plano narrativo quando o narrador tece autocrítica sobre o grupo no qual se inclui como membro. De acordo com a visão de H., esse grupo não tem razão para se sustentar e, se continuam amigos, é por medo da solidão que não desejam suportar. Interrogando-se a respeito da própria arte, a respeito da própria vida e de suas relações amorosas e com os amigos, H. decide se dedicar à escrita das memórias de uma viagem feita anteriormente à Itália. O circuito artístico de busca de parâmetros estéticos é registrado em forma de exercícios autobiográficos. Durante esse período, o *escrepintor* elabora mais dois quadros: um retrato contratado pelos Senhores da Lapa e outro da imagem do Santo António, desprovido de aura, do livro e do Menino Jesus, que possui em seu apartamento. Marcada por aventuras amorosas, a trajetória pessoal de H. contempla relacionamentos simultâneos com Adelina, oficialmente reconhecida como namorada pelo grupo de amigos que freqüenta, e o escuso *affair* com Olga, fogosa secretária de S.. A transformação de H.– a saída de si em direção à realidade exterior – ocorre a partir do episódio da prisão do amigo António e do encontro com M., jovem revolucionária militante pela qual se enamora, tendo como pano de fundo os momentos que conduziram o país a novas esperanças. Emoldurado por esse espaço de

dicionario Personagens Jose Sar161 161 09.01.12 12:14:21

crença, a aventura de António ganha lugar de destaque na narrativa, funcionando como ensaio de um romance que tem por desfecho o anúncio da quinta pintura de H.: o seu auto-retrato. Ao atribuir ao protagonista do romance que marca a sua re-estréia no gênero um nome vazio que se reduz a uma inicial, Saramago confere à personagem a possibilidade de ser nomeada por *todos os nomes* que se iniciam com a letra H., inclusive *Homem.* A tendência ao universal pode ser lida no questionamento que move a trajetória estética do pintor. Diante do modelo que se apresenta ao traço e à tinta, o artista indaga: *"quem é este homem?"* Em busca de respostas que satisfaçam a sua ânsia de verdade, enquanto esboça retratos, o pintor inicia um processo de auto-conhecimento. Profundamente esmiuçada através do confronto entre as duas linguagens – a plástica e a verbal –, a relação pintura/caligrafia encaminha reflexões sobre a própria escrita romanesca do autor que busca delinear seus próprios contornos nos exercícios autobiográficos que comporão o novo manual. O caráter autobiográfico do romance é freqüentemente suscitado por estudiosos da obra do romancista e pelo próprio escritor. No discurso *De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz*, proferido por ocasião do recebimento do Prêmio Nobel de Literatura, em 1998, Saramago trouxe, para o cenário da festa em Oslo, personagens dos seus romances e reconheceu como seu mestre o pintor de retratos designado somente pela letra H.. Ali, segundo o autor, houve uma *dupla iniciação*, a do personagem e a do autor do livro.

"Só há uma maneira de fazer Quixotes: é tornar os ideais maiores."

HEINRICH KRECHTING *(In Nomini Dei)*: Fora antigamente um sacerdote católico. Posteriormente, quando Leiden proclama-se rei, elege-o seu conselheiro, de modo a ter ao seu lado um ex-católico para estudar-lhe os pensamentos. Entretanto sua participação e auxílio foram bastante tímidos, tendo fugido antes que a cidade fosse invadida.

"Cala-te, talvez que tudo isto não passe de uma comédia."

dicionario Personagens Jose Sar162 162 09.01.12 12:14:21

HELENA *(O Homem Duplicado)*: Esposa atenta e dedicada de António Claro, casada com ele há dez anos, trabalha numa empresa de turismo no outro lado da cidade. Fica completamente confusa e perturbada ao saber da existência de um duplicado de seu marido; atormenta-se imaginando que para saber como é Tertuliano fisicamente não necessitaria despi-lo, pois ao seu lado há um igual. Precisa fazer uso de tranqüilizantes para dormir. António Claro esconde dela os encontros que tem com o duplicado e a vingança que planeja. Ela também é enganada por Tertuliano, que passa a noite com ela fingindo ser seu marido. Ao saber de toda a verdade e que seu marido está morto, propõe a Tertuliano que ele viva como António Claro e que talvez um dia eles possam se amar.

"A minha cama é o meu castelo, [...] por trás das suas muralhas estou a salvo."

HERODES *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Poderoso rei e monarca da Judéia, Samaria, Peréia, Iduméia, Galiléia, Gaulanitide, Traconitide, Auranitide, Batanéia. Mandou afogar o irmão de sua própria mulher, Mariame, e depois mandou estrangulá-la, acusando-a de adultério. Matou também sua sogra. Surge no romance doente, furioso, carcomido por vermes que infestam seus órgãos sexuais, crivado de dores, à beira da loucura, com o corpo em estado de putrefação. Ameaça crucificar os médicos se não descobrirem a causa de sua loucura. Em sua loucura vê-se cercado por traidores por todos os lados. É perturbado pelo fantasma do profeta Miquéias, que em sonhos o avisa que de Belém sairá aquele que governará Israel. Pede a um eunuco que traga o livro de Miquéias juntamente com um sacerdote do templo, forçando, com pressa, o sacerdote a ler todo o livro até chegar no versículo que trata sobre a mesma profecia lançada pelo profeta em seus sonhos. Compreende que a aparição sobrenatural de Miquéias significa que o nascimento já ocorrera. Então chama o comandante da guarda e manda executar todos os meninos que tinham menos de três anos (ao todo vinte e cinco meninos). Mas Jesus se salva uma vez que está numa gruta, fora de Belém. Miquéias não revela imediatamente a última

dicionario Personagens Jose Sar163 163 09.01.12 12:14:21

parte da profecia, ele sempre vai embora, alimentando na cabeça de Herodes ainda mais a desconfiança que este já tem de tudo e de todos. Eis aqui uma contradição interessante: é a personalidade psicótica de Herodes que influencia tanto sua psique, a ponto de seus sonhos mostrarem um Miquéias que deixa algo intrigante no ar, ou é o fato do profeta realmente deixar algo intrigante no ar que alimenta ainda mais a personalidade psicótica de Herodes? Se Miquéias realmente aparece em sonhos para Herodes, não teria sido sua própria profecia que teria alimentado em Herodes a ordem de matar as crianças inocentes? Nesse caso Herodes seria inocente? Por que então Miquéias teria feito a profecia? Seria a vontade de Deus a matança das crianças? Ou talvez o autor tenha explorado aqui o recurso que muitos reis e sacerdotes usavam na antiguidade – o de atribuir a natureza de atos e ações condenáveis a Deus ou às profecias recebidas em sonhos. Herodes morre em Jericó. Seu reino foi dividido por seus três filhos: Herodes Filipe, Herodes Ântipas e Arquelau.

HERODES ÂNTIPAS *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Filho de Herodes, governou a Galiléia e a Peréia.

HERODES FILIPE *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Filho de Herodes, governou os territórios a leste da Galiléia.

HILLE FEIKEN *(In Nomini Dei)*: Aparece no livro em um único momento para designar a ingenuidade que o fanatismo religioso pode disseminar entre as pessoas. Foi dissuadida a acreditar que poderia repetir a façanha de Judite contra os assírios, a qual derrotou Holofernes. Acreditou que poderia imitá-la e, assim, acabar com o bispo Waldeck, para alívio de toda a cidade. O plano, não deu certo. Ela morreu antes mesmo de se aproximar do alvo.

"A minha alma está confusa."

HOMEM *(A Ilha Desconhecida)*: Figura central da narrativa, representa os párias, os excluídos e os desejos daqueles que se encontram longe das esferas de poder: os homens comuns. É sujeito da sua própria história que está em busca de transformação, em busca da sua identidade,

dicionario Personagens Jose Sar164 164 09.01.12 12:14:22

em busca de uma utopia. É um transgressor da ordem estabelecida em busca da verdadeira condição de ser um humano, em busca da esperança. Personagem sem nome, designado apenas como *um homem,* um súdito do reino, um suplicante igual ao povo, que queria apenas um barco para lançar-se em busca da ilha desconhecida. A ausência de qualquer título o torna livre para enfrentar as estruturas de poder; ele não tem nada a perder, não há obrigações com a sociedade e isso facilita suas atitudes. Um homem que, em busca de seu desejo, teve coragem de romper com as tradições e costumes do povo, estabelecendo outras maneiras para obter o que mais queria: o barco. É determinado, teimoso, persistente, decidido, firme, sábio, sonhador, visionário desafiador e filósofo. Gosta de criar conceitos e metáforas. Ele não tinha tripulação necessária para ir à procura da ilha desconhecida, mas mostra-se habilidoso no emprego das palavras dirigidas, tanto ao rei quanto ao capitão, a busca de sua conquista maior: ter o barco. No final do conto, ganha um atributo (na forma de uma locução adjetiva), passando a ser denominado como *homem do leme*, o que lhe confere uma outra personalidade ou postura. A partir desse adjetivo, ele dirige o seu próprio destino, já que o leme (a peça ou dispositivo instalado na popa da embarcação) serve, no barco, para lhe dar direção, para governá-lo, dirigi-lo. Durante o conto recebe outras características que são acrescentadas ao seu nome, de acordo com seus desejos e suas conquistas: *o homem que queria um barco, o homem que ia receber um barco, o homem que tinha um barco.* O número três também aparece como um número significativo para o homem, pois foram três as perguntas que o rei lhe fez, foram três dias de espera para receber o barco, a mulher resolveu segui-lo após três dias pensando no assunto, são três velas triangulares que aparecem no seu barco, sendo que a soma das velas triangulares dá um total de nove e nove é múltiplo de três. O três é um número perfeito, a expressão da totalidade, da conclusão, exprime o mistério da ultrapassagem, da síntese, da união. Para os cristãos, representa a unidade perfeita da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.

"Se não sais de ti, não chegas a saber quem és."

dicionario Personagens Jose Sar165 165 09.01.12 12:14:22

HOMEM *(Caim)*: Salteador, alia-se ao escravo de lilith para assassinar caim. Ri quando este mostra a marca na testa e quando afirma que ninguém pode matá-lo. Porém, quando a arma que portava para ameaçar caim se transforma em cobra, fica horrorizado. Pede perdão a caim que, além de não perdoá-lo, condena a sua família. É preso e enforcado em praça pública e condenado também a ter o corpo devorado pelas aves de rapina.

"Ah, sim, já vejo, o que não vejo é como pode este sinal evitar que eu te mate."

HOMEM DA CARTA *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Aparece tanto em *Ensaio sobre a Cegueira* como em *Ensaio sobre a Lucidez.* É um homem fraco e assustado e, no livro *Ensaio sobre a Cegueira*, foi o primeiro a cegar, passando a ser denominado de primeiro cego. Espalhou a epidemia para todas as pessoas da cidade. Esta personagem retorna no livro *Ensaio sobre a Lucidez* e manda uma carta para o presidente da república, recordando o ocorrido há quatro anos quando todos cegaram, menos uma mulher: a do médico oftalmologista. E dessa forma delata essa mulher, cujo crime, em *Ensaio sobe a Cegueira*, foi o assassinato do homem que se aproveitou da situação (a cegueira generalizada) para molestar/estuprar mulheres, inclusive ela. Tenta relacionar o fato da mulher do médico ter sido a única a não ter ficado cega há quatro anos com a avalanche da votação em branco. Em sua carta, relaciona a epidemia da primeira cegueira (dos olhos), com a segunda cegueira (dos votos em branco). O presidente da república pede que ele dê a sua palavra de honra de que esquecerá o conteúdo da carta. Ele empenha sua palavra. Tanto o primeiro-ministro como o presidente da república hesitam em classificar seu gesto como patriótico, uma vez que ele delata, como assassina, justamente quem o salvara na primeira cegueira – a mulher do médico. Olhando por esse ângulo, é um delator e canalha. O primeiro-ministro sugere que a carta seja arquivada na secção dos escritos alucinados.

HOMEM DA GRAVATA AZUL COM PINTAS BRANCAS *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Atirador profissional a serviço

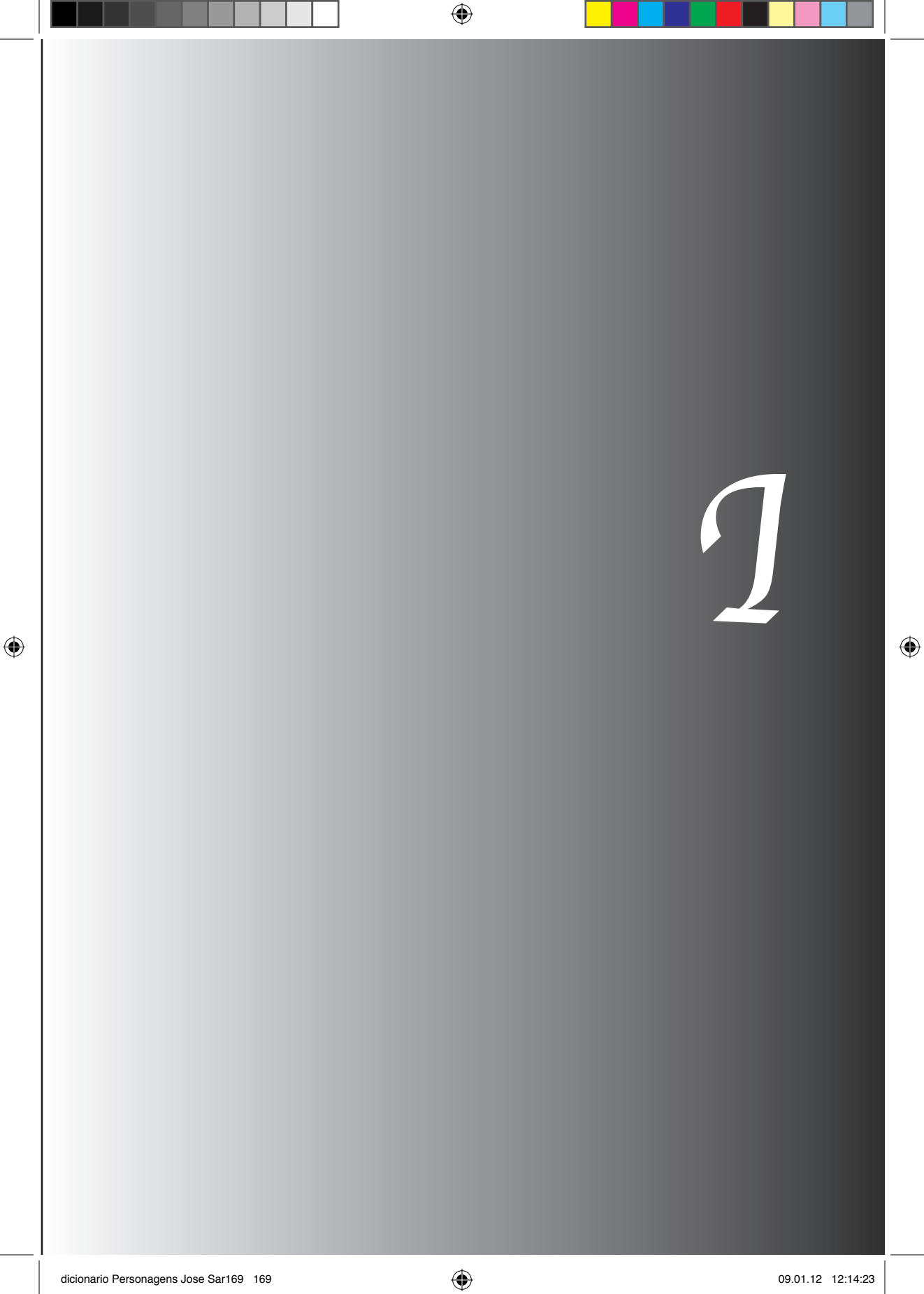
dicionario Personagens Jose Sar166 166 09.01.12 12:14:22

do governo. Mata o comissário com um tiro na cabeça e mata a mulher do médico com dois tiros, além de matar o cão de lágrimas.

HUBERT RUESCHER *(In Nomini Dei)*: Um ferreiro que não desempenha papel fundamental no enredo. Ilustra, assim como Else Wandscherer, as pessoas que ousaram se contrapor ao movimento religioso e, principalmente, a Leiden. Foi executado por Matthys, e desse modo torna-se exemplo para toda a cidade, para que ninguém ousasse fazer o mesmo. Essa cena demonstra a tirania e a injustiça que a nova proposta religiosa trazia.

"Deus, de certeza, preferiria ser mudo toda a eternidade se pela tua boca é que tivesse de falar."

dicionario Personagens Jose Sar167 167 09.01.12 12:14:23



INÊS *(A Segunda Vida de Francisco de Assis)*: Secretária quase sem expressão e peso para a trama, servindo mais de contraponto ao próprio enredo, figurando com falas somente a partir do segundo ato. Suas poucas falas insinuam o amor de Clara por Francisco e colocam em xeque as reais intenções do fundador da companhia. No desfecho, mesmo não concordando com a decisão do conselho, obedece a Elias e não deseja seguir Francisco. Inês está presente nas biografias franciscanas tradicionais: irmã de Clara, ela teria se juntado posteriormente à sua irmã e vivido também como filha da pobreza.

INÉS ANTÓNIA *(Memorial do Convento)*: Irmã de Baltasar e esposa dedicada ao marido Álvaro Diogo e aos filhos. Seu filho mais novo não vingará. Coincidentemente, o infante D. Pedro também morre. A partir disso se estabelece uma comparação entre o destino das crianças, cada qual pertencente a uma classe social.

INSPECTOR *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Primeiro agente/auxiliar, é inteligente, bom estrategista, crítico e opinativo. Quando entrevista a ex-mulher do homem da carta, a partir da opinião desta fica com a impressão de que a mulher do médico foi uma heroína no episódio da primeira cegueira. Mas é covarde e arrogante, está preocupado com seu emprego e com sua família e por isso aceita as ordens do ministro do interior para achar provas que incriminem a mulher do médico da responsabilidade pela votação em branco.

"Sim, se a diligência foi desenhada para fazer de um inocente culpado."

ISAAC *(Caim)*: Filho temporão de sara e abraão. Mesmo o patriarca tendo um filho com a escrava agar, será isaac o seu herdeiro. Como tal, ajuda seu pai em todos os afazeres, em todas as tarefas. Em uma dessas tarefas, está auxiliando abraão a preparar um sacrifício e, com sua voz juvenil, interroga o pai insistentemente sobre onde está a vítima. É salvo pela intromissão de caim, que segura a mão de abraão antes que este desfira um golpe na garganta do filho. Instantes depois, chega atrasado o anjo incumbido de evitar o sacrifício de isaac.

dicionario Personagens Jose Sar171 171 09.01.12 12:14:23

"Levamos aqui o fogo e a lenha, mas onde está a vítima para o sacrifício."

ISAURA MADRUGA *(A Caverna)*: Viúva, tímida, sofrida, carente, recatada, com idade aproximada de quarenta e cinco anos. Antes de casar ela se chamava Isaura Madruga, depois passa a se chamar Isaura Estudiosa, sobrenome herdado do marido (Joaquim Estudioso). Cipriano Algor e a filha foram ao enterro do marido de Isaura, muito mais por educação do que por amizade. Tempos depois, um reencontro faz com que as solidões mútuas se tornem menores, dando espaço à paixão. A viúva é uma presença discreta desde o início do romance, quando ganha de Cipriano Algor um cântaro de barro – ela e Cipriano têm um interesse comum por cântaros. Após esse episódio, ela passa a ser identificada pelo seu sobrenome de solteira (Madruga) e volta e meia povoa o pensamento de Cipriano, deixando entrever que adiante ela teria uma participação mais efetiva no enredo. Isaura Madruga consegue viver sem a influência do Centro, deseja estar ligada à natureza, ver as coisas sem as maquiagens da modernidade e da revolução industrial. O amor de ambos acaba se revelando quase no final, exatamente quanto Cipriano está de mudança para o Centro. Ela fica, não somente com o amor recém declarado e já, aparentemente perdido, mas também com o cão Achado que ficou sob sua guarda. Também cuida da casa de Cipriano Algor. Não foi uma paixão desenfreada, com serenatas e passeios ao luar – seus limites se deram na timidez de Isaura e na humildade de Cipriano. Sua atração por Cipriano não ganha aquela roupagem estereotipada comum aos romances entre duas pessoas com idade já avançada, pois o que há entre os dois é, além de amor, desejo. Desejo este que é ao mesmo tempo físico, espiritual e ideológico. A perseverança e a determinação aparentam ser as características mais evidentes nesta personagem. É uma personagem importante na decisão que todos da família de Cipriano terão de tomar e é o motivo pelo qual Cipriano assume que precisa viver outra vida, que não pode viver um mundo virtual, de sombras, que é o mundo oferecido na *Caverna*/Centro. Não aceita viver ali, isolado, numa caixa artificial, como uma sombra esperando a

dicionario Personagens Jose Sar172 172 09.01.12 12:14:24

morte chegar. Isaura Madruga é um elo entre o mundo das sombras e a possibilidade de vida nova. Em sua total discrição, ela é a maior força propulsora a arrancar Cipriano Algor da *Caverna*/Centro. Isaura ajudou Marta a escolher e selecionar os objetos para uma viagem sem destino da família Algor. No final, parte abraçada a Marta que chorava com olhos secos, em busca de dias melhores.

"Na vida nem sempre podemos fazer aquilo de que gostamos [...]."

dicionario Personagens Jose Sar173 173 09.01.12 12:14:24

J

JACOBA *(A Segunda Vida de Francisco de Assis)*: Uma das secretárias que pouco figuram na peça. Assim como Inês, ela parece servir de contraponto ao próprio enredo. Suas falas aparecem a partir do segundo ato. Nas biografias oficiais de Francisco, ela aparece como fiel monja confidente e amiga de Clara e Francisco. Na ficção, resigna-se com a situação de serva da companhia e não critica a administração de Elias. Também desconfia das intenções de Francisco, o que a faz, no desfecho, não seguir o fundador da companhia.

"Os subalternos também são precisos. Alguém tem de ser subalterno."

JAN DUSENTSCHUER *(In Nomine Dei)*: Profeta coxo que aparece pouco depois do início do livro para ser batizado como anabaptista. Foi coroado rei por Leiden, entretanto não era o que se pode chamar efetivamente de uma liderança, já que era um fanático que se movia mais pela conveniência do momento do que pelo fervor da crença.

"Cristo, só, é nossa salvação, porque se colocou entre a Morte e o Diabo, e assim os separou. Onde Cristo não estiver, a Morte dará a mão ao Diabo."

JAN MATTHYS *(In Nomini Dei)*: Apóstolo anabaptista que chega a Münster junto com Leiden. Dirige-se a essa cidade porque fugia da perseguição dos católicos e soube que ali a reforma prosperava. É curioso porque, ao mesmo tempo em que se mostra fanático, também tem desejos de ambição. Parece que, a princípio, desejava apenas um refúgio onde pudesse exercer sua autoridade; entretanto, à medida que os fatos vão se desenrolando, deixa-se enredar por Leiden e participa de uma emboscada de morte. Enfatiza-se que participa espontaneamente, acreditando que o plano do colega era seguro. Há nessa atitude um quê de ingenuidade, já que ele é assassinado nessa emboscada.

"O senhor exalta a quem quer, para os fins que quer e durante o tempo que quer. [...] Eis que hoje sou o Seu profeta, quem sabe se amanhã não serei o Seu capacho."

dicionario Personagens Jose Sar177 177 09.01.12 12:14:25

JAN VAN LEIDEN *(In Nomine Dei)*: Primeiramente apóstolo anabaptista, proclama-se rei de Münster após a morte de Matthys. É o principal líder da rebelião e faz questão de manter em segundo plano a autoridade de Knipperdollinck e Rothmann. Está claro que participou da morte de Matthys, uma vez que a estimulou. Pode-se dizer que é a personagem mais ambiciosa do livro, movida mais por sua vaidade e orgulho do que por seus ideais. É, sem dúvida, uma figura tão perversa quanto aqueles a quem quer derrubar. Incentiva o fanatismo religioso na cidade, levando os fiéis a um extremo grotesco e autodestrutivo, assegurando assim sua autoridade e domínio sobre os demais. Quando a cidade é invadida e Waldeck o pressiona, ele, descaradamente, abjura de tudo, revelando seu verdadeiro interesse: desejo de poder. É, sem dúvida, um homem inescrupuloso.

"Porque Deus, em Münster, só a mim fala, e a ninguém mais."

JERÓNIMO *(Terra do Pecado)*: Velho abegão da quinta, esposo de Clementina, tem as mãos calejadas pelo trabalho rural. Ele é uma espécie de mestre nos trabalhos, dedicado no seu serviço e atencioso com os demais trabalhadores. É submisso a Leonor. Demonstra admiração e respeito pelo patrão e sofre profundamente com sua morte. Nesse momento de dor, o camponês revolta-se contra Deus e questiona sua justiça. Tem na sua experiência de vida de camponês, nos seus 50 anos de trabalho sob o sol, a sua escola. É essa vivência que lhe supre a falta de conhecimento científico.

JESUS *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Seus cabelos são pretos, os olhos castanho-escuros, a pele morena, sobrancelhas negras e a barba igualmente negra. É o protagonista da trama escrita e dirigida por Deus e, mesmo o narrador afirmando ser ele o *evidente herói* do romance, isso não procede, porque o herói é na realidade o Pastor. É divino, pois é filho de Deus, e é humano, já que também é filho de José. Na concepção de Jesus, o divino fecunda a carne humana, como na antiga Grécia, onde os deuses desciam do Olimpo para se relacionar

dicionario Personagens Jose Sar178 178 09.01.12 12:14:25

com os humanos, fazendo nascer os *heróis*, estes semi-deuses que nada mais eram que humanos virtuosos sob determinados aspectos. O Jesus que encontramos nos *Evangelhos* obedece a essa herança grega, tal qual o Jesus de Saramago, nascido do encontro do mortal e do imortal. É na releitura dos *Evangelhos* que Saramago nos devolve ao clássico debate filosófico sobre nossa essência e condição humanas. Não é fácil sabermos quem é exatamente este filho de Deus, se homem, se divindade. Jesus representa, na obra de Saramago, a humanidade e sua angústia primitiva, e como todo ser humano, desafia Deus. Neste evangelho profano, espécie de desevangelho, Jesus mostra ser um homem comum como qualquer outro homem, come, dorme, ri, chora, entrega-se aos prazeres da carne, porém ele sabe que já no seu nascimento tivera que carregar uma culpa herdada de seu pai. Essa culpa herdada deve-se ao fato de que, para que ele vivesse, seu pai deixara que outras vinte e cinco crianças inocentes fossem assassinadas quando do seu nascimento. Salvou-se dessa primeira morte, mas não se salvará da segunda e definitiva morte. Ao herdar as sandálias de seu pai José e calçá-las no dia da sua morte, herda os sonhos, a culpa e o destino do mesmo, já que, assim como seu pai, num sistema figurativo perfeito, ele, inocente também, será crucificado aos trinta e três anos. Ao constatar que José fora o responsável pelas mortes dos inocentes de Belém, compreende, aos treze anos, que seu futuro será um futuro de mortes principiadas. Tem nos olhos uma marca de tristeza, um brilho úmido como se tivesse acabado de chorar; e mostra tendência para o devaneio e o sonho. Sente um cansaço pelo futuro que terá e experimenta uma revolta latente. Homem simples, inteligente, desde pequeno sabia o que lhe estava destinado. Filho de Maria e do carpinteiro José, é uma cobaia de Deus, acuado constantemente, sem livre arbítrio, ou seja, não tem saída, está predestinado. Desde cedo, ele não se conforma pela culpa que carrega, primeiro pela matança dos inocentes de Belém, depois pelo fato de ter sido eleito o *cordeiro* de Deus, aquele que tira o pecado do mundo. Ele recrimina a atitude de José perante a matança das crianças de Belém. Diante de Madalena afirma que tem morrido *mil mortes*. Desafia Deus ao dizer

dicionario Personagens Jose Sar179 179 09.01.12 12:14:26

que o cordeiro não morrerá. Mais tarde, ele passa quatro anos no deserto com o Pastor de ovelhas, na realidade o Diabo/Lúcifer, que tenta ajudá-lo a escapar do cruel destino proposto por Deus. Em sua convivência com o Pastor, debatem constantemente e passam por diversos enfrentamentos éticos e teológicos, nos quais o Pastor sempre sai vitorioso. Jesus bem que tenta: primeiro pela figura do cordeiro que ele poupa do sacrifício; depois, já em seus últimos dias, quando tenta convencer seus discípulos de que ele deveria morrer como Rei dos Judeus e não como filho de Deus, deixando de se cumprir, dessa forma, a vontade do implacável e impiedoso Senhor. Infelizmente a vontade divina prevalece e Jesus morre dependurado na cruz. Seu destino é destino de uma cobaia de Deus, uma espécie de (des)herói. Como um homem, possuía desejo sexual, desejo este que surge antes dele conhecer Maria Madalena. É iniciado sexualmente por Maria de Magdala de quem se torna amante e amado. Ela assume em sua vida o papel de amiga, amante, irmã, conselheira, mãe e discípula amada. Ele prefere ser chamado de *Jesus de Magdala* em vez *Jesus de Belém*, tornando-se, de certa forma, discípulo de Madalena, já que por meio dela ele nasce de novo. No convívio com Madalena, *Jesus ria como uma criança.* Maria de Magdala, como mulher e mãe, substitui Maria de Nazaré, sua progenitora, com quem Jesus tinha um relacionamento difícil. É Maria de Magdala quem coloca nas bordas de sua túnica vinte moedas. Ele, sem saber, acaba encontrando as moedas quando retorna para a miserável casa de sua mãe. Esse episódio torna evidente o grave problema familiar que existe, já que ele é tido como mentiroso, e mais tarde como louco por afirmar que viu Deus. Seu relacionamento com a mãe é tenso e permeado por discussões violentas. Repete por três vezes que viu a Deus, mesmo assim sua família não acredita nele. Quando Tiago e José levam o infeliz e dúbio recado de Maria (de que se o Senhor quisesse eles viriam a crer em Jesus), o conflito se torna definitivo e Jesus responde: *"Quem é minha mãe, quem são os meus irmãos, meus irmãos e minha mãe são aqueles que creram na minha palavra na mesma hora em que eu a proferi [...]."* O romancista criou um Jesus que reflete as suas próprias

dicionario Personagens Jose Sar180 180 09.01.12 12:14:26

dúvidas. Este Jesus, Filho do Homem, é um humanista radical. Segundo o narrador, Jesus não consegue entender que não existe diferença entre o Bem e o Mal, já que o Bem e o Mal não existem em si mesmo, cada um deles é somente a ausência do outro. Sua trajetória pode ser resumida da seguinte forma: teve dois pais, nasceu inocente, carregou a culpa de seu pai José pelas mortes das crianças, andou pela montanha com o rebanho do Diabo, dormiu com Maria de Magdala, soube de seu cruel destino pela boca de Deus, tentou morrer como revolucionário, mas terminou mesmo como vítima involuntária e necessária para a fundação do cristianismo. Faz muitos milagres: realiza a multiplicação dos peixes, acalma a tempestade no mar, transforma água em vinho, evita a lapidação de uma adúltera, realiza a cura de um leproso, de um paralítico e de um mudo. Como todos os discípulos, usa um grande cajado, barba solta e veste um pesado e escuro manto sobre uma túnica muito velha. Lidera os discípulos na expulsão dos cambistas do templo. Dois de seus maiores milagres, contudo, não deram certo. Primeiro não ressuscita Lázaro, porque Madalena impede e com frase maravilhosa deixa Jesus paralisado: *"Ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes."* Dessa forma, o milagre não se realiza. Esse foi o milagre que mais o perturbou, justamente um que não aconteceu. O segundo milagre – a expulsão dos demônios do homem de Gadara – revela-se um verdadeiro fiasco. Jesus aceita a sugestão dos demônios e os encaminha para uma vara de porcos. Esquecera-se, porém, que os porcos não sabem nadar e que, como os demônios não têm corpos, eles não morreriam. Os dois mil porcos precipitam-se no mar e morrem afogados. Jesus reconhece que fora enganado pelos demônios, e chega à conclusão de que o humilhado fora ele e não os demônios. Logo em seguida há uma reunião entre os discípulos; quando Simão pergunta se seria ele o Messias que viria a resgatar o povo de Deus da servidão, Jesus se surpreende. A partir do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, é chamado de Messias por alguns e de mago por outros seguidores. Já os pescadores o chamam de rei dos peixes, pois aonde ele chega a pesca é abundante e maravilhosa. O mais

dicionario Personagens Jose Sar181 181 09.01.12 12:14:26

importante do episódio da expulsão do endemoninhado de Gadara é que os demônios afirmam que Jesus é o filho de Deus, fato este que nem Maria, nem Pastor, nem Deus tinham afirmado explicitamente. Jesus não se conforma de que até o Diabo sabia que ele era Filho de Deus, menos ele, que até então só tinha suspeitas, nenhuma certeza. Foi justamente pela boca de um endemoninhado que ele soube ser o Filho de Deus. Prefere, no entanto, ser conhecido como o *Filho do Homem*. Numa das cenas mais tensas e lindas deste quinto evangelho, Jesus sai da vila de pescadores e vai para o mar encontrar-se com Deus. Essa transição da vila para o mar nos remete a duas leituras: a) Jesus deixando os homens; e b) a troca dos elementos, da terra para a água, do visível ao invisível. Comecemos pela primeira. Jesus deixa os homens de forma semelhante à que abandonará a sua humanidade, abraçando sua divindade. É uma barca, qual a de Caronte, cujos homens vivos não podem pegar. Ele cruza a fronteira – as águas, tais quais as do Aqueronte – que separa os homens de Deus, que separa a vida da morte. E quanto a nossa segunda leitura, observamos Jesus deixando a terra, sólida, firme, estável e partindo para a instabilidade, a insegurança, os caprichos do mar. Deixa a humanidade com a qual se identifica e que entende, e passa a encarar a divindade, voluntariosa, instável, desconhecida e profunda como o mar. O mar, também, como o constata Deus, é como o deserto. E Jesus passa quarenta dias no mar, como foram os quarenta dias no deserto do relato bíblico. Em ambos os casos, evangélico e ficcional, quarenta dias de tentações. Outro detalhe relevante – determinante até – é o cuidado com que o autor constrói o ambiente da própria barca. Fazendo uma análise da cena, temos Jesus se lançando ao mar, na barca, no início da narrativa. Ele senta-se no banco de proa (na parte da frente do barco) deixando o banco de popa vazio. Tomando os remos, ele leva a barca em direção a seu destino – remando, portanto, *de costas* para seu destino. Ele, apesar de se direcionar a Deus, mantém-se sempre voltado para a margem, para a terra, para os homens, *dando as costas* para Deus, para o mar, para sua divindade. Já no centro do mar, ele fica frente a frente

dicionario Personagens Jose Sar182 182 09.01.12 12:14:27

com Deus – uma posição de interlocução e debate, bem diferente daquela com que está com Simão, seu amigo, lado a lado, ombro a ombro, na barca. Ele está frente a frente, encarando Deus e sua própria divindade. É o confronto decisivo e final. Quando Jesus retorna do mar, quando já aceitou sua divindade e seu papel nos planos de Deus, temos o inverso do início da cena: Jesus agora está voltado para o mar, para sua origem divina, para Deus e dá as costas às margens, à terra, a sua humanidade, à qual retorna agora como Filho de Deus. Já na barca, Jesus mostra-se sempre consciente do poder de Deus, mas não deixa de desafiá-lo, provocá-lo, numa insubmissão em busca de respostas, como a de Jó e, no final, Jesus admite sua *parte no contrato*. A palavra contrato, e termos legais como cláusula, lei, documento, pacto, acordo, aliança, tratado, surgem com freqüência, colocando Jesus na posição de negociador com Deus (a parte com a clara vantagem contratual) aos olhos do Diabo, que se interpõe quase como um mediador. Até o momento em que se encontra na negociação, Jesus é muito mais humano que divino, afirmando inclusive, com as suas próprias palavras. A sua origem divina é posta em dúvida inclusive por Deus que afirma que como não tinha um filho no céu, teve que arranjá-lo na terra mesmo. Por outro lado, na seqüência Deus diz que Jesus encarnou, como se fosse um ser celeste em corpo de homem. Essa dicotomia entre homem e deus está presente em toda a cena, mas se destaca no meio do mar, como um período transitório entre o Jesus Homem do início da manhã e o Filho de Deus depois dos quarenta dias. Jesus se mostra, além de insubmisso, um astuto negociador, obrigando Deus a confrontar-se com o mal que causará aos homens, por páginas e páginas de martirizados e sofredores. Jesus dá ele próprio o resumo de sua trajetória: *"Sou Jesus de Nazaré, filho de um carpinteiro que morreu crucificado pelos romanos, durante um tempo pastor do maior rebanho de ovelhas e cabras que já se viu, agora convosco, e porventura até à hora de minha morte, pescador."* Planeja morrer simplesmente com um homem para frustrar os planos Deus. Para isso intenta se auto-proclamar Rei dos Judeus e incitar o povo a derrubar Herodes. Pede que os discípulos

dicionario Personagens Jose Sar183 183 09.01.12 12:14:27

divulguem isso e só Judas aceita fazê-lo. Perante o Sumo Sacerdote, Jesus reafirma com veemência que é o rei dos Judeus. Confirma sua posição perante o interrogatório conduzido por Pilatos. Reafirma, perante o sacerdote, ser o Rei dos Judeus e Filho do Homem. Perante Pilatos, enfatiza que é contra ele, contra César. É Jesus quem pede a Pilatos a morte na cruz e ainda é Jesus quem faz a Pilatos um estranho último pedido: *"Peço-te que mandes pôr por cima da minha cabeça um letreiro em que fique dito, para que me conheçam, quem sou e o que sou."* Pilatos solicita um material necessário para escrita e com suas próprias mãos escreve: *Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus.* Mas na última hora Deus frustra seus planos, ao aparecer no céu nos momentos finais do sofrimento na cruz, e proclamar *"Tu és meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência."* Depois de ver que todo seu plano fracassara e que ele estava morrendo como Filho de Deus, Jesus clama para os céus antes de morrer, pedindo que os homens perdoem a Deus. Jesus lembra Jó questionando a justiça de Deus. Ambos infelizes, ambos homens, *demasiadamente humanos,* trucidados por um poder superior e extremamente arrogante que não aceita questionamentos.

"Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez."

JOANA *(Terra do Pecado)*: Cozinheira da quinta, gorda e rubicunda, com a voz aflautada. Praticamente nascera ali e a única coisa que sabia fazer na vida era cozinhar.

JOANA CARDA *(A Jangada de Pedra)*: Mulher nova, simpática, bonita, tem olhos com cor de céu novo, cabelos pretos, pele muito branca, é separada e morava em Coimbra. Ela faz um risco com uma vara de negrilho no chão, que não se apaga, e nesse momento os cães de Cerbère começam a ladrar. Isso está relacionado à pedra lançada ao mar por Joaquim Sassa e ao fato de Pedro Orce ter sentido a terra tremer sob seus pés. Após a ocorrência desses três fatos, a Cordilheira dos Pireneus começa a rachar e a separar-se da França. A Península Ibérica desprende-se do continente europeu e transforma-se em uma jangada de pedra em busca de suas origens. Joana Carda é muito

dicionario Personagens Jose Sar184 184 09.01.12 12:14:27

decidida e é quem vai procurar José Anaiço, Joaquim Sassa e Pedro Orce. É ela que dá o primeiro beijo em José Anaiço e também é ela que diz pela primeira vez que eles iriam dormir juntos. Só confia em quem acredita em suas palavras.
Ama José Anaiço, mas quando percebe que, por piedade, Maria Guavaira havia dormido com Pedro Orce, Joana Carda faz o mesmo, para dividir o favor, a caridade da amiga para com o triste Orce. Joana Carda dorme com Orce com o conhecimento de José Anaiço e depois afirma que as culpadas disso são ela e Maria Guavaira. Não aceita que sua atitude seja questionada nem que Pedro Orce seja mandado embora. Engravida, sem saber quem é o pai.

"Nem todas as coisas nascem umas para as outras."

JOÃO *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Pescador de Genesaré, amigo de Simão e André, filho menor de Zebedeu e irmão de Tiago. Um pouco mais que adolescente, possui cabelos cacheados e modo amaneirado, com atitude afetada e teatral, tem os lábios trêmulos. É o mais novo dos discípulos, mais novo que Jesus, a quem se afeiçoa, pedindo-lhe que permaneça mais tempo em Genesaré. Impressiona-se com os prodígios de Jesus, principalmente quando ele faz com que a pesca seja abundante e quando acalma a tempestade. Está presente no episódio da expulsão dos demônios do gadareno e aconselha Jesus para que fujam das pedradas. Na reunião em que todos os discípulos comentam o fato de os demônios terem informado que Jesus era filho de Deus e ficam surpresos com o fato de o Diabo ter falado a verdade, João questiona sobre os mistérios que há entre o Diabo e Deus. Ele está presente na crucifixão de Jesus.

"Que coisas que nós não sabemos haverá entre o Diabo e Deus."

JOÃO ELVAS *(Memorial do Convento)*: Antigo soldado e um dos primeiros amigos que Baltasar faz assim que chega a Lisboa. Sujeito malandro que vive de esmolas. Desaparece da estória assim que Baltasar conhece

dicionario Personagens Jose Sar185 185 09.01.12 12:14:28

Blimunda e Bartolomeu, reaparecendo somente no episódio do casamento das casas reais de Portugal e Espanha, já então com 60 anos. Talvez pela idade e pela vida errante, sente saudades de sua terra natal, Elvas, para onde resolve voltar aproveitando-se da viagem real que passará pela cidade, a qual vai acompanhando. É quieto e gosta de andar solitário.

"Mas, em verdade, um homem nunca sabe para o que está guardado, que parte de bem e mal o espera."

JOÃO FRANCISCO MATEUS *(Memorial do Convento)*: Pai de Baltasar, é alto, mas já curvado pela idade. Nasceu e viveu a vida inteira em Mafra. Sente muito amor pelo filho, o que fica claro quando Baltasar e Blimunda, a quem ele trata por filha, deixam Mafra para retornarem a Lisboa, uma vez que ele envelhece o dobro com a partida dos dois. Com a morte da esposa, torna-se mais fechado e silencioso.

"É quando somos velhos que as coisas que estão para vir começam a acontecer [...]."

JOÃO I *(Terra do Pecado)*: Menino, se apresenta para Dionísio com quem iria estudar em Lisboa. Vai até a Quinta Seca, passar umas férias.

JOÃO II *(Terra do Pecado)*: Empregado de Leonor e namorado de Tereza.

JOÃO MAU-TEMPO *(Levantado do Chão)*: Personagem pertencente à segunda geração: *tempo de perguntas*. Primeiro filho de Domingos Mau-Tempo e Sara Conceição. João foi a causa principal do casamento dos pais, porque foi concebido na ocasião em que sua mãe, por prazer, deitou-se no meio de uma seara de trigo com seu pai, Domingos Mau-Tempo. A gravidez fora do casamento foi o argumento encontrado para que Laureano Carranca, pai de Sara, cedesse e a união acontecesse. Antes porém, abriu os olhos da apaixonada filha sobre o caráter de Domingos Mau-Tempo — um relaxado com fama de bêbado. Para ela, isso não importava, já que se não

dicionario Personagens Jose Sar186 186 09.01.12 12:14:28

casasse com ele não casaria com ninguém. Dessa união, nasceu João Mau-tempo. Era irmão de Anselmo, Maria da Conceição e Domingos. Tinha olhos azuis, descendência germânica herdada do pai, o corpo pequeno e robusto. Amava e respeitava muito sua mãe. Com a idade de dez anos, começou a trabalhar no campo. Era namorador, disputado pelas raparigas, estudioso, trabalhador e sonhador. Casou-se com Faustina e a amou até o fim de seus dias; com ela teve três filhos: António, Amélia e Gracinda. João Mau-Tempo faz jus ao tempo que o autor considera *tempo das perguntas*, uma vez que lutou contra a exploração dos trabalhadores no latifúndio. Grevista, possuía um discurso comunista e por causa disso foi preso três vezes. Por fim, envolveu-se em um movimento revolucionário, foi preso, ficou trinta dias sozinho apanhando e sofrendo muito. Era avô de Maria Adelaide Espada. Os olhos azuis da menina eram iguais aos dele, herdados do seu quadricentenário avô vindo da Germânia; durante quatro séculos os olhos azuis apareceram e desapareceram naquela família, tal como os cometas. Na hora de sua morte, olha a neta e sente que apenas havia acorrido uma troca de olhos. Esse acontecimento o faz pensar que seus olhos, bem como suas esperanças, sua família, seu desejo por justiça e sonhos são imortais.

"[...] quem procura sempre alcança [...]."

JOÃO, O BATISTA *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Trata-se de João Batista, que morava no deserto e profetizava à maneira dos antigos profetas do Antigo Testamento. Sua voz podia fazer rolar pedras e seus braços podiam mover montanhas, na descrição do narrador. Um homem alto e forte, com uma grande barba que parece de espinhos, traja vestes simples feitas de pele de camelo e alimenta-se de gafanhotos e mel silvestre, o que leva Jesus a dizer que João se parece mais com o Messias do que ele. Judas de Iscariote e Tomé informaram a Jesus que João pregava no deserto quando recebeu a palavra de Deus e depois disso foi para as margens do Jordão a pregar o batismo de penitência e arrependimento dos pecados: *"Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da*

dicionario Personagens Jose Sar187 187 09.01.12 12:14:28

cólera que está para chegar, deveis é produzir frutos de arrependimento sincero e não vos iludirdes a vós mesmos dizendo que tendes por pai a Abraão, pois eu vos digo que Deus pode, destas brutas pedras, suscitar novas vergônteas a Abraão, deixando-vos a vós desprezados [...].” João denuncia o incesto e adultério de Herodes e de sua sobrinha e cunhada Herodíades. Por isso é preso e degolado. Tomé e Judas de Iscariote perguntam a João se ele era o Messias ao que ele responde:

“Eu baptizo-vos em água para vos mover ao arrependimento, mas vai chegar quem é mais poderoso do que eu, alguém cujas sandálias não sou digno de desatar, que vos baptizará no Espírito Santo e no fogo [...].”

JOAQUIM *(O Evangelho segundo Jesus Cristo)*: Homem que, em avançada idade, gerou Maria, mãe de Jesus e esposa de José.

JOAQUIM SASSA *(A Jangada de Pedra)*: Homem ainda novo, solteiro, com trinta e poucos anos (mais perto dos quarenta), sobrancelhas pretas, olhos castanho-escuros, cabelos lisos, feições comuns, as faces magras, os lábios parecem cheios apenas quando fala. É português, mora no Porto e trabalha em um escritório. É pessimista, acha que as coisas vão dar sempre erradas. Atira uma pedra no mar e ela vai muito mais muito longe do que sua força seria capaz. Tem a coragem de viajar atrás de pessoas com as quais ocorreram fatos estranhos. Apaixona-se por Maria Guavaira.

“A minha sabedoria está-me aqui a segredar que tudo só parece, nada é, e temos de contentar-nos com isso.”

JOAQUIM TENDEIRO *(Terra do Pecado)*: Trabalhava numa tenda/taberna vendendo diversos artigos. Homem gentil que trata muito bem seus fregueses, porém gosta muito de fofoca. Usa um guarda-pó para atender os clientes com muita mesura, e fornece seus produtos para a quinta. Nunca se conformou com sua posição social e por não ter se casado com Benedita.

dicionario Personagens Jose Sar188 188 09.01.12 12:14:29

JOAQUINA *(Terra do Pecado)*: É a criada mais nova da casa de Maria Leonor. Tem o rosto arredondado e alvo. Ela é a primeira a perceber, ou pelo menos a dizer com todas as letras, qual o mal que afligia a patroa: o motivo do mau humor e ranço de Maria Leonor era a falta de homem. Com essas palavras, desperta a ira de Benedita, sendo ameaçada e perseguida pela criada, que se mostra bastante agressiva e irritada.

"A senhora tem falta de homem!"

JORNALISTA *(As Intermitências da Morte)*: Juntamente com os demais representantes da mídia d'*As Intermitências da Morte*, demonstra uma preocupação extrema com a gramática e com a repercussão possível para cada uma de suas palavras. Ao conversar com o ministro da saúde, o jornalista discute por algum tempo se a palavra *alarme* seria a ideal para representar a mensagem do governo. Primando ao máximo pelo rigor gramatical, o jornalista mostra-se mais preocupado com os efeitos das notícias a serem publicadas do que com a verdade em si, chegando a optar por não publicar certas frases, certas notícias, por medo da reação popular.

"Mas, agora que não se encontra quem esteja disposto a morrer, é quando o senhor ministro nos vem pedir que não nos alarmemos, convirá comigo, que, pelo menos, é bastante paradoxal."

JOSÉ *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Pai de Jesus e marido de Maria, obcecado pelo temor a Deus, diariamente repete bênçãos e louvores ao Senhor por não ter nascido mulher, demonstrando o orgulho de ser varão e macho. O narrador o descreve impiedosa e pejorativamente como um homem inseguro, machista, desconfiado, misógino, indeciso, simples, estúpido, ridículo, ignorante, insensato, incompetente, desconfiado, medroso, que teve uma trajetória marcada pela culpa e pelo remorso. Já no início da trama o narrador afirma que José não tinha imaginação criadora e que nunca na vida seria capaz de produzir uma parábola digna de ser recordada. No entanto o narrador engana o leitor, porque José em

dicionario Personagens Jose Sar189 189 09.01.12 12:14:29

muitos diálogos mostrará um domínio absoluto como, por exemplo, no final de um debate, quando aniquila seu vizinho Ananias com esta frase: *"É certo que Deus nem sempre quer poder o que pode César, mas César nada pode onde só Deus pode."* Ao contrário do que afirma o narrador, José é capaz de produzir frases dignas de um filósofo como a resposta acima dada a Ananias. Em outra oportunidade Simeão, um ancião, propõe a José uma questão intrigante: como deveria recensear-se Maria, que tinha um filho dentro de si. Nessa discussão, o patriarca Simeão é vencido várias vezes por José que, a despeito da antipatia do narrador, é capaz de levar o seu interlocutor ao desespero, com sua perfeita argumentação: *"Deus quis o que fez e fez o que quis, é nas suas mãos que está o meu filho, eu nada posso."* Mesmo tendo vencido o ancião na disputa verbal, é humilde e vai pedir-lhe desculpas. É ainda retratado pelo narrador como um carpinteiro inábil, profissional incompetente sem muito talento e capricho, um ser patético capaz de agradecer a Deus, após urinar, por ter todos os orifícios necessários à vida. Reforçando o que já foi dito acima, para o narrador ele é intelectualmente nulo, incapaz de produzir uma única frase que entre para a memória dos seus contemporâneos, mas isso não corresponde aos fatos e às falas de José, que se mostra um astuto argumentador em várias ocasiões. José desperta muito interesse no leitor devido ao fato de ter sido construído genialmente pelo autor, já que nos *Evangelhos* pouco, ou quase nada, é relatado sobre sua vida. Este José, ao contrário do José evangélico, possui sexualmente Maria e assim geram Jesus, que na realidade é filho dele e de Deus – que, por ser divino, está em toda parte e estava ali, em espírito, no momento da concepção. José, com seu suposto caráter fraco e perfil inseguro, desconfia de sua paternidade em relação a Jesus e da sinceridade de Maria. O que mais marca essa personagem é a sua crise de consciência gerada pelo fato ocorrido em Belém, no tempo em que seu filho Jesus era recém-nascido e os soldados de Herodes assassinaram todos os meninos com menos de três anos de idade – menos Jesus –, pois José ouvira a conversa dos soldados e correu para salvar o filho. Essa atitude, do ponto de vista do Pastor e de Jesus, foi egoísta

dicionario Personagens Jose Sar190 190 09.01.12 12:14:29

e covarde, porque ele não pensou nos outros inocentes. Mas podemos compreender essa atitude como um ato que só um pai amoroso seria capaz de fazer. Devido a esse ato heróico que, no entanto, é interpretado pelo Pastor e por Jesus como um ato covarde, José apresenta uma expressão de amargura, envelhece precocemente, apresenta rugas em todo o rosto, quase não dorme em virtude dos pesadelos e do remorso que martirizam sua consciência. Segundo o narrador, José está vivo, mas seus olhos já estão mortos. Esse personagem dramático, por sua trajetória, pode ser considerado o bode expiatório deste evangelho profano, assim como o bode expiatório do *Antigo Testamento,* o qual carregava em si todos os pecados e todas as culpas. Nesse caso, José carrega a culpa pelas mortes das crianças de Belém, uma culpa eterna que passa de pai para filho, culpa que Jesus herdará. É atormentado constantemente por pesadelos que lhe recordam a sua *covardia.* A partir desse episódio seus olhos não têm expressão alguma. E, como bode expiatório, é *sacrificado*, ou seja, é crucificado, sem se defender, aos trinta e três anos em Séforis, junto com os seguidores de Judas, o Galileu, quando tenta resgatar seu vizinho Ananias e é confundido com um desses seguidores. Morre de forma inocente, mas, segundo Jesus, ele não viveu inocentemente. Em tenso diálogo com Maria, Jesus diz: *"Teu marido morreu inocente, mas não viveu inocente."* José não proclama sua inocência perante os soldados romanos porque é inocente da revolta e traição que lhe acusam, mas não é inocente das mortes dos vinte e cinco meninos de Belém. Foi crucificado entre os quarenta fariseus revoltosos e teve que assistir a todos os martírios, sendo ele o último a ser levado ao patíbulo. Quando Maria e Jesus o retiraram da cruz, parecia um fantoche. Sua trajetória desde o início está fadada ao fracasso, já que vive não em busca de uma estória, de um amor, mas de si mesmo e do sentido da própria vida. José, ao salvar seu filho Jesus em detrimento dos inocentes de Belém, predestina a si, predestina Jesus, predestina todos os seres humanos à culpa infindável. Aceita e prega a onipotência divina e jamais a questiona, declarando a impotência do homem frente à inexorável força da moira, do destino. Não é

dicionario Personagens Jose Sar191 191 09.01.12 12:14:30

nem protagonista nem antagonista. Transforma-se num reprodutor, gerando filhos em Maria, para compensar o número dos inocentes mortos em Belém. Para o narrador, o remorso de Deus e o remorso de José eram um só. Passa sua vida sendo atormentado por um pesadelo horrível: sonha que era um soldado que vai armado para a aldeia matar seu próprio filho. Ele havia salvado Jesus, mas nos sonhos ele se parecia com um verdugo. Como um fantoche, nasce predestinado à culpa, ao remorso, à rejeição de seu filho, à morte infame na cruz, uma espécie de suicídio, já que podia ter se defendido, mas não se defendeu. Sua morte funciona como uma prolepse, um sistema figurativo perfeito da futura morte de Jesus. Ao herdar-lhe as sandálias, seu filho herda a culpa e, ao mesmo tempo, o destino do pai: a cruz. O grande pecado de José é a omissão. Por isso entra em crise moral, crise de consciência, sentimento de culpa que o leva a aceitar a morte na cruz, sem se defender.

"Nem tu podes fazer-me todas as perguntas, nem eu posso dar-te todas as respostas."

JOSÉ *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Filho de Maria e José, irmão de Jesus. Tem quatorze anos e é carpinteiro. É enviado por Maria, juntamente com seu irmão Tiago, para levar um recado infeliz para Jesus: *"[...] nele cremos e, querendo-o o Senhor, viremos a crer no que nos disse."* Depois do recado dúbio – crêem, mas não muito –, a situação se torna mais tensa entre Jesus e sua família. José não se intromete no diálogo entre Tiago e Jesus. Ao ver que o recado dado por Tiago piora definitivamente o conflito familiar, ele chora de desgosto. José fica assombrado com as notícias que recebera sobre Jesus antes de encontrá-lo. No encontro com Jesus, demonstra alegria.

"Minha mãe, estamos pagando o que fizemos, e o meu temor, eu que vi a Jesus e o ouvi, é que seja para sempre, que de lá onde está não volte nunca."

JOSÉ *(Todos os Nomes)*: *É auxiliar de escrita na Conservatória Geral do Registro Civil há vinte e seis anos. Tem cinqüenta

dicionario Personagens Jose Sar192 192 09.01.12 12:14:30

e dois anos, é um homem solteiro, solitário, metódico, cordato, reservado, humilde, sem bens materiais, reside em um pequeno anexo da Conservatória Geral. Além de fazer omeletes, seus dotes culinários não passam de abrir latas. Possui uma garrafa de aguardente que guarda para as ocasiões boas e ruins, mas sua vida não tem nem ocasiões boas nem ruins. De todos os nomes, é o único que possui nome próprio e não um epíteto que designa uma qualidade, uma característica, um parentesco ou um cargo. Começa a colecionar os dados disponíveis na Conservatória Geral de cem pessoas famosas. Um dia, pega por acidente o arquivo de uma mulher desconhecida e descobrir dados sobre ela vira seu objetivo de vida. Tal objetivo o torna vivo novamente. José começa a se preocupar com algo além de fazer bem o seu trabalho. Essa preocupação o faz mentir, invadir uma propriedade privada, sair da Conservatória, conhecer lugares diferentes e, para tanto, vai vencendo as tonturas, os medos, os anseios, as fobias. Foi o fio de Ariadne que o trouxe de volta à vida. Escreve uma espécie de diário das suas aventuras e conversa muito consigo mesmo e com personificações, como o teto do seu quarto. Mesmo com todo o seu desejo de encontrar a mulher desconhecida, conhece a mulher do rés-do-chão direito, por quem nutre uma amizade muito especial. Há muito, o conservador sabia de suas atividades e não o demite, propondo que José continue suas investigações, sempre mantendo a discrição. Termina a narrativa entrando no tenebroso labirinto de arquivos, mas vai preso ao fio de Ariadne.

**Funcionário irrepreensível, reside no local de trabalho em uma vivenda rústica acoplada à parede lateral do cartório, com uma porta interna que permite o acesso à Conservatória. O Sr. José tem um *hobby*, que apesar de inocente mantém em segredo: colecionar informações sobre pessoas famosas. Um dia, sem que entenda o porquê, num *insight*, ele se dá conta de que, se transpusesse a porta que separa sua casa da Conservatória, teria acesso a dados essenciais para completar sua coleção de celebridades. Trêmulo, angustiado, ao atravessar aquela porta ele comete a sua primeira transgressão, a que se seguirão muitas outras. Numa das empreitadas noturnas que realiza no arquivo, o acaso coloca em suas

dicionario Personagens Jose Sar193 193 09.01.12 12:14:30

mãos o verbete da mulher desconhecida, cuja presença impalpável vai despertar nele todas as inquietações até então inexistentes. Essa desconhecida vai ofuscar as suas celebridades, e lançá-lo num estado de transe, numa busca frenética e inconsciente de si mesmo e do outro, e de um sentido para o mundo, além de um desejo, nunca explicitado, de vivenciar um amor. Rompendo seus limites físicos e morais, ele se afasta da vidinha opaca e insípida, invade espaços proibidos, forja documentos, mente, vivendo aventuras e angústias jamais imaginadas.

"É absurdo, mas já era tempo de fazer algo absurdo na vida."

JOSÉ ANAIÇO *(A Jangada de Pedra)*: Tem dentes muito brancos, harmonia na face magra, nenhuma feição lhe sobressai. Vive sozinho, é separado e não tem filhos, por isso não tem medo de viajar com estranhos. É professor das primeiras letras, tem sempre respostas prontas e demonstra ser conhecedor de todas as ciências. Desde que a Península se solta do continente europeu, um bando de estorninhos o segue aonde ele vai. Apaixona-se por Joana Carda no momento em que a vê. É um português educado e muito curioso.

"Se um dia tiveres um filho, ele morrerá porque tu nasceste, desse crime ninguém te absolverá, as mãos que fazem e tecem são as mesmas que desfazem e destecem, o certo gera o errado [...]."

JOSÉ DE ARIMATÉIA *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Tem a barba comprida, adorna-se com ricas vestes, possui uma postura solene e triste semblante. Homem bondoso e abastado que ofereceu os préstimos de um túmulo para que o corpo de Jesus fosse ali depositado. Esse ato, no entanto, não lhe ajudará a transformar-se em beato ou santo, já que no quadro de Dürer que abre o capítulo primeiro, ele aparece sem a aura peculiar que envolve os santos. No momento final da crucifixão, olha diretamente para Jesus.

JOSÉ PEQUENO *(Memorial do Convento)*: Trabalhava na construção do convento de Mafra. Foi para lá com o

dicionario Personagens Jose Sar194 194 09.01.12 12:14:31

intuito de cuidar dos bois, mas, por ser corcunda, começou a trabalhar puxando carrinho de mão. É um homem bem humilde e conformado com a sua situação – a de trabalhador explorado. Achava que as mulheres não lhe queriam porque era muito corcunda. Mesmo não tendo família nem dinheiro, ele não reclamava da vida.

"Como é que um boieiro se faz homem [?]"

JUDAS *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Filho de Maria e José, irmão de Jesus.

"De tanto tempo, que dinheiro trazes..."

JUDAS *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Guerrilheiro rebelde ao poder de Roma, nascido na Galiléia, conhecido como Judas Galileu. Lutou contra os romanos na cidade de Séforis. Muitos dos seus seguidores são crucificados. O vizinho de José, Ananias, já em idade adiantada deixa sua casa e esposa para segui-lo, morrendo coberto de feridas em Séforis.

JUDAS DE ISCARIOTE *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: É citado pela primeira vez por Deus na tensa cena da barca, em que Jesus força Deus a relatar o que ocorreria depois de sua morte. Deus inicia uma longa enumeração das centenas de mortes daqueles que morreriam por Jesus e em Jesus. Logo após relatar como morreriam os primeiros discípulos, Deus informa *"[...] também Judas de Iscariote, mas desse virás tu a saber melhor do que eu, salvo a morte, por suas próprias mãos enforcado numa figueira."* Isso leva a pensar que Judas estava predestinado a trair Jesus, que Deus sabe o futuro de Judas por antecipação. E se ele estava predestinado, portando deveria ser inocentado. Judas de Iscariote se converte logo após o milagre da transformação dos pássaros de barro em pássaros verdadeiros. Viaja em companhia de Tomé e vai ter com João, o profeta, sendo por ele batizado. No retorno relata que João pregava o batismo de penitência para remir os pecados, chamando aos brados os pecadores de raça de víboras, profetizando que em breve chegaria alguém mais poderoso que ele

dicionario Personagens Jose Sar195 195 09.01.12 12:14:31

e que batizaria a todos com o poder do Espírito Santo – e do qual ele não era digno de desatar as correias das sandálias. Vai, juntamente com Tomé, acompanhando Jesus na vista deste a João Batista. Antes disso descreve João em detalhes para Jesus. João Batista é degolado e Judas não aceita os motivos fúteis que levaram João Batista à morte: ter denunciado o adultério de Herodes que havia se casado com Herodíades, sua sobrinha e cunhada. Para Judas o profeta deveria ter morrido por anunciar o Messias e não por se meter nos problemas familiares de Herodes: concubinato, adultério, cama e trama. Ao protestar diante de Jesus em tom de revolta sobre a natureza indigna da morte do profeta que os havia batizado (a ele e a Jesus), Judas provoca uma discussão para que Jesus revele sua missão na terra, o que realmente acaba acontecendo. Jesus revela a carnificina futura, como todos morreriam, inclusive que Judas deveria evitar passar próximo às figueiras, porque morreria enforcado pelas suas próprias mãos em uma delas. Diante de tantas mortes que haveria no futuro (um filho crucificado, um Messias que fundaria uma religião pela qual muitos morreriam e matariam), Jesus revela seus planos aos discípulos para frustrar os planos de Deus. O plano de Jesus era morrer como um revoltoso político e não como o Messias prometido e filho de Deus. Quando Jesus informa aos discípulos que quer morrer como um simples homem que tentou destronar Herodes e o Império Romano, declarando-se Rei dos Judeus, para dessa forma evitar as mortes futuras na nova religião que surgirá, pede que um deles vá e proclame isso no templo e para as autoridades. Diante de um plano tão louco, todos os discípulos se revoltam, mas Judas afirma que vai se esta é a vontade de Jesus. Os outros discípulos retiram suas facas para atacar Judas, mas Jesus pede que ninguém lhe faça mal, aproxima-se dele, beija-o nas duas faces e diz-lhe: *"Vai, a minha hora é a tua hora."* Neste evangelho Judas não trai Jesus, mas cumpre uma ordem do mestre. Jesus ordena e autoriza que Judas o entregue às autoridades do Templo, e, de certa forma, ainda o abençoa beijando-o nas faces como se isso fosse um pacto. Aqui não é Judas quem beija Jesus, é Jesus quem beija Judas. O beijo bíblico dado por Judas em

dicionario Personagens Jose Sar196 196 09.01.12 12:14:31

Jesus é, aqui, invertido e não significa traição, e sim um pacto. Quando Jesus é preso, passa pelo lugar onde Judas ainda está pendurado na figueira e, demoradamente, contempla seu rosto retorcido pela agonia final. Jesus, se aceitasse que era o Messias, poderia ter ressuscitado Judas, mas não o faz, porque está sendo preso como Rei dos Judeus, assim como queria. Judas não aceita o pagamento em troca de ter denunciado Jesus como Rei dos Judeus, pois cumpria uma ordem e não fizera isso para ganhar dinheiro. O autor o redime de culpa, transformando-o num instrumento para que a vontade de Deus seja feita.

"Eu vou, se assim o queres."

JUDAS TADEU *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Um dos doze discípulos de Jesus, que se converte logo após o milagre da transformação dos pássaros de barro em pássaros verdadeiros. Segundo o sangrento dicionário de mortes elaborado por Deus, acabará a vida sendo morto a golpe de maça.

JÚLIA *(Terra do Pecado)*: Filha mais nova de Maria Leonor. Tem cabelos loiros e cacheados até a altura dos ombros, é vaidosa e educada. Admirava o irmão Dionísio. Muitas vezes o tinha como exemplo, imitando seus atos e o seguindo em suas aventuras pela quinta e em suas pescas no rio. Havia entre os dois, por vezes, um arzinho de competição que era perceptível em seus olhares, como na noite de Natal em que Júlia mostrava saber portar-se muito bem à mesa, enquanto Dionísio se atrapalhava com os talheres, o que o deixava zangado frente à superioridade da irmã.

JUNÍPERO *(A Segunda Vida de Francisco de Assis)*: Membro do conselho da companhia, é uma das poucas personagens a posicionar-se ao lado de Francisco quando este defende a volta à pobreza. Nas duas votações às quais Francisco é submetido para o seu retorno à Ordem, Junípero e Leão votam a favor do santo. Em diversos trechos da peça é traçado um paralelo entre a personagem e o Frei Junípero empírico que habita as biografias franciscanas,

dicionario Personagens Jose Sar197 197 09.01.12 12:14:32

o qual teria sido o franciscano mais inocente da primitiva Ordem, provocando confusões e situações hilárias em sua simplicidade que beirava à fanfarronice. No final da trama, ele desobedece à decisão do conselho de não aceitar as ordens de Francisco e acaba por seguir o fundador rumo ao novo propósito:

"[...] me fizeste ver nos tempos passados, que um homem pode ser irmão doutro homem, ser realmente irmão, sem que uma única gota de sangue lhes seja comum. E que só a riqueza separa os homens. Agora estou pronto, se quiseres, a voltar a ser pobre contigo, eu, tu, sem pensarmos mais na companhia."

JUSTA ISASCA *(A Caverna)*: Falecida mulher de Cipriano Algor, tem na trama menor importância que o cão Achado.

JUSTO *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Filho de Maria e José, irmão de Jesus.

dicionario Personagens Jose Sar198 198 09.01.12 12:14:32

LACAIO-MOR *(A Viagem do Elefante)*: Conforme a descrição do narrador, demonstra presunção e falsa humildade. É mais uma personagem que ironiza a monarquia e as instituições hierárquicas, a exemplo de Pêro de Alcáçova Carneiro que, sendo mero secretário-geral, na tradução ou redação de cartas revela-se verdadeiro tutor intelectual de Dom João III; ou a exemplo de Subhro, simples cornaca, que planeja e dirige boa parte dos rumos e atividades da aventura de levar o elefante a Viena, principalmente no início da viagem.

LADRÃO DO CARRO *(Ensaio sobre a Cegueira)*: Parece ser um rapaz jovem e é casado. Foi quem ajudou o primeiro cego a chegar em casa, e aproveitou para roubar-lhe o carro. Só roubava automóveis, porém, ao se oferecer para ajudar o primeiro cego, fizera isso por generosidade e altruísmo, não tinha intenção de roubá-lo. Poucos metros depois, cegou também. Um policial o encontrou a chorar como uma criança perdida e levou-o para casa. É abusado, descarado, desaforado e prepotente, mas se mostrava cortês para se aproveitar da situação dos cegos. É levado para a quarentena no manicômio (único lugar que o ministro achou para despejar os que cegaram, quase três centenas de pessoas) e lá, pela sua voz, é reconhecido pelo primeiro cego. O ladrão culpa o primeiro cego pela sua própria cegueira afirmando que, se lhe roubara o carro, este lhe roubou a visão. Os dois brigam e são apartados pelo médico e pela mulher do médico. Ele era esperto, pois sabia que ela não era cega. Na quarentena tem pensamentos libidinosos com a mulher do médico e alegra-se por ter ereção, apesar de cego. Sente o perfume da rapariga dos óculos escuros, agarra-a e passa-lhe a mão na nuca e no sexo. Esta, num reflexo, dá um coice para trás com o salto fino do sapato, atingindo em cheio a coxa nua do ladrão que berrou de surpresa e de dor. Ficou com uma ferida na coxa que sangrava muito. A mulher do médico faz umas ataduras em forma de torniquete em sua coxa e, a partir desse ato, ele se torna uma pessoa mais humilde e melhor, perdoando a rapariga dos óculos escuros por tê-lo machucado. Foi morto pelos soldados na tentativa de pedir-lhes ajuda para que medicassem

dicionario Personagens Jose Sar201 201 09.01.12 12:14:33

sua perna. Foi enterrado no quintal do manicômio pelo médico, pela mulher do médico e pela rapariga dos óculos escuros.

"Se julgas que não te vai suceder nada, estás muito enganado, roubei-te o carro, sim, fui eu que o roubei, mas tu a mim roubaste-me a vista dos olhos, a saber qual de nós dois foi mais ladrão."

LAMBERTO HORQUES *(Levantado do Chão)*: Alemão, dono de grande latifúndio doado, no século XV, pelo rei que disse que ele deveria cuidar da terra, povoá-la, zelar pelos interesses do rei, sem esquecer os seus próprios interesses. Do alto de seu castelo, não lhe chegavam os olhos para ver o tamanho de suas terras. Depois da terra, a primeira coisa que Lamberto tratou de providenciar foi um feitor.

"O feitor é o chicote que mete na ordem a canzoada."

LÁZARO *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Irmão mais novo de Marta e Maria de Magdala. Quando Jesus retorna a Betânia com Maria de Magdala – sua companheira –, Lázaro entra em cena. Suave nos gestos e no trato, índole exemplar, do tipo quase profético, beirando a santidade. Jesus afeiçoa-se a ele de imediato e, juntos, constroem uma amizade forte, de verdadeiros irmãos. Em vários momentos os dois conversam enquanto Marta e Maria cozinham ou cuidam do serviço da casa. De natureza culta e de poucas falas, é, talvez, a personagem mais erudita de toda a trama. Sofria de sufocações que quase levavam seu coração a parar, e isso o tornava pálido; não tendo saúde para o trabalho na terra, copiava livros na sinagoga. A profissão de copista de livros sugere a idéia da cópia e da repetição, mas não da ressurreição. Esse fato é de suma importância para o romance, porque é justamente o milagre da ressurreição que não acontecerá, subvertendo o famoso episódio descrito no *Evangelho* de João. Com a frase *"Ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes",* Maria de Magdala demove Jesus da intenção de ressuscitar Lázaro. Entretanto, nesta narrativa, Lázaro será curado por Jesus. Cura

dicionario Personagens Jose Sar202 202 09.01.12 12:14:33

que não durará mais do que três meses, culminando na sua morte definitiva e em grande sofrimento e angústia para Jesus. A não ressurreição de Lázaro alude à não ressurreição do próprio Jesus, uma vez que o romance termina no momento da morte deste na cruz, sem possibilidade do milagre do reviver. A trajetória de vida de Lázaro é pequena. Ocupa o penúltimo capítulo da narrativa, e ainda será citado algumas vezes no final do enredo.

"Quem é este, perguntava, que com ter-me tocado a sua mão e dizer-me Estás curado me curou."

LEÃO *(A Segunda Vida de Francisco de Assis)*: Membro do conselho da companhia, é uma das poucas personagens a apoiar o protagonista em seu intento. No início da peça, Leão é mostrado como *o inocente sonhador*, pois pensa em distribuir parte dos bens da empresa para os pobres, enquanto a maioria dos membros reunidos desejava justamente o contrário. Ele conserva, dessa forma, o princípio fundamental da regra primitiva que Francisco buscará retomar. Nas biografias tradicionais, Frei Leão é apontado como confessor e amigo de Francisco de Assis. Na ficção ele não aparece muito diferente e, na reunião final do *julgamento* de Francisco, inquire os outros membros, e especialmente Elias, por não haver unanimidade quanto à expulsão do fundador da companhia.

"Contudo, é mais fácil entrar uma corda no buraco duma agulha do que um rico no reino dos céus."

LEPORELLO *(Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido)*: Empregado de Don Giovanni, segue-o em todos os momentos, apesar de não concordar com seus atos. Leporello representa a grande hipocrisia dos homens e principalmente das personagens desta obra: por causa do emprego e do salário que recebe, deixa de lado sua moral e acaba colaborando nas conquistas de Don Giovanni, esperando que um dia a justiça divina caia sobre o conquistador.

"Sou um cão de guarda fiel, senhora. Descarado, medroso, cobarde, mas fiel."

dicionario Personagens Jose Sar203 203 09.01.12 12:14:33

LÍDIA *(O Ano da Morte de Ricardo Reis)*: Portuguesa morena, baixa, trinta anos, bem feita, criada do hotel Bragança onde o médico Ricardo Reis fica hospedado por algum tempo. Leva o almoço para os hóspedes, arruma as camas, limpa e arruma os quartos. Semi-analfabeta, é uma mulher do povo, de vida simples, sem registro paterno, tinha um irmão chamado Daniel e visitava sua mãe semanalmente. Musa inspiradora nas odes do heterônimo Ricardo Reis, no romance nada mais é que uma simples serviçal. Dedica uma atenção especial ao hóspede Ricardo Reis suprindo todas as suas necessidades carnais. O sentimento que ele nutre por ela é carnal e banalizado, quase sem beijos e sem sonhos. Termina o romance, esperando um filho de Ricardo Reis, que sugere nas entrelinhas um aborto. Nessa relação não há amor e não há sonhos. É instigante como o autor recria Lídia e é através dela que percebemos nitidamente que o Reis de Saramago não é mais o mesmo Reis de Pessoa. O autor usa de ironia, já que Lídia, a musa do poeta romano Horácio, é bem diferente da Lídia, criada de hotel que se apaixona por Reis. Esta Lídia é pobre e sua situação social a impede de ter uma relação mais séria com o médico. Ela contesta as notícias que são lidas pelo seu amante, reproduzindo o que o irmão dela explicava que acontecia na Europa. É de grande importância na trama do romance e entre as suas qualidades destaca-se a completa generosidade do amor que dedica ao seu eleito. Seus sentimentos são aceitos por ele, mas não são retribuídos.

LÍDIA *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Filha de Maria e José, irmã de Jesus.

LILITH *(Caim)*: Senhora de nod, esposa de noah. Belíssima e dominada pela luxúria. Costuma retirar operários da construção de seu palácio e promovê-los a porteiros da antecâmara de seu quarto (um eufemismo para amante). Diz-se que ela pode levar um homem à loucura. Em um de seus passeios, a atenção de lilith é despertada pela marca que caim tem na testa. Pouco tempo depois, ele passa de amassador de barro a porteiro de antecâmara. O prazer que caim desperta em lilith também desperta os ciúmes de noah, que planeja matar o amante (porém

dicionario Personagens Jose Sar204 204 09.01.12 12:14:34

a tentativa fracassa). Quando ela descobre o ocorrido, defende com veemência caim, exigindo de noah a execução dos envolvidos no atentado contra caim. Chega a cogitar matar noah, mas caim a faz desistir de tal idéia. É mãe de enoc, herdeiro de noah e filho de caim. Sempre esperará pelas visitas do errante caim.

"Não sou mulher para remorsos, isso é coisa para fracos, para débeis, eu sou Lilith."

LÍSIA *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Filha de Maria, irmã de Jesus. Em idade casadoira, pois já tem quinze anos, não acredita em seu irmão Jesus. Recebe, como dote, parte das moedas que Madalena escondera na barra da túnica de Jesus. Maria, sua mãe, recebe outra visita do anjo, que lhe faz assustadoras revelações durante uma discussão sobre a paternidade e o futuro de Jesus. Quando o anjo vai embora, Maria percebe que Lísia está descomposta, quase nua, a túnica arregaçada acima dos seios, dormindo e sorrindo sensualmente, como se tivesse sido possuída por um íncubo e como se seus lábios tivessem acabado de ser beijados. Lídia tem uma expressão de prazer no rosto que assusta Maria. Maria acorda a filha que lhe confessa que havia sonhado com um anjo de olhar meigo. Casa-se e vai viver em Caná.

"Ai, minha mãe, que mal fizemos então, não acreditámos na palavra de Jesus, e ele tão bom, que, de zangado, até podia ter levado o dinheiro do meu dote, e não o fez."

LUÍS DE CAMÕES *(Que Farei com este Livro?)*: Vê a obra da sua vida relegada por todos quantos tinham poder de lhe conferir o verdadeiro valor. Submete-se ao censor, modifica partes da obra para obter autorização para publicação e, diante das dificuldades financeiras, vende os direitos autorais para poder vê-la publicada; e, dessa forma, sustentar a mãe e cuidar dela. Metáfora perfeita dos artistas cujas obras só são valorizadas a partir de sua morte, depois de uma vida de privação e dificuldades. Humilha-se diante de D. Sebastião, da Rainha, de D. Henrique, de Padre Luís, de Martins da Câmara e diante de outras personagens da corte e do

dicionario Personagens Jose Sar205 205 09.01.12 12:14:34

conselho, para que eles possam ler algumas oitavas de seu livro. Ele representa o artista desesperado por ver sua obra publicada e para que isso aconteça está disposto a qualquer sacrifício – com exceção de tomar o dinheiro da mulher que ama. Essa atitude mostra o protagonista como um homem digno, na medida em que ele se humilha diante de várias pessoas tentando falar com o rei, mas não aceita o dinheiro da mulher que amava.

LUÍS GONÇALVES DA CÂMARA *(Que Farei com este Livro?)*: Jesuíta, confessor do rei D. Sebastião e Secretário de Estado. No primeiro quadro do primeiro ato, tipifica o ambiente vivido na corte, cheio de intrigas, de disputas por cargos e posições, por veladas e temerosas censuras da Igreja por conta da Santa Inquisição. Lança dúvidas sobre a masculinidade de el-rei. Preocupa-se com sua permanência no posto que ocupa e com um pasquim que o difama. Tece conjecturas sobre a disputa entre jesuítas, dominicanos e agostinianos, pelo cargo de confessor e conselheiro de el-rei. Queria deixar o irmão Martins firme no governo. Não era estimado pela rainha, por, segundo ela, governar a vida do rei. Semelhante ao irmão, buscava somente seus próprios interesses.

dicionario Personagens Jose Sar206 206 09.01.12 12:14:34

M

M. *(Manual de Pintura e Caligrafia)*: Irmã de António, M. adentra o cenário narrativo apenas no final do romance, logo após ter sido anunciada a prisão do irmão em Caxias. Sua ação é decisiva para o desfecho da trajetória pessoal e estética do pintor H. que evolui em direção a uma convergência entre o individual e o social. Referindo-se à esfuziante relação amorosa que se estabelece entre ambos, o pintor diz: *"[...] pela primeira vez me pareceu (do meu lado, tenho a certeza) que nos achámos homem e mulher [...]."* Abre-se ao leitor a possibilidade de preenchimento de nomes a partir das consoantes vazias que os iniciam, encaminhando reflexão sobre *H. de homem e M. de mulher* como forma de satisfazer a ânsia de construção de personagens que tendem ao universal. Entretanto, no mundo restrito do romance *Manual de Pintura e Caligrafia*, M. é apenas uma mulher que vivencia intensamente o momento político significativo para a história de Portugal, e a não menos intensa paixão que passa a nutrir por H.. Em conjunção, H. e M. – *um homem e uma mulher* – evocam a intertextualidade com o filme francês, de Claude Lelouch, *Un homme et une femme,* que conquistou o mundo na década de sessenta com a corriqueira e fascinante história de amor amadurecido entre um piloto de automóveis e uma roteirista de cinema. Ao contrário das outras personagens femininas que irrompem visualmente o palco narrativo nele marcando significativa presença, M. aparece cautelosa, apenas uma voz ao telefone. Como todas as demais personagens, a construção de M. passa pela perspectiva do pintor H.. A forma efusiva como enumera detalhes da silhueta da moça é reveladora da forte impressão visual que esta lhe causara. Marcado pela simplicidade e confiança, o relacionamento entre H. e M. encaminha o conhecimento mútuo e a aproximação familiar que prepara o amor. Assim é que, no primeiro encontro, H. vem a saber que M. *"[...] se casou cedo e se separou menos de quatro anos depois. Não tem filhos. Vive em Santarém com os pais, desde os doze anos, quando, por obrigações de ordem profissional do pai, a família teve de deixar Lisboa."* Dois anos mais nova que António, M. não se formou, mas trabalha com um advogado e é militante política. Através dos pais da moça, H. fica sabendo que ela já estivera presa em Caxias. Nem cedo,

dicionario Personagens Jose Sar209 209 09.01.12 12:14:35

nem tarde, o amor explode entre M. e H. e transforma o pintor, que confessa: "*A primeira lição deu-ma a escrita. Depois, M. veio confirmar tudo e ensinar de novo.*" A partir de M., apontam-se para H., num novo tempo, as feições de um novo homem que não se oculta, mas se desvela no auto-retrato da tela e do papel.

"Continuamos. Isto é como um rio: leva mais água ou leva menos água, mas corre sempre. Não secamos."

MANUEL ESPADA *(Levantado do Chão)*: Pertence à terceira geração: *tempo de luta*. Amigo de João Mau-Tempo, casa-se com Gracinda e torna-se pai de Maria Adelaide Espada. É trabalhador, lutador, grevista, revolucionário, homem forte, bom e orgulhoso. Foi o primeiro grevista de Monte Lavre, pois não aceitava a opressão dos latifundiários. Lutava a favor dos trabalhadores, queria mudanças para a vida do trabalhador. Tinha um discurso comunista e, por isto, foi preso, uma vez, junto com seu sogro. Ansiava pela liberdade, mas não acreditava nela.

"[...] um homem deve ter cuidado quando fala, não é só atirar palavras pela boca fora [...]."

MANUEL MILHO *(Memorial do Convento)*: Um dos trabalhadores que erguem o convento de Mafra, embora fosse já pouco novo para tal serviço. Ganha, porém, bastante relevo no enredo ao se tornar um contador de estória. É uma espécie de filósofo rústico, mas que propõe questionamentos dignos de um filósofo da escola cínica. Tinha muitas idéias, as quais não sabia de onde vinham. É do tipo de narrador que anda pelo mundo, a construir conventos, e depois retorna a sua terra trazendo consigo suas experiências. Nas muitas noites em que ele e seus companheiros iam dormir cansados de ficar o dia todo carregando a grande pedra para a construção do convento, narrava a estória de uma rainha que queria saber o que era ser mulher quando não se era rainha e, na tentativa de obter resposta, resolvera perguntar a um ermitão. Ele leva várias noites para contar essa estória, ao estilo dos grandes narradores ancestrais. Contava um pouco a cada vez, deixando os colegas cheios de curiosidade, o que faz

dicionario Personagens Jose Sar210 210 09.01.12 12:14:35

dele uma espécie de Sherazade das *Mil e uma Noites*. Era através de sua encantadora estória que todos conseguiam ter um pouco de distração, já que trabalhavam durante todo o dia. Numa destas sessões de contação de estórias, ele demonstra sua filosofia rústica:

"Talvez à esquerda de Deus esteja outro deus, talvez Deus esteja sentado à direita doutro deus, talvez Deus seja só um eleito doutro deus, talvez sejamos todos deuses sentados, donde é que estas coisas me vêm à cabeça, é que eu não sei."

MANUEL RIBEIRO *(Terra do Pecado)*: Marido de Maria Leonor, e dono da Quinta Seca. Rosto emagrecido, lábios finos e secos, barba densa, raiada de branco no queixo. Educado, batalhador, de pulso firme, ele administra brilhantemente seu patrimônio. É descrito pelo ponto de vista da criada Benedita como um homem forte e trabalhador. Aparece na trama convalescente e, já no primeiro capítulo, deixa viúva e desesperada sua mulher Leonor. É um homem admirado e querido por todos os empregados da Quinta, que ficam muito abalados com sua morte.

MÁPHIA *(As Intermitências da Morte)*: Trata-se de uma organização secreta, que surge no momento em que as pessoas param de morrer. As funerárias passam a enterrar animais, os hospitais mandam seus doentes de volta para as famílias, as seguradoras instituem a morte burocrática aos 80 anos. Num clima preocupante e caótico, já que ninguém mais morre, surge a máphia, essa de grafia ph para não ser confundida com a outra. Como a morte cessara apenas em um país, muitos procuravam atravessar a fronteira para aliviar seus moribundos familiares. Com medo de intenso fluxo migratório, as fronteiras foram fechadas. Isso propicia um ambiente para o surgimento da máphia, como alívio, ainda que clandestino, para todos os problemas da ausência da morte. A máphia trata de levar os moribundos para o outro lado da fronteira para que lá morram e descansem em paz. Os membros da máphia, devido a suas atividades, também ficam conhecidos como enterradores. Quando a morte encerra sua primeira intermitência, a máphia rapidamente muda

dicionario Personagens Jose Sar211 211 09.01.12 12:14:35

de ramo, e passa a extorquir as funerárias em troca de proteção contra atentados, o que acaba por aproximá-la da outra máfia, essa com efe mesmo.

MARÇAL *(A Caverna)*: Genro de Cipriano Algor, tem quase trinta anos, embora não aparente essa idade, pertence à *raça dos desassossegados de nascença. Gacho*, do seu sobrenome, é a parte do corpo do boi aonde vai a canga, mas ele desconhece essa informação. Veste uma espécie de uniforme, tem boa aparência, trabalha no Centro como guarda, mas não anda armado, cumpre rigorosamente seus deveres e é casado com Marta. É a imagem da disciplina rigorosa da época, a serviço do poder militar; quando veste a farda, está em defesa do Centro, das idéias capitalistas que este representa. Sente-se privilegiado por poder trabalhar onde trabalha e seu sonho é ser efetivado no cargo – ser guarda residente era o que mais desejava na sua vida. É ele que apresenta a solução para quando a olaria do sogro chegar à falência total: se mudarem para o Centro, usufruindo os confortos e facilidades que o Centro oferece àqueles que pagam. Numa análise mais apurada, Marçal é simplesmente uma peça nas mãos do poder industrial, que acredita ingenuamente nesse poder. Para ele, todos os problemas se resolverão se ele, sua mulher e o sogro se mudarem para o Centro. Ele defende as idéias e a vida do Centro e não consegue conceber a vida sem a influência deste. O Centro representa um lugar de futuro; afinal, quem morava lá prosperava e ele tinha o desejo de prosperar. Porém, à medida que vai se aproximando de Cipriano, muda o seu modo de pensar e ver as coisas em relação ao poder capitalista e, por ficar com medo de pertencer a essa máquina e não poder sair jamais, decide desistir de ser guarda residente, alegando não se ajustar mais a outro mundo. Sua participação é decisiva no enredo, visto que é guarda do Centro, lugar de suma importância na trama. Se formos pensar no poder de intervenção das personagens, veremos que Marçal, em sua repugnante dependência, muda o ambiente do romance – e cria uma sensação de claustrofobia – no momento em que a narrativa passa para o lado de dentro do Centro. Revela-se o tempo todo bastante atencioso para com a esposa e o sogro, com quem tinha uma

dicionario Personagens Jose Sar212 212 09.01.12 12:14:36

relação de respeito e tranqüilidade. Essa relação entre sogro e genro é a decorrência natural do amor que ambos sentem por Marta; eles querem o melhor para a moça e sabem que a felicidade dela passa pela paz entre os dois. Com os próprios pais, no entanto, vivia uma relação um tanto quanto distante e conflitante. Seus pais sentiam-se rejeitados pelo filho e o cobravam demasiadamente. O serviço de guarda e a passividade com que o desenvolvia lhe valeram uma imagem de alguém submisso e também resignado com o próprio destino, tanto que surpreende o leitor quando toma a decisão de partir. Aparentemente acredita nas verdades vendidas pelo Centro, embora não tenha uma opinião formada e sólida sobre os fatos. Exemplo disso é o rumo tomado quando da revelação das escavações. No momento mais tenso da trama, quando Cipriano desce ao fundo da gruta e vê as sombras do que sobrou dos humanos, Marçal se dirige a ele chamando-o de *Pai.* O contato maior com o sogro durante o processo de transição da olaria para o Centro, e da descoberta da realidade camuflada na gruta, o faz mudar de posição em relação ao que acreditava. Parte com os demais membros da família rumo ao desconhecido sem se despedir ou dar explicações aos pais.

"[...] eu também chorei."

MARCENDA *(O Ano da Morte de Ricardo Reis)*: Filha do doutor Sampaio, solteira, tem vinte e três anos de idade, um perfil angelical, pescoço alto e frágil, queixo fino, magra e pálida, possui o braço esquerdo paralisado. Menina finíssima, de esmerada educação, é uma rapariga virgem e de muito respeito. Moça ideal para o casamento, segundo os padrões da época. Visita Lisboa todos os meses, lá permanecendo por três dias porque precisa de acompanhamento médico, mas seu problema de saúde não apresenta progresso algum. Ficou assim, com a mão paralisada, desde a morte da mãe, sendo por isso incluída na categoria de personagens que formam o chamado *séquito dos disformes.* Alguns médicos consideram seu problema ligado a um problema cardíaco. Seu aleijamento faz com que Ricardo Reis tenha mais cuidados com ela. O médico apaixona-se por ela e pensa em concretizar

dicionario Personagens Jose Sar213 213 09.01.12 12:14:36

essa união matrimonial, um desejo que não se realiza. Reis demonstra por Marcenda a mesma indiferença que demonstra pelo que acontece ao seu redor: simplesmente deixa que as coisas tomem um rumo próprio, sem empenho algum. A mão de Marcenda é uma metáfora de sua vida: ambas paralisadas e sem muita utilidade. Ela é tratada como um bichinho de estimação que não serve para muita coisa. Não é mais uma *personagem literária* de Reis, não é um nome feminino, pois não está registrado nos vocabulários onomásticos. A palavra aparece na Ode *Saudoso já deste verão que vejo*, designando uma rosa emurchecida. Recebe de Ricardo Reis um *amor piedoso*.

MARIA *(História do Cerco de Lisboa)*: Secretária de Maria Sara. É uma mulher baixa, magra, morena bem escura e tem os cabelos naturalmente crespos, sendo estes o motivo de sua vaidade.

MARIA ADELAIDE ESPADA *(Levantado do Chão)*: Pertence à terceira geração: *tempo de luta*. Única filha de Manuel Espada e Gracinda. Quando do seu nascimento, o avô, o tio e o pai partem para adorá-la, a exemplo dos três reis magos por ocasião do nascimento de Jesus. Ao invés da estrela-guia, são as luzes dos pirilampos que guiam o pai Manuel Espada até a casa em que a filha acabara de nascer. O avô, João Mau-Tempo, ao conferir os olhos azuis da neta iguais aos seus, comprova que ela é realmente sua neta, primeiro porque nasceu de sua filha Gracinda, segundo por dar continuidade à cor azul dos olhos dos antepassados, lembrando o seguinte ditado: *"os filhos da minha filha meus netos são, os do meu filho serão ou não [...]."* Maria Adelaide começou cedo na lida com a enxada, pois as mulheres, no latifúndio, não são criadas para serem princesas. Quando o pai saía para tratar de assuntos lá fora, ela silenciava. Era trabalhadora e sonhadora. Um dia, quando voltava do trabalho, percebeu que algo tinha mudado, pressentiu que a ditadura chegara ao fim pela revolução do povo, percebeu também que era dona de sua liberdade, então gritou: *Viva Portugal!* Ela é a possível resposta para o *tempo das perguntas*, porque assiste ao fim da ditadura. Verifica que, de sua geração em diante, tudo pode ser construído de maneira diferente, só dependeria dela.

dicionario Personagens Jose Sar214 214 09.01.12 12:14:36

"[...] quando os mistérios são da porta de casa para fora é melhor que lá fiquem."

MARIA ANA JOSEFA *(Memorial do Convento)*: Personagem factual que se encontra na história de Portugal e de seus reinados. Rainha de Portugal, triste, reprimida, era fria sexualmente com o rei, paciente, humilde, religiosa e boa esposa. É descrita fisicamente como roliça, sendo esta uma das características fundamentais para a maternidade. Vinda da Áustria para se casar com D. João V mediante acordo, desempenha no enredo o papel de mero objeto de reprodução, responsável por dar filhos à Coroa. Sua única finalidade era conceber o herdeiro do reino, fato que não se realiza senão em função de uma promessa, que é a construção de um convento – tema título do romance. Embora a personagem de D. Maria Ana venha dar a entender que seja o motivo da narração, não é ela que ganha destaque, já que sua figuração no enredo é de menor recorrência do que a da personagem de Blimunda, por exemplo. Apresentada como piedosa senhora, devota do cristianismo, aceita de forma natural a infidelidade do marido. Entretanto, sonha de vez em quando com o cunhado – o infante D. Francisco; seus desejos só se realizam em sonhos, mesmo assim sente-se culpada. Ao ser indagada pelo cunhado quanto aos seus sonhos, responde:

"É verdade que sonho, são fraquezas de mulher guardadas no meu coração e que nem ao confessor confesso, mas, pelos vistos, vêm ao rosto os sonhos, se assim mos advinham."

MARIA CONCEIÇÃO *(Levantado do Chão)*: Personagem pertencente à segunda geração: *tempo de perguntas.* Terceira filha de Domingos Mau-Tempo e Sara Conceição, é irmã de João Mau-Tempo, Anselmo e Domingos. Sofredora, como todas as mulheres de sua geração, trabalhava em Lisboa; servia aos ricos. Nada falava, só chorava e visitava a mãe quando esta estava internada em um hospício. Servindo sempre aos mesmos patrões de Lisboa, para onde fora ainda criança, Maria Conceição é pessoa de extrema fidelidade.

dicionario Personagens Jose Sar215 215 09.01.12 12:14:37

MARIA DA PAZ *(O Homem Duplicado)*: Mulher jovem, bonita, elegante, bem torneada fisicamente. É funcionária de um banco, mora com a mãe, uma senhora idosa e doente, e é namorada/amante/amiga de Tertuliano. Tem uma personalidade forte, em algumas ocasiões conversa com Tertuliano sobre os planos dele para o futuro, afinal quer ver-se incluída neles; no entanto, é paciente e não tem vergonha em demonstrar seu sofrimento e decepção quando é deixada de lado, algumas vezes por ele. Mesmo vivendo esse relacionamento sem muitas emoções e seguindo apenas a seqüência harmônica de sua vida, Maria da Paz não pressiona seu namorado para que tome uma decisão definitiva, pois tem medo de perdê-lo. No final, torna-se a única vítima inocente, ao morrer em um acidente de carro por causa da covardia de Tertuliano e do mau-caratismo de António Claro, sósia do primeiro.

"O caos é uma ordem por decifrar."

MARIA DE ATHAÍDE *(Que Farei com este Livro?)*: Condessa de Vidigueira. Coloca-se em um pedestal ao afirmar que ninguém seria suficientemente capaz de escrever algo sobre a sua família. Despreza os escritos de Camões e rasga o que foi esquecido no Palácio.

"Altivo me saiu quem de tanta protecção diz precisar."

MARIA DE MAGDALA/MARIA MADALENA *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: *Nasceu em Magdala, é irmã de Marta e Lázaro de Betânia. É uma mulher forte, decidida, carinhosa e compreensiva. Nas primeiras páginas do livro, o narrador faz uma falsa prolepse ao descrevê-la como loira para, mais tarde, revelar que ela tinha os cabelos pretíssimos. Nesse primeiro capítulo, o narrador engana diversas vezes o leitor quanto à identificação de Madalena. Notamos que tanto o narrador como o autor implícito se afeiçoam a ela, o que pode ser percebido pela belíssima descrição que se encerra com esta frase: *"Apenas uma mulher que tivesse amado tanto como imaginamos que Maria Madalena amou poderia olhar desta maneira [...]."* Tinha os olhos negros e brilhantes como carvões de pedra. Usava uma túnica de prostituta,

dicionario Personagens Jose Sar216 216 09.01.12 12:14:37

o corpo era esguio, semelhante ao de bailarina, e o riso parecia ser de mulher leviana. Neste *Evangelho,* Saramago a redime definitivamente, já que ela foi estigmatizada durante séculos, pela fantasia popular, como símbolo de decadência, baixeza e pecado; uma pérfida e leviana prostituta que atrapalhara com tentações vis o caminho sagrado de Jesus. A magnífica personagem Madalena vai resgatar o prazer sensual negado a Jesus pelos *Evangelhos* e pelos pais da Igreja. Reaproveitando-se novamente do silêncio das *Escrituras* sobre o que teria feito Jesus desde sua adolescência até sua fase adulta, o autor cria um enredo particular para Jesus durante essa época de sua vida, envolvendo-o amorosa e sexualmente com Maria de Magdala. Embora em toda a narrativa Eros esteja ausente e predomine Tânatos, no relacionamento de Jesus e Madalena Eros aparece em toda sua força. Nos *Evangelhos*, temos três Marias: Maria – mãe de Jesus; a pecadora/Maria – uma pecadora sem nome que unge os pés de Jesus e que, por vezes, é identificada com Maria, irmã de Lázaro, que também ungiu os pés de Jesus; e Maria Madalena – mulher da qual Jesus expulsou sete demônios (depois disso ela passou a segui-lo com seus bens) e para a qual Jesus primeiramente apareceu logo após sua ressurreição. Esses demônios que a atormentavam, segundo a tradição, estariam ligados à luxúria, sedução e prazer, mas também poderiam estar relacionados a doenças de ordem psíquica. Para compor a magistral Madalena, o autor juntou detalhes da vida de Maria/pecadora, irmã de Lázaro, com informações sobre Maria Madalena retiradas do *Evangelho Apócrifo Segundo Felipe,* que informa que Jesus amava mais a Madalena dos que a todos os outros discípulos. Também utilizou informações do *Evangelho de Maria Madalena*, que apresenta Maria Madalena pregando e revela que ela era mais amada por Jesus do que todos os discípulos e todas as mulheres. Além das informações dos apócrifos, o autor acrescentou a amizade da Madalena bíblica por Jesus, pois foi a ela que ele apareceu após a sua ressurreição. Ou seja, Madalena foi a primeira pessoa a ver Jesus e a anunciadora desse fato, portanto foi Apóstola dos Apóstolos. Acrescente-se a isso a prodigiosa imaginação do autor que confere um perfil feminino

dicionario Personagens Jose Sar217 217 09.01.12 12:14:37

magnífico e uma estranha sabedoria à amante de Jesus. O autor seguiu a tradição retratando Madalena como meretriz, para redimi-la e transformá-la na maior personagem feminina de sua obra. Ela conhece Jesus quando este, com os pés feridos, bate a sua porta na cidade de Magdala e, a partir daí, ela passa a segui-lo. Na narração das intimidades sexuais entre os dois, o narrador procura mesclá-las intertextualmente com citações literais dos *Cânticos dos Cânticos* – o Livro de Cantares de Salomão, para purificar e quase santificar o relacionamento de uma prostituta com o *Filho de Deus*. A partir do momento em que conhece Jesus, ela deixa um pano dependurado na porta para informar que estava sempre ocupada. Esse pano permanecerá para sempre na sua porta, ela jamais conhecerá outro homem depois que conhece Jesus. Sua santificação ocorre justamente por meio do relacionamento sexual entre ela e Jesus. Esse relacionamento é descrito pelo narrador com algo extremamente normal, com muito respeito e uma aura de sacralidade. Ela é a responsável pela iniciação sexual do Filho do Homem. Jesus afirma para ela: *"Quem contigo se deita não é o filho de Deus, mas o filho de José."* Quando é necessário dizer quem é Jesus, Madalena informa: *"É Jesus de Nazaré, filho de Deus*." Ao contrário de Maria, mãe de Jesus, ela crê nele e revela uma estranha sabedoria para uma prostituta, aproximando-se, por meio de suas sentenças, à sabedoria de uma profetisa hebréia. Reconhece a insignificância das mulheres para Deus, denuncia um Deus misógino que renegou o prazer sexual e muitas outras coisas para as mulheres, e afirma que *Deus é medonho*. Assume, na vida de Jesus, o papel que era originalmente destinado à Maria, sua mãe, e num dos momentos mais cruciais da trama, chama Jesus de seu filho. Num encontro com Maria, esta passa a Madalena a missão materna, na qual ela falhara. Ama Jesus como amante, mulher, irmã, amiga e mãe. Madalena, neste livro, em verdade é a *genetrix Dei*. Sua importância na trama suplanta a de Maria, mãe de Jesus. Madalena é retratada como a mulher em direção à santidade que apóia e compreende Jesus; e Maria, como a pecadora que não o entende e o renega. A importância de Madalena na vida de Jesus é tão grande que ele acha

dicionario Personagens Jose Sar218 218 09.01.12 12:14:38

melhor não se chamar *Jesus de Belém,* mas sim *Jesus de Magdala*. Ela é uma grande profetisa, dotada de uma sabedoria peculiar, sacerdotisa e oráculo inspirado que o orienta nos momentos mais difíceis de sua missão, tendo recebido essa incumbência da própria mãe de Jesus, que nela falhara. Os diálogos entre ela e Jesus estão permeados de um lirismo pungente, uma aura sagrada e uma linguagem teológica: *"Olharei a tua sombra se não quiseres que te olhe a ti, disse-lhe, e ele respondeu, Quero estar aonde a minha sombra estiver, se lá é que estiverem os teus olhos."* Os poucos minutos de felicidade que Jesus tem nesta vida, ele os passa com Madalena: juntos, os dois riem e cantam. Jesus quer evitar a cruz e as conseqüências dela para todos os seres humanos; não a aceita. No entanto, Maria Madalena o conforta com um discurso repleto de sabedoria, mostrando-lhe a impossibilidade de tal querer, o inexorável do seu destino trágico. Seu discurso é o discurso da sabedoria, do questionamento e da busca da verdade, do apoio, da compreensão, da amizade, o que a transforma na discípula amada, no décimo terceiro discípulo. Magdalena é redimida, suplantando todas as mulheres do *Velho* e do *Novo Testamento* e, por que não dizer, os demais perfis de mulheres, criadas ao longo dos romances anteriores do autor, que se superou em termos de psicologia feminina ao recriar esta personagem. É a grande mulher deste *Evangelho* e de toda a obra de Saramago. É a portadora da resposta definitiva do autor à misoginia cristã. Madalena inicia e termina sua participação no livro emoldurada com uma irradiante auréola, própria das santas retratadas nas pinturas renascentistas, auréola que a destaca, privilegiadamente, no meio das outras mulheres ao pé da cruz, inclusive a própria mãe de Jesus. Essa auréola a sacraliza, em definitivo, transcendendo e ofuscando todas as demais personagens presentes na cena da crucifixão. Maria de Magdala profere uma das frases mais profanas, ateológicas e sábias deste *Evangelho*, pois, devido a essa frase, simplesmente não acontece o tão conhecido milagre da ressurreição de Lázaro, visto que Jesus, profundamente abalado, não o ressuscita. Ela rouba o espetáculo e comanda-o, deixando a Jesus um papel meramente secundário.

dicionario Personagens Jose Sar219 219 09.01.12 12:14:38

**A primeira referência à Madalena no romance se dá no início, na cena da crucifixão de Jesus, baseada em uma gravura de Dürer da série *A Grande Paixão*. Na descrição, a identificação de Madalena ocorre num jogo de comparações entre as mulheres presentes na crucifixão. O narrador insinua que talvez Madalena seja a mulher que se apresenta com um decote aberto e corpete deixando entrever os seios. Esta mulher voluptuosa ampara a afligida Maria, mãe de Jesus, de rosto lacrimoso e mãos desfalecidas. Maria, mãe de Jesus, apóia o antebraço na coxa de outra mulher, que apresenta longos cabelos soltos, aparentemente louros. A constatação de ser Madalena essa última, e não a mulher decotada, evidencia-se pelo seu olhar levantado, contemplando a triste cena de Jesus crucificado entre os dois ladrões. Essas primeiras referências à Madalena já indicam uma maneira diferente de avaliar sua condição de mulher e prostituta: ela se veste decentemente; a mulher com o decote, estereotipada como uma pessoa de *dissoluto passado* que arrasta os homens à perdição *pelo infame corpo,* não é Madalena. Madalena encerra um olhar de quem muito amou — e como o romance evidenciará, amou a Jesus. O narrador desfaz qualquer ambiguidade, ao afirmar que a decotada não era Madalena. Começa já nessa identificação o desvio de Madalena em relação à personagem bíblica. Quando Jesus, no romance, deixa o Pastor com quem estivera nos últimos quatro anos, resolve voltar para Nazaré. Seus pés estão feridos, a caminhada pela margem do Jordão é dolorosa. Ao passar pela cidade de Magdala, uma das feridas se agrava, e Jesus não vê outra solução a não ser pedir ajuda na casa mais próxima. Jesus reconhece que Madalena é uma meretriz já que há nela vários elementos identificadores que lhe permitem reconhecê-la como tal: o perfume inebriante, sedutor, os cabelos negros soltos (o narrador brinca com a cor dos cabelos de Madalena: afirma que tendo sido Madalena retratada como pecadora, só poderia ter os cabelos loiros, mas no primeiro encontro com Jesus, Madalena é descrita como cabelos negros). O comportamento de Jesus em face desse reconhecimento não indica preconceito ou desprezo explícito, como seria esperado de um homem da sua época. Na verdade, Jesus

dicionario Personagens Jose Sar220 220 09.01.12 12:14:38

não sabe o que fazer diante dessa mulher que o fascina, e que cuida de sua ferida como uma mãe dedicada. A primeira inversão em relação ao texto bíblico dá-se nessa passagem, quando Jesus é curado por Madalena, e não o contrário. A passagem bíblica que fala dos sete demônios de Madalena é simplesmente ignorada no romance: é Jesus que está enfermo, e será ela que o aliviará de seus males. Por gratidão, a Madalena bíblica seguirá Jesus no seu ministério. Por gratidão, o Jesus do romance permitirá que Madalena o ensine a *aprender o seu corpo*. Madalena sente-se infinitamente atraída por aquele rapaz e está consciente do efeito que exerce sobre ele. A maneira como o prepara para a relação sexual, despindo-o, lavando seu corpo, deitando-o na cama, apesar de evidenciar sua experiência como prostituta, não demonstra que ela esteja agindo como uma: ela é paciente e carinhosa, e o faz por sua vontade, uma vez que sabe que não receberá dinheiro. O que está em jogo são sentimentos e não um contrato entre cliente e profissional. Assim como na cura da ferida Madalena se coloca numa posição de uma certa forma superior à de Jesus — ele depende de seus cuidados —, também no aspecto sexual ela será a condutora. Jesus é virgem, não conhece mulher: ela o ensinará tudo. Tanto que, durante a relação sexual, ela lhe mostra o que fazer, e como fazer. Jesus permanece por oito dias na casa de Madalena e, nesse intervalo, o fato dela ser prostituta é abordado várias vezes. Numa delas, Jesus diz a Madalena que não podem viver juntos, e ela o corrige: *"Queres dizer que não podes viver com uma prostituta"*, ao que Jesus responde simplesmente que sim. Ela então replica, dizendo que não mais será prostituta, que a partir do momento em que o conhecera não se sentiu mais como uma, e que está nas mãos dele que não continue a ser. O *Pedes-me demasiado* que Jesus responde é revestido de uma certa ambigüidade: pode indicar que colocar sobre ele a responsabilidade de pôr um fim à carreira de prostituta de Madalena é um fardo grande, mas também pode indicar a estigmatização da prostituta – é pedir muito para um homem que conviva com uma mulher que leva essa marca. Se é este o caso, Jesus consegue vencer o preconceito, pois eles de fato ficam juntos até a crucifixão. Madalena pondera que o relacionamento de

dicionario Personagens Jose Sar221 221 09.01.12 12:14:39

ambos está alicerçado nessa troca mútua: ela o curou da chaga do pé e ele a *curou* da prostituição; ela o ensinou a conhecer a mulher e ele a ensinará como amar somente a ele. De fato, Madalena será a primeira a conhecer e acreditar na relação de Deus com Jesus, já que sua própria família o desacreditara. A volta de Jesus para Madalena consolida definitivamente a relação entre ambos e mostra-a como uma mulher segura e convicta de suas opiniões: quando Jesus, ao contrário do Jesus bíblico, sorri, e reconhece que para ela não adianta fingir ou usar *palavras evasivas*. A Madalena do romance é uma mulher consciente do que pensa, fala e, principalmente, de suas escolhas. Ela quer Jesus e, por ele, fará o que for preciso: *"Pois eu digo-te que Maria de Magdala estará ao pé de ti, prostituta ou não, quando precisares dela."* Jesus, ao repartir o pão da verdade entre ele e Madalena, sela um pacto no qual ecoa a Santa Ceia. Madalena torna-se, assim, a precursora dos apóstolos, no que diz respeito a uma aliança firmada com Jesus. Na verdade não há, no romance, a Santa Ceia com os apóstolos descrita nos *Evangelhos*. Madalena é a única a partilhar com Jesus o pão da verdade, da vida e da salvação, o que, mais uma vez, demonstra sua posição privilegiada, como indicada em vários evangelhos gnósticos apócrifos. Ao tomar conhecimento da história de Jesus, Madalena pressente que o destino dele é *terrível*, e nesse pressentimento está embutida a sua própria relação com o Deus judaico, um ser intangível, misógino e patriarcal. Quando Jesus pergunta a ela como pode saber das coisas terríveis que o esperam, ela responde: *"Não sei nada de Deus, a não ser que tão assustadoras devem ser suas preferências como seus desprezos [...] Terias de ser mulher para saberes o que significa viver com o desprezo de Deus [...]."* A fala de Madalena é uma reflexão sobre a condição da mulher dentro do judaísmo, sempre cerceada por um Deus que parece odiar as mulheres. Pelo que o romance permite inferir, Madalena preferiu viver à margem desta sociedade, desprezada e estigmatizada como prostituta, mas a salvo da opressão que aniquilava a mulher judia — a considerada correta — como indivíduo. Madalena escolheu prostituir-se, resistindo à violência simbólica, rebelou-se contra esse

dicionario Personagens Jose Sar222 222 09.01.12 12:14:39

Deus medonho que despreza as mulheres. Como prostituta, teria pelo menos independência econômica, e não teria que se subjugar a um marido: sua relação com os homens seria mediada por um contrato, e não pela submissão. Essa escolha de Madalena foi modificada pelo encontro com Jesus: ao se apaixonar por ele, ela abre mão da independência, ainda que marginalizada, que possuía como prostituta. Ela agora o seguirá, sob qualquer condição. Jesus propõe que ambos vivam juntos como marido e mulher, ao que Madalena responde: *"Prometes demasiado, já é o bastante que me deixes estar ao pé de ti."* Jesus e Madalena não se casarão: viverão em concubinato. Essa posição parece satisfazer a ambos, e com ela conviverão até o final. Essa convivência será harmoniosa, não apenas Madalena dar-se-á por inteiro, mas Jesus também é consciente de que não há barreiras entre eles. Os dois partilham de igualdade nessa relação. Madalena não tem o *status* de esposa, mas, sem dúvida, a qualidade de seu relacionamento com Jesus parece ser bem melhor do que a de qualquer mulher judia de seu tempo. A Madalena do romance encontra-se fora da dimensão comumente atribuída às mulheres da época. Outro episódio que contribui para afirmar que a Madalena do romance não é marcada pela negatividade nem pela inferioridade é o seu encontro com Maria, mãe de Jesus, na passagem bíblica conhecida como Bodas de Caná. O primeiro encontro entre Madalena e Maria se dá nessa hora, através do olhar, e, apesar do narrador polarizá-las, colocando-as como *a honesta e a impura* como define o estereótipo, não há entre elas hostilidade ou desprezo, antes uma comunhão mútua e cumplicidade. A polarização, pois, não as separa – não se instaura o abismo que a tradição cristã instituiu entre a santa e a pecadora –, mas as funde; sentem-se unidas na sua condição de mulher e no seu amor por Jesus. Madalena quer sentir o amor de mulher e também o amor de mãe: *"Senhor, dá-me, juntas, as duas dores, se tiver que ser."* Quando, mais tarde, se falam, Maria pede a Madalena para cuidar de Jesus, porque também está ciente de que *coisas terríveis o esperam*. E quando Madalena conta-lhe que foi prostituta, Maria, após refletir um pouco, responde-lhe: *"Eu te abençoo, Maria de Magdala, pelo*

dicionario Personagens Jose Sar223 223 09.01.12 12:14:40

bem que a meu filho Jesus fizeste, hoje e para sempre te abençoo." Não deixam de ser irônicas as palavras de Maria, visto que a propalada prostituição de Madalena acarretou exatamente o contrário: tornou-a uma mulher maldita, mas, dentro do contexto do romance, Madalena é, mais uma vez, valorizada, avaliada sob uma ótica positiva em relação ao que a tradição construiu em torno dela. Sentindo-se capaz de tudo fazer por ser o filho de Deus, de ressuscitar Lázaro porque Deus o quer, Jesus estende os braços para dar a ordem suprema, mas Madalena, com uma de suas frases filosóficas, impede a ressurreição. Madalena torna-se, assim, responsável pelo grande milagre que não houve. Jesus escutou a ela, e não a Deus, seu pai, que o autorizava a realizar o grande feito. De uma certa forma, Jesus rebelou-se também contra o *Deus medonho* que a ele usava para reafirmar seu poder universal. Entre o pai todo poderoso e a mulher que amava, Jesus optou pela sensatez das palavras de Madalena. No que se refere ao episódio de Lázaro, Madalena, e não Deus, é quem triunfa. Um triunfo sábio e ao mesmo tempo penoso, pois, a partir daí, viverá na dúvida se o melhor não teria sido permitir a Lázaro uma segunda vida, mesmo sabendo que ele teria uma segunda morte. A prostituta Maria de Magdala de Saramago não é a Madalena forjada pelo imaginário cristão. A Madalena do autor constitui-se como mais uma dessas representações, que emerge sob uma perspectiva não negativa, mas humanizada do mito da pecadora. Essa dimensão humana apresenta e representa Madalena em toda sua ambigüidade, como visto em várias passagens do texto. Ela é prostituta e sedutora, seu corpo é *usado e sujado*, mas é nele que Jesus encontra a liberdade, ela só quer estar aos pés de Jesus, numa clara atitude de submissão, porém ele quer estar onde estiverem os olhos dela.

"[...] é neste instante, em verdade último e derradeiro, que Maria de Magdala põe uma mão no ombro de Jesus e diz, Ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes, então Jesus deixou cair os braços e saiu para chorar."

dicionario Personagens Jose Sar224 224 09.01.12 12:14:40

MARIA DE NAZARÉ *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Esposa de José, é uma jovem com idade inferior a dezesseis anos, magra, com cabelos e olhos escuros. É descrita ironicamente pelo narrador como uma rapariguinha frágil, fraca figura que recolhe bostas de gado como um burro de carga, *dez-réis de gente*, impiedosa e injusta, que come os restos de comida, pois primeiro tem que servir a seu marido José. Do ponto de vista de José, parece ser uma mulher bonita. Ao contrário da Maria bíblica, pura e virgem, esta mantém relações sexuais com José, seu marido, e gera Jesus. Além de Jesus, gera mais sete filhos e duas filhas. Não foi a escolhida, eleita por Deus especialmente para ser mãe de seu filho; pelo contrário, apenas por ser saudável foi transformada em mãe portadora, espécie de barriga de aluguel. Após os trinta anos, apresenta-se envelhecida de cara e corpo, por ter tido várias gestações, e passa a vida cardando, tecendo, fiando e cozendo. Psicologicamente é descrita com crueldade pelo narrador como sendo insensível, arrogante, prepotente, ignorante, céptica, desconfiada, cúmplice do marido, medrosa, impaciente, mentirosa, descrente, soberba, orgulhosa impiedosa e injusta, nem pura, nem santa. Foi submissa ao marido, depois a Jesus e logo após a seu outro filho – Tiago. Guarda para si todas as suas angústias e sofrimentos. É vítima da antipatia do narrador, da antipatia do Diabo, da antipatia de Jesus e da antipatia do anjo, com exceção de Maria Madalena. É insegura e raras vezes inicia uma polêmica; quando fala, geralmente é encurralada por alguém e perde a disputa oral. Nos diálogos em que é forçada, pelo Diabo ou por seu filho, a expressar suas opiniões, sente o gosto amargo da verdade. Seu drama começa quando esconde de seu filho a covardia de José, que salvou Jesus em detrimento dos inocentes de Belém. Torna-se, dessa maneira, cúmplice da covardia do marido e do crime cometido por ele. É uma espécie de segunda Eva, fadada ao equívoco e ao engano. Por ter escondido de Jesus esse fato, terá um relacionamento difícil com seu filho. Quando Jesus retorna a sua casa e afirma por três vezes que viu Deus, Maria diz que não acredita nele e afirma: *"O Diabo está contigo desde que nasceste."* O anjo a visita logo após ela ter afirmado ao seu filho Jesus que não

dicionario Personagens Jose Sar225 225 09.01.12 12:14:40

cria nele. O anjo a chama de mal-educada, arrogante, céptica, desconfiada, ignorante e mãe portadora. Nesse diálogo, Maria se revela prepotente ao afirmar que chegou a pensar que o Senhor a havia escolhido para ser sua esposa na madrugada em que Jesus foi gerado. Mesmo depois de o anjo ter lhe avisado que Jesus falara a verdade quando por três vezes afirmara que tinha visto Deus, ela manda Tiago e João atrás de Jesus com um recado catastrófico: *"[...] nele cremos e, querendo-o o Senhor, viremos a crer no que nos disseste."* Quando se encontra com Maria de Magdala, passa a ela a missão de mãe, na qual falhara completamente. Nesse encontro, num dos únicos momentos de sabedoria, abençoa Maria de Magdala, transferindo a ela a responsabilidade de acompanhar o destino de seu filho: *"Eu te abençoo, Maria de Magdala, pelo bem que a meu filho Jesus fizeste, hoje e para sempre te abençoo. Maria de Magdala aproximou-se para beijar-lhe o ombro em sinal de respeito, mas a outra Maria lançou-lhe os braços, apertou-a contra si e as duas ficaram abraçadas, em silêncio, até que se separaram [...]."* Nessa passagem, nota-se o desprezo do narrador que se refere à Maria, mãe de Jesus, simplesmente como *a outra Maria*. A mãe de Jesus também não corresponde ao arquétipo da *Mater inviolata*, a mãe assexuada que vincula virgindade e maternidade, como atestam a concepção e o nascimento de Jesus relatados no romance. Jesus foi o primeiro de seus nove filhos, e, mesmo ela sendo ainda jovem, os partos sucessivos foram levando aos poucos *a beleza e a frescura*. Apesar da resignação de Maria ao seu destino de nutriz, por vezes demonstra impaciência e indignação por causa de sua vida. A imagem da mulher fecunda e feliz, ao que tudo indica, não se ajusta à mãe de Jesus o que, de certa forma, a distancia do arquétipo da Virgem Maria toda pura. Ela é humanizada, recuperada das alturas da pureza celeste e mostrada em toda sua dimensão humana – a concepção de Jesus através da relação sexual com José, a ausência de um anjo a dizer-lhe que foi a escolhida de Deus, o relacionamento truncado que tem com Jesus.

"Não te cremos, disse a mãe, e agora menos que antes, porque escolheste o sinal do Diabo."

dicionario Personagens Jose Sar226 226 09.01.12 12:14:41

MARIA DOLORES *(A Jangada de Pedra)*: Antropóloga, mas trabalha em uma agência de turismo por não ter outro emprego. Conhecida por uma das personagens, é citada e relembrada várias vezes dentro do romance.

"[...] sou antropóloga por formação e feminista por irritação."

MARIA GUAVAIRA *(A Jangada de Pedra)*: Tem olhos escuros, não é bonita nem feia, tem as mãos gastas e fatigadas, cabelos castanhos, queixo redondo, lábios cheios, dentes brancos. É viúva, só vestia preto até conhecer Joaquim Sassa, por quem se apaixona. Desmancha um pé de meia de lã azul e dele sai uma nuvem de lã. É sincera, decidida, impõe respeito, mas tem medo do que os outros vão pensar dela. Por causa do amor tem coragem de mudar completamente sua vida. Mesmo amando Joaquim Sassa, por piedade e comoção dorme com Pedro Orce e acaba engravidando, sem saber quem é o pai. Não faz isso às escondidas, mas sai para encontrar-se com Orce na frente de Joaquim Sassa. Diante de certa irritação deste, ela afirma que as culpadas são ela e Joana Carda – que também dormiu com Pedro Orce – já que foram elas que o procuraram e não ele a elas.

"As pessoas nascem todos os dias, só delas é que depende continuarem a viver o dia de ontem ou começarem de raiz e de berço o dia novo, hoje."

MARIA LEONOR *(Terra do Pecado)*: É loira, magra, jovem, gentil e hospitaleira. Tem dois filhos: Dionísio e Júlia. No início do romance, a criada Benedita a aponta como corajosa e firme; porém, no decorrer da trama, Maria Leonor se mostra frágil, contraditória, insegura e misteriosa. Por isso mesmo, complexa em sua psicologia, debate-se perante a inquietante sedução do irracional, a tentação de mergulhar no nada, vivendo na tênue fronteira entre a razão e a loucura. Imediatamente após a morte de seu marido Manuel, ela se vê sem horizontes e é tomada por uma depressão profunda, ficando por três anos acamada e enfraquecida, sem querer tomar consciência da realidade

dicionario Personagens Jose Sar227 227 09.01.12 12:14:41

em que se encontra. Ela só consegue reagir mediante uma espécie de tratamento de choque que o Dr. Viegas recomenda e que Benedita aplica, dizendo que a quinta está a se perder sem os olhos da dona, e que filhos e empregados em breve ficarão na rua se ela não tomar as rédeas da situação. Depois de se recuperar da depressão, até o fim do romance, a viúva é atormentada pelo conflito entre o corpo e o espírito. Leonor é dilacerada entre os desejos da carne e a força castradora da moral cristã, que desde sua origem condena o sexo e nega o prazer à mulher, ou seja, se debate entre o naturalismo evolucionista e as idéias cristãs. Passa a sonhar com cruzes que enchem seu quarto e que caem sobre ela. Seus empregados comentam que ela está embruxada. Vivia numa angústia íntima, como se tivesse que salvar a si mesma a cada momento, numa luta constante. Sente vergonha e nojo de si própria, considera-se uma pessoa imoral que é movida por instintos animalescos. Torna-se um farrapo, sempre amedrontada pela perseguição da criada Benedita. Com o passar do tempo, sua sexualidade vai se exacerbando e tomando conta dela, e ela passa a delirar de desejo, quase não consegue dormir, se debatendo na cama, gemendo de um prazer incontido. Por conta desse desejo incontrolável, passa a ter um comportamento histérico, torna-se impaciente, grita com as criadas e vive inquieta. O desejo existe e é impossível lutar contra ele. Leonor se entrega ao cunhado António, cedendo aos apelos da volúpia, sem nenhum outro sentimento além do desejo sexual a impulsionando numa sarabanda orgíaca. Segundos após o ato sexual realizado, Benedita adentra o escritório onde estavam e, pressentindo o ocorrido, dá início a uma perseguição implacável contra ela. A criada está disposta a qualquer sacrifício para manter a honra da patroa. Com essa perseguição, o sofrimento de Leonor torna-se insuportável. Leonor é uma mulher esclarecida, demonstra conhecimento de filosofia e ciências e, através dos seus diálogos, principalmente com o Dr. Viegas, ela apresenta uma visão racionalista e liberal. Por outro lado, há momentos em que os preceitos morais da religião a cegam e sufocam, e ela age de forma contrária ao que se espera de uma pessoa com o nível de conhecimento que ela tem. O embate entre esses dois conceitos antagônicos

dicionario Personagens Jose Sar228 228 09.01.12 12:14:41

de existência – filosofia e moral cristã – torturam a viúva, o corpo arde de desejo, enquanto as convenções sociais, a moral religiosa e o olhar inquisitorial de Benedita fazem acender a culpa pelos seus atos e pensamentos, que ela considera pecaminosos e que a martirizam. Elabora a curiosa teoria da fatalidade, ou seja, crê na predestinação. Maria Leonor, depressiva, não consegue se desvencilhar da opressão da moral cristã, representada pela sua criada Benedita, embora tenha argumentos racionais bastante convincentes e esclarecedores que mostram a naturalidade de seu comportamento sexual. Ela parece não estar certa de suas próprias convicções, deixando-se vencer pela criada e pela repressão moral e sexual pregada pelos preceitos religiosos, dos quais nem ela própria é muito convicta. Vive num ambiente escuro e abafadiço, rodeado por imagens de santos e cruzes. Enxerga a morte e o pecado sempre diante de si, o que lhe causa muitas alucinações. Maria Leonor é a primeira personagem feminina de Saramago e revela sinais da visão que o autor adotará em relação ao feminino ao longo de sua obra. Mesmo em suas contradições ideológicas, Leonor é quem questiona a ordem vigente e transgride seus limites, desafiando a moralidade cristã. Essa personagem é maculada, do ponto de vista da criada Benedita, pelo sêmen de dois homens – seu cunhado António e o doutor Viegas –, por puro prazer. Apesar de seu nível cultural, não consegue se perdoar, deixando-se dominar pelos dogmas cristãos – a eterna culpa atribuída à mulher pelo pecado original.

"Cremos justamente porque não sabemos e é esta constante ignorância que mantém a fé, qualquer que ela seja. A Verdade pode ser tão horrível que, se fosse conhecida, talvez destruísse todas as crenças e fizesse do Mundo um grande manicómio."

MARIA SARA *(História do Cerco de Lisboa)*: É uma mulher com menos de quarenta anos, estatura alta, possui a pele cor de mate, os cabelos castanhos, salvo alguns fios brancos e é fumante. Tem a boca carnuda e cheia mas, segundo o protagonista e revisor Raimundo Silva, os lábios não são grossos. O revisor observa que em seus dedos não há

dicionario Personagens Jose Sar229 229 09.01.12 12:14:42

nenhum anel ou aliança; ela mora com o irmão e com a cunhada. É uma mulher moderna, independente, segura de si, metódica, cujos atos são medidos. É divorciada há três anos, não tem filhos, mas deseja tê-los. Maria Sara é a incentivadora de Raimundo Silva tanto na vida profissional como na vida pessoal. Ela se torna chefe de Raimundo na editora depois do erro proposital que o protagonista comete na revisão da *História do Cerco de Lisboa.* É uma mulher equilibrada, esperta, e extremamente sutil em sua maneira de lidar com Raimundo. Ela o incentiva a reescrever a *História do Cerco de Lisboa*, a partir do *não* que ele acrescenta na revisão, entregando-lhe a única cópia que não levava a errata. Dessa forma, o revisor é incentivado para novos desafios e, principalmente, para realmente viver. Ele descobre o amor através do *cerco* ao qual é conduzido sutilmente por Maria Sara e passa a sentir-se contemplado diante da vida e do trabalho. Representa o tipo de mulher preferida por Saramago: extremamente feminina, audaz, que toma as iniciativas e que conduz o universo masculino através da sabedoria e de uma postura firme, porém discreta. Inconscientemente, ela liberta Raimundo Silva do *cerco* pessoal no qual ele vive, através de seu poder de persuasão. A princípio, o relacionamento dos dois é conflituoso e estão sempre batendo de frente um com o outro. O interesse pelo revisor desperta quando ele toca numa rosa que está no gabinete dela, fazendo-a corar como uma adolescente ao perceber que o gesto daquele homem parecia querer alcançá-la. Na verdade, ela gosta da ousadia de Raimundo Silva, que colocou o *não* que alterou a *História do Cerco de Lisboa,* e o desafia a reescrevê-la a partir da negativa. Bastante perspicaz, ela diz que aquele *não* é o ato mais importante da vida dele; na hora, Raimundo fica irritado com o que ele crê seja uma intromissão em sua vida. Porém, o revisor começa a sentir-se atraído por aquela mulher forte que enxergou além do seu ato rebelde. Ele a procura na editora, mas fica sabendo que ela está doente e de repouso, então pede à telefonista o número da supervisora e fica lutando consigo mesmo entre ligar ou não ligar. Ela fica satisfeita pelo interesse dele quando recebe o telefonema, depois retorna a ligação e, assim, os dois passam muito tempo conversando por telefone.

dicionario Personagens Jose Sar230 230 09.01.12 12:14:42

Quando melhora, visita Raimundo Silva e, sutilmente, conduz os atos dele, escolhendo os momentos certos para que as coisas aconteçam, até entregar-se definitivamente ao amor que explode entre os dois. Sua importância é fundamental para a narrativa, já que a personagem encoraja o protagonista a dizer um *não* à história oficial, levando-o, conseqüentemente, a mudar também a forma da narrativa épica, mesclando-a com a forma romanesca ao inserir o casal Mogueime e Ouroana – personagens que refletem o que se passa no coração e na mente de Raimundo, bem como o sentimento que surge entre ele e Maria Sara. Na realidade, Mogueime e Ouroana funcionam como uma espécie de duplos de Raimundo Silva e Maria Sara.

"[...] o Não que naquele dia escreveu terá sido o acto mais importante de sua vida."

MARINHEIRO *(A Viagem do Elefante)*: Integrante da tripulação do navio que leva o elefante Salomão a Gênova, na Itália. Informa ao cornaca que, além da viagem marítima, eles ainda teriam que enfrentar o perigoso caminho dos Alpes para chegar a Viena, o destino final do elefante.

MARTA *(A Caverna)*: Filha de Cipriano Algor, é casada com um guarda do Centro, Marçal Gacho, e ajuda o pai na olaria. Usa vestes longas, com avental e lenço à cabeça. É meiga e carinhosa, dedicada, dona de uma personalidade serena, extremamente consciente das suas obrigações como filha, esposa e ajudante da olaria. Herdara não somente o lugar da mãe à mesa, mas também as tarefas domésticas e o poder de agregar a família ao redor de si. Parece realmente ter assumido o papel da mãe falecida, principalmente nos cuidados com o pai do qual é confidente e com quem tem uma cumplicidade muito grande. Seu mundo se resume à casa e à olaria, aos trabalhos que por ali desenvolvia e aos difíceis diálogos com seu pai. Vive em função das preocupações e ocupações do pai e do marido e de entender aquilo que não é dito, não é expresso. É cercada de expectativas da promoção do marido à condição de guarda residente no Centro, paralelamente ao drama de ter que deixar o pai morando sozinho. Representa o laço

dicionario Personagens Jose Sar231 231 09.01.12 12:14:42

de união de dois mundos, o antigo (artesanato) e o novo (Centro Comercial), e consegue a missão quase impossível se conciliar os contrários. Através dela Cipriano prolonga o tempo de vida da olaria fornecendo bonecos criados por ela. Por causa dela, Cipriano chega a ter uma experiência de morar no Centro e ver de perto o destino de todos, que acabarão atados a um banco de pedras olhando para as paredes. Ela entende o drama do pai vencido pela modernidade e agora aprisionado naquele Centro, dividindo ao mesmo tempo, com ele e com seu marido, todas as expectativas da chegada de um herdeiro. Ela sabia, a seu modo, ser feliz, serenamente feliz, mesmo em meio a todas as angústias vividas. É chamada pelo pai de filósofa, já que consegue ver o profundo e o essencial das pessoas, e entender até o não dito, nisso nos recordando em muito Blimunda. Nos diálogos com seu pai, leva o seu interlocutor ao desespero ou ao silêncio, manejando uma discussão com maestria. A reflexão que se pode fazer sobre esta personagem transcende as características que lhes são peculiares: ela atinge o nível da construção da personagem principal, exercendo a importante função de antagonista. É por meio das cenas protagonizadas pelos dois (Marta e Cipriano) que o narrador constrói as principais características do velho oleiro. É por meio dessas tensões que tomamos conhecimento do Cipriano teimoso, do Cipriano sensível, do Cipriano medroso e do Cipriano apaixonado. Se formos pensar no poder de intervenção das personagens, veremos que Marçal e Achado intervêm muito na elaboração do enredo, ao passo que a intervenção de Marta não é da ordem do enredo, mas sim da elaboração da personagem central. Ela define os Algores como brutos, mas de brutos eles não têm absolutamente nada, são sensíveis em palavras, atos, sentimentos que se revelam em abraços e lágrimas. Em suas falas, confirma o veredicto de seu pai: é uma filósofa por excelência. Vive no Centro também, sempre em função das tarefas domésticas, do pai e do marido, aos quais apoiou na iniciativa final de abandonar tudo e sair sem destino certo.

"[...] mas até a própria ignorância é capaz de ter intuições proféticas."

dicionario Personagens Jose Sar232 232 09.01.12 12:14:43

MARTA *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Irmã de Maria de Magdala e de Lázaro. Fato curioso é que aparece como irmã gêmea de Madalena. Percebe-se todo um conflito entre ela e Madalena, entre a virtuosa e a meretriz. Quando Madalena, a irmã pródiga, retorna a Betânia com Jesus, ocorre o seguinte diálogo entre elas: *"Pertenço a esta casa como tu pertences, pertenço a este homem que não te pertence a ti, estou em regra contigo e com ele [...] Recebo-te como minha irmã pelo sangue, e espero que possa chegar o dia em que te receba pelo amor, mas hoje não [...]."* Marta não entende as palavras enigmáticas de Jesus e demonstra ter ciúmes e inveja de Madalena por esta ter um homem e ela, a virtuosa, viver na solidão. Não perdoa o fato de Madalena ser prostituta, de nunca ter mandado notícias ou tentado saber como estava o irmão Lázaro, que vivia muito mal de saúde. Lava os pés de Jesus, quando isso naturalmente deveria ter sido feito por Madalena e não por ela. Madalena diz a Jesus que tanto ela quanto Marta estão enamoradas dele. Em relação à Marta, Madalena afirma para Jesus: *"A tristeza dela não é essa, está triste porque pensa que não há justiça no céu se a impura é que recebe o prêmio, e a virtuosa tem o corpo vazio."* Marta termina seus dias amargurada, com ciúmes e inveja de Madalena, e com raiva e revolta porque Madalena impediu que Jesus ressuscitasse seu irmão Lázaro. Por meio de um discurso indireto livre, o narrador informa o que pensa Marta:

"[...] a história de Deus não é toda divina."

MARTA MARIA *(Memorial do Convento)*: Mãe de Baltasar, um pouco mais baixa que o filho, revela-se uma mulher dedicada à família, pois cuida do marido e dos filhos; recebe calorosamente o filho Baltasar que retorna da guerra. Ela não gosta de judeus e cristãos-novos, pois tem medo da Inquisição. Mulher humilde e hospitaleira, acolhe Blimunda como sua filha e quando o padre Bartolomeu Lourenço chega, ao saber que era amigo de seu filho, não lhe fez perguntas e ofereceu o que pôde para o jantar.

"Não há mulher nenhuma que não tenha visões e revelações, e que não ouça vozes, ouvimo-las o dia todo, para isso não é preciso ser feiticeira."

dicionario Personagens Jose Sar233 233 09.01.12 12:14:43

MARTINS GONÇALVES DA CÂMARA *(Que Farei com este Livro?)*: Jesuíta, confessor do rei D. Sebastião, Secretário de Estado e irmão de Luís Gonçalves. Tipifica o ambiente vivido na corte, um ambiente de intrigas, de disputa por cargos e posições, por veladas e temerosas censuras da Igreja por conta da Santa Inquisição. Lança dúvidas sobre a masculinidade de el-rei. Preocupa-se com sua permanência no posto que ocupa e com um pasquim que o difama. Tece conjecturas sobre a disputa entre jesuítas, dominicanos e agostinianos, pelo cargo de confessor e conselheiro de el-rei. Tinha grande veneração pelo irmão e ambos foram acusados pela avó de el-rei de o terem desviado do casamento.

MASETTO *(Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido)*: Companheiro de Zerlina, sabe que Don Giovanni tentou conquistá-la e teme que ela se entregue por vontade própria, por isso vai três vezes à casa de Don Giovanni procurá-la. Masetto representa os maridos, pais e irmãos das mulheres conquistadas por Don Giovanni. Ao mesmo tempo em que sente raiva, também se sente intimidado pelo mito Don Giovanni.

"Porque enquanto existir Don Giovanni, tudo é possível neste mundo."

MASSEO *(A Segunda Vida de Francisco de Assis)*: Membro do conselho, demonstra sempre simpatia pela atual situação da companhia, embora deseje que ela melhore sua atuação no mercado. Possui pouca expressão na peça. Está sempre contra Francisco e a favor de Elias. É ele que primeiramente pronuncia a sentença de Francisco no desfecho da peça:

"Melhor faríamos se o expulsássemos."

MATEUS *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Um dos doze discípulos de Jesus, que se converte logo após o milagre da transformação dos pássaros de barro em pássaros verdadeiros. Segundo o sangrento dicionário de mortes elaborado por Deus, acabará a vida sendo morto entre os bárbaros.

dicionario Personagens Jose Sar234 234 09.01.12 12:14:43

MAU LADRÃO *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Aparece nu, atado e pregado, e vai ser crucificado junto com o Bom Ladrão e Jesus. Tem os cabelos lisos, cara magra e pálida, caída para a terra. Inspira pena. O narrador afirma que, na realidade, o mau ladrão é uma pessoa boa, porque manteve seu caráter no momento mais difícil de sua vida já que ele era

"[...] rectíssimo homem afinal, a quem sobrou consciência para não fingir acreditar, a coberto de leis divinas e humanas, que um minuto de arrependimento basta para resgatar uma vida inteira de maldade ou uma simples hora de fraqueza."

MÉDICO *(Ensaio sobre a Cegueira)*: Médico oftalmologista, tem a fronte murcha e a boca apagada. Seus olhos são mortos como se fossem de vidro e são assustadores. Profissional responsável e dedicado ao trabalho, no entanto, humilde. Ele atende em seu consultório a primeira pessoa que ficou cega na epidemia: o primeiro cego. Admirador da esposa, é eficaz, precavido, responsável, paciente e tem gostos literários. Ao se ver cego, não quis se entregar ao desespero, por ser médico.

"Sei, sei, levei a minha vida a olhar para dentro dos olhos das pessoas, é o único lugar do corpo onde talvez ainda exista uma alma [...]"

MÉDICO *(Ensaio sobre a Lucidez)*: É o oftalmologista que migra, junto com outras personagens, do livro *Ensaio sobre a Cegueira* para o *Ensaio sobre a Lucidez.* Irrita-se com a visita do comissário e com o interrogatório que este faz a sua mulher, tentando saber se ela é a responsável pela morte do cego na primeira epidemia e pela calamidade dos votos em branco desta segunda epidemia. Nesse interrogatório ele a defende, dizendo que o assassinato cometido por ela durante a epidemia de cegueira tinha sido necessário, uma vez que o cego assassinado violava as mulheres em troca de comida. O médico mostra-se inteligente e perspicaz durante o interrogatório, reafirmando o papel de guia e provedora da mulher durante a primeira cegueira. Afirma ainda que o primeiro

dicionario Personagens Jose Sar235 235 09.01.12 12:14:44

cego não era uma pessoa simpática. Ao final do romance é preso pelo governo, acusado de ser cúmplice da mulher.

"E desde quando se interessam os comissários da polícia por pessoas inocentes."

MENINA *(A Viagem do Elefante)*: Criança de cinco anos que acompanha, junto aos pais, o cortejo que leva o elefante para Viena. O elefante Solimão a salva, milagrosamente, de ser esmagada por suas patas. O povo reage com emoção e a história se torna legendária na cidade. O evento é utilizado politicamente pelo arquiduque Maximiliano.

MIGUEL DIAS *(Que Farei com este Livro?)*: Soldado e fidalgo do Paço. Foi quem apresentou Luís de Camões a Martins da Câmara e também ao Conde de Vidigueira.

MINISTRO DA CULTURA *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Fala pouco e pouco aparece. É impertinente, pois, assim que começa o problema dos votos em branco, ele recorda da cegueira de quatro anos atrás e afirma que agora, com a nova epidemia, continuam, de certa forma, cegos. Pede demissão do cargo.

"O estudo do mau gosto, senhor primeiro-ministro, deveria ser um capítulo da história das culturas, e dos mais extensos e suculentos."

MINISTRO DA DEFESA *(Ensaio sobre a Lucidez)*: É um homem sarcástico e muito preocupado, assim como os demais, com a situação do país, mais precisamente com a sua própria situação. Critica violentamente o ministro da justiça por este ter defendido que o voto em branco era uma manifestação de lucidez. Num discurso inflamado e cheio de emoções, pede que se declare o estado de sítio.

"Os direitos não são abstracções, respondeu o ministro da defesa secamente, os direitos merecem-se ou não se merecem, e eles não os mereceram, o resto é conversa fiada, [...]"

MINISTRO DA JUSTIÇA *(Ensaio sobre a Lucidez)*: É um homem reflexivo. É irônico ao afirmar para o primeiro-ministro

dicionario Personagens Jose Sar236 236 09.01.12 12:14:44

que esta cegueira de agora, o voto em branco, pode ser considerada como uma manifestação de lucidez. Reage bem às críticas do ministro da defesa. Diz que é perigoso relacionar a votação em branco com o terrorismo. Afirma que não votou em branco, mas que pensará bem na próxima ocasião. Após essa declaração pede a sua demissão, assumindo seu cargo o primeiro-ministro.

"Disse que o voto em branco poderia ser apreciado como uma manifestação de lucidez por parte de quem o usou."

MINISTRO DO INTERIOR *(Ensaio sobre a Lucidez)*: É um homem com grande envergadura política, muito ambicioso, assim como seus companheiros. Tem quarenta e cinco anos e é líder do partido da direita. Pode ser definido como político repressor, maquiavélico, tirano e ditador. Aparenta ser um senhor bastante viril, obstinado e muito desconfiado. Sua persistência, muitas vezes, torna-o orgulhoso demais. Apesar disso, é uma *raposa* astuta muito prevenida. Força o comissário a encontrar provas irrefutáveis que incriminem a mulher do médico como chefe de uma célula organizadora criminosa, responsável pelo movimento subversivo dos votos em branco que colocou o sistema democrático em risco. Diz ao comissário que ela já estava incriminada antes de qualquer crime. Semelhante ao delegado do p.d.d., toma muito cuidado para não errar em suas atitudes, ou seja, para não deixar *o rabo preso*. Por outro lado, é personagem com bastante destaque no enredo, sendo, aquele que toma a maioria das decisões. É comparsa do primeiro-ministro nas suas jogadas sujas. É um ótimo estrategista e atende pela alcunha de *albatroz*. Foi quem mandou colocar a bomba no metrô da cidade. Ele autoriza o assassinato do comissário, após saber que ele denunciara, no jornal, sua tentativa de incriminar a mulher do médico como responsável pela votação em branco. Dissimulado, presta todas as homenagens ao comissário, com discurso e condecoração póstuma; ainda insinua que a mulher do médico e seu grupo tinham sido os responsáveis pela morte do comissário. É dispensado pelo primeiro-ministro que o acusa de muitos erros, inclusive da morte do comissário e de ter colocado a população nas ruas contra o governo.

dicionario Personagens Jose Sar237 237 09.01.12 12:14:44

"Deixá-los estar, nunca se sabe até onde poderá chegar a malícia humana."

MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Informa ao governo que os demais países temem que a epidemia do voto em branco se espalhe como uma espécie de peste negra.

MIQUÉIAS *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Profeta que viveu no tempo de Acaz e Ezequias. Aparece nos sonhos de Herodes, com a túnica manchada de sangue e coberto do pó das batalhas; perturba-o com seus gritos e com suas profecias e depois desaparece. Em sua principal profecia, informa a Herodes que de Belém sairá aquele que governará Israel.

"Mas tu, Belém, tão pequena entre as famílias de Judá, foi já de ti que me saiu aquele que governará Israel."

MOGUEIME *(História do Cerco de Lisboa)*: Personagem fictícia criada pelo personagem/escritor Raimundo Silva para fazer par romântico com Ouroana. É um soldado português que luta pela retomada de Lisboa que estava sob domínio dos mouros. Havia conquistado Santarém, mas como um bom cavaleiro veio em busca de glórias maiores. Mogueime é um homem alto, forte e valente, conhecido por ter servido de escada humana a Mem Ramires na tomada de Santarém. Bravo, leal e corajoso, participa do motim dos soldados que estavam descontentes com o soldo atrasado e miserável. Como porta-voz dos soldados, de maneira respeitosa mas desafiadora, encara el-rei e deixa bem claro as condições dos seus companheiros para continuarem na luta contra os mouros. Quando o rei disse que não sabia se cortava os pés ou a cabeça dos rebeldes pelo atrevimento deles, ele responde que se isso acontecer, todo o exército do rei ficará sem pés nem cabeça. Mogueime apaixona-se perdidamente pela concubina do cavaleiro Henrique – Ouroana – e procura maneiras de estar sempre a observá-la de longe. Mesmo sabendo tratar-se de um amor quase impossível, alimenta a esperança de que um dia ela possa vir a ser sua. Não teme a morte, acredita que ela esteja

dicionario Personagens Jose Sar238 238 09.01.12 12:14:45

à espreita nesses tempos de guerra; porém teme perder aquilo que está por vir ou o que poderia viver, se a moça da Galiza viesse a aceitá-lo como companheiro. Sua persistência é recompensada após a morte do capitão, quando então convida a moça para viver com ele e ela aceita. A personagem Mogueime, da história reinventada, parece ser um duplo de Raimundo Silva, pela ousadia de dizer um *não* ao rei D. Afonso Henriques, ciente das conseqüências que poderia sofrer. Além disso, busca conquistar a mulher amada e não desiste até alcançar o seu objetivo, tal como Raimundo Silva.

"Que eu não morra, Senhor, sem provar o gosto da vida."

MORTE *(As Intermitências da Morte)*: Com eme minúsculo mesmo, afinal não é Morte, entidade que nosso engenho não alcança, é só a morte. A morte é responsável apenas pelos falecimentos humanos de um país; animais e plantas ficam sob responsabilidade de outra entidade, o que mostra certa hierarquia. A morte possui três intermitências, sendo que a primeira dura sete meses e é feita com o objetivo de relembrar a humanidade da importância do processo natural de vida e morte. Com essa interrupção, as doutrinas entram em colapso, principalmente a católica; e muitas instituições tendem a falir, como as funerárias e hospitais. Passados sete meses sem mortes, ela, a morte, resolve tentar uma abordagem diferente, começando a mandar cartas de cor violeta avisando o retorno aos trabalhos. Envia, inclusive, uma carta ao responsável pela televisão, criticando as correções gramaticais que fizeram em uma de suas cartas. De um dia para outro, 62.580 pessoas morrem, e essa hecatombe cria mais um problema social. A partir disso, a morte decide enviar cartas com uma semana de antecedência, avisando a data certa de falecimento de cada indivíduo, o que causa as reações mais diversas naqueles que possuem sua morte anunciada. As cartas são escritas à mão, e o sistema de envio é simples: a morte pensa, e todas as cartas chegam ao seu destino. Porém, uma, destinada a outro personagem de destaque no livro, o violoncelista, retorna três vezes a sua mesa. Passado o prazo para ceifar a vida do violoncelista, algo

dicionario Personagens Jose Sar239 239 09.01.12 12:14:45

anteriormente nunca visto ocorre, já que ele continua vivo. A morte se desespera e procura investigar quem é o ser que já deveria estar morto e que disse *não* à morte e *sim* à vida. Depois de acompanhar de perto a vida do violoncelista, a morte acaba por apaixonar-se, decidindo-se, portanto, a entregar pessoalmente a carta de cor violeta. Para encontrar sua paixão, a morte se produz: sua aparência não é descrita, mas subentende-se que possua um corpo bem feito, sorriso agradável, e portava óculos escuros. No instante em que se produz, a morte inicia sua primeira conversa com a gadanha que a faz entender os objetivos da morte ao se produzir. Ao sair para entregar a carta, deixando à gadanha a tarefa de continuar enviando os demais avisos, a morte decide passar uma semana seduzindo o violoncelista, e acaba por ser seduzida por ele. No último dia do prazo de uma semana, a morte, humanizada, depois de uma noite de amor, acaba adormecendo nos braços de seu amante, dando-se assim início à terceira intermitência. A morte se apaixona pelo violoncelista, tinha coisa mais importante a fazer. No dia seguinte, ninguém morreu.

"Não sou gorda nem estou vestida de preto, e tu não tens nenhuma ideia de quem foi marcel proust..."

MULHER DA LIMPEZA *(A Ilha Desconhecida)*: Personagem que acompanha o protagonista (o *homem*) do começo ao final da história. Apesar de ocupar a última posição na hierarquia do palácio, é interessante observar que o veredicto do rei aos pedidos lhe chega, e ela despacha sim ou não à porta das petições do palácio de acordo com seu humor. Dentre suas principais funções no palácio estão realizar a limpeza e outros trabalhos menores. O empreendimento do homem, a pedir um barco ao rei para sair em busca da ilha desconhecida, a motiva a sair pela porta das decisões, e, ao mesmo tempo em que decide mudar de ofício, mantém a natureza de suas funções no palácio, pois compreende que *"[...] lavar e limpar barcos é que era a sua vocação verdadeira [...]"*. Compartilha com o homem a busca da Ilha Desconhecida e, quando este se mostra hesitante em suas convicções, ela lhe instiga a não desistir. Após uma noite de sonhos, acorda abraçada a ele e partem em busca da Ilha.

dicionario Personagens Jose Sar240 240 09.01.12 12:14:45

"Nunca me riria de quem me fez sair pela porta das decisões."

MULHER DESCONHECIDA *(Todos os Nomes)*: *Personagem sem presença física durante todo o romance. Tudo o que sabemos dela foi descoberto através das pesquisas e entrevistas do Sr. José, atividade esta que se iniciou quando ele acidentalmente pega o verbete, os arquivos, que correspondem a sua pessoa. De todos os nomes que colecionava, para ser mais exato, dos cem nomes de pessoas famosas nascidas no país onde se passa a narrativa, o Sr. José fica obcecado por este. Essa obsessão transforma a vida do apagado funcionário público que retorna à vida durante a busca de dados sobre a mulher desconhecida: volta a conversar, a sair da Conservatória, invade uma escola, visita o Cemitério Geral, começa a fazer coisas inimagináveis para um cidadão tão pacato quanto ele. De todos os dados que reúne, temos que a mulher desconhecida foi professora de matemática no colégio em que estudara antes de entrar para a Universidade, foi casada, não teve filhos e, depois do divórcio, foi morar sozinha. Suicidou-se aos trinta e seis anos sem deixar explicações ou bilhete, ingerindo em excesso comprimidos para dormir. Ao descobrir que a mulher desconhecida está morta, José fica profundamente abalado, pois o suicídio da mulher ocorreu dois dias depois que ele invadiu a escola em que ela estudara. Mesmo sem poder encontrá-la, prossegue em sua jornada. José não sabe sequer onde a mulher desconhecida está enterrada, pois o pastor de ovelhas trocou a identificação do túmulo. Ao visitar o apartamento dela, vê suas roupas, ouve sua voz uma única vez na secretária eletrônica e, juntamente com as fotos que já possuía, consegue construir uma imagem de quem era ela. Depois que o conservador descobre isso e conversa com José, sugere que a pasta com os dados da mulher desconhecida continue no lugar dos vivos, sem a certidão de óbito, como se ela ainda estivesse viva; burocraticamente viva, ao menos.

**Personagem ausente em todo o romance e ao mesmo tempo de uma presença fundamental para o seu desenvolvimento. A mulher desconhecida foi achada ocasionalmente em um verbete pelo Sr. José, enquanto

dicionario Personagens Jose Sar241 241 09.01.12 12:14:46

este tentava aumentar sua coleção de pessoas famosas usando o material da Conservatória. Nascida na mesma cidade, ela tinha trinta e seis anos, era divorciada e é buscada pelo Sr. José, após a descoberta acidental de seu verbete. Quando a ousada busca do Sr. José se inicia, a mulher desconhecida ainda estava viva, visto que a data do óbito é de dois dias após a invasão que ele faz ao colégio onde ela estudara. É também o acaso que o leva a essa descoberta que o entristece tanto. Na visita ao cemitério, o Sr. José fica sabendo que a causa da morte da mulher desconhecida fora o suicídio. Ao encontrar o túmulo, ele constata que realmente ela estava morta, e que o objeto que o levou a tamanha transformação já não existe mais. Através dos pais da mulher desconhecida, ele descobre que ela era professora de matemática no colégio em que estudara, e que havia sido muito infeliz no seu casamento. Essa infelicidade de certa forma já é descrita pelo Sr. José, quando este percebe tristeza na mulher desconhecida, ao descrever seu olhar em dois momentos na trama. O primeiro, quando a senhora-do-rés-do-chão-direito mostra-lhe uma fotografia da menina com oito anos de idade. José, diante da foto, emociona-se e a descreve como sendo um rostinho que devia ser pálido, uns olhos sérios debaixo de uma franja que roçava as sobrancelhas. O segundo, quando encontra no colégio um verbete com a foto de quando a mulher desconhecida tinha quinze anos; ressalta que a mesma deixara de usar franja, mas os olhos conservavam o mesmo ar de gravidade dorida... Essa busca desenfreada do Sr. José para levantar o passado desta mulher desconhecida, que não é compreendida nem por ele mesmo, pode significar um resgate de seu próprio passado. De certa forma, ele se sente próximo desta mulher que é tão anônima quanto ele, como tantos outros indivíduos registrados na Conservatória e que, com certeza, passarão pela vida em *brancas nuvens* sem deixar sua marca na história.

MULHER DO MÉDICO *(Ensaio sobre a Cegueira)*: A protagonista é esposa do médico oftalmologista e personagem mais importante da história, é os olhos que guiam o leitor no texto. Mulher de quase cinqüenta anos, atraente e charmosa. Carinhosa e companheira, piedosa, muito

dicionario Personagens Jose Sar242 242 09.01.12 12:14:46

prestativa e de um coração enorme. Finge-se de cega para acompanhar o marido no internato e tem que proceder como tal para que não a denunciassem e a removessem de perto do marido. Astuta, sensível, decidida e extremamente organizada. Precavida, inteligente, forte e controlada. Não concordava com o ditado que diz que na terra dos cegos quem tem um olho é rei. Tinha os dois olhos e estava longe de se sentir uma rainha, pelo contrário sentia-se indigna, quase que obscena, por ver quem nem suspeitava de sua presença. Alguns cegos acreditavam que ela devia ter um de um sexto sentido, uma espécie de visão sem olhos. Graças aos seus olhos, como reconhece a rapariga dos óculos escuros, é que todos estavam vivos. É quem guia o grupo dos cegos em tudo: leva-os ao banheiro, salva-os do fogo, os conduz a suas casas, etc. De simples esposa ela se transforma na personagem mais atuante, mais solidária e mais consciente da ficção, talvez a única que tivesse verdadeira consciência pessoal, não cegando exatamente por isso. É a única personagem que amadurece e se torna complexa, já que de calma e pacificadora transforma-se numa assassina.

"[...] é que vocês não sabem, não o podem saber, o que é ter olhos num mundo de cegos, não sou rainha, não, sou simplesmente a que nasceu para ver o horror, vocês sentem-no, eu sinto-o e vejo-o [...]."

MULHER DO MÉDICO *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Foi a única a não cegar quando todos estavam cegos. É uma mulher corajosa que defendeu os que dela necessitaram, dando aos cegos comida, água e proteção. É sedutora, esperta, astuta, inteligente, persuasiva, irônica. Na ocasião do interrogatório do comissário, se sai muito bem no debate de idéias e nas respostas dada a ele. Passou a ser chamada de *águia-pesqueira* pelo ministro do interior, pois na comunicação entre este e o comissário, corriam riscos de grampo. Na visão do comissário ela parece uma mulher decente, normal, inteligente, uma pessoa inigualável. Já na visão do ministro do interior ela era abominável e muito perigosa. O comissário passa a admirá-la e a defendê-la com risco da sua própria vida. Ele a avisa de que deve fugir, que sua vida está em perigo. Sua foto é

dicionario Personagens Jose Sar243 243 09.01.12 12:14:46

publicada no jornal como a responsável pelo enigma dos votos em branco, pela conspiração contra a democracia, é denominada de *a cabeça da tênia, que implantou* o germe da perversão e corrupção. Logo em seguida a essa publicação surgem outras notícias incriminando-a como assassina. O comissário consegue burlar a vigilância da censura e publica uma notícia no jornal, inocentando-a. Ela, por telefone, afirma ao comissário que foi transformada em inimigo publico número um do estado. Ao final do romance ela e seu fiel cão morrem assassinados pelo homem da gravata azul com pintas brancas.

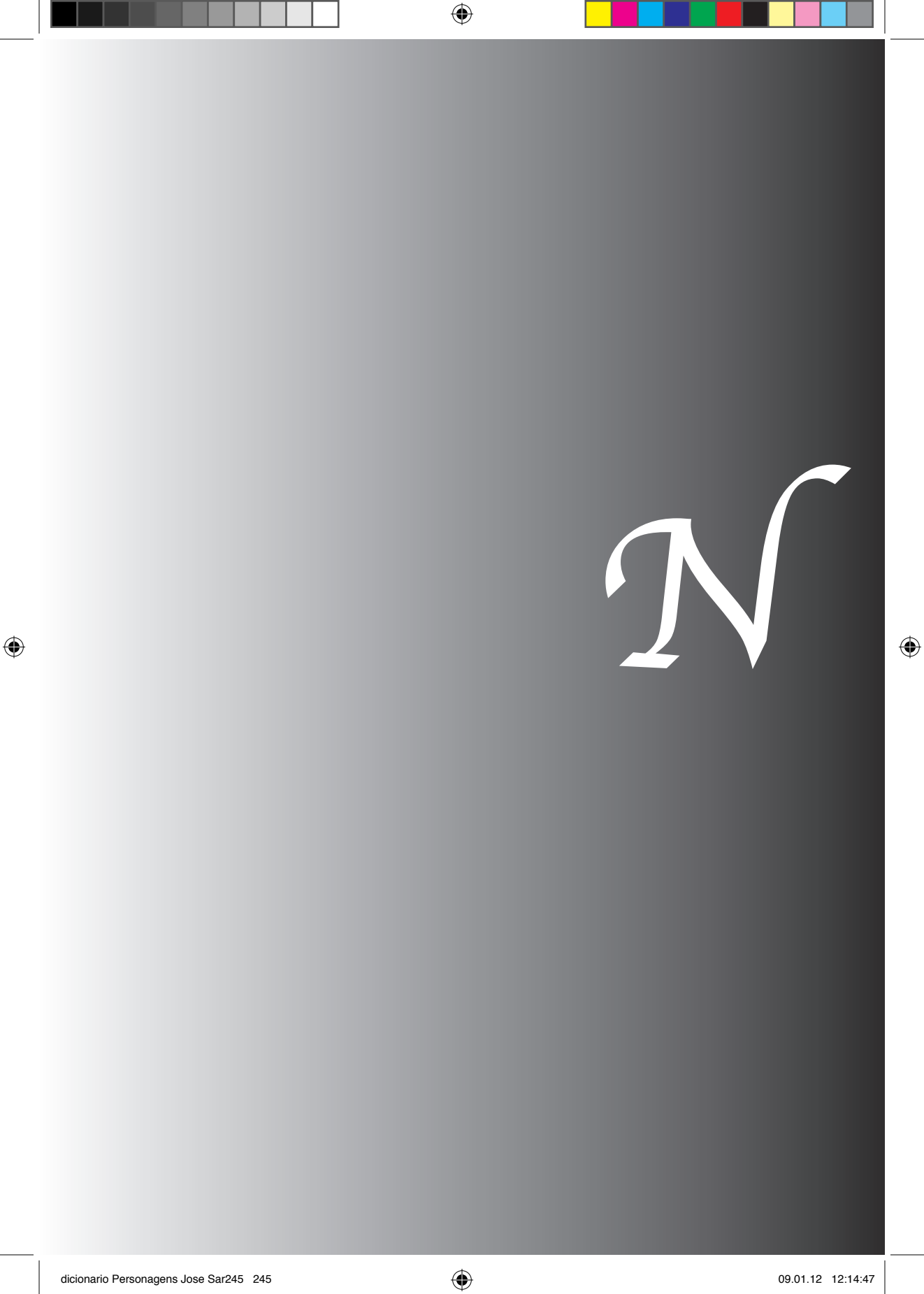
"E como foi que consegui levar a maioria da população da capital a votar em branco, metendo panfletos debaixo das portas, por meio de rezas e esconjures à meia-noite, lançando um produto químico no abastecimento de água, prometendo o primeiro prémio da lotaria a cada pessoa, ou gastando a comprar votos o que o meu marido ganha no consultório..."

MULHER DO PRESIDENTE *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Figura curiosa, bastante indecisa. Não vive bem com o marido, entretanto esforça-se em manter as aparências. Aparece para votar no último minuto com a desculpa de que havia ido ao cinema. Sua figura exprime algo de tédio e melancolia.

MULHER DO PRIMEIRO CEGO *(Ensaio sobre a Cegueira)*: Mulher zelosa, carinhosa, dócil, prática e respeitadora do marido. Empregada de escritório. É ela que percebe que o carro do marido havia sido roubado e também marca a consulta do marido com o médico quando aquele disse estar cego. Porém, decide atender ao chamado dos malvados que ordenam que as mulheres fossem ao encontro deles para satisfazer suas necessidades sexuais, enfrentando a proibição do marido, não se deixando intimidar por ele.

"Está na tua mão não seres indecente, a partir de agora não comas."

dicionario Personagens Jose Sar244 244 09.01.12 12:14:47



NÁUFRAGO *(A Viagem do Elefante)*: Uma das personagens mais *fantásticas* da história. Com ela Saramago cria um símile do deus Ganeixa. Tanto o nascimento quanto a morte do náufrago são como uma nova mitologia: enquanto Ganeixa é criado a partir de uma pasta de sabão, o náufrago tem seu fim com uma bolha de sabão que estoura. Seu nascimento de uma espécie de sopa remete à teoria evolucionista que trata da *sopa primordial*.

NAVEGADOR SOLITÁRIO *(A Jangada de Pedra)*: Personagem que o narrador introduz dentro do romance numa narrativa à parte, numa microestória dentro da estória maior.

NOAH *(Caim)*: Marido de lilith, senhor das terras de nod. Consente que a esposa se satisfaça sexualmente com os operários, pois tem esperança que um desses amantes a engravide, assim poderá ter o filho que não foi capaz de conceber. Enciúma-se do ardor e do desejo de lilith por abel-caim e planeja – sem sucesso – matá-lo. Ao saber dessa tentativa frustrada, lilith mostra todo o seu poder e força humilhando o marido de tal forma que este aceita executar o escravo que levantou a mão contra caim. Amará o filho de caim, enoch, como se fosse seu. Morre de morte natural.

NOÉ *(Caim)*: Homem forte e alto. Juntamente com sua família (esposa, três filhos e três cunhadas), cumpre os desígnios de deus em construir uma arca para salvar os animais; recebe a incumbência de repovoar o mundo depois do dilúvio. Age com desconfiança à vinda de caim, mas o aceita na arca por ordem de deus. Concorda humildemente com as palavras de caim que não haverá tempo hábil para a construção da arca e que ela precisa ser posta na água, ou será inundada. Deus, então, manda um séquito de anjos, tanto para completar a arca como para levá-la ao mar, no que se configuraria como o primeiro vôo panorâmico da história. Noé grita em desespero aos anjos para que eles abaixem a arca a fim de que possa recolher o esquecido unicórnio, mas seus gritos foram em vão. Dentro da arca, durante o dilúvio, os tripulantes que não morreram em acidentes são assassinados por

dicionario Personagens Jose Sar247 247 09.01.12 12:14:47

caim, à exceção de noé que, ao compreender a situação, atira-se ao mar.

"[...] e que se cumpra a vontade do senhor, Amém."

NORBERTO *(Levantado do Chão)*: Os bertos eram brancos, donos dos latifúndios, e faziam parte da chamada trindade (LEI = latifúndio, Estado, igreja). Mantinham a estrutura medieval em Portugal. Representam a hipocrisia e a injustiça, já que oprimiam e escravizavam todos os trabalhadores. Norberto é um homem rancoroso e desprezível. Para ele, o trabalhador do latifúndio é um pobre diabo que nem sabe o que quer. Quando soube do alvoroço dos homens a clamar por salário maior, diz: "*Não quero cães a ladrar atrás de mim."* Decide não ceifar o trigo naquele ano. Sem trabalho, com o passar do tempo o trabalhador vem comer-lhe na mão.

"Deus não dorme e o castigo sem falta virá [...]."

dicionario Personagens Jose Sar248 248 09.01.12 12:14:48

O

O LÍNGUA *(A Viagem do Elefante)*: Aparentemente caracterizado como personagem secundária na trama, ocupando pouco mais que três breves linhas do romance inteiro. É o língua que traduz aos ouvidos do comandante austríaco as boas-vindas proferidas pelo alcaide de Castelo Rodrigo. Mostra-se com essa personagem, mais uma vez, a dependência intelectual das autoridades em relação às personagens servis.

OLGA *(Manual de Pintura e Caligrafia)*: Secretária, Olga pertence ao espaço da SPQR, empresa que S. administra. Ela adentra o romance nos seus momentos iniciais com a função secundária de recepcionar o pintor H., contratado por S. para retratá-lo, e de estabelecer o contato comercial entre ambos. Embora permaneça em cena apenas durante a primeira parte da narrativa que relata a execução dos dois retratos de S., Olga chega a ocupar lugar de destaque como amante do pintor, posição que a contrapõe às namoradas Adelina (que reina na segunda parte do romance) e M. (que chega no final da narrativa). Participando de forma significativa do universo feminino que o romance pretende retratar, Olga fala pelas mulheres presumivelmente independentes que, a despeito de exercitarem o direito de fazer escolhas dos parceiros amorosos, sucumbem ao poder do dinheiro, satisfazendo *todas* as vontades dos patrões. Quando indagada por H., assume ter sido amante do patrão S.. A sedução é arma decisiva no jogo feminino assumido por essa personagem que se apresenta com imagem poderosa a H.. Apostando na percepção visual do pintor e como se fosse um diretor de cena, Olga prepara o ambiente que a acolherá aos olhos do artista, que a vê *alta e tão angulosa* quanto as mulheres fellinianas ou aquelas retratadas por Magritte: olha-o de frente, acendendo *luzes generosas* que a iluminam ao lado da mesa *enorme, brilhante, escura,* como se fosse mais um objeto da sala do conselho da empresa. O impacto da imagem da mulher que ganha grandes proporções perante o homem apequenado diante do poder feminino, é registrado pelo *escrepintor* que se inclui no onírico quadro de Olga por ele descrito. A partir do primeiro contato efetuado em nível comercial, a relação entre H. e Olga se sustenta graças

dicionario Personagens Jose Sar251 251 09.01.12 12:14:48

à atração sexual e ao jogo da sedução/submissão que ambos experimentam ainda durante o confronto inicial, quando o pintor aceita o desafio, acreditando-se capaz de seduzi-la. Entretanto, nos colóquios subseqüentes, que têm lugar no apartamento de H., a moça evidencia ter pleno domínio na condução da situação amorosa, demonstrando que a pretendera previamente: age *não por obediência ao macho, nem por hábito de submissão*, muito menos por efeito de fascínios e muito mais pelo exercício da própria liberdade. Porta-voz do feminismo que ganha espaço nas décadas de setenta e oitenta, Olga integra, ao lado de Adelina e Sandra, a galeria das personagens femininas que, aos olhos assustados do pintor H., têm uma independência ilimitada. Ocorre uma disputa acirrada entre a liberada secretária e o pintor, cada um desejando a aprovação do outro. H. submete o retrato de S. ao julgamento ingênuo de Olga (*achou parecidíssimo*), enquanto a fogosa secretária submete-se ao olhar do pintor que a retrata em estratégico divã. Não nos esqueçamos de que a construção das personagens deste romance passa pelo crivo do narrador protagonista, que se apresenta em situação desconfortável perante a secretária de S., a qual o faz sentir-se em contínua *vertigem diante da liberdade fundamental da mulher*, o que justifica a tonalidade de desprezo irônico com que a trata. Interessante observar como a secretária Olga é reiteradamente retratada nua em ambientes fechados, associada a alguns objetos que, junto dela, ganham proporções oníricas, fazendo dessa personagem fonte de devaneios para o pintor. Ao lado de Olga, o tempo do relógio não conta. Quer seja na cama ou na cozinha durante o jantar, onde não faltam *uns pêssegos de conserva* (natureza morta e em conserva), H. reencontra a vida *extremamente simples* do *Dèjeuner sur l'herbe,* de Manet. Através da associação a objetos díspares tais como a grande mesa (de dissecação), o divã e a máquina de costura (cujo funcionamento é sugerido pelo som dos saltos dos sapatos da secretária nos degraus da escada), o pintor transporta Olga e a si mesmo para as ambiências surreais retratadas pelas palavras do poeta Lautrèamont e pelas tintas de Magritte, este último considerado por H. o mais literário dos pintores. A despeito de atropelar H. com seu erotismo, Olga sai da

dicionario Personagens Jose Sar252 252 09.01.12 12:14:49

vida do pintor simplesmente, como se nela tivesse atuado como personagem de um sonho. Com igual simplicidade, a secretária de S. encerra o relacionamento comercial que motivara o colóquio com o pintor H..

"Vou-me embora. Já pode acertar o seu relógio."

OLHEIRO *(Caim)*: Espécie de capataz na construção do palácio da senhora de nod, chamada lilith. Além de dar emprego ao errante caim, dá-lhe roupa, comida e abrigo até que possa se sustentar por conta própria. Apresenta a caim a cidade, explica como é o trabalho de pisar o barro e quem é lilith.

"Dá a impressão que alguém te marcou."

OUROANA *(História do Cerco de Lisboa)*: Personagem inventada pelo personagem/escritor Raimundo Silva para recontar a nova *História do Cerco de Lisboa*. Conforme a descrição de Frei Rogeiro, que pelo jeito também sentia desejo por ela, Ouroana era *"[...] formosa como o amanhecer* e *misteriosa como o nascer da lua"*. Ela, a mulher de cabelos louros, foi roubada dos campos da Galiza pelo criado do cavaleiro Henrique quando uns cruzados lá desembarcaram, e trazida à força para Portugal. Era filha de lavradores e trabalhava com seus pais *no rigoroso amanho da terra*. Talvez, por isso, ostentasse algum orgulho por ser concubina de um oficial do exército, apesar de permanecer a maior parte do tempo fechada numa tenda, à espera de que seu senhor fosse desfrutar de sua beleza, saindo apenas para alguns passeios acompanhada do criado fiel do cavaleiro. Ficou conhecida por matar todos dois homens que dela se aproximavam com segundas intenções. Estes homens apareceram mortos depois com as barrigas cortadas. Mas fica bem claro que nenhuma prova há de que tenha sido ela a autora dos crimes, apesar dela ameaçar um militar que tentou agarrá-la após o funeral do cavaleiro Henrique. Quando o cavaleiro e o criado foram mortos em combate, ficou sozinha no mundo, e tratou de providenciar sua subsistência lavando roupa para fidalgos. Tal como Maria Sara, era uma mulher decidida e forte, mas ao

dicionario Personagens Jose Sar253 253 09.01.12 12:14:49

mesmo tempo feminina e sutil. Conhece Mogueime (um soldado português) em uma praia, conversam e se apaixonam. Era uma mulher esperta e percebeu a paixão que despertara em Mogueime, sentindo-se atraída por ele também. Tal qual Maria Sara, entregou-se ao amor do homem que persistiu até conquistá-la, e sentiu-se feliz por viver momentos maravilhosos em tempos de guerra. O casal vive uma estória de amor, oitocentos anos antes de Raimundo Silva e Maria Sara. No final, Ouroana volta para a Galiza e o autor Raimundo Silva não finaliza sua estória de amor com Mogueime. Porém, quando Maria Sara pergunta a Raimundo qual seria o final da estória, ele diz que Ouroana iria embora e achava que Mogueime a seguiria. Fica então subentendido que os dois ficaram juntos, assim como Raimundo e Maria Sara. Ourana e Mogueime representam o amor duplicado de Raimundo Silva e Maria Sara.

"Se me pões a mão em cima, ou te mato, ou me mato..."

dicionario Personagens Jose Sar254 254 09.01.12 12:14:49

P

PADRE CRISTIANO *(Terra do Pecado)*: Representa o lado puro do cristianismo, como o nome bem traduz – Cristiano. É ele quem defenderá os inexoráveis caminhos da vontade divina, nem sempre compreendidos pelos pobres seres humanos, aos quais cabe o papel de expectadores conformados. Cristiano é referido pelo narrador como padre, prior, mas nos poucos instantes em que as dúvidas do homem predominam sobre as certezas do sacerdote fazendo com que ele questione os caminhos da vontade divina, o narrador o chama de pastor. É devoto e muito fervoroso, fala com mansidão, não tem muito apreço para com o médico ateu Viegas. Há uma simpatia do narrador pelo padre. É firme em torno de uma única idéia e não a modifica do início ao fim: defender o cristianismo. No decorrer da trama ocorrem vários conflitos entre o Padre Cristiano e o Dr. Viegas. Numa resposta à provocação do médico na ceia de Natal preparada por Leonor, responde, diante da afirmativa do Dr. Viegas de que ele era um *semeador de ilusões*:

"Vamos lá, senhor ceifeiro das ilusões que eu semeio!..."

PADRE DE PÁDUA *(A Viagem do Elefante)*: Personagem que pede um favor ao cornaca, quando a caravana do elefante Salomão está em Pádua: fazer com que Salomão se ajoelhe às portas da basílica de Santo António. Durante o desenrolar da conversa entre os dois, ficam claras as intenções do padre: se o elefante se ajoelhasse diante da casa de Deus, isso passaria a ser visto como um milagre. Após algum treinamento, o elefante enfim se ajoelha em frente à basílica. A figura do padre e sua distorcida visão sobre seu papel como representante de Deus está em concordância com a dos outros clérigos representados no livro: inseguros quando questionados e utilizando a religião como instrumento de manipulação.

"A deus nunca o importunamos para que faça um milagre, é preciso respeitar a hierarquia, quando muito recorremos à virgem, que também é dotada de talentos taumatúrgicos."

PAJENS *(A Viagem do Elefante)*: Integrantes da comitiva do rei, são seus ajudantes imediatos. Foram escolhidos e designados para o serviço pelo estribeiro-mor, atendendo ao pedido

dicionario Personagens Jose Sar257 257 09.01.12 12:14:50

do Rei para que fossem escolhidos pajens que não rissem por qualquer motivo. Os pajens anunciam a presença do rei ao cornaca, quando este estava maltrapilho e sujo.

PASTOR DE OVELHAS *(Todos os Nomes)*: De cajado na mão, senhor de idade já avançada que aparece uma única vez no romance, ao Sr. José, quando este vai ao cemitério em busca do túmulo da mulher desconhecida. Quando Sr. José encontra o túmulo, é noite e ele acaba adormecendo no Cemitério Geral debaixo de uma oliveira. Ao despertar vê uma ovelha branca pastando e um cão vulgar, nem grande, nem pequeno, esperando ordens de seu dono: o pastor. Este costumava levar suas ovelhas para o cemitério nas primeiras horas da manhã, enquanto os serviços do Cemitério Geral não começavam, pois achava desrespeito com as pessoas enterrarem seus mortos entre balidos e *caganitas*. É na ala dos suicidas que os dois personagens se encontram. Para que os funcionários do Cemitério – os guias, – não o proibissem de levar suas ovelhas pelo campo santo, costumava presenteá-los com queijos. Inquisitivo, questionador, o pastor se contrapõe ao mundo burocrático e autoritário representado pelo conservador, que pretende fixar e reduzir a vida dos homens a meros papéis. Diverte-se trocando os números enterrados nos montes de terra dos sepultados no talhão dos suicidas. Assim, as placas de mármore com os nomes dos mortos ficariam sempre em túmulos trocados, impossibilitando suas verdadeiras identificações. A razão de agir assim é sua convicção de que os suicidas não querem ser encontrados. A presença do pastor de ovelhas é um grande paradoxo, pois a figura do pastor sempre foi associada ao bucólico, ao interior, à simplicidade; e ele encontra um burocrata em um cemitério que pode ser, pela extensão, uma necrópole dentro de uma megalópole. Assim como o Diabo/Pastor do *Evangelho segundo Jesus Cristo*, este pastor também é muito mais humano e piedoso para com os homens e seus destinos do que, Deus e o conservador, implacáveis, insaciáveis na sua sede de poder e na representação do que é do bem e do que é correto.

"Não creio que haja maior respeito do que chorar por alguém que não se conheceu."

dicionario Personagens Jose Sar258 258 09.01.12 12:14:50

PEDRO I *(A Segunda Vida de Francisco de Assis)*: Pai de Francisco e diretor geral da companhia. Personagem com relativa expressão. Tal qual o progenitor do Francisco de Assis das biografias tradicionais, esta personagem vive o conflito de ver o filho negar a riqueza que ele administra com muito esmero como diretor geral da companhia. O desapego de Francisco é a maior razão do conflito entre ambos. Nos sucessivos embates entre pai e filho, ficam patentes as similitudes entre o Pedro Bernardone empírico – rico comerciante de Assis – e o Pedro ficcional, diretor da companhia: a ganância e o desprezo pelo ideal do filho são características freqüentemente ressaltadas. Nas cenas em que o drama familiar é retomado, grande referência é feita ao fato explícito do rompimento entre Francisco e Pedro nas biografias tradicionais: Pedro exige a restituição de todos os bens que Francisco doava aos pobres. No famigerado acontecimento, Francisco, inusitadamente, teria tirado toda a sua roupa na frente do pai e do bispo de Assis e, nu, proclamado o seu despojamento absoluto e seu desapego pelos bens terrenos, renunciando ao pai biológico, optando unicamente pelo pai celeste: Deus. Percebe-se na ficção um aprofundamento na incompreensão manifestada pelo Pedro da história empírica, fato que resulta em um perceptível sentimento de aversão, mágoa e ódio nas cenas em que pai e filho estão juntos. Fica claro que sua figuração também ajudará na construção do novo Francisco desprovido de qualquer característica santa como quer a tradição. O cisma chega a um ponto irremediável que culminará no desejo de morte acalentado de um para com outro. A vontade de Francisco ironicamente parece prevalecer, pois logo após pronunciar o desejo de morte do pai, sua mãe entra aturdida anunciando a morte natural de Pedro.

"Talvez seja por não poder amar-te que te odeio."

PEDRO II *(A Segunda Vida de Francisco de Assis)*: Representante dos pobres, não possuiu nenhuma referência histórica nas biografias franciscanas, fato que o faz diferente das outras personagens da peça e o deixa entregue totalmente à criação do autor. Estranho também ele

dicionario Personagens Jose Sar259 259 09.01.12 12:14:51

apresentar o mesmo nome do pai de Francisco, o qual, em cenas anteriores, havia sido proclamado morto. A semelhança física entre um Pedro e outro é atestada pelos presentes na ocasião de sua chegada à reunião do conselho. Tal similitude deixa margem para muitas interpretações; entre elas a de que Pedro, o pobre, seria Pedro Bernardone retornando também em uma segunda vida, agora na condição de pobre, para *iluminar* as idéias do filho quanto ao seu pensamento equivocado em relação à pobreza. Levado ao conselho por Francisco para defender o ideal de pobreza na reunião decisiva para a permanência ou não dele na companhia, Pedro contraria Francisco e, através de um longo discurso, tenta dissuadi-lo da idéia de regresso às origens, argumentando que a pobreza almejada por Francisco era egoísta, já que o único objetivo era ele alcançar a santidade pouco se importando com os fundamentos da condição marginal em que os excluídos viviam. Pedro frisa que a pobreza, para quem nasceu nela e nela vive, é uma condição indigna e subumana, portanto, se quisesse de fato fazer o bem para os mais necessitados, ao invés de desejar a pobreza, Francisco deveria ter lutado contra ela. Pedro pode ser considerado uma das mais importantes personagens da peça. É ele quem parece transmitir os ideais socialistas e revolucionários de Saramago em relação ao tema da desigualdade social e especialmente da pobreza, ideais que perpassam todo o drama e têm sua plenitude nessas cenas finais, com a inusitada decisão de Francisco de lutar contra a pobreza, decisão esta tomada a partir das falas de Pedro que, de fato, sugerem um questionamento acerca do ideal de pobreza vivido pelos franciscanos.

"Não somos pobres iguais. Tu tornaste-te pobre para poderes ganhar o céu, e nós, que pobres fomos e pobres continuaremos a ser, nem terra conseguimos conquistar. [...] ao louvares a pobreza, afirmaste a bondade do sofrimento dos pobres. Este é o pecado de que nenhuma absolvição te lavará. [...] Não tenho mais nada a fazer aqui. Não me leves a mal, Francisco, se te faltei."

PEDRO ORCE *(A Jangada de Pedra)*: Homem passado dos sessenta anos, bastante triste, magro de rosto e de corpo, cabelo quase todo branco. Mora numa aldeia

dicionario Personagens Jose Sar260 260 09.01.12 12:14:51

chamada Orce, na província de Granada, na Espanha. Não tem família, é farmacêutico e nunca foi casado. Sente a terra tremer sob seus pés e isso está relacionado ao desprendimento da Pensínsula Ibérica do continente europeu. É solitário e por isso acompanha José Anaiço e Joaquim Sassa em uma viajem. Tem uma relação especial com Maria Guavaira e Joana Cara, que dormem com ele por sentirem que ele é um homem solitário e triste. As duas engravidam e os filhos podem vir a ser dele. Ele e seus companheiros de viagem chegam à borda do abismo dos Pirenéus, no local em que a península havia rachado e se separado da Europa. A jangada de pedra, agora ilha, pára, mas ele continua a sentir a terra tremer sob seus pés. Depois disso península volta a se mover, a girar sobre si mesma como um carrossel. Quando Pedro Orce conhece o cão Ardent, nasce entre eles uma relação muito forte. Morre olhando para o cão que fica hipnotizado pelo seu olhar. José Anaiço, Joaquim Sassa, Maria Guavaira, Joana Carda e Roque Lozano transportam seu corpo para ser enterrado em Venta Micena. Ardent acompanha todo o imenso trajeto da viajem fúnebre. Roque Lozano abre a cova em que ele é enterrado numa cidade vazia, já que todos haviam abandonado suas casas. Joana Carda espeta a vara de negrilho na altura da cabeça do enterrado, para que ela, talvez, floresça e, nesse momento, a península pára. Só então o cão vai embora.

"Há coisas que acontecem na vida, e às vezes são tais que não podem repetir-se..."

PÊRO DE ALCÁÇOVA CARNEIRO *(A Viagem do Elefante)*: Secretário de confiança de Dom João III, rei de Portugal e dos Algarves. É filho de um também secretário da corte portuguesa, António Carneiro, de quem herdou o cargo. Na hora de escrever uma carta ao arquiduque Maximiliano, oferecendo o elefante Salomão como presente de casamento, o rei dita ao secretário três vezes o conteúdo, mas a carta não fica a contento. Então recorre à habilidade retórica de seu funcionário. Quando chega a carta com a resposta (em latim) do arquiduque, Pêro realiza uma leitura rápida dos pontos principais da carta ao rei e sua esposa. Possui agilidade de espírito e um

dicionario Personagens Jose Sar261 261 09.01.12 12:14:51

bom conhecimento do rei a que serve. Nos comentários tecidos pelo narrador a respeito do secretário, este é visto como bajulador do rei, mas também como seu tutor intelectual. É designado pelo rei para acompanhar o andamento das notícias sobre a viagem de Salomão de Belém, em Portugal, para Viena, na Áustria.

PICA *(A Segunda Vida de Francisco de Assis)*: Mãe de Francisco, desempenha o papel de chefe das secretárias da companhia. Tenta administrar seus afazeres funcionais e o conflito entre marido e filho. É através da fala dela que Francisco toma consciência da real situação de sua Ordem nesta sua segunda vida. Ela irá elucidar para o filho que a companhia, não mais Ordem, possui negócios próprios, carteira de títulos, agentes nas ruas vendendo tudo, até aquilo que poderia ser oferecido gratuitamente: esperança, fé e caridade. Embora desempenhando uma função moderna – dirigir todas as secretárias da empresa –, ela deixa transparecer o estereótipo da mulher medieval dividida entre o amor ao filho e a submissão ao marido, característica provável da Pica empírica que viveu no século XII. Quando contracena com os familiares, permanece neutra e com poucas falas, embora em uma das cenas deixe irromper os sentimentos mesquinhos tanto do marido quanto do filho. No desfecho da peça, quando Francisco é praticamente expulso da companhia, ela é cogitada para assumir a diretoria geral da empresa, que estava vaga devido à morte de seu marido Pedro poucas cenas antes. Entretanto, Pica, após presenciar a inesperada decisão de Francisco de lutar contra a pobreza, decide abandonar o trabalho e seguir o filho. É importante notar que, na última frase que pronuncia, justamente a da decisão final, ao invés de chamar o filho pelo verdadeiro nome, denomina-o João, numa referência ao fato de que algumas biografias dão conta: O filho era para ter sido chamado de João, *Francisco* só lhe foi atribuído porque seu pai, voltando de uma viagem a França, resolvera homenagear o país. A última frase dela que encerra o drama é também interessante, como se desejasse que Francisco, agora com outro nome, tivesse outra chance para reescrever novamente sua história:

"Vou ajudar João a escrever sua primeira página."

dicionario Personagens Jose Sar262 262 09.01.12 12:14:52

PIGARÇO – PIG E AL *(A Jangada de Pedra)*: Os dois nomes juntos – Pig e Al – referem-se aos cavalos Pigarço e Alazão que conduzem as personagens da trama na galera de Maria Guavaira. O carro dirigido inicialmente por Joaquim Sassa era chamado de Dois-Cavalos. O narrador brinca depois com esse nome porque, como havia mais pessoas para viajar junto e o carro não comportava, decidiram montar uma galera a ser puxada por dois cavalos (Pig e Al). Essa brincadeira não é à toa e o narrador depois a explicita. A ordem Pig e Al é proposital dentro do romance, pois através dela o narrador, e também um dos personagens, faz uma referência à batalha da Praça Pigalle, ocorrida em 18 de janeiro de 1871 em Paris. A cidade foi libertada pelos proletários insurrectos nos Paços do Conselho e a bandeira vermelha da revolução flutuou vitoriosamente, tendo as forças do governo recuado desordenadamente para Versalhes.

PILATOS *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Procurador romano que interroga Jesus no final da trama. Pilatos se impressiona com o olhar e a soberba de Jesus. No debate que travam entre si, Jesus é irônico, e isso deixa Pilatos numa situação quase inferior. Pilatos fica impressionado com a obsessão de Jesus ao se declarar Rei dos Judeus e ao afirmar que lutará contra ele e contra César; isso o obriga a decretar a condenação de Jesus. Não é Pilatos quem condena Jesus, pelo contrário, é Jesus quem força Pilatos a condená-lo. Não é Pilatos quem decreta o tipo de morte que Jesus terá, mas é Jesus quem pede a morte na cruz. Não é Pilatos quem manda fazer a coroa com os dizeres famosos, pelo contrário, é Jesus quem faz a ele um último e estranho pedido: *"Peço-te que mande pôr por cima de minha cabeça um letreiro em que fique dito, para que me conheçam, quem sou e o que sou."* Pilatos manda trazer o material e escreve com suas próprias mãos: *"[...] Jesus de Nazaré Rei dos Judeus."* Em seguida lava as mãos, apenas porque tal ato era costume depois dos julgamentos.

PIMENTA *(O Ano da Morte de Ricardo Reis)*: Galego serviçal, carregador do Hotel Bragança, está sempre bem disposto para o trabalho. Toma conta da recepção do hotel quando o gerente, Salvador, não se faz presente. É tão curioso quanto o gerente.

dicionario Personagens Jose Sar263 263 09.01.12 12:14:52

PLATERO *(A Jangada de Pedra)*: Burro que pertence a Roque Lozano. O nome do burro é proposital, já que é uma homenagem ao escritor espanhol Juan Ramón Jiménez (1881-1958), agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1956. Na obra *Platero e Eu*, o autor espanhol conversa com seu burrinho e vai contando a ele suas histórias e lembranças.

PORTA-VOZ DA ALDEIA *(A Viagem do Elefante)*: Durante um descanso da caravana em uma aldeia, logo ao início da jornada, Subhro (o tratador do elefante Salomão) conversa com os soldados portugueses sobre a história de um deus com cabeça de elefante. Alguns homens da aldeia escutam parte da conversa e decidem questionar o padre local sobre a possibilidade de deus ser um elefante. Reúnem-se cinco homens, de madrugada, para falar com o padre. Um deles, não nomeado, porém tomado em determinado trecho como porta-voz do grupo, questiona o padre sobre um conhecido episódio bíblico, em que Jesus teria expulsado demônios de um geraseno. Diz o porta-voz não entender o porquê dos demônios expulsos possuírem os porcos. Esse diálogo realça a conhecida estratégia de Saramago de pôr em xeque a religião cristã. O questionamento do porta-voz tem correspondente n'*O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, em que Jesus fica consternado com o afogamento vão e injusto dos porcos.

POVO *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Chamado durante todo o romance de brancoso, porque votaram em branco. Segundo o ponto de vista dos políticos, é o *filho pródigo*, o injusto, o mal agradecido, o decepcionante, os cegos, antidemocráticos, idiotas, errados, anarquistas, subversivos. Porém para o narrador, o povo agiu conforme a sua consciência, pois estava exercendo a cidadania e o direito ao voto em branco ou de votar em quem quisesse.

POVO DE MÜNSTER *(In Nomini Dei)*: Composto por católicos, luteranos, anabaptistas e eclesiásticos. A voz desse povo é expressa pelo *coro,* que ora representa uma opinião, ora representa outra, não constituindo, portanto, uma personagem homogênea. Em muitas situações, o coro

dicionario Personagens Jose Sar264 264 09.01.12 12:14:52

serve como uma espécie de inconsciente, o qual lança dúvidas e questionamentos acerca do desenrolar dos fatos.

PRESIDENTE DA CÂMARA *(Ensaio sobre a Lucidez)*: A princípio está do lado do governo, mas como percebe que os governantes estão manipulando, de forma desonesta o povo, passa a se preocupar com o rumo da situação. Ele se revelará um homem reflexivo e decidido, porém cai no esquecimento.

PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLÉIA ELEITORAL *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Esperto e dissimulado, como todo homem político. A trama deixa transparecer que ele não vive muito bem com a esposa, e sua relação com outras pessoas é permeada pela desconfiança. Por ser inseguro, parece não gostar de tomar iniciativas e vive de aparências.

"Espero não ter sido o último."

PRESIDENTE DA REPÚBLICA *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Figura que ouve a todos, é também um estrategista. É arrogante, pretensioso, teimoso, mandão e prepotente. Abusa do poder que tem nas mãos. Vive disputando o poder com o primeiro-ministro.

"Com toda a minha alma, quero acreditar que a vossa loucura será transitória, que não perdurará, quero pensar que amanhã, um amanhã que rezo aos céus não se faça esperar demasiado, o arrependimento penetrará docemente nos vossos corações e voltareis a congraçar-vos com a comunidade nacional, raiz de raízes, e com a legalidade, regressando, como o filho pródigo, à casa paterna."

PRIMEIRO CEGO *(Ensaio sobre a Cegueira)*: Primeira pessoa a cegar e também a primeira a enxergar de novo. Estava ao volante parado num semáforo quando percebeu que não conseguia ver, que estava cego. Casado, trinta e oito anos, é saudável, e nunca usara óculos. Apesar de ser bom para sua esposa, é autoritário e tenta controlá-la. Protetor,

dicionario Personagens Jose Sar265 265 09.01.12 12:14:53

orgulhoso, mas se mostra bondoso com os ocupantes de sua casa, permitindo que eles fiquem lá até que tenham suas casas de volta. Retorna como personagem em *Ensaio sobre a Lucidez.* Separado de sua mulher, é ele quem escreve ao presidente contando o episódio da primeira cegueira ocorrida há quatro anos e tentando incriminar a mulher do médico como a responsável pela votação em branco.

PRIMEIRO-MINISTRO *(As Intermitências da Morte)*: Não recebe descrições físicas, porém, por indicações narrativas, presume-se que possua certa idade, certa maturidade, tal qual é requerido pelo cargo ocupado. Sua característica mais marcante é a prudência e a cautela na tomada de decisões. Lidando tanto com as instituições legais – como as funerárias, os hospitais, as companhias seguradoras –, quanto com as ilegais – como a própria máphia –, o primeiro-ministro governa sem consultar o rei, o que indica que o país no qual a morte apresenta suas intermitências possui, ao menos aparentemente, um sistema parlamentarista de governo.

"Aceitaremos o repto da imortalidade do corpo [...] se essa for a vontade de deus, a quem para todo o sempre agradeceremos, com as nossas orações, haver escolhido o bom povo deste país para seu instrumento."

PRIMEIRO-MINISTRO *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Chefe maior, o porta-voz do governo, é quem dá as ordens a todos para serem cumpridas. É um senhor com grandes olheiras e aparência cansada, um homem maquiavélico e muito inteligente para formular planos de ataque; também é um estrategista. Ambicioso, ele faz de tudo para se manter no poder, até atentar contra o povo juntamente com o ministro do interior (mandaram pôr uma bomba no metrô da cidade para acusar o povo de terrorismo). Busca sempre a centralização do poder em suas mãos, e precisa ser admirado pelos outros. Deixa de lado sua vida pessoal e o seu casamento e, dessa forma, desperta em sua esposa muitas frustrações. No final, preocupado com as ações do ministro do interior, que ordena a execução do comissário, ele o demite, assumindo o seu posto.

dicionario Personagens Jose Sar266 266 09.01.12 12:14:53

"Os seus serviços durante a crise foram uma fiada contínua de erros que me dispenso de enumerar, sou capaz de compreender que a necessidade faz lei, que os fins justificam os meios, mas sempre com a condição de que os fins sejam alcançados e a lei da necessidade se cumpra, e o senhor não cumpriu nem alcançou nenhum, agora mesmo esta morte do comissário..."

PROFESSOR DE MATEMÁTICA *(O Homem Duplicado)*: Colega de Tertuliano no estabelecimento de ensino secundário, gostaria que o conhecessem como um gênio da matemática, em vez do mediano e resignado professor que aparenta ser. É dele a sugestão para que Tertuliano assista ao filme *Quem Porfia Mata Caça*, apenas com a intenção de animá-lo um pouco já que se trata de uma comédia. No entanto, o filme recomendado pelo professor de Matemática é o instrumento que desencadeia toda a trama em que Tertuliano se envolve.

"Não se deixe enganar, o senso comum é demasiado comum para ser realmente senso, no fundo não passa de um capítulo da estatística, e o mais vulgarizado de todos."

PÚBLIO SULPÍCIO QUIRINO *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Cônsul que governava algumas províncias do Império Romano.

dicionario Personagens Jose Sar267 267 09.01.12 12:14:53

Q

QUARTO DA MORTE *(As Intermitências da Morte)*: Subterrâneo, de paredes cegas e brancas, uma só porta, parcamente mobiliado: apenas uma escrivaninha, uma cadeira e um fichário. O quarto da morte possuiu uma forte intertextualidade com outro romance do autor, *Todos os Nomes*. O banco de dados do fichário com a lista de todos os seres humanos é preenchido automaticamente acompanhando a vida de cada ser. As fichas das pessoas já atingidas pela morte descem para um andar inferior e, com o passar do tempo, para outro ainda mais inferior, e outro, e outro, de tal maneira que o arquivo acaba sendo incinerado no centro da Terra.

dicionario Personagens Jose Sar271 271 09.01.12 12:14:54

R

RAIMUNDO BENVINDO SILVA *(História do Cerco de Lisboa)*: Protagonista da estória e revisor de textos de uma editora. Omite o nome Benvindo, pois não gosta desse nome; e também detesta que o chamem de Silva, porque lhe faz falta o Raimundo. Tímido por natureza e avesso a multidões, é um homem sóbrio e organizado, com uma honrada vida profissional; vive uma vida sedentária. É um homem ordenado, de normas e princípios, e não é supersticioso. Não tem pais nem irmãos, como também não tem amigos, o que sobrou da família está disperso e com esses ele não mantém contato; é um solitário. Possui baixa estima, pois se considera um velho acabado para a vida, para o amor. O protagonista também pinta os cabelos para disfarçar a camada de fios brancos, demonstrando certa vaidade, mas será justamente uma mulher com fios brancos nas madeixas castanhas que o fará mudar de atitude, fazendo emergir em sua personalidade um novo Raimundo, disposto a novos desafios. Ele é solteiro, possui mais de cinqüenta anos, há muito deixou de fumar e não pensa em se casar, mora sozinho numa casa simples e tem uma diarista que trabalha duas vezes por semana. Quando precisa aplacar seu instinto sexual, paga mulheres de programa, alivia-se e tudo fica resolvido. Ele também já sofreu por amor, mas é reservado e não comenta sua vida pessoal. Depois de cada revisão terminada, tem o costume de dar-se a si mesmo um dia de folga, pois isso o alivia das tensões. Possui o talento de desdobrar-se quando está revisando, e confessa nunca ter tido vocação para a criação literária. Vive numa casa antiga, sem conforto, na rua do Milagre de Santo António; lá não há nenhuma mulher, salvo a empregada. Como profissional, Raimundo Silva tem um lema: *"[...] aos autores deve-se evitar sempre o peso das vexações"*, que para ele corresponde ao primeiro mandamento do decálogo do revisor, referindo-se a sua tarefa de emendar erros e nada mais que isso. No entanto, possui um escrúpulo profissional, o de fazer uma última leitura, sem necessidade de correção, mais pelo prazer do texto, porque seu papel de revisor lhe exige diversas leituras. Raimundo Silva gosta da *História do Cerco de Lisboa*, mas não acredita plenamente nela, e isso o leva a fazer vários questionamentos acerca do que possa ser verdade no relato. No caso de *HCL*, o fato é que os

dicionario Personagens Jose Sar275 275 09.01.12 12:14:55

cruzados ajudaram os portugueses na expulsão dos mouros de Lisboa, no ano de 1147; e a correção é feita a partir da rasura deliberada do revisor, com a qual ele diz um *não* à História, quebrando as fronteiras entre o histórico e o literário e questionando outras antíteses modernas, como verdade e ficção, real e imaginário, história oficial e testemunho de vida. Esse ato rebelde contrário a sua personalidade pacata, o de acrescentar o *não* que adultera uma obra séria – pretensamente a versão confiável e histórica sobre a tomada de Lisboa aos mouros –, culmina num rebuliço na editora e desencadeia uma nova reflexão sobre os fatos. A tensão criada pela ousadia do até então pacato e fiel revisor, que corre o risco de, na meia-idade, perder o emprego, a estabilidade econômica e a boa reputação, corresponde à tensão e aos perigos enfrentados por quem se opõe aos estatutos oficiais. Na modernidade, quem não se encaixa na engrenagem do sistema é marginalizado. Contudo, Raimundo Silva é dotado de uma personalidade conscienciosa, e sabe as conseqüências decorrentes do seu ato, só não consegue entendê-lo; não percebe que ele também está mudando, saindo do padrão, arriscando-se mais e que seu caráter aparentemente pacato começa a se alterar. Além disso, essa sensação de risco causa-lhe estranho prazer, fazendo com que conheça um lado seu totalmente desconhecido. É a essa dupla batalha que ocorre com Raimundo Silva que o narrador se refere ao dizer que no interior desse homem trava-se uma batalha entre *o campeão angélico* e *o campeão demoníaco*. O livro é impresso com o erro e quando a fraude é descoberta, a editora é obrigada a anexar uma errata ridícula. Raimundo é chamado à ordem por sua nova supervisora, Maria Sara, e enfrenta o desapontamento dos colegas pelo mal-estar criado com os patrões e o autor da obra. Entretanto, recebe uma nova chance da diretoria com a condição de não repetir o erro. Raimundo é *cercado* pelo amor de Maria Sara e, a partir disso, passa a sentir-se incentivado a trabalhar e viver. Ter colocado este *não* no texto que revisava foi o feito mais importante de sua vida, pois a partir desse momento delineiam-se dois fatos importantes que mudarão complemente sua vida: passa a reescrever, agora como autor, a nova *História do Cerco de Lisboa,* e passa a viver um *cerco* amoroso, envolvendo-se com

dicionario Personagens Jose Sar276 276 09.01.12 12:14:55

Maria Sara. Assim começa o relacionamento entre Raimundo Silva e Maria Sara, com alta carga de conflito, mas ela acredita na competência profissional desse homem e o desafia a reescrever a *História do Cerco de Lisboa* a partir do *não*, intencionalmente inserido por ele, entregando-lhe o único exemplar do livro sem a errata, como presente. A partir desse momento, o revisor descobre seu talento para a ficção e cria personagens, como o valente soldado português Mogueime, corajoso no atrevimento e na ousadia – tal qual Raimundo em seu ato rebelde – e decide reescrever, à sua maneira, as dissonâncias da História; não por querer escrever certo por linhas tortas, mas simplesmente para reunir os fatos do passado e recriá-lo partindo da premissa de que os cruzados teriam se negado a ajudar o rei português a expulsar os mouros de Lisboa. Isso, sem dúvida, levou-o à árdua tarefa de recontar a História, instigando-o a pesquisar e a voltar aos lugares onde os fatos ocorreram, em busca da verossimilhança. Com isso, Raimundo pretende lançar uma nova luz sobre a História que sempre lhe ensinaram. Fará isso com sua capacidade crítica e irônica de entender a História, e de explicá-la. Dessa forma, o diálogo desenvolvido entre as narrativas (oficial, narrada, escrita, oral) põe em questão o conceito de originalidade, de autoria e de criação, instaurando um novo momento de recontar e reescrever histórias, dentro da perspectiva fundadora do pós-modernismo; travando um diálogo com a tradição, ao mesmo tempo impondo-lhe não uma, mas várias correções voluntárias, que implicam a criação de uma nova história, de um novo real e de uma outra verdade, reinventada pelo protagonista. Isso contribui para a desconstrução de alguns mitos que foram construídos ao longo dos tempos. No caso de *História do Cerco de Lisboa,* é o mito do espírito e da formação da nacionalidade portuguesa, no heroísmo das conquistas (visão romântica que pode ser depreendida nas obras de Alexandre Herculano e Almeida Garret) ou na fixação dessa faixa geográfica, cujos limites quase não se alterariam. Há momentos na narrativa nos quais o leitor sente que Raimundo Silva está só um pouco a favor dos portugueses e muito a favor dos mouros, principalmente quando ele tem o poder de reescrever os discursos do Rei Dom Afonso Henrique e do governante

dicionario Personagens Jose Sar277 277 09.01.12 12:14:56

mouro superior. Mas trata-se de estratégia narrativa para mostrar o povo do oriente sob uma nova luz, diferente da imagem que o mundo ocidental criou, de povo atrasado ou inferior. Raimundo Silva depara-se com o problema da verossimilhança: embora o novo texto seja de ficção, nem por isso o escritor pode inventar livremente. O relato precisa ser crível, por isso o escritor, assim como o historiador, bebe nas fontes, tornando-se também pesquisador. Contudo, Raimundo Silva – como um autêntico historiador – é suficientemente perspicaz para desconfiar das fontes. Diante da insuficiência da pesquisa para estabelecer a verdade, o dilema é solucionado pela ficção. Acontece que, concomitante à reescrita de sua versão dos fatos, Raimundo se apaixona por Maria Sara (a mesma pessoa de quem antes tivera medo), não por ser a mulher que faltava na sua casa modesta, mas por ser ela que, dando-se conta do erro cometido no claro entendimento da *História do Cerco*, lhe oferecera o único exemplar em que a errata não podia surtir qualquer efeito; era, portanto, o único exemplar da obra que só ele poderia reescrever. Há dois planos narrativos no romance: o relato sobre o cerco de Lisboa e algumas vivências de Raimundo Silva na Lisboa do século XX. Na nova versão do cerco de Lisboa, o desenrolar dos fatos bélicos faz contraponto com a relação amorosa entre Mogueime e Ouroana, que, por sua vez, estabelece um paralelo com a relação de Raimundo Silva com Maria Sara, no outro plano narrativo. A transição de um plano narrativo para o outro é conduzida pela onisciência do narrador que, penetrando na mente de Raimundo Silva, pode flagrar não somente a composição, mas a própria concepção da nova narrativa. Essa transição pode ser completamente brusca, em uma narrativa que mescla ambos os enredos. O romance mistura um grande acontecimento bélico do passado com acontecimentos íntimos do passado e do presente, ou seja, histórias de amor entre pessoas comuns. Por fim, Raimundo, com muita felicidade, recebe em sua vida a mulher amada. Ele termina o seu romance dando a vitória aos portugueses – mesmo sem a ajuda dos cruzados –, unindo o casal Mogueime e Ouroana. Raimundo, o demiurgo, representa todo aquele que rasura uma identidade e reescreve outra em cima, e que

dicionario Personagens Jose Sar278 278 09.01.12 12:14:56

está ao mesmo tempo dentro e fora dos limites da linguagem e da história, demonstrando que vista sem a imaginação, sem a remissão ao presente, ela se torna letra morta. Essa é a luz teórica que guia o revisor, ou seja, um compromisso ideológico-cultural que busca, através do romance *corretivo* e *inovador*, quebrar a estabilidade da história.

"Os revisores, se pudessem, se não estivessem atados de pés e mãos por um conjunto de proibições mais impositivo que o código penal, saberiam mudar a face do mundo, implantar o reino da felicidade universal, dando de beber a quem tem sede, de comer a quem tem fome, paz aos que vivem agitados, alegria aos tristes, companhia aos solitários, esperança a quem a tinha perdida, para não falar da fácil liquidação das misérias e dos crimes, porque tudo eles fariam pela simples mudança das palavras [...]."

RAMÓN *(O Ano da Morte de Ricardo Reis)*: Garçom do Hotel Bragança, veio da Galiza para Lisboa. Nasceu em Villa-Garcia de Arosa, está sempre preocupado com a situação de sua terra natal.

RAPARIGA DOS ÓCULOS ESCUROS *(Ensaio sobre a Cegueira)*: Uma jovem que tem uma conjuntivite que se cura com o tempo e que por causa disso usa, por indicação médica, óculos, só os tirando para dormir. Apesar de ser prostituta, só vai para cama com quem e quando quiser. É a mais bonita de todas as mulheres da história, a de corpo mais bem feito, a mais atraente, a que todos os homens passaram a desejar. Tinha os dentes bonitos e sabia como mostrá-los. Não queria ser confundida com uma caçadora de homens vulgar. Mesmo sendo rapariga de costumes livres, morava com o pai e a mãe e os queria muito bem. Muito afetuosa com o rapazinho estrábico, tira a comida da própria boca para alimentá-lo; é solidária com quem merece e está sempre disposta a ajudar a todos em quem confia. Achava que havia cegado para ser castigada por seu mau comportamento, sua imoralidade. Relaciona-se muito bem com a mulher do médico, sendo bastante protegida por ela como se fosse sua irmã mais nova. Entre todos os homens da trama, escolhe o velho

dicionario Personagens Jose Sar279 279 09.01.12 12:14:56

da venda preta como companheiro. Talvez essa escolha deva-se ao fato daquele homem a respeitar enquanto mulher. Gosta muito de música e sabe perdoar.

"As mulheres ressuscitam umas nas outras, as honradas ressuscitam nas putas, as putas ressuscitam nas honradas."

RAPARIGA DOS ÓCULOS ESCUROS *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Casada com o velho da venda preta, não tinha jeito, nem modos, nem palavras de uma prostituta, embora o homem da carta afirmasse que ela era uma meretriz. Quando interrogada pelo inspector, descreve o assassinato em detalhes. Assume que havia matado o chefe da camarata dos cegos deliqüentes (o violador de mulheres) – crime esse cometido pela mulher do médico. O comissário proíbe o inspector de chamá-la de prostituta. Passou a ser chamada de *peixe-gato* pelo ministro do interior, pois este se comunicava com o comissário por telefone e corriam risco de serem grampeados.

RAPAZ ESTRÁBICO *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Perdeu-se de sua mãe na época da epidemia da cegueira. Pouco se fala dele, pois não se sabe do seu paradeiro.

RAPAZ GALEGO *(A Viagem do Elefante)*: Rapaz de Castelo Rodrigo. Quando a caravana chega a Castelo Rodrigo, o comandante pede ao sargento que interrogue um dos rapazes do povoado sobre a presença de espanhóis no lugar. Ele responde à pergunta com outra pergunta, o que leva o narrador a intuir a origem galega da personagem.

RAPAZINHO ESTRÁBICO *(Ensaio sobre a Cegueira)*: Menino que sofre de estrabismo divergente do olho esquerdo, mas que não gostava que mencionassem o seu defeito físico. Foi separado de sua mãe quando cegou e demorou para se acostumar com sua ausência, por isso chorava muito. Quase não fala, sempre diz ter fome e foi *adotado* pela rapariga dos óculos escuros. Tímido, gostava de sapatos esportivos.

"Quero a minha mãe."

dicionario Personagens Jose Sar280 280 09.01.12 12:14:57

REI *(A Ilha Desconhecida)*: Personagem sem nome, apresentado como o rei que usava coroa na cabeça, portanto, super poderoso, o primeiro na escala, na hierarquia do poder. É egocêntrico, dissimulado, materialista, autoritário, arrogante, mal-educado, apegado às regras e às formalidades, regiocêntrico. Não atendia aos pedidos fazendo-se de desentendido. Em seu palácio, dirigia-se a seus súditos por portas determinadas: a das petições, a dos obséquios e a das decisões. A de sua preferência era a porta dos obséquios. Quando alguém batia à porta das petições, fingia-se desentendido, indo atender somente em última necessidade. O rei atendia aos pedidos conforme a sua vontade e não pensado no bem estar do povo. Não saía do seu espaço, do seu reino e da porta dos obséquios; mas diante da audácia do homem que pedia um barco para sair em busca da ilha desconhecida, desestrutura-se e sai à rua para ver, para conhecer quem era o impertinente que se negava a agir pelas vias burocráticas estabelecidas. Além disso, queria demonstrar que não tinha medo do súdito e que tinha mais poder do que ele. Incrédulo, não acreditava haver mais ilhas desconhecidas e se ainda houvesse alguma, ganancioso, a confiscaria para ele. O rei contava com a guarda, força bruta, para manter a ordem e a disciplina. Ele acabou atendendo ao pedido do homem que queria um barco, para não perder o seu prestígio junto ao povo, pois o povo reivindicava a favor do homem. Numa possível analogia com a Trindade, representaria o papel de Deus. Porém, apesar de demonstrar autoridade em função de sua majestade, é forçado a submeter-se aos argumentos do homem do barco.

"Sou o rei deste reino, e os barcos do reino pertencem-me todos."

RICARDO *(Manual de Pintura e Caligrafia)*: Ricardo é médico e apresenta-se aos olhos de H. como profissional sério e compenetrado. É marido de Concha que atende pelo apelido de mulher do médico. Mesmo sendo casado com Concha, confere grandes atenções a Sandra. Entretanto, o casal, que aparentemente vive uma relação *aberta*, demonstra cumplicidade em ocasiões em que um deles

dicionario Personagens Jose Sar281 281 09.01.12 12:14:57

se encontra em situação de confronto. Citamos o episódio que narra a discussão entre Ricardo e António a propósito de uma elocubrante resistência ao governo. No momento em que António incita o médico a uma mobilização a dois, Ricardo fica zangado e Concha põe-se ao lado dele, *boa mulherzinha*, e descompõe António.

RICARDO REIS *(O Ano da Morte de Ricardo Reis)*: Protagonista do romance, é um dos heterônimos de Fernando Pessoa, mas no romance não é o mesmo na íntegra porque o autor, ao se apropriar da magnífica e imensa galeria heteronímica do vate português, atribui a Ricardo Reis o status de personagem romanesca. Reis tem quarenta e oito anos de idade, é natural da cidade do Porto, solteiro, magro, usa chapéu, grisalho, moreno, cara rapada, graduado em medicina, vive auto-exilado no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Ele recebe uma segunda vida fictícia, uma vida em trânsito, uma vida em suspenso. A personagem tem iniciativa própria, autonomia suficiente para fazer suas escolhas, sentir o que deseja, lidar com as situações diárias de modo a sofrer, se emocionar e traduzir um forte senso de humanidade. Apaixona-se por Marcenda, espera por ela todos os meses, anseia por suas cartas, toma a decisão de pedi-la em casamento, mas é algo que não se concretiza. Já com Lídia, criada do hotel Bragança, envolve-se sexualmente, preocupa-se com ela, mas não deseja o casamento, pois apenas sente a vontade de suprir as necessidades da carne. O romancista constrói Reis a partir das suas odes, fazendo uma mescla com os outros heterônimos também. Sendo assim, *se aproveita* da morte de Fernando Pessoa – já que na carta da gênese da criação dos Heterônimos, a data da morte deste heterônimo está em aberto – para recriar um Ricardo Reis que na realidade não existiu, realizando assim uma espécie de delito verbal e autoral. Ao mesmo tempo em que Reis é ele mesmo – o heterônimo pessoano –, o autor lhe atribui características contrárias, diferentes, transformando-o em outro, o outro do outro: de certa forma Ricardo Reis deixa de ser o heterônimo pessoano e passa agora a ser o heterônimo saramaguiano. O romance é um balaio de gatos, já que há um extraordinário desdobramento e prosseguimento

dicionario Personagens Jose Sar282 282 09.01.12 12:14:57

da ficção heteronímica de Pessoa. Reis é mergulhado dentro de um contexto histórico problemático, revelando-se um homem dilacerado por suas contradições e ambigüidades. A personagem é a máscara da máscara, a miragem da miragem, uma verdade ficcional em segundo grau, revelado não mais pelas odes construídas por Fernando Pessoa, mas pela narrativa de Saramago que celebra em sua ficção o grande poeta criador de uma rica família heteronímica. É a criação da criação, a criação literária levada ao extremo, ou seja, a personagem ficcional começa a migrar de um texto para outro, ganhando quase existência própria, independente do seu autor. O romancista brinca com essa personagem, pois através dela transgride os limites entre realidade e ficção. Reis necessita afastar-se do mundo, vivendo uma espécie de transitoriedade, sem laços profundos e definitivos. Sua opção é sempre estar procurando o lugar vazio, uma busca espectral, sem materialização. É um perfil substitutivo, sem sentidos, perambulando pelos espaços vazios. Possui um caráter duvidoso, isto é, oscila entre atitudes nobres e duvidosas. Às vezes é dono de uma delicadeza e generosidade e, em outros momentos, o narrador o descreve como alguém muito frio, capaz de pensamentos nada nobres. É um homem metódico, perfeccionista, discreto, quase obsessivo. Quando Reis entra em seu quarto e vê como tudo está perfeitamente arrumado, a colcha da cama esticada, o lavatório rebrilhante, o espelho sem uma sombra, salvo o picado da antiguidade, suspira de satisfação. Sua noção de disciplina manda que a razão comande os instintos. Seu pensamento estético revela que as idéias devem ser mediadas pela emoção quando, então, se transformam em poesia. O sentimento em relação à mulher, às vezes, é mitificado, em outras, um objeto de desejo, apenas de usura. O caminho errático de Ricardo Reis é o caminho errático do próprio ser humano. Ele é um desorientado no amor já que se recusa a comprometer-se tanto com Lídia como com Marcenda e demonstra estar dividido, cindido entre duas presenças atrativas. Também na vida é um desorientado, inexato, não sabe na realidade quem realmente ele é, e o que realmente significa contentar-se com o espetáculo do mundo, ser indiferente ao mundo

dicionario Personagens Jose Sar283 283 09.01.12 12:14:58

concreto que o rodeia, mero expectador, passar pelo mundo em brancas nuvens. Eis aqui o principal motivo de suas contradições, ou das contradições que percebemos entre o poeta das odes pessoanas e o protagonista de Saramago: indiferença, alheamento. O heterônimo de Pessoa vivia uma realidade ficcional do espaço idílico clássico da cultura grego-latina, e a personagem de Saramago está contextualizada em plena ditadura militar em Portugal no ano 1936, com a Europa em convulsão política e social – II Guerra Mundial, nazi-facismo, guerra civil espanhola, etc – o que o deixa completamente confuso. O problema maior é a identidade de Reis: até que ponto ele realmente age como criatura independente do seu criador. O autor constrói uma personagem em conflito que procura responder a duas principais perguntas da humanidade: Quem sou eu afinal? Qual é o meu papel neste mundo? Eis aí o desassossego da personagem e o desassossego de todos os seres humanos. Reis tenta viver sob o ópio da inconsciência e da não ação, já que ser consciente é ser infeliz. Porém, ser impassível perante a vida é quase impossível. Ao acompanhar seu criador, no final do romance, passa de expectador desorientado para a categoria de fantasma, de um não-ser diluído. O autor obriga tanto Reis como Pessoa a reagir diante de uma vida prática, não mais como poetas, mas como pessoas, desmistificando-os. Saramago faz com que Ricardo Reis perca características heteronímicas básicas, sendo esse o motivo pelo qual Pessoa aparece na obra para cobrá-lo. Isso o perturba, pois seu heterônimo não se envolvia com nada, vivia uma ataraxia. Reis se mantém contemplativo até a última página do livro e como um morto-vivo, ou vivo-morto, não consegue se libertar do seu criador. Já que é impossível manter-se indiferente e desinteressado do mundo que o cerca, é melhor ir embora deste mundo.

"Diga-me só uma coisa, é como poeta que eu finjo, ou como homem."

ROQUE LOZANO *(A Jangada de Pedra)*: Homem simples, ele só acredita naquilo que vê. Natural de Zufre, não acredita nas notícias da televisão sobre a rachadura da Península Ibérica que havia se desprendido do continente europeu

dicionario Personagens Jose Sar284 284 09.01.12 12:14:58

e se transformado numa enorme jangada de pedra vagando pelo mar em busca de suas origens. Deixa a família para ir constatar com seus próprios olhos esse acontecimento extraordinário. Viaja com seu burro Platero e se encontra com os viajantes Joaquim Sassa e José Anaiço que procuram por Pedro Orce. Afirma aos dois que se não vir a Europa é porque ela nunca existiu. Depois, já no final da trama, encontra-se com Pedro Orce e seus companheiros de viagem e os acompanha. Ajuda a transportar o corpo de Pedro Orce para Venta Micena quando ele morre, e abre a cova onde, juntamente com Joaquim Sassa, Jose Anaiço, Joana Carda e Maria Guavaira, enterram o corpo.

"Não me fio na televisão, enquanto não vir com meus próprios olhos, este a terra há-de comer, não me fio."

RUFINO *(A Segunda Vida de Francisco de Assis)*: Membro do conselho, quase não tem expressão e se mostra dividido em suas convicções. Em uma primeira votação, na qual seria decidido se Francisco permaneceria na Ordem, Rufino é a favor do santo, contudo, na votação decisiva, ele oscila em apoiar Francisco ou não, tencionando abster-se de voto. Ao final de tudo acaba optando pela decisão de Elias de exterminar a pobreza, num último esforço para mostrar-se útil para alguma coisa.

"Abster-se é não tomar partido. Não há nada mais claro."

dicionario Personagens Jose Sar285 285 09.01.12 12:14:58

S

S. *(Manual de Pintura e Caligrafia)*: Engenheiro que contrata o pintor H. para retratá-lo num quadro a ser integrado à galeria da sala do conselho da empresa SPQR por ele administrada. A antipatia flui no primeiro colóquio entre o artista e o seu cliente; e será sob a perspectiva antagônica por parte de H., narrador e protagonista do romance, que o leitor entrará em contato com essa personagem. Ao justificar a nomeação da personagem com uma *inicial vazia*, H. reivindica para si o direito do narrador em primeira pessoa que se posiciona entre a verdade e a ficção. Em busca da melhor forma de expressão da *verdade de S.*, H. dispõe-se a retratá-lo oficialmente e de forma escusa. Insatisfeito com as possibilidades que a pintura lhe oferece, resolve apelar para a escrita. Eis o mote desencadeador do processo de aprendizagem que o *Manual de Pintura e Caligrafia* passa a registrar. S. integra o cenário da primeira parte do romance, durante o espaço de tempo que corresponde à execução dos seus dois retratos e à instauração da escrita, momento em que o pintor perscruta as possibilidades das duas linguagens: a plástica e a verbal. Do confronto entre as duas formas de expressão, surge uma das mais belas descrições que a obra de Saramago produziu, uma verdadeira apologia às possibilidades da escrita como reveladora de paisagens secretas que o pincel não consegue alcançar. Entrelaçam-se ao registro da imagem, capturada em sua verdade natural, comentários subjetivos que trazem para o texto a carga irônica pretendida pelo narrador. Em função do antagonismo que nutre por S., o narrador H. não lhe dará voz durante a sua atuação no romance e as suas poucas falas serão mediadas.

"[...] S. fez de conta que não ouvira e perguntou-me se podia ver os esboços."

SALOMÃO *(A Viagem do Elefante)*: Nome original do elefante. Dom João III, o piedoso, rei de Portugal e dos Algarves, esposo de Catarina de Áustria, decide dar o elefante como presente de casamento ao arquiduque Maximiliano d'Áustria. Para tanto, envia uma comitiva a fim de entregar o animal. Já no início da narrativa o secretário do rei Dom João III, Pêro de Alcáçova Carneiro, resolve mudar o nome do elefante Salomão para Solimão.

dicionario Personagens Jose Sar289 289 09.01.12 12:14:59

SALVADOR *(O Ano da Morte de Ricardo Reis)*: Gerente do hotel Bragança, usa bigode e vive com um sorriso estampado no rosto. Sempre vigilante e curioso sobre tudo o que acontece no hotel, sabe tudo a respeito de todos os hóspedes.

SAMPAIO *(O Ano da Morte de Ricardo Reis)*: Senhor viúvo de meia-idade, muito formal, alto, rosto comprido e vincado. Pai de Marcenda. Vive em Coimbra, mas vai a Lisboa mensalmente levar a filha para consultar um médico, devido ao problema de paralisia do braço esquerdo que a menina apresenta. Na realidade, ele sabe que dificilmente ela terá cura, mas continua a levá-la. No decorrer da narrativa, Marcenda deixa escapar, em uma conversa com o médico Ricardo Reis, que o pai usa a sua doença como álibi, já que na realidade o motivo que o leva a Lisboa é uma amante. Inicialmente, Sampaio trata Ricardo Reis com respeito e admiração, mas depois que Reis é preso, com medo de que o relacionamento dos dois possa colocar a sua pessoa também sob suspeita, se afasta do amigo. Deixa de levar a filha para Lisboa quando acaba seu caso com a amante.

"[...] uma nação inteira entregue ao trabalho sob a chefia de um grande estadista, verdadeiramente uma mão de ferro calçada com uma luva de veludo, que era do que andávamos a precisar."

SAMUEL *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Filho de Maria e José, irmão de Jesus.

SANDRA *(Manual de Pintura e Caligrafia)*: Ao nos apresentar Sandra como *decoradora que não tem esse nome*, o narrador H. trabalha abertamente a relação ficção/realidade e põe a descoberto a lógica que rege a construção das personagens do romance, situando-as num aqui e agora que oscila entre o autobiográfico e o fictício. A atuação da personagem Sandra se mostra funcional ao percurso romanesco de H., uma vez que, através do jogo de sedução conduzido por ela em relação ao editor Carmo, o pintor continua exercendo a atividade da escrita, estimulado pelo editor que lhe promete editar as suas memórias de

dicionario Personagens Jose Sar290 290 09.01.12 12:15:00

viagem. Segundo o narrador do romance, Sandra serve como *mais do que involuntário*, um *inconsciente meio de pressão* na produção dos exercícios de autobiografia. Através do olhar do pintor, enxergamos Sandra como a personagem que expõe feições exacerbadas, construindo uma imagem de moça fatal e volúvel perante o grupo social que freqüenta: enquanto reata o *flirt* com o médico, controla os ciúmes e a libido do editor e desperta, no publicitário Chico, suspeitas sobre as suas tendências homossexuais. As simples despedidas de Sandra, após as reuniões promovidas por H., ganham ares de espetáculo quando a moça *"[...] beijou muito a Adelina, levando como pajens o mais que havia de homens [...]"* que passam a disputar espaço no *"[...] carro que cheira cigarro e chanel [...]"*, que será por ela dirigido. Pautada pela mútua atração sexual, a frágil relação entre Carmo e Sandra não se sustenta senão pela satisfação da ânsia de diversão que a move. Essa situação é justificada por Adelina com uma simplicidade que instiga H., em função da cumplicidade identificada entre as duas amigas. Ao lado de Adelina e Olga, Sandra integra o universo feminino reivindicante dos anos setenta que o romancista pretende retratar no seu *Manual de Pintura e Caligrafia.*

"Estes homens complicam tudo. Aconteceu, aconteceu, muito bem, fomos para a cama. Mas agora acabou. Que chatice."

SARA *(Caim)*: Esposa de abraão. De idade bastante avançada, não podia dar um herdeiro ao seu esposo. Boa anfitriã, serve boa comida aos hóspedes de abraão. Quando um desses hóspedes anuncia que no próximo ano ela e o marido terão um filho – isaac –, não consegue compreender o que é dito, mas, ao pensar em tal possibilidade, sorri.

SARA *(História do Cerco de Lisboa)*: Telefonista da editora, foi casada e enviuvou. Tem o cabelo louro. Fornece a Raimundo Silva o número do telefone de Maria Sara. Seu nome é apenas Sara, mas ela se sente feliz por ter parte do nome de sua chefe, Maria Sara.

SARA CONCEIÇÃO *(Levantado do Chão)*: Pertencente à primeira geração: ao *tempo de silêncio*. Entregou-se solteira, em

dicionario Personagens Jose Sar291 291 09.01.12 12:15:00

meio aos trigais, a Domingos Mau-Tempo, que veio a ser seu esposo. Mãe de João Mau-Tempo, Anselmo, Maria da Conceição e Domingos. Era teimosa, sofredora, inocente, calada. Enquanto seu esposo bebia, ela era obrigada a ficar no lado de fora da taberna. Apanhava do esposo e era oprimida pelo mundo masculino. Perdoou seu esposo muitas vezes, mas por fim foi embora para casa de seus pais. Depois da morte do marido por enforcamento, ela foi morar com o irmão, Joaquim Carranca, viúvo e com três filhos para criar. Assim, os filhos de Sara passariam a ter um pai e os de Joaquim, uma mãe para criá-los. Com o passar do tempo, Sara passou a sonhar com o marido que morrera enforcado. Via claramente o vinco da corda no pescoço do marido e, desde então, ela ficou atormentada com a idéia de que esfregando um pano com vinho tiraria a marca da corda. Obcecada pela idéia ficou louca. E, assim, morreu no hospital, rodeada pelo riso das enfermeiras que não entendiam o pedido de uma garrafa de vinho para ela fazer um serviço. Mesmo atravessando uma vida de privações, era pessoa conformada.

"Sou a escrava do senhor, faça-se em mim a sua vontade, e feita está, homem, eis-me grávida, pejada, prenhe, vou ter um filho, vais ser pai, não tive sinais."

SARGENTO DOS COURACEIROS *(A Viagem do Elefante)*: Como o sargento português, é o interlocutor entre o comandante e a tropa. Descrito pelo narrador como prestativo. É a ele que Fritz (o tratador do elefante) recorre quando quer saber novidades sobre os percursos da viagem até Viena.

SARGENTO PORTUGUÊS *(A Viagem do Elefante)*: Braço direito do comandante português, de quem recebe várias tarefas ao longo da narrativa. É o porta-voz do comandante. Por vezes age como interlocutor em situações críticas, principalmente na querela com os austríacos em Castelo Rodrigo.

"Sim, meu comandante."

SEBASTIÃO *(Que Farei com este Livro?)*: El-Rei de Portugal, jovem monarca de apenas dezesseis anos. Gosta de caçar e

dicionario Personagens Jose Sar292 292 09.01.12 12:15:00

montar, é robusto de corpo e louro, é corajoso, só tem medo do casamento, reza mais do que convém a um jovem. Sua presença na peça se restringe a uma passagem no quinto quadro do primeiro ato, sem direito sequer a uma fala, o que de certa forma condiz com a condição de um monarca manipulado sem vontade própria por causa da pouca idade. Arrenegava a governança, arredio a namoros, prefere as caçadas e as lides de guerra.

SECRETÁRIO *(A Viagem do Elefante)*: Tratado como secretário, secretário geral ou ainda secretário de estado.

SECRETÁRIO *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Rapaz vivo e obediente que gosta de se mostrar prestativo. Está sempre à disposição dos demais para registrar os fatos ocorridos. Suas principais características são a rapidez de raciocínio, o desembaraço, a praticidade.

SENHORA DO RÉS-DO-CHÃO DIREITO *(Todos os Nomes)*: Com mais de setenta anos, ainda mantém os olhos vivos, a boca delgada, toda a sabedoria que a experiência lhe trouxe e a solidão que a velhice carrega. Quando o Sr. José visitou a casa onde a mulher desconhecida nascera, encontrou lá uma jovem com um filho recém-nascido e um marido ciumento e autoritário. Essa jovem informou a José que a senhora do rés-do-chão direito poderia lhe ajudar. Apesar de José lhe mostrar uma falsa credencial, a mulher do rés-do-chão direito reluta em dar as informações, o que faz com que se inicie um debate de argumentações e contra-argumentações. É madrinha de batismo da mulher desconhecida e teve um romance com o seu compadre, isto é, com o pai da mulher desconhecida, o que fez com que as suas relações com a família fossem cortadas. Ao fim da primeira conversa com José, dá a ele uma idéia que o desconcerta: procurar na lista telefônica. Deixa o convite para José retornar mais vezes, pois uma chávena de café sempre o estaria esperando. Ela soube da morte da afilhada através de José na sua segunda visita (no espaço entre as duas visitas ela entra em contato com a mulher desconhecida através do telefone, mas não fica sabendo da sua morte); nessa mesma visita, José conta o que tem feito e ela o

dicionario Personagens Jose Sar293 293 09.01.12 12:15:01

aconselha a continuar mesmo depois da morte da mulher desconhecida. Na terceira visita, José não encontra a mulher do rés-do-chão direito e soube pela mulher do rés-do-chão esquerdo que ela fora levada de ambulância para o hospital. Ele sente vontade de ir visitá-la, mas se José quiser saber se ela está viva ou morta, basta verificar os arquivos da Conservatória.

"Só a partir dos setenta é que se tornará sábio, mas então de nada lhe vai servir, nem a si nem a ninguém."

SENSO COMUM *(O Homem Duplicado)*: É o ativo bom senso de Tertuliano, a sensatez que aparece na tentativa de impedi-lo de cometer atos que teriam conseqüências mais graves. O senso comum faz sete aparições para Tertuliano nas quais travam diálogos interessantes, porém todos eles silenciosos, já que o senso comum faz parte da consciência de Tertuliano, uma espécie de seu outro duplo, um duplo em terceiro grau, ou seja, existe entre ambos uma relação binômia de: racional versus irracional, dúvida versus certeza. E é o senso comum quem faz com que Tertuliano retorne ao mundo real quando está a delirar a respeito da existência do outro. Ele age como um adversário da sua própria consciência, uma vez que Tertuliano já é um duplicado de António Claro (seu sósia). Em certos momentos, encarna a função de *adivinho* – quase como Cassandra – dando algumas dicas ao duplicado do que está por vir, embora ele nem tome conhecimento dessa sutil *vidência* do senso comum, que sempre demonstra cautela frente às atitudes de Tertuliano:

"[...] o papel do senso comum na história da vossa espécie nunca foi além de aconselhar cautela e caldos de galinha, principalmente nos casos em que a estupidez já tomou a palavra e ameaça tomar as rédeas da acção."

SERVENTE *(Que Farei com este Livro?)*: Trabalhava para António Gonçalves em sua tipografia.

SIGISBERTO *(Levantado do Chão)*: Os bertos eram brancos, donos dos latifúndios, e faziam parte da chamada trindade (LEI = latifúndio, Estado, igreja). Mantinham a estrutura medieval em Portugal. Representam a

dicionario Personagens Jose Sar294 294 09.01.12 12:15:01

hipocrisia e a injustiça, já que oprimiam e escravizavam todos os trabalhadores. Sigisberto tinha como princípio oprimir o povo trabalhador. A grande e decisiva arma era a ignorância desse povo: eles não saibam ler, escrever, contar e nem pensar – então, que aceitassem que o mundo não poderia ser mudado e que só depois de morrer encontrariam o paraíso. Ele pregava que só o trabalho pode dar dignidade e dinheiro. Porém, ele ganhava mais porque era dono das terras e, na hora de pagar os impostos não ia pedir dinheiro aos trabalhadores. O dinheiro dos impostos saía do seu próprio bolso.

"[...] eu que sou a terra, eles que o trabalho são, o que for bom para mim, bem para eles é, foi Deus que quis assim as coisas [...]."

SIGISMUNDO CANASTRO *(Levantado do Chão)*: Trabalhador, grevista, amigo de Manuel Espada e João Mau-Tempo, era casado com Joana Canastro. Malicioso, alegre e cumpridor de suas obrigações como trabalhador do latifúndio. Ele e os amigos Manuel Espada e João Mau-Tempo são os principais cabeças da greve contra a opressão dos donos do latifúndio, sendo ele o mais calmo dos três. É dele a decisão de ir a Montemor, com os companheiros, para engrossarem o número de trabalhadores grevistas que reclamam pelo pão dos seus filhos e dos pais que os devem criar.

"[...] o diabo não existe, não faz contratos, isso de jurar e prometer é falar vão, o que o trabalho não consegue, nada consegue [...]."

SIMÃO *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Um dos doze discípulos de Jesus, que se converte logo após o milagre da transformação dos pássaros de barro em pássaros verdadeiros. Segundo o sangrento dicionário de mortes elaborado por Deus, acabará a vida sendo cerrado ao meio. Como todos os outros discípulos, anda descalço, usa cajado e um pesado e escuro manto sobre a túnica antiga.

SIMÃO *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Filho de Maria e José, irmão de Jesus.

dicionario Personagens Jose Sar295 295 09.01.12 12:15:02

SIMÃO DE CIRENE *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Ajudou, forçadamente, Jesus a transportar o patíbulo até o local da crucifixão e seguiu dali muito mais preocupado com o atraso para realizar um negócio do que com a vida daquele que ia ser crucificado.

SIMÃO, O PEDRO *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Pescador, irmão de André, tem aproximadamente trinta anos. Conhece Jesus no mar de Genesaré e se tornam amigos. Junto com seu irmão, riem de Jesus pela sua inexperiência com o mar e com os peixes. Assiste perplexo Jesus lançar a rede três vezes ao mar e nas três vezes a rede voltar completamente cheia. Simão, o Pedro fica sabendo que os demônios tinham proclamado que Jesus era Filho de Deus. Quando Jesus retorna do mar, ele é o primeiro a anunciar que Jesus é Filho de Deus. Jesus testifica e afirma que Simão e os demais discípulos o conheceram e creram nele antes de todos. Não entende muito bem as palavras enigmáticas de Jesus. Quando Judas de Iscariote e Tomé relatam a Jesus o impressionante encontro que tiveram com João Batista e as terríveis palavras de João, o profeta, Simão pergunta: *"És tu o Messias que João veio anunciar."* Quando Jesus é preso, Pedro o nega três vezes. Porém, quando Jesus, acuado pelas perguntas estratégicas de Judas de Iscariote, assume que é o Messias e começa a revelar o futuro de todos, inclusive o de Pedro, este pergunta e aconselha ao mesmo tempo:

"[...] por que temos nós de saber o que te foi transmitido por Deus, melhor seria que te calasses."

SIMEÃO *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Ancião que acompanhava José na viagem para o recenseamento. Crê ser um homem sábio devido a sua autoridade e idade. Propõe a José uma questão intrigante: como deveria recensear-se Maria, que tinha um filho dentro de si. Nessa discussão, Simeão é vencido várias vezes por José que, a despeito do preconceito do narrador, é capaz de levar o seu interlocutor ao desespero, com sua perfeita argumentação. É um patriarca arrogante e orgulhoso que perde a disputa verbal para José.

dicionario Personagens Jose Sar296 296 09.01.12 12:15:02

"Porventura terá Deus quebrado o selo do teu nascimento antes do tempo e ainda não devesses estar no mundo"

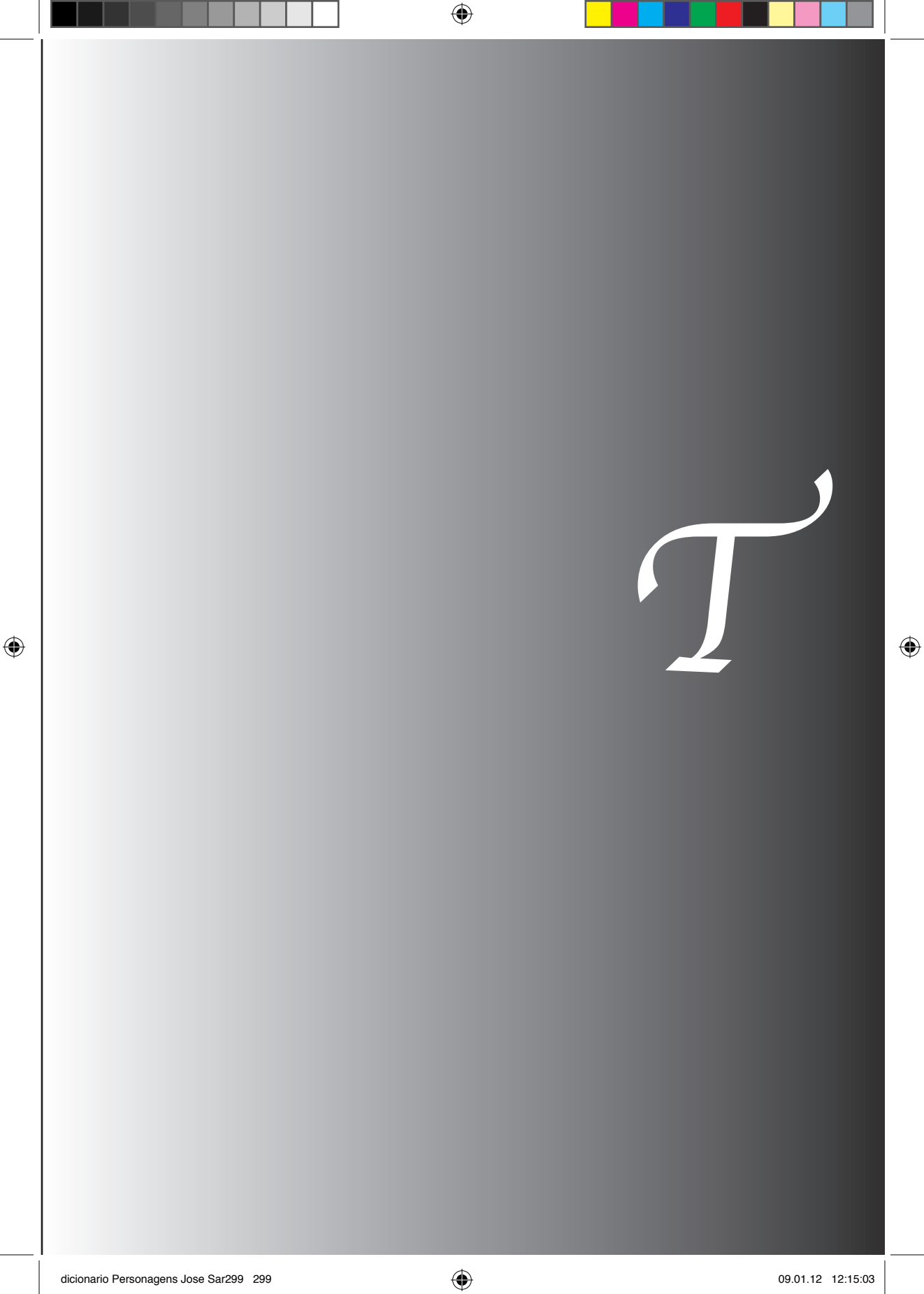
SÍNDICO DE MÜNSTER *(In Nomine Dei)*: Espécie de líder político católico que chefia um grupo de conselheiros eleitos pelo povo. É um homem sensato que aparece apenas durante o conturbado período em que transitam de um governo para outro. Posteriormente, assume este cargo outro personagem: Von Der Wieck.

SOLIMÃO *(A Viagem do Elefante)*: Nome pelo qual o secretário do rei Dom João III, Pêro de Alcáçova Carneiro, resolve chamar o elefante Salomão já no início da narrativa. Após ser recebido pelo arquiduque Maximiliano mantém o nome de Solimão. Conforme o secretário de Dom João III, este é o nome de um grande sultão otomano.

SUBHRO *(A Viagem do Elefante)*: Nome original do cornaca que era o tratador do elefante Salomão. Em bengali, uma das línguas da Índia, significa *branco*.

"Não o escolhi, foi o nome que me deram, meu senhor."

dicionario Personagens Jose Sar297 297 09.01.12 12:15:02



TERESA *(Terra do Pecado)*: Teresa é criada da quinta, braço direito de Benedita nos afazeres da casa. Sente-se lisonjeada quando lhe é permitido servir a ama, Maria Leonor, no quarto pela primeira vez. Até então, cuidar da patroa na sua intimidade era tarefa que cabia apenas a Benedita. Teresa, de olhos negros, namora um trabalhador da fazenda, com quem se encontra à noite no palheiro, território onde, veladamente, o sexo é permitido. Esses encontros noturnos provocam em Leonor a tomada de consciência de sua sexualidade.

TERTULIANO MÁXIMO AFONSO *(O Homem Duplicado)*: Professor de História de um estabelecimento de ensino secundário. O conjunto de suas feições é harmonioso, se tivesse talento para a representação poderia ser um galã. Vive sozinho há seis anos desde que se divorciou da mulher. Seu nome é o espelho de sua vida. Ter esse nome já é uma desgraça, portanto ele é vítima de seu nome e da vida. Revela-se uma pessoa descontente consigo mesma e com o mundo a seu redor, é depressivo e sente-se aborrecido no seu dia-a-dia. Mantém, quase por obrigação, um relacionamento com Maria da Paz. Mas sua vida monótona é rapidamente alterada quando ele descobre que existe um outro ser igual a ele, com as mesmas características físicas, o mesmo rosto, as mesmas cicatrizes – enfim, sua imagem duplicada. A partir desse fato, inexplicável cientificamente, ele inicia uma busca pelo seu outro eu, seu duplicado, e passa a fazer pequenas transgressões como, por exemplo, usar o nome e endereço de Maria da Paz para escrever uma carta para a produtora cinematográfica (o outro é um ator de cinema secundário) com o consentimento dela, porém sem lhe contar o verdadeiro motivo desse mascaramento. Depois de longa peregrinação, Tertuliano descobre inicialmente que seu sósia se chama Daniel de Santa-Clara, nome que mais tarde será reconhecido como sendo apenas um pseudônimo de ator, cujo nome verdadeiro é António Claro. No primeiro encontro dos dois, é revelado que Tertuliano é o duplicado por ter nascido trinta e um minutos depois de António Claro, e isso o deixa muito contrariado. Como uma espécie de provocação de que não se esconderia de ninguém, Tertuliano envia para

dicionario Personagens Jose Sar301 301 09.01.12 12:15:03

o outro a barba postiça que havia comprado para seu disfarce. A partir desse momento, António Claro cria um sentimento de vingança pelo duplicado, pois acredita que Tertuliano enviou o disfarce para afrontá-lo. O professor, ao ser ameaçado por António Claro, por covardia aceita que o ator se passe por ele e leve Maria da Paz para uma noite no sítio. Por vingança, apesar de sentir-se indeciso e inseguro, Tertuliano toma o lugar de António Claro e passa por António, marido de Helena, fazendo amor com ela. Como António Claro havia usurpado a identidade de Tertuliano, mais tarde, o verdadeiro Tertuliano telefona para Carolina, sua mãe, e a avisa de que está vivo. Ele também conta para Helena toda a verdade e aceita o pedido dela para viverem juntos. Dessa maneira, ele assume a identidade de António Claro. Tertuliano não dá ouvidos ao senso comum, que o abandona assim que ele entra na casa de Helena fazendo-se passar pelo marido dela. Tertuliano Máximo Afonso perde sua identidade, só lhe restando começar uma vida nova a partir da continuação da vida de António Claro.

"Ao contrário do que julga o senso comum, as coisas da vontade nunca são simples, o que é simples é a indecisão, a incerteza, a irresolução."

TIAGO *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Filho de Alfeu. Um dos doze discípulos de Jesus, que se converte logo após o milagre da transformação dos pássaros de barro em pássaros verdadeiros. Segundo o sangrento dicionário de mortes elaborado por Deus, acabará a vida sendo dilapidado.

"Perderam-se uns porcos, salvou-se uma alma, o ganho é de Deus..."

TIAGO *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Filho de José e Maria, irmão de Jesus. Nas respostas aos diálogos com Jesus, Tiago confirma o péssimo relacionamento de Jesus e sua família: *"Quem te fez pastor, perdeu-te [...]"* e *"O sol do deserto fez-te mal à cabeça [...]"* e finalmente: *"Estás louco, irmão."* É enviado por Maria, juntamente com seu irmão José, para levar um recado inapropriado para

dicionario Personagens Jose Sar302 302 09.01.12 12:15:04

Jesus. Depois do recado a situação fica mais tensa entre ele e Jesus. Tiago fica assombrado com as notícias que recebera sobre Jesus antes de encontrá-lo, mas isso não o convence a mudar o recado enviado por Maria. Quando encontra Jesus com Madalena, não esconde seu rancor, sua inveja por seu irmão Jesus já conhecer mulher, e demonstra cobiça por Maria de Magdala.

"Ofendes o Senhor, o Senhor fez uma aliança com seu povo, não a ia fazer agora com um simples homem como tu, filho de carpinteiro, pastor e sabe-se lá que mais."

TIAGO *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Pescador de Genesaré, amigo de Simão e André. É filho de Zebedeu e irmão de João. Impressiona-se com os prodígios de Jesus, quando Jesus faz com que a pesca seja abundante e quando acalma a tempestade. Disse que estará com Jesus até onde puder, ao contrário dos outros discípulos que afirmam que irão com Jesus até o fim. Está presente no episódio da expulsão dos demônios do gadareno e aconselha a Jesus para que fujam das pedradas.

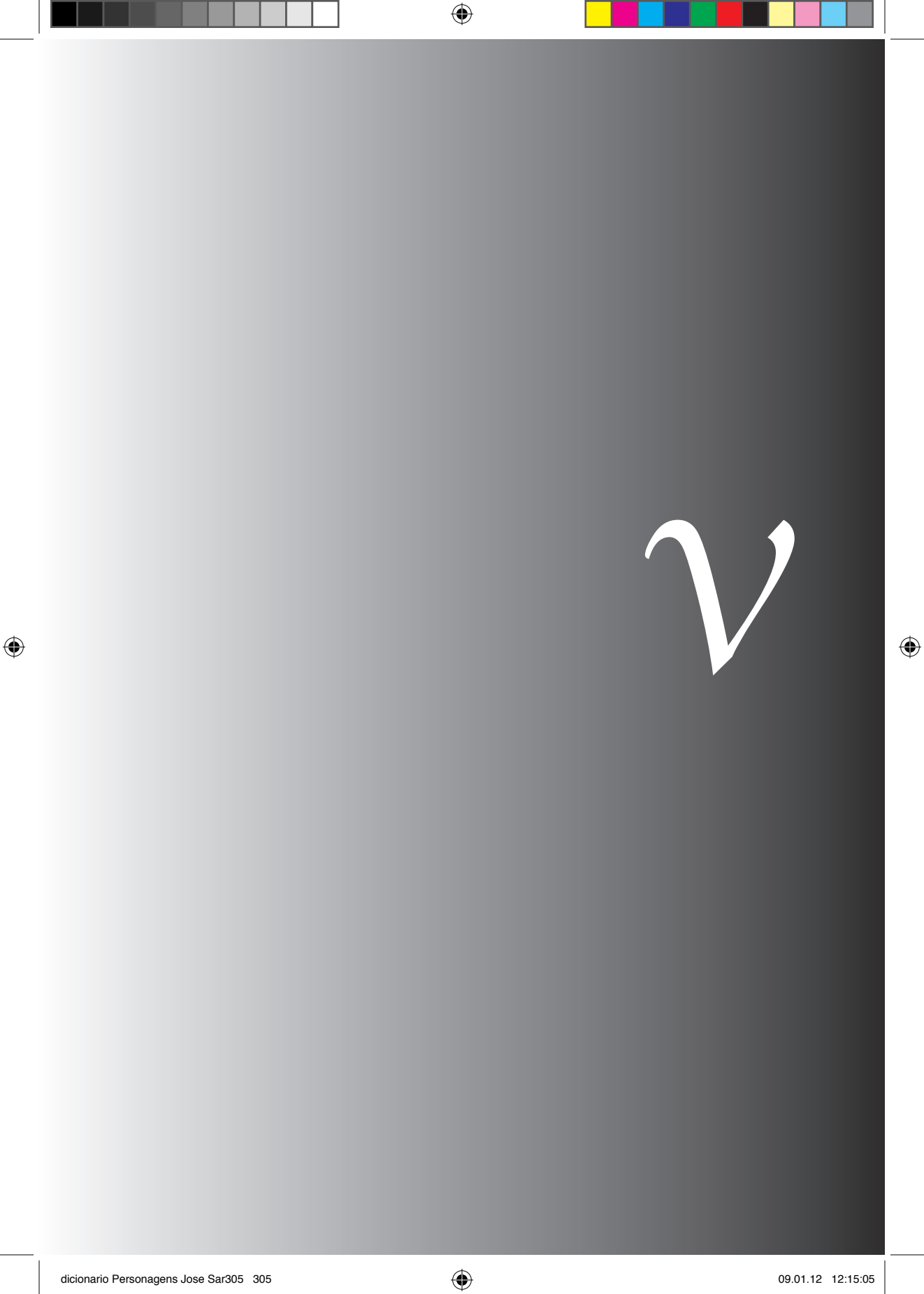
TOMARCTUS *(O Homem Duplicado)*: Cachorro da casa da mãe de Tertuliano, de tamanho médio, sendo todo ele um borrão negro. Foi o duplicado (Tertuliano) que lhe deu esse nome estranho – nome de um canídeo que se diz ter vivido há quinze milhões de anos e, segundo pesquisas dos paleontólogos, é o fóssil Adão desses animais de quatro patas. Durante a visita que Tertuliano faz a sua mãe, Tormarctus vagueia à noite entre o quarto desse dono e a casa para verificar se tudo está em ordem. No entanto, mesmo aparecendo como uma figura da qual até se esquece depois de algum tempo, é de Tomarctus a solução remediadora que Tertuliano utiliza para provar a sua mãe que está vivo. Quando Tertuliano telefona para ela para dizer que não morreu (e sim seu sósia, António Claro, que tomara sua identidade), deixa o endereço do hotel, o nome pelo qual ela deve chamá-lo e diz que o nome do cachorro é Tomarctus. Assim Carolina saberia que diante dela estaria seu filho, sem necessitar do auxílio do instinto materno nem de provas científicas como o DNA: o simples nome do cão serviria como uma espécie de *password.*

dicionario Personagens Jose Sar303 303 09.01.12 12:15:04

TOMÉ *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Retratado pelo narrador como céptico e renitente. Logo após Jesus retornar da tentação da barca, e após Simão anunciar que Jesus é o Filho de Deus, surge na multidão uma voz duvidosa. É Tomé, que provoca Jesus para que lhe dê uma prova, a quem Jesus responde que seu pedido será atendido. Jesus chama Tomé para a borda da água e, com lama e barro, faz uns pássaros com as mãos. Diante de Tomé, ele pacientemente molda todas as partes de doze pássaros e começa a nomeá-los por Simão, Tiago, André, João e, por último, Tomé. Depois lançou uma rede para que os pássaros de barro não fugissem. Tomé, o incrédulo, duvida que se a rede fosse levantada, os pássaros de barro fugiriam. Jesus então compara os pássaros com Adão, que também foi feito de barro; mas de nada adianta. Tomé, incrédulo, está convencido de que os pássaros não voarão, por isso levanta a rede, e eles, chilreando, dão voltas sobre a multidão. Nesse momento Jesus afirma que o pássaro Tomé foi embora, ao que Tome responde: *"Não, Senhor, está aqui ajoelhado aos teus pés, sou eu."* É batizado às margens do Jordão pelo profeta João.

"Dá-nos uma prova de que és Filho de Deus e eu seguir-te-ei."

dicionario Personagens Jose Sar304 304 09.01.12 12:15:04



VASCO DA GAMA *(Que Farei com este Livro?)*: É o terceiro Conde de Vidigueira, tem o mesmo nome do avô e é soberbo. Mais uma personagem que sumariamente vira as costas para Camões.

"Ficai com a glória do vosso bem falar e bem escrever, que a casa de Vidigueira não precisa de quem lhe cante as glórias, ou pagará a encomenda que fizer para lhas cantarem."

VELHO *(Caim)*: Velho que traz sempre duas cabras presas por um baraço. Encontra-se, pela primeira vez, com caim quando este entra nas terras de nod. É o primeiro a perguntar sobre a mancha na testa de caim. Trava difíceis conversações, nunca deixando claro quem é, de onde veio ou o que faz, além de impedir que as cabras comam a corda que as prende.

"Ver-me-ás até ao fim dos teus dias."

VELHO DA VENDA PRETA *(Ensaio sobre a Cegueira)*: Homem de idade, meio calvo, de cabelos brancos, que traz uma venda preta num dos olhos tapando uma ausência e uma catarata no único olho que lhe restava. Tem os pés mais para o grande do que para o pequeno e não tem família. É uma pessoa muito sábia e prevenida e levou para o manicômio um radinho de pilha para ficar a par do que estaria acontecendo lá fora. Sensato e firme em suas opiniões. Sempre se considerou velho e achava que a rapariga dos óculos escuros não poderia amá-lo por isso. É respeitado, de bom gênio e tem a voz da experiência, não precisando ver para saber muitas coisas. Sente que foi a mulher do médico que matou o chefe dos malvados e não a deixa se entregar como culpada. Protege a mulher do médico pelo seu ato de coragem, que nem ele nem nenhum outro homem foi capaz de praticar.

"[...] a voz é a vista de quem não vê."

VELHO DA VENDA PRETA *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Usava uma venda preta no olho, enxergava com um olho só, porém, era muito observador, desconfiado e corajoso. Sabia dos

dicionario Personagens Jose Sar307 307 09.01.12 12:15:05

seus direitos e, caso a polícia voltasse a incomodar ele e sua mulher, a rapariga dos óculos escuros, com o assunto do assassinato do cego violador durante a primeira epidemia de cegueira, recorreria ao advogado. Passou a ser chamado de *peixe-lobo* pelo ministro do interior.

VELHO LABREGO *(A Viagem do Elefante)*: Morador que o comandante português encontra na primeira aldeia a que chega na viagem de Lisboa a Valladolid. Parece conhecer algo do mar. O velho labrego conduz o comandante até o *palácio* onde se encontra o feitor e tem com este um início de negociação sobre a concessão dos bois para ajudar a carregar a dorna de água do elefante durante a viagem; num segundo momento é o comandante quem conversa com o feitor e acaba por convencê-lo a emprestar dois bois.

VIEGAS *(Terra do Pecado)*: Homem forte, de cabelos e bigode grisalhos, é míope e usa óculos de aros de tartaruga; fuma cachimbo. O médico é viúvo, bonachão, espirituoso, brincalhão, racional, ateu, é contra a moralidade cristã, não aceita a existência de outra vida. Nos diálogo entre Viegas e Maria Leonor e nos conselhos dados a ela, percebemos todo seu racionalismo, equilíbrio e humanismo: preocupa-se apenas com a vida na terra em detrimento da vida futura e não execra Leonor, nem considera pecado a relação sexual dela com o cunhado (António), pois sabe que os problemas, os conflitos morais de sua cliente advêm dos conceitos cristãos que ela traz consigo. Possui um método socrático de discussão, conduz a conversa com habilidade, chega sempre ao clímax do seu raciocínio e leva seu interlocutor para o ponto em que quer. Viegas é uma personagem com pendor filosófico. Para ele os seres humanos vivem pouco, são de fragilidade espantosa, podem ser destruídos a qualquer momento e por qualquer causa, ao contrário das rochas e montanhas que sobrevivem milhares de anos. Para esse humanista a única saída está no homem – só o homem poderá salvar o próprio homem, dominando o universo e achando novas formas de vida. O médico narra sua vida, sua infância, afirma que sua primeira dúvida acerca da divindade ocorre após sua formatura em Medicina.

dicionario Personagens Jose Sar308 308 09.01.12 12:15:05

Ele desde cedo se considerava ateu, fecha o ciclo de sua vida ao se formar em medicina e presenciar o sofrimento humano exposto diante de si e o pior e maior de todos os mistérios: a morte. Crê que só o homem das cavernas era feliz porque não conhecia o cristianismo. Sem o fardo do cristianismo era tudo mais fácil, a natureza era a lei. A personagem parece ser um alter ego do autor, também ele ateu declarado em diversas entrevistas. Por causa dos muitos encontros com Leonor, desses idílios, das muitas confissões entre os dois, ocorre uma aproximação inevitável, e médico e paciente acabam mantendo relações sexuais na cama do falecido marido de Leonor. Um envolvimento ocorre e Viegas, que sempre fora carinhoso com Leonor, a pede casamento, talvez para livrá-la da criada Benedita que patrulha todos os seus movimentos e troca com sua patroa olhares silenciosos e carregados de ódio. No final do romance, o Dr. Viegas sofre um acidente e o narrador termina o texto com reticências, induzindo o leitor a creditar essa morte a Benedita, que assim mantém a ordem, a moral e os bons costumes na quinta, exterminando aquele que ameaçava tudo isso: um ateu.

"No fundo, é apenas isto: o cessar de uma existência, o apagar duma lâmpada. [...] é isto a vida e é isto a morte."

VIOLONCELISTA *(As Intermitências da Morte)*: Homem com idade em torno dos cinqüenta anos, calvo, e dono de um cão que lhe afugenta a solidão completa. Com uma rotina raramente abalada, o violoncelista passa seus momentos de folga da orquestra passeando com seu cão. A grande maioria dos acontecimentos passa ao largo de seu conhecimento, como se estivesse vivendo quase por acidente, mais do que lhe fora designado. Acaba por seduzir, ainda que involuntariamente, a morte, e mantém um contato íntimo com ela.

"É doida, doida, doida, a única vez na vida que alguém me vai esperará saída para dizer que toquei bem, sai-me uma mentecapta, e eu, como um néscio, a perguntar-lhe se não a tornarei a ver, a meter-me em trabalhos por meu próprio pé, há defeitos que ainda podem ter algo de respeitável,

dicionario Personagens Jose Sar309 309 09.01.12 12:15:06

pelo menos digno de atenção, mas a fatuidade é ridícula, a enfatuação é ridícula, e eu fui ridículo...”

VITOR *(O Ano da Morte de Ricardo Reis)*: Trabalha na Polícia de Vigilância e Defesa do Estado e é encarregado de vigiar Ricardo Reis. Cheira a cebola. Amigo de Salvador, o qual solicitou que Reis fosse intimado.

VOGAL *(Ensaio sobre a Lucidez)*: Empregado vaidoso e obediente. Como é muito ambicioso, quer subir na vida a qualquer preço e não se importa de ser usado descaradamente. Como sua intenção é sempre agradar ao presidente da mesa da assembléia eleitoral, serve de capacho a ele.

VON DER WIECK *(In Nomine Dei)*: Síndico eleito de Münster após a queda do síndico católico. Seu conselho é de maioria protestante. Parece não ser muito fanático e obediente, desagradando aos anabaptistas Knipperdolinck e Rothmann. Em determinado momento, oferece certa resistência ao movimento reformista, entretanto sua figura não chega a representar uma ameaça efetiva ao movimento.

dicionario Personagens Jose Sar310 310 09.01.12 12:15:06

Z

ZAQUIAS *(O Evangelho Segundo Jesus Cristo)*: Um dos três anciões da Sinagoga que, a pedido de José, visitam e interrogam Maria sobre a misteriosa visita (pedinte/mendigo/anjo) que ela tinha recebido. Possui barbas e veste túnicas e é dele a sugestão para que se cave um buraco e que se enterre no quintal a tigela com a terra enigmática que brilha e que tanto atormenta José.

"[...] um bem, mesmo enterrado, não se perde, e um mal terá menos poder longe da vista."

ZELOMI *(O Evangelho segundo Jesus Cristo)*: Escrava que ajudou no nascimento de Jesus e que o reencontra, quando ele tem treze anos e vai a Belém em busca do seu passado. Tem um tenso diálogo com Jesus.

"[...] o homem só é livre para poder ser castigado."

ZERLINA *(Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido)*: Noiva de Masetto, foi assediada por Don Giovanni sem, contudo, ceder. Zerlina representa a absolvição de Don Giovanni, assim como Dona Ana e Dona Elvira representam sua condenação. Quando descobre que não existe mais o mito Don Giovanni, procura-o e mostra-lhe que em suas seduções ele também era seduzido, e que apesar de ele não ser mais o mito Don Giovanni, sendo agora um simples homem, ainda resta-lhe o sincero amor de Zerlina.

"Não vim para me rir de ti. Vim porque havias sido humilhado, vim porque estavas só, vim porque Don Giovanni se tinha tornado de repente num pobre homem a quem haviam roubado a vida e em cujo coração não restaria senão a amargura de ter tido e não ter mais."

dicionario Personagens Jose Sar313 313 09.01.12 12:15:07

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

- por ordem alfabética -

A Bagagem do Viajante (crônicas). Lisboa, 1973.

A Caverna (romance). Lisboa: Caminho, 2000.

A Estátua e a Pedra (discurso). Alessandria: Dell'Orso, 1998.

A Jangada de Pedra (romance). Lisboa: Caminho, 1986.

A Maior Flor do Mundo (conto infantil). Lisboa: Caminho, 2001.

A Noite (teatro). Lisboa: Caminho, 1979.

A Segunda Vida de Francisco de Assis (teatro). Lisboa: Caminho, 1987.

A Viagem do Elefante (romance). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

As Intermitências da Morte (romance). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

As Opiniões que o DL teve (crônicas). Lisboa: Seara Nova, 1974.

As Pequenas Memórias (autobiografia). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Cadernos de Lanzarote I (diário). Lisboa: Caminho, 1994.

Cadernos de Lanzarote II (diário). Lisboa: Caminho, 1995.

Cadernos de Lanzarote III (diário). Lisboa: Caminho, 1996.

Cadernos de Lanzarote IV (diário). Lisboa: Caminho, 1997.

Cadernos de Lanzarote V (diário). Lisboa: Caminho, 1998.

Caim (romance). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

dicionario Personagens Jose Sar315 315 09.01.12 12:15:07

Canto ao romance, romance ao canto (crítica). In: "Vértice". II Série, n. 21. Lisboa, dez.1989.

De como a Personagem foi Mestre e o Autor seu Aprendiz (discurso). Lisboa: Caminho, 1999.

Deste Mundo e do Outro (crônicas). Lisboa: Arcádia, 1985.

Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido (teatro). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Ensaio sobre a Cegueira (romance). Lisboa: Caminho, 1995.

Ensaio sobre a Lucidez (romance). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Folhas Políticas (1976-1998) (ensaios). Lisboa: Caminho, 1999.

História do Cerco de Lisboa (romance). Lisboa: Caminho, 1989.

In Nomine Dei (teatro). Lisboa: Caminho, 1993.

Levantado do Chão (romance). Lisboa: Caminho, 1980.

Manual de Pintura e Caligrafia (romance). Lisboa: Moraes Ed., 1976.

Memorial do Convento (romance). Lisboa: Caminho, 1982.

Moby Dick em Lisboa (crônicas). Lisboa: Caminho, 1996.

O Ano da Morte de Ricardo Reis (romance). Lisboa: Caminho, 1984.

O Ano de 1993 (prosa-poética). Lisboa: Futura, 1975.

O Caderno (textos para blog). Lisboa: Fundação José Saramago; Caminho, 2009.

O Conto da Ilha Desconhecida (conto). Lisboa: Caminho, 1997.

O Evangelho Segundo Jesus Cristo (romance). Lisboa: Caminho, 1991.

dicionario Personagens Jose Sar316 316 09.01.12 12:15:08

O Homem Duplicado (romance). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Objecto Quase (contos). Lisboa: Moraes Ed., 1978.

Os Apontamentos (crônicas). Lisboa: Seara Nova, 1976.

Os Poemas Possíveis (poesia). Lisboa: Portugália, 1966.

Poética dos Cinco Sentidos (contos). Lisboa: Bertrand, 1979.

Provavelmente Alegria (poesia). Lisboa: Livros Horizonte, 1970.

Que Farei com este Livro? (teatro). Lisboa: Caminho, 1980.

Terra do Pecado (romance). Lisboa: Minerva, 1947.

Todos os Nomes (romance). Lisboa: Caminho, 1997.

Viagem a Portugal (viagens). Lisboa: Círculo de Leitores 1981.

dicionario Personagens Jose Sar317 317 09.01.12 12:15:08

- por ordem cronológica -

Terra do Pecado (romance). Lisboa: Minerva, 1947.

Os Poemas Possíveis (poesia). Lisboa: Portugália, 1966.

Provavelmente Alegria (poesia). Lisboa: Livros Horizonte, 1970.

A Bagagem do Viajante (crônicas). Lisboa, 1973.

As Opiniões que o DL teve (crônicas). Lisboa: Seara Nova, 1974.

O Ano de 1993 (prosa-poética). Lisboa: Futura, 1975.

Manual de Pintura e Caligrafia (romance). Lisboa: Moraes Ed., 1976.

Os Apontamentos (crônicas). Lisboa: Seara Nova, 1976.

Objecto Quase (contos). Lisboa: Moraes Ed., 1978.

A Noite (teatro). Lisboa: Caminho, 1979.

Poética dos Cinco Sentidos (contos). Lisboa: Bertrand, 1979.

Levantado do Chão (romance). Lisboa: Caminho, 1980.

Que Farei com este Livro? (teatro). Lisboa: Caminho, 1980.

Viagem a Portugal (viagens). Lisboa: Círculo de Leitores 1981.

Memorial do Convento (romance). Lisboa: Caminho, 1982.

O Ano da Morte de Ricardo Reis (romance). Lisboa: Caminho, 1984.

Deste Mundo e do Outro (crônicas). Lisboa: Arcádia, 1985.

A Jangada de Pedra (romance). Lisboa: Caminho, 1986.

A Segunda Vida de Francisco de Assis (teatro). Lisboa: Caminho, 1987.

dicionario Personagens Jose Sar319 319 09.01.12 12:15:09

Canto ao romance, romance ao canto (crítica). In: "Vértice". II Série, n. 21. Lisboa, dez.1989.

História do Cerco de Lisboa (romance). Lisboa: Caminho, 1989.

O Evangelho Segundo Jesus Cristo (romance). Lisboa: Caminho, 1991.

In Nomine Dei (teatro). Lisboa: Caminho, 1993.

Cadernos de Lanzarote I (diário). Lisboa: Caminho, 1994.

Cadernos de Lanzarote II (diário). Lisboa: Caminho, 1995.

Ensaio sobre a Cegueira (romance). Lisboa: Caminho, 1995.

Cadernos de Lanzarote III (diário). Lisboa: Caminho, 1996.

Moby Dick em Lisboa (crônicas). Lisboa: Caminho, 1996.

Cadernos de Lanzarote IV (diário). Lisboa: Caminho, 1997.

O Conto da Ilha Desconhecida (conto). Lisboa: Caminho, 1997.

Todos os Nomes (romance). Lisboa: Caminho, 1997.

A Estátua e a Pedra (discurso). Alessandria: Dell'Orso, 1998.

Cadernos de Lanzarote V (diário). Lisboa: Caminho, 1998.

De como a Personagem foi Mestre e o Autor seu Aprendiz (discurso). Lisboa: Caminho, 1999.

Folhas Políticas (1976-1998) (ensaios). Lisboa: Caminho, 1999.

A Caverna (romance). Lisboa: Caminho, 2000.

A Maior Flor do Mundo (conto infantil). Lisboa: Caminho, 2001.

O Homem Duplicado (romance). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

dicionario Personagens Jose Sar320 320 09.01.12 12:15:09

Ensaio sobre a Lucidez (romance). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

As Intermitências da Morte (romance). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido (teatro). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

As Pequenas Memórias (autobiografia). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

A Viagem do Elefante (romance). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Caim (romance). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

O Caderno (textos para blog). Lisboa: Fundação José Saramago; Caminho, 2009.

dicionario Personagens Jose Sar321 321 09.01.12 12:15:09

- por gêneros -

AUTOBIOGRAFIA As Pequenas Memórias	**CONTOS** O Conto da Ilha Desconhecida Objecto Quase Poética dos Cinco Sentidos
CRÍTICA Canto ao romance, romance ao canto	**CRÔNICAS** A Bagagem do Viajante As Opiniões que o DL teve Deste Mundo e do Outro Moby Dick em Lisboa Os Apontamentos
DIÁRIO Cadernos de Lanzarote I Cadernos de Lanzarote II Cadernos de Lanzarote III Cadernos de Lanzarote IV Cadernos de Lanzarote V	**DISCURSOS** A Estátua e a Pedra De como a Personagem foi Mestre e o Autor seu Aprendiz
ENSAIOS Folhas Políticas	**INFANTIL** A Maior Flor do Mundo
PEÇAS TEATRAIS A Noite A Segunda Vida de Francisco de Assis Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido In Nomine Dei Que Farei com este Livro?	**POESIA** Os Poemas Possíveis Provavelmente Alegria
PROSA POÉTICA O Ano de 1993	**ROMANCES** A Caverna A Jangada de Pedra A Viagem do Elefante As Intermitências da Morte Caim Ensaio sobre a Cegueira Ensaio sobre a Lucidez História do Cerco de Lisboa Levantado do Chão Manual de Pintura e Caligrafia Memorial do Convento O Ano da Morte de Ricardo Reis O Evangelho Segundo Jesus Cristo O Homem Duplicado Terra do Pecado Todos os Nomes
TEXTOS PARA BLOG O Caderno	**VIAGENS** Viagem a Portugal

dicionario Personagens Jose Sar323 323 09.01.12 12:15:10

- traduções -

AUDISIO, Gabriel. **A Vida de Harun AL-Rachid**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estúdios Cor, 1965.

BALIBAR, Étienne. **Sobre a Ditadura do Proletariado**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Moraes Ed., 1977.

BAUDELAIRE, Charles. **Os Paraísos Artificiais**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estampa, 1971.

BAUTISTA PINEIRO, Juan. **A Viagem Nua**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estampa, 1980.

BAYER, Raymond. **História da Estética**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estampa, 1979.

BERTAUX, Daniel. **Destinos Pessoais e Estrutura de Classe**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Moraes Ed., 1978.

BETI, Mongo. **Remember Ruben**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Caminho, 1983.

BONNARD, André. **Civilização Grega**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estúdios Cor, 1966.

CASSOU, Jean. **Panorama das Artes Plásticas Contemporâneas**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estúdios Cor, 1963.

CHASTENET, Jacques. **A Vida de Isabel I de Inglaterra**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estúdios Cor, 1959.

COLETTE, Sidonie G. **O Fim de Chéri**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estúdios Cor, 1960.

_____. **Gigi**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estúdios Cor, 1958.

_____. **Chéri**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estúdio Cor, 1960.

COLETTE. **Contos Polacos**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estampa, 1977.

dicionario Personagens Jose Sar325 325 09.01.12 12:15:11

_____. **A Crise do Estado**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Moraes Ed., 1978.

DIAZ PLAYA, Fernando. **História da Espanha**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Círculo de Leitores, 1979.

DUBY, Georges. **O Tempo das Catedrais**: a arte e a sociedade 980-1420. Trad. de José Saramago. Lisboa: 1983.

_____. **A Escola e a Sociedade**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estampa, 1977.

FOCILLON, Henri. **Arte do Ocidente**: a Idade Média românica e gótica. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estampa, 1980.

FREMONTIER, Jacques. **Portugal**: os pontos nos ii. Trad. de José Saramago. Lisboa: Moraes Ed., 1976.

GARNIER, Christine. **Uma Mulher em Berlim**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Europa-América, 1957.

GIBEAU, Yves. **A Meta**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Círculo de Leitores, 1972.

GVICHIANI, Germain. **O Sistema de Organização e Gestão Socialista**: análise crítica das teorias capitalistas de gestão. Trad. de José Saramago. Lisboa: Moraes Ed., 1977.

HIKMET, Nazim. **Os Românticos**: a vida é bela, meu velho... Trad. de José Saramago. Lisboa: Caminho, 1985.

HONORE, Serge. **Os Pais e a Escola**: uma colaboração necessária e difícil. Trad. de José Saramago. Lisboa: Moraes Ed., 1980.

JIVKOV, Todor. **O Partido Comunista na Sociedade Socialista**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estampa, 1979.

_____. **Trabalho e Economia, Progresso e Bem-Estar**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estampa, 1980.

_____. **A Unidade Popular na Luta pelo Socialismo**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estampa, 1976.

dicionario Personagens Jose Sar326 326 09.01.12 12:15:11

KIRST, Hans Hellmut. **Deus Dorme em Masúria**. Trad. de José Saramago, Lisboa: Europa-América, 1958.

_____. **08/15**: a guerra. Trad. de José Saramago. Lisboa: Europa-América, 1956.

LAGERKVIST, Par. **A Sibila**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estúdios Cor, 1959.

LAZUTKINE, E. **O Socialismo e a Riqueza**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estampa, 1976.

LONGUET, Robert-Jean. **No Coração da Europa...**: "primavera" ou "outono" de Praga. Lisboa: Agência de Imprensa Orbis, 1979.

MACCIO, Charles. **Para uma Educação da Liberdade**: as etapas do desenvolvimento da personalidade. Trad. de José Saramago. Lisboa: Moraes Ed., 1977.

MAUPASSANT, Guy de. **Mademoiselle Fifi**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estúdios Cor, 1965.

MOCH, Jules. **U. R. S. S.** Trad. de José Saramago. Lisboa: Europa-América, 1957.

O'FLAHERTY, Liam. **O Denunciante**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Europa-América, 1956.

OUSMANE, Sembène. **O Harmatão**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Caminho, 1983.

OYONO, Ferdinand. **O Velho Preto e a Medalha**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Caminho, 1979.

_____. **Uma Vida de Boy**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Caminho, 1981.

PALMIER, Jean Michel. **Lenine, a Arte e a Revolução**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Moraes Ed., 1976.

PIATON, Georges. **Educação e Socialização**: elementos de psicologia da educação. Trad. de José Saramago. Lisboa: Moraes Ed., 1979.

dicionario Personagens Jose Sar327 327 09.01.12 12:15:12

POULANTZAS, Nicos. **O Estado, o Poder, o Socialismo**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Moraes Ed., 1978.

POURTALES, Guy de. **A Vida de Linzt**. Trad. de José Saramago, Lisboa, Ed. Estudos Cor, 1959.

PRAMOV, Ivan. **A Agricultura Búlgara na Etapa Actual**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estampa, 1976.

REISS, Françoise. **A Vida de Nijinsky**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estúdios Cor, 1958.

REMARQUE, Erich-Maria. **A Centelha da Vida**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Europa-América, 1955.

RICHARD, Michel. **As Grandes Correntes do Pensamento Contemporâneo**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Moraes Ed., 1978.

_____. **A Psicologia e os seus Domínios**: de Freud a Lacan. Trad. de José Saramago. Lisboa: Moraes Ed., 1977.

ROUMAIN, Jacques. **Governadores do Orvalho**. Trad. de José Saramago. Venda Nova: Caminho, 1979.

ROY, Jules. **A Mulher Infiel**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estúdios Cor, 1959.

_____. **O Navegador**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estúdios Cor, 1959.

TOLSTOI, Leão. **Ana Karenine**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Círculo de Leitores.

dicionario Personagens Jose Sar328 328 09.01.12 12:15:12

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA
- livros -

AAVV, José Saramago. **Il Bagaglio dello Scrittore**. Roma: Buizoni Ed., 1996. A cura di Giulia Lanciani.

_____. **Saramago**. Braga: Feira do Livro, 1999.

AGUILERA, Fernando Gómez. **José Saramago**: A Consistência dos Sonhos. Lisboa: Caminho, 2008. Cronobiografia.

ALAVARCE, Camila da Silva. **A Ironia e suas Refrações**: um estudo sobre o duplo na paródia e no riso. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2008.

ALLEMAND, Maria Lúcia de Oliveira. **Tempo e Voz**: o percurso trágico-ideológico na narrativa de José Saramago. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, 1996.

ALVES, Clara Ferreira. **A Lisboa de Saramago**. Festival dos Oceanos e Clara Ferreira Alves, 1999. Ed. bilíngue.

AMARAL, André Amaral. **Que Diabo de Deus é esse?** Divinas ficções de José Saramago. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, defendida em mar. 2011.

ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. **Capelas Imperfeitas**: o narrador na construção da literatura portuguesa do século XXI. Tese de Doutorado –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

ARIAS, Juan. José Saramago: **O Amor Possível**. Rio de Janeiro: Manati, 2003.

ARNAUT, Ana Paula. ***Memorial do Convento***: história, ficção e ideologia. Lisboa: Ed. 70, 2008. Coord. e nota prévia, Carlos Reis. Originalmente apresentado como tese de mestrado, Universidade de Coimbra, 1996.

AZINHEIRA, Teresa; COELHO, Maria da Conceição. **Uma Leitura de *Memorial do Convento***. 2. ed., Venda Nova: Bertrand, 1997.

dicionario Personagens Jose Sar329 329 09.01.12 12:15:12

BAPTISTA-BASTOS. **José Saramago**: a aproximação a um retrato. Lisboa: Dom Quixote, 1996.

BARONE, Alexandre Vincenzo. **O Evangelho do Poder em José Saramago**: o triunfo da emancipação humana em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, *A Caverna* e o *Ensaio sobre a Lucidez*. Dissertação de Mestrado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

BARROS, Jacqueline de Farias. **Todos os Homens-Nomes na *Caverna***: uma trilogia de sombras. Tese de Doutorado – Universidade Federal Fluminense, 2007.

BARROZO, Renato Alves. **Leituras Periféricas**: em busca de um leitor de José Saramago. Tese de Doutorado – Universidade do Rio de Janeiro, 2005.

BASTAZIN, Vera L. **A Personagem em José Saramago**: poética e mito. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1994.

BASTO, José Moura de. **Deus é Grande e José Saramago o seu Evangelista**. Lisboa: J. M. de Basto, 1993.

BASTOS, Baptista. **José Saramago**: aproximação a um retrato. Lisboa: Dom Quixote, 1996.

BERRINI, Beatriz. (Org.). **José Saramago**: uma homenagem. São Paulo: EDUC, 1999.

_____. **Ler Saramago**: o romance. Lisboa: Caminho, 1998.

BERTOQUINI, Maria Inês Peixoto Braga. **Ricardo Reis e a História**: morte, vida ou ressurreição? Dissertação de Mestrado – Universidade do Porto, 1999.

BESSE, Maria Graciete. **José Saramago e o Alentejo**: entre o real e a ficção. Évora: Casa do Sul, 2008.

BUENO, Aparecida de Fátima. **O Poeta no Labirinto**: a construção do personagem em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Viçosa: UFV, 2002.

dicionario Personagens Jose Sar330 330 09.01.12 12:15:13

CALBUCCI, Eduardo. **Saramago**: um roteiro para os romances. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.

CARVALHO, Eleutério de. **A Saga de Cristo Segundo a Teomania**: a propósito de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* de José Saramago — à guisa de carta aberta ao autor — *ma non troppo*. Lisboa: Edição do autor, 1992.

CARVALHO, Tereza Isabel de. **A identidade e a Diferença em *O Homem Duplicado***. Tese de Doutorado – Universidade Federal de São Paulo, 2005.

_____. José Saramago: na crise do histórico, a aura da História. In: **O Avesso do Bordado**. Lisboa: Caminho, 2000.

CINTRA, Agnes Teresa Colturato. **Manual Intermitente**: notas sobre a poética ficcional de José Saramago. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2008.

COELHO, Maria da Conceição; AZINHEIRA, Maria Teresa. ***Memorial do Convento* de José Saramago**. Mem Martins: Pub. Europa-América, 1997.

CONRADO, Iris Selene. **O Ser Humano e a Sociedade em Saramago**: um estudo sociocultural das obras *Ensaio sobre a Cegueira* e *Ensaio sobre a Lucidez*. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Maringá, 2006.

CORRÊA, Eloisa Porto. **A Demanda da Identidade Através do Espelho**: uma leitura de *O Homem Duplicado* de José Saramago. Dissertação de Mestrado – Universidade do Federal do Rio de Janeiro, 2005.

CORSO, Josiele Kaminski. **No Limiar do Outro – O Eu**: a temática do duplo em *O Homem Duplicado* de José Saramago. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

COSTA, Horácio. José Saramago. **O Período Formativo**. Lisboa: Caminho, 1997.

DIÓGENES, Nivaldo Medeiros. **Os Brancos do Desassossego**: a doutrina das cores segundo José Saramago. Dissertação de Mestrado – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2005.

dicionario Personagens Jose Sar331 331 09.01.12 12:15:13

DUARTE, Helena Vaz. **Provérbios Segundo José Saramago**. Lisboa: Ed. Colibri; Instituto de Estudos de Literatura Tradicional, 2006.

DWORZAK, Regina Helena. **O Duplo em Saramago**. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

ENCARNAÇÃO, João dos Santos Cabrita da. **Em Visita a Saramago**: *O Ano da Morte de Ricardo Reis* – uma leitura. Dissertação de Mestrado – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2001.

FERRAZ, Salma. **As Faces de Deus na Obra de um Ateu**. Juiz de Fora: EUFJF, 2004.

_____. **Ensaios**: Saramago, Fernando Pessoa e Eça de Queiroz. São Paulo: Cone Sul, 1997.

_____. **O Quinto Evangelista**. Brasília: UNB, 1999.

FERREIRA, Rita de Cássia Silva. ***O Homem Duplicado***: a subversão das identidades. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

FILHO, Odil José de Oliveira. **Carnaval no *Convento***. São Paulo: Ed. UEP, 1993. (Prismas).

FLORES, Maria da Conceição Crisóstomo de Medeiros Gonçalves Matos. **Do Mito ao Romance**: uma leitura de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1999.

FOKKEMA, Dowe; BERTENS, Hans. **International Postmodernism**: theory and practice. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins, 1997.

FRIER, David G. **The Novels of José Saramago**: echoes from the past, pathways into the future. Cardiff: University of Wales Press, 2007.

GALVÃO, Jacinto Manuel. **Historiografia Cultural nos Romances de José Saramago**. Tese de Doutorado. Universidade de Salamanca, 2000.

dicionario Personagens Jose Sar332 332 09.01.12 12:15:14

GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. **De Fato, Ficção**: um exame das reações entre história e literatura em romances de José Saramago e Almeida Faria. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, 1997.

GOMES, Daniel de Oliveira. **Nome Próprio**: a dimensão atópica da escritura. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

_____. **Poder e Mal-Estar em José Saramago**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

GOUVEIA, Vanda Maria Gouveia Fernandes. **O Discurso Religioso em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo***. Tese de Mestrado – Universidade Católica Portuguesa, 1998.

GUERREIRO, Emmanuelle. **Réalité et Ficcion dans L'univers Romanesque de José Saramago**: étude des œvres *Levantado do Chão* et *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Tese de Doutorado – Université de Toulouse II - le Mirail, 2007. 2 vol.

HENRIQUES, Maria das Neves. **Antes de um *Manual de Pintura e Caligrafia***: uma poética modernista por Almada Negreiros. Tese de Doutorado – Universidade de Coimbra, 2008.

JUBILADO, Maria Odete Santos. **Saramago et Sollers**: une (ré)écriture ironique? Tese de Doutorado – Universidade de Lisboa, 1996.

LETRAS & LETRAS - **Dossier José Saramago**. Porto, ano IV, n. 49, p. 7-14, jun. 1991.

LIMA, Deize Esmeralda Cavalcante Nunes. **Cegueira e Lucidez**: os ensaios de Saramago. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

LUCAS, Ana Maria; CORREIRA, Fátima Vieira. ***Memorial do Convento* de José Saramago**: uma proposta de abordagem. Mem Martins: Sebenta, 1998.

MACHADO, Madalena Aparecida. **O Homem da Pós-Modernidade**: a literatura em reunião. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

dicionario Personagens Jose Sar333 333 09.01.12 12:15:14

MADRUGA, Maria da Conceição. **A Paixão Segundo José Saramago**: a paixão do Verbo e o Verbo da paixão. Dissertação de Mestrado — Universidade Nova de Lisboa, 1993.

MARGATO, Izabel. **Ler (com) Saramago**. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

MARTINS, Adriana Alves de Paula. **A Construção da Memória da Nação em José Saramago e Gore Vidal**. Tese de Doutorado – Universidade Católica Portuguesa, 2002.

_____. **História e Ficção — um diálogo**: sobre *História do Cerco de Lisboa*. Lisboa: Ed. Fim de Século, 1994. Originalmente apresentado como dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, 1992.

MARTINS, Lourdes Câncio et al. **Reler Saramago**: paradigmas ficcionais. Lisboa: Edições Cosmos, 2005.

MENDES, Manuel Vieira. **O Evangelho da História e o Jesus da Fé**: contra as feicções romanescas de José Saramago. Porto: Livr. Fátima, 1990.

MESQUITA, Maria Luísa Raimundo. **Do Estatuto Polifónico do Narrador em *História do Cerco de Lisboa* de José Saramago**. Tese de Mestrado – Universidade Nova de Lisboa, 1993.

MONIZ, António. **Para uma Leitura de *Memorial do Convento* de José Saramago**: uma proposta de leitura crítico-didáctica. Lisboa: Presença, 1995.

MULINACCI, Roberto. **Il Discorso Religioso nel Romanzo Saramaghiano**. Tese de Licenciatura – Università degli Studi di Firenze, 1992.

OLIVEIRA, Maria Lúcia Wiltshire de. **Leituras da Pátria Portuguesa**: *A Jangada de Pedra*, de José Saramago. Trabalho com base em Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Fluminense, 1992.

PASQUALE, Daniela Di. **Una Vita di Gesù**: *Il Vangeglio Secondo Gesù* di José Saramago. Tese de Licenciatura – Università degli Studi di Milano, 2001.

dicionario Personagens Jose Sar334 334 09.01.12 12:15:14

PICCHIO, Luciana Stegagno. **José Saramago**: istantanee per un ritratto. Firenze, Ed. Passigli, 2000.

PIMENTEL, Amle Albernaz de Amorim. **O Tempo Condicional em Saramago**. Dissertação de Mestrado – Universidade do Federal do Rio de Janeiro, 2005.

PINHEIRO, Vanessa Neves Riambau. **O Trágico e o Demoníaco em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

PRAXEDES, Walter Lúcio de Alencar. **Elucidação Pedagógica, História e Identidade nos Romances de José Saramago**. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, 2001.

REAL, Miguel. **Narração, Maravilhoso, Trágico e Sagrado em *Memorial do Convento* de José Saramago**. Lisboa: Caminho, 1996.

REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Lisboa: Caminho, 1998.

REIS, Manuel. **Crítica Necessária a José Saramago**: a falsa questão ateísmo-teísmo. Aveiro: Estante, 1992.

RINGEL, Miriam. **Viagem na Senda das Vozes**: a obra e a vida de José Saramago. Jerusalém: Ed. Carmel, 2009.

SANTOS, Rosemary Conceição dos. **A Recepção Crítica de *Todos os Nomes* e *O Homem Duplicado***. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Saramago**: metáfora e alegoria no *Convento*. São Paulo: Scortecci, 2004.

SCHWARTZ, Adriano. **O Abismo Invertido**: Pessoa, Borges e a inquietude do romance em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de José Saramago. São Paulo: Globo, 2004.

SEARA, Ana Maria Camargo. **Fictions of Nationhood and the Contemporary Novel Written in Portuguese**: José Saramago,

dicionario Personagens Jose Sar335 335 09.01.12 12:15:15

Luandino Vieira and João Ubaldo. Ann Arbor, Michigan: University Microfilms International, 1997. Originalmente apresentado como tese de doutorado, University of North Carolina, 1992.

SEIXO, Maria Alzira. **A Viagem na Literatura**. Mem Martins: Europa-América, 1997.

_____. **Lugares da Ficção em José Saramago**. O essencial e outros ensaios. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1999.

_____. **O Essencial sobre José Saramago**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1987.

_____. **Poéticas da Viagem na Literatura**. Lisboa: Ed. Cosmos, 1998.

SILVA, Flávia Belo Rodrigues da. **Entre a Cegueira e a Lucidez**: a tentativa de resgate da essência humana nos *ensaios* de José Saramago. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, João Céu e. **Uma Longa Viagem com José Saramago**. Lisboa: Porto, 2009.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. **José Saramago — Entre a História e a Ficção**: uma saga de portugueses. Lisboa: Dom Quixote, 1989. Originalmente apresentado como tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.

SOUTO, Andrea do Roccio. **Percurso Identitário**: *O Homem Duplicado*, de José Saramago. Bolsista: Silvia Regina Artuso de Souza. São Miguel do Oeste: UNOESC, 2005. (Relatório de Pesquisa PIBIC/UNOESC-SMO).

TEIXEIRA, Cristina Maria Borges. **O Universo Intertextual em *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago**. Dissertação de Mestrado – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2002.

TERRA, Maria Carolina Cunha da. **Realidade Histórica no *Memorial do Convento*/a Memória de Bartolomeu de Gusmão.** Trabalho universitário, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1984.

dicionario Personagens Jose Sar336 336 09.01.12 12:15:15

TOMÁS, Maria Manuela Rodrigues. **O *Ensaio sobre a Cegueira* na Construção de um Anti-Édipo**. Dissertação de Mestrado – Universidade Nova de Lisboa, 1998.

TUTIKIAN, Jane; CARVALHAL, Tânia Franco (Orgs.). **Literatura e História**: três vozes de expressão portuguesa. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

VALENÇA, Ana Maria. **O Amor é o Fim do Cerco**: o erotismo em *História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 1993.

VENTURA, Mário. **Conversas**. Lisboa: D. Quixote, 1986.

VICENTE, Sara Marisa Marques. **Construção e Desconstrução de Identidades em *A Caverna* de José Saramago e *Who's afraid of Virginia Woolf?* de Edward Albie**. Dissertação de Mestrado – Universidade Nova de Lisboa, 2008.

VIEGAS, Francisco José (Coord.). **José Saramago**: uma voz contra o silêncio. Lisboa: Ed. Caminho; ICEP;IPLB, 1998.

VIEGAS, Francisco José et al. **José Saramago**: uma voz contra o silêncio. Lisboa: Caminho, 1998

WITTMAN, Helena Luzia. ***Levantado do Chão***: um romance de fé. Dissertação de Mestrado – Universidade Clássica de Lisboa, 1991.

dicionario Personagens Jose Sar337 337 09.01.12 12:15:15

- artigos -

AMORIM, Orlando Nunes de Amorim. A *História do Cerco de Lisboa* e o estatuto do narrador em José Saramago. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 10, n.1/2, p. 125-136, jan./dez. 1994.

BENEDETTI, Mario. La persona Saramago. **Casa de las Americas**, n. 213, oct.-dic.

BUENO, Aparecida de Fátima. O evangelho segundo Saramago. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA ABRALIC, 5., 1997, Rio de Janeiro. **Anais**.../**Cânones & Contexto**. v. 3. Rio de Janeiro: ABRALIC, 1997, p. 699-702.

CARDOSO, Patrícia da Silva. Adivinhando Portugal nas obras de Saramago e Agustina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA ABRALIC, 5., 1997, Rio de Janeiro. **Anais**.../**Cânones & Contexto**. vol. 3. Rio de Janeiro: ABRALIC, 1997, p. 703-706.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. A desconstrução da identidade na obra de José Saramago. **Sincronía**. Otoño 2002. Disponível em: <http://sincronia.cucsh.udg.mx/carreira1.htm>. Acesso em: 04/04/2004.

_____. A visualidade cega: o olhar saramaguiano sobre a sociedade contemporânea. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. V, n. XVII, abr./jun. 2006. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/503/494>. Acesso em: 30 jun. 2010.

_____. Painel: romance português e metaficção - o quinto evangelista ou da tigela ao graal. In: ENCONTRO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA, XIV. **Anais**... Porto Alegre: Edipuc, 1994, p. 182-190.

COSTA, Horário. José Saramago: o despertar da palavra. **Revista Cult**, São Paulo, p. 16-24, dez. 1998.

_____. Sobre a pós/modernidade em Portugal: Saramago revisita Pessoa. **Colóquio Letras**, Lisboa, n. 109, jun. 1989.

dicionario Personagens Jose Sar339 339 09.01.12 12:15:16

DUARTE, Lélia Parreira. Um nobel da era da comunicação. **Cadernos CESPUC de Pesquisa** - José Saramago: um nobel para as literaturas de língua portuguesa, Belo Horizonte, n. 4, p. 26-39, jan. 1999. (Série Ensaios).

FERREIRA, Sandra. Espaços expectantes: sobre romances de José Saramago. **TriceVersa**, Assis, v. 1, n. 2, nov. 2007/abr. 2008.

LIPARULO, Teresa. Bibliografia sobre José Saramago. **Vértice**, II Série, n. 91, jul./set. 1999.

LOPES, Vera. *História do Cerco de Lisboa*: uma leitura anárquica da história. **Cadernos CESPUC de Pesquisa** - José Saramago: um nobel para as literaturas de língua portuguesa, Belo Horizonte, n. 4, p. 61-70, jan. 1999. (Série Ensaios).

MACNAB, Gregory. A interface história-invenção em três romances de José Saramago. **Revista de Letras**, Curitiba, p. 134-143, 1989.

MADRUGA, Conceição. Blimunda e os olhares excessivos. **Letras & Letras**, Porto, n. 49, p. 8, 19 jun. 1991.

McNAB, Gregory. A interface história: invenção em três romances de José Saramago. **Revista Letras**, Curitiba, n. 38, p. 134-143, 1989. Originalmente apresentado como trabalho universitário, Universidade de Rhode Island, 1985.

REMÉDIOS, Maria Luiza Rietzel. Sedução e prazer no romance de José Saramago. **Cadernos CESPUC de Pesquisa** - José Saramago: um nobel para as literaturas de língua portuguesa, Belo Horizonte, n. 4, p. 42-49, jan. 1999. (Série Ensaios).

ROUANET, Maria Helena. Em pedaços de encaixar: leitura de *Memorial do Convento* de José Saramago. **Colóquio Letras**, n. 101, p. 55-63, jan./fev. 1988. Originalmente apresentado como trabalho universitário, Rio de Janeiro, 1984.

SARAMAGO, José. A terceira palavra. Entrevistadores: Jefferson Del Rios, Beatriz Albuquerque e Michael Laub. **Bravo**, São Paulo, Ano 2, n. 21, p. 60-69, jun. 1999.

_____. História e ficção. **Jornal de Letras, Artes e Idéias**, Lisboa, 17-20, 6 mar. 1990.

dicionario Personagens Jose Sar340 340 09.01.12 12:15:16

_____. O autor como narrador. **Revista Cult**, São Paulo, p. 25-27, dez. 1998.

_____. O despertar da palavra. **Revista Cult**. São Paulo, p. 16-23, dez. 1998.

_____. Saramago quer deter o tempo com palavras. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. D4, 27 jan. 1996. Caderno 2.

_____. Ser escritor é fazer a opção da liberdade. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 27 jan. 1996. Caderno 2.

SCHMIDT, Simone Pereira. No meu caso, o alvo é Deus: paródia e humanismo no evangelho de Saramago. **Discursos**, Coimbra, n. 7, p. 63-79, maio 1994.

SEGOLIM, Fernando. O evangelho às avessas de Saramago ou O divino demasiado humano ou O Deus que não sabe o que faz. **Cadernos CESPUC de Pesquisa** - José Saramago: um nobel para as literaturas de língua portuguesa, Belo Horizonte, n. 4, p. 12-19, jan. 1999. (Série Ensaios).

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. De cegos e visionários: uma alegoria finissecular na obra de José Saramago. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA ABRALIC, 5., 1997, Rio de Janeiro. **Anais**.../ **Cânones & Contexto**. v. 3. Rio de Janeiro: ABRALIC, 1997, p. 691-694.

_____. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* ou a consagração do sacrilégio. **Cadernos CESPUC de Pesquisa** - José Saramago: um nobel para as literaturas de língua portuguesa, Belo Horizonte, n. 4, p. 50-52, jan. 1999. (Série Ensaios).

SOUTO, Andrea do Roccio. Península Ibérica: o cérbero de Saramago. In: CONGRESSO DE LÍNGUA E LITERATURA/CONGRESSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, 3; 2, 2000, Joaçaba. **Anais**... Joaçaba: UNOESC, 2000, p. 19-21; 139-147.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. Cristo e o Deus cruel. **Revista Veja**, São Paulo, ed. l207, p. 90-96, nov. 1991.

VALIÑO, Omar. Ensayos sobre la lucidez, según Don José (Saramago). **Casa de las Americas**, n. 213, p. 70-74, oct./dic. 1998.

dicionario Personagens Jose Sar341 341 09.01.12 12:15:16

AUTOBIOGRAFIA

José Saramago[5]

Nasci numa família de camponeses sem terra, em Azinhaga, uma pequena povoação situada na província do Ribatejo, na margem direita do rio Almonda, a uns cem quilómetros a nordeste de Lisboa. Meus pais chamavam-se José de Sousa e Maria da Piedade. José de Sousa teria sido também o meu nome se o funcionário do Registo Civil, por sua própria iniciativa, não lhe tivesse acrescentado a alcunha por que a família de meu pai era conhecida na aldeia: Saramago. (Cabe esclarecer que *saramago* é uma planta herbácea espontânea, cujas folhas, naqueles tempos, em épocas de carência, serviam como alimento na cozinha dos pobres). Só aos sete anos, quando tive de apresentar na escola primária um documento de identificação, é que se veio a saber que o meu nome completo era José de Sousa Saramago... Não foi este, porém, o único problema de identidade com que fui fadado no berço. Embora tivesse vindo ao mundo no dia 16 de Novembro de 1922, os meus documentos oficiais referem que nasci dois dias depois, a 18: foi graças a esta pequena fraude que a família escapou ao pagamento da multa por falta de declaração do nascimento no prazo legal.

Talvez por ter participado na Grande Guerra, em França, como soldado de artilharia, e conhecido outros ambientes, diferentes do viver da aldeia, meu pai decidiu, em 1924, deixar o trabalho do campo e trasladar-se com a família para Lisboa, onde começou a exercer a profissão de polícia de segurança pública, para a qual não se exigiam mais "habilitações literárias" (expressão comum então...) que ler, escrever e contar. Poucos meses depois de nos termos instalado na capital, morreria meu irmão Francisco, que era dois anos mais velho do que eu. Embora as condições em que vivíamos tivessem melhorado um pouco com a mudança, nunca viríamos a conhecer verdadeiro desafogo económico. Já eu tinha 13 ou 14 anos quando passámos, enfim, a viver numa casa (pequeníssima) só para nós: até aí sempre tínhamos habitado em partes de casa, com outras famílias. Durante todo este tempo, e até à maioridade,

[5] SARAMAGO, José. Autobiografia. In: FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO. **O Caderno de Saramago**. Disponível em: <http://www.josesaramago.org/saramago/detalle.php?id=677>. Acesso em: 24 de set. 2009.

dicionario Personagens Jose Sar343 343 09.01.12 12:15:17

foram muitos, e frequentemente prolongados, os períodos em que vivi na aldeia com os meus avós maternos, Jerónimo Melrinho e Josefa Caixinha.

Fui bom aluno na escola primária: na segunda classe já escrevia sem erros de ortografia, e a terceira e quarta classes foram feitas em um só ano. Transitei depois para o liceu, onde permaneci dois anos, com notas excelentes no primeiro, bastante menos boas no segundo, mas estimado por colegas e professores, ao ponto de ser eleito (tinha então 12 anos...) tesoureiro da associação académica... Entretanto, meus pais haviam chegado à conclusão de que, por falta de meios, não poderiam continuar a manter-me no liceu. A única alternativa que se apresentava seria entrar para uma escola de ensino profissional, e assim se fez: durante cinco anos aprendi o ofício de serralheiro mecânico. O mais surpreendente era que o plano de estudos da escola, naquele tempo, embora obviamente orientado para formações profissionais técnicas, incluía, além do Francês, uma disciplina de Literatura. Como não tinha livros em casa (livros meus, comprados por mim, ainda que com dinheiro emprestado por um amigo, só os pude ter aos 19 anos), foram os livros escolares de Português, pelo seu carácter "antológico", que me abriram as portas para a fruição literária: ainda hoje posso recitar poesias aprendidas naquela época distante. Terminado o curso, trabalhei durante cerca de dois anos como serralheiro mecânico numa oficina de reparação de automóveis. Também por essas alturas tinha começado a frequentar, nos períodos nocturnos de funcionamento, uma biblioteca pública de Lisboa. E foi aí, sem ajudas nem conselhos, apenas guiado pela curiosidade e pela vontade de aprender, que o meu gosto pela leitura se desenvolveu e apurou.

Quando casei, em 1944, já tinha mudado de actividade, passara a trabalhar num organismo de Segurança Social como empregado administrativo. Minha mulher, Ilda Reis, então dactilógrafa nos Caminhos de Ferro, viria a ser, muitos anos mais tarde, um dos mais importantes gravadores portugueses. Faleceria em 1998. Em 1947, ano do nascimento da minha única filha, Violante, publiquei o primeiro livro, um romance que intitulei *A Viúva*, mas que por conveniências editoriais viria a sair com o nome de *Terra do Pecado*. Escrevi ainda outro romance, *Clarabóia*, que permanece inédito até hoje, e principiei um outro, que não passou das primeiras páginas: chamar-se-ia *O Mel e o Fel* ou talvez *Luís, filho de Tadeu...* A questão ficou resolvida quando abandonei o projecto: começava a tornar-se claro para mim que não tinha para dizer algo que valesse a pena.

dicionario Personagens Jose Sar344 344 09.01.12 12:15:17

Durante 19 anos, até 1966, quando publicaria *Os Poemas Possíveis* , estive ausente do mundo literário português, onde devem ter sido pouquíssimas as pessoas que deram pela minha falta.

Por motivos políticos fiquei desempregado em 1949, mas, graças à boa vontade de um meu antigo professor do tempo da escola técnica, pude encontrar ocupação na empresa metalúrgica de que ele era administrador. No final dos anos 50 passei a trabalhar numa editora, Estúdios Cor, como responsável pela produção, regressando assim, mas não como autor, ao mundo das letras que tinha deixado anos antes. Essa nova actividade permitiu-me conhecer e criar relações de amizade com alguns dos mais importantes escritores portugueses de então. Para melhorar o orçamento familiar, mas também por gosto, comecei, a partir de 1955, a dedicar uma parte do tempo livre a trabalhos de tradução, actividade que se prolongaria até 1981: Colette, Pär Lagerkvist, Jean Cassou, Maupassant, André Bonnard, Tolstoi, Baudelaire, Étienne Balibar, Nikos Poulantzas, Henri Focillon, Jacques Roumain, Hegel, Raymond Bayer foram alguns dos autores que traduzi. Outra ocupação paralela, entre Maio de 1967 e Novembro de 1968, foi a de crítico literário. Entretanto, em 1966, publicara *Os Poemas Possíveis*, uma colectânea poética que marcou o meu regresso à literatura. A esse livro seguiu-se, em 1970, outra colectânea de poemas, *Provavelmente Alegria*, e logo, em 1971 e 1973 respectivamente, sob os títulos *Deste Mundo e do Outro* e *A Bagagem do Viajante*, duas recolhas de crónicas publicadas na imprensa, que a crítica tem considerado essenciais à completa compreensão do meu trabalho posterior. Tendo-me divorciado em 1970, iniciei uma relação de convivência, que duraria até 1986, com a escritora portuguesa Isabel da Nóbrega.

Deixei a editora no final de 1971, trabalhei durante os dois anos seguintes no vespertino *Diário de Lisboa* como coordenador de um suplemento cultural e como editorialista. Publicados em 1974 sob o título *As Opiniões que o DL teve*, esses textos representam uma "leitura" bastante precisa dos últimos tempos da ditadura que viria a ser derrubada em Abril daquele ano. Em Abril de 1975 passei a exercer as funções de director-adjunto do matutino *Diário de Notícias*, cargo que desempenhei até Novembro desse ano e de que fui demitido na sequência das mudanças ocasionadas pelo golpe político-militar de 25 de daquele mês, que travou o processo revolucionário. Dois livros assinalam esta época: *O Ano de 1993*, um poema longo publicado em 1975, que alguns críticos consideram já anunciador das obras de ficção que dois anos depois se iniciariam com o romance *Manual de Pintura e Caligrafia*, e, sob o título *Os*

dicionario Personagens Jose Sar345 345 09.01.12 12:15:18

Apontamentos , os artigos de teor político que publiquei no jornal de que havia sido director.

Sem emprego uma vez mais e, ponderadas as circunstâncias da situação política que então se vivia, sem a menor possibilidade de o encontrar, tomei a decisão de me dedicar inteiramente à literatura: já era hora de saber o que poderia realmente valer como escritor. No princípio de 1976 instalei-me por algumas semanas em Lavre, uma povoação rural da província do Alentejo. Foi esse período de estudo, observação e registro de informações que veio a dar origem, em 1980, ao romance *Levantado do Chão*, em que nasce o modo de narrar que caracteriza a minha ficção novelesca. Entretanto, em 1978, havia publicado uma colectânea de contos, *Objecto Quase*, em 1979 a peça de teatro *A Noite*, a que se seguiu, poucos meses antes da publicação de *Levantado do Chão*, nova obra teatral, *Que Farei com este Livro?*. Com excepção de uma outra peça de teatro, intitulada *A Segunda Vida de Francisco de Assis* e publicada em 1987, a década de 80 foi inteiramente dedicada ao romance: *Memorial do Convento*, 1982, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, 1984, *A Jangada de Pedra*, 1986, *História do Cerco de Lisboa* , 1989. Em 1986 conheci a jornalista espanhola Pilar del Río. Casámo-nos em 1988.

Em consequência da censura exercida pelo Governo português sobre o romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), vetando a sua apresentação ao Prémio Literário Europeu sob pretexto de que o livro era ofensivo para os católicos, transferimos, minha mulher e eu, em Fevereiro de 1993, a nossa residência para a ilha de Lanzarote, no arquipélago de Canárias. No princípio desse ano publiquei a peça *In Nomine Dei*, ainda escrita em Lisboa, de que seria extraído o libreto da ópera *Divara*, com música do compositor italiano Azio Corghi, estreada em Münster (Alemanha), em 1993. Não foi esta a minha primeira colaboração com Corghi: também é dele a música da ópera *Blimunda*, sobre o romance *Memorial do Convento*, estreada em Milão (Itália), em 1990. Em 1993 iniciei a escrita de um diário, *Cadernos de Lanzarote*, de que estão publicados cinco volumes. Em 1995 publiquei o romance *Ensaio sobre a Cegueira* e em 1997 *Todos os Nomes* e *O Conto da Ilha Desconhecida*. Em 1995 foi-me atribuído o Prémio Camões, e em 1998 o Prémio Nobel de Literatura.

Em consequência da atribuição do Prémio Nobel a minha actividade pública viu-se incrementada. Viajei pelos cinco continentes, oferecendo conferências, recebendo graus académicos, participando em reuniões e congressos, tanto de carácter literário como social e político, mas, sobretudo, participei em acções reivindicativas da

dicionario Personagens Jose Sar346 346 09.01.12 12:15:18

dignificação dos seres humanos e do cumprimento da Declaração dos Direitos Humanos pela consecução de uma sociedade mais justa, onde a pessoa seja prioridade absoluta, e não o comércio ou as lutas por um poder hegemónico, sempre destrutivas.

Creio ter trabalhado bastante durante estes últimos anos. Desde 1998, publiquei *Folhas Políticas (1976-1998)* (1999), *A Caverna* (2000), *A Maior Flor do Mundo* (2001), *O Homem Duplicado* (2002), *Ensaio sobre a Lucidez* (2004), *Don Giovanni ou o Dissoluto Absolvido* (2005), *As Intermitências da Morte* (2005) e *As Pequenas Memórias* (2006). Agora, neste Outono de 2008, aparecerá um novo livro: *A Viagem do Elefante*, um conto, uma narrativa, uma fábula.

No ano de 2007 decidiu-se criar em Lisboa uma Fundação com o meu nome, a qual assume, entre os seus objectivos principais, a defesa e a divulgação da literatura contemporânea, a defesa e a exigência de cumprimento da Carta dos Direitos Humanos, além da atenção que devemos, como cidadãos responsáveis, ao cuidado do meio ambiente. Em Julho de 2008 foi assinado um protocolo de cedência da Casa dos Bicos, em Lisboa, para sede da Fundação José Saramago, onde esta continuará a intensificar e consolidar os objectivos que se propôs na sua Declaração de Princípios, abrindo portas a projectos vivos de agitação cultural e propostas transformadoras da sociedade.

dicionario Personagens Jose Sar347 347 09.01.12 12:15:19

BIOGRAFIA

Filho e neto de camponeses, José Saramago nasceu na aldeia de Azinhaga, província do Ribatejo, no dia 16 de novembro de 1922, se bem que o registro oficial mencione como data de nascimento o dia 18. Seus pais emigraram para Lisboa quando ele não havia ainda completado dois anos. A maior parte de sua vida decorreu, portanto, na capital, embora até aos primeiros anos da idade adulta fossem numerosas, e por vezes prolongadas, as suas estadas na aldeia natal.

Fez estudos secundários (liceais e técnicos) que, por dificuldades econômicas, não pôde prosseguir. Seu primeiro emprego foi como serralheiro mecânico, tendo exercido depois diversas profissões: desenhador, funcionário da saúde e da previdência social, tradutor, editor, jornalista. Publicou seu primeiro livro, um romance, *Terra do Pecado*, em 1947, tendo estado depois largo tempo sem publicar (até 1966). Trabalhou durante doze anos numa editora, onde exerceu funções de direção literária e de produção. Colaborou como crítico literário na revista *Seara Nova*. Em 1972 e 1973 fez parte da redação do jornal *Diário de Lisboa*, onde foi comentador político, tendo também coordenado, durante cerca de um ano, o suplemento cultural daquele vespertino.

Pertenceu à primeira Direção da Associação Portuguesa de Escritores e foi, de 1985 a 1994, presidente da Assembléia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores. Entre abril e novembro de 1975 foi diretor-adjunto do jornal *Diário de Notícias*. A partir de 1976 passou a viver exclusivamente do seu trabalho literário, primeiro como tradutor, depois como autor. Em fevereiro de 1993 decidiu repartir seu tempo entre a sua residência habitual em Lisboa e a ilha de Lanzarote, no arquipélago das Canárias (Espanha). É casado com Pilar del Río.[6]

---

[6] FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO. Biografia. In: _____. **O Caderno de Saramago**. Disponível em: <http://www.josesaramago.org/saramago/detalle.php?id=679>. Acesso em: 24 de set. 2009. [Adaptado].

dicionario Personagens Jose Sar349 349 09.01.12 12:15:19

Distinções e Honrarias

A obra de José Saramago foi distinguida em diversos países e em muitas modalidades, entre as quais cabe destacar o Prêmio Luís de Camões em 1995 e o Prêmio Nobel da Literatura em 1998.[7]

Doutoramentos *Honoris Causa*

- 1991 - Universidade de Turim (Itália).
- 1991 - Universidade de Sevilha (Espanha).
- 1995 - Universidade de Manchester (Inglaterra).
- 1997 - Universidade de Castilla-la-Mancha (Espanha).
- 1999 - Universidade de Évora (Portugal).
- 1999 - Universidade de Nottingham (Inglaterra).
- 1999 - Universidade de Porto Alegre (Brasil).
- 1999 - Universidade de Rio Grande do Sul (Brasil).
- 1999 - Universidade de Minas Gerais (Brasil).
- 1999 - Universidade Politécnica de Valência (Espanha).
- 1999 - Universidade Fluminense (Brasil).
- 1999 - Universidade de Santa Catarina (Brasil).
- 1999 - Universidade do Rio de Janeiro (Brasil).
- 1999 - Universidade Michel de Montaigne (França).
- 1999 - Universidade de Massachusetts (EUA).
- 1999 - Universidade de Las Palmas, Grã Canária (Espanha).
- 1999 - Universidade Pontifícia de Valência (Espanha).
- 2000 - Universidade de Salamanca (Espanha).
- 2000 - Universidade de Santiago do Chile (Chile).
- 2000 - Universidade do Uruguai (Uruguai).
- 2001 - Universidade de Roma (Itália).
- 2001 - Universidade Carlos III (Espanha).
- 2001 - Universidade de Granada (Espanha).
- 2002 - Universidade Stranieri de Siena (Itália).
- 2003 - Universidade Autónoma do México (México).
- 2003 - Universidade de Tabasco (México).
- 2003 - Universidade de Buenos Aires (Argentina).

[7] FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO. Prêmios. In: _____. **O Caderno de Saramago**. Disponível em: <http://www.josesaramago.org/saramago/detalle.php?id=679>. Acesso em: 24 de set. 2009. [Adaptado].

dicionario Personagens Jose Sar351 351 09.01.12 12:15:20

- 2004 - Universidade Charles de Gaulle (França).
- 2004 - Universidade de Alicante (Espanha).
- 2004 - Universidade de Coimbra (Portugal).
- 2004 - Universidade de Brasília (Brasil).
- 2005 - Universidade de Alberta (Canadá).
- 2005 - Universidade de El Salvador (El Salvador).
- 2005 - Universidade da Costa Rica (Costa Rica).
- 2005 - Universidade de Estocolmo (Suécia).
- 2006 - Universidade de Dublin (Irlanda).
- 2007 - Universidade Autónoma de Madrid (Espanha).

Prêmios

Espanha
- Prêmio Rosalía de Castro.
- Prêmio Europa de Comunicação Jordi Xifra Heras.
- Prêmio Canárias Internacional 2001.

Inglaterra
- Prêmio "The Independent" para Ficção Estrangeira.

Itália
- Prêmio Grinzane-Cavour de Romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, 1987.
- Prêmio Internacional Ennio Flaiano por *Levantado do Chão*, 1992.
- Prêmio Literário Brancatti (Zafferana Sicília), pelo conjunto da obra, 1992.
- Prêmio Internacional Literário Mondello (Palermo), pelo conjunto da obra, 1992.
- Prêmio Scanno - Universidade Grabiele d'Annunzio.
- Prêmio Penne-Mosca.
- Prêmio Nacional de Narrativa Città di Penne.

Portugal
- Prêmio da Associação de Críticos Portugueses por *A Noite*, 1979.
- Prêmio Cidade de Lisboa por *Levantado do Chão*, 1980.

dicionario Personagens Jose Sar352 352 09.01.12 12:15:20

- Prêmio PEN Clube Português por *Memorial do Convento*, 1982 e *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, 1984.
- Prêmio Literário Município de Lisboa por *Memorial do Convento*, 1982.
- Prêmio da Crítica (Associação Portuguesa de Críticos) por *O Ano da Morte de Ricardo Reis.*
- Prêmio Dom Dinis por *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, 1986.
- Grande Prêmio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, 1992.
- Prêmio Vida Literária da Associação
- Portuguesa de Escritores (APE), 1993.
- Prêmio Consagração SPA (Sociedade Portuguesa de Autores), 1995.
- Prêmio Camões, 1995.

Suécia
- Prêmio Nobel de Literatura, 1998.

Condecorações

Argentina
- Membro Correspondente da Academia Argentina de Letras.

Bélgica
- Membro Honorário do Conselho Consultivo do Tribunal de Bruxelas.

Brasil
- Sócio Correspondente da Academia Brasileira de Letras.

Chile
- Medalha Reitoral, Universidade do Chile.

Colômbia
- Membro Honorário do Colégio Máximo das Academias.
- Membro Honorário do Conselho Supremo das Academias.
- Membro Honorário do Instituto Caro y Cuervo de Bogotá.

dicionario Personagens Jose Sar353 353 09.01.12 12:15:20

Costa Rica

- Visitante Distinguido, São José da Costa Rica.

Equador

- Medalha Guayasamín – Unesco.
- Medalha «General Rumiñahui» Pichincha.
- Grã Cruz de Mérito Cultural e Literário do Congresso Nacional.
- Grã Cruz de Mérito Educativo e Cultural «Juan Montalvo».
- Hóspede Ilustre, São Francisco de Quito.

Espanha

- Grã Cruz da Ordem «Ilhas Canárias».
- Diploma de Honra, A. C. Casa de América das Canárias.
- Medalha de Honra, U. I. Menéndez Pelayo.
- Medalha de Ouro, Governo das Canárias.
- Acadêmico Honorário, Academia Canária de La Laguna.
- Filho Adoptivo de Granada.
- Membro do Patronato de Honra da Fundação César Manrique.
- Membro da Academia Europeia de Yuste.
- Beca de Honra da Residência de Estudantes da Universidade Carlos III.
- Sócio Honorário da A. P. de Sevilha de Amigos de Apoio ao Povo Saauri.
- Presidente Honorário de Son Latinos.
- Presidente Honorário da Fundação Alonso Quijano.
- Presidente Honorário da Fundação Centro José Saramago.
- Membro do Comité de Honra da Fundação Rafael Alberti.

EUA

- Membro da Academia Internacional de Humanismo.

França

- Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras.
- Legião de Honra.
- Membro do Conselho do Futuro, Unesco.

Itália

- Membro Honoris Causa do Conselho do Instituto de Filosofia da Universidade de Pisa.

dicionario Personagens Jose Sar354 354 09.01.12 12:15:21

México

- Medalha Isidro Fabela da Faculdade do Distrito de UNAM.
- Reconhecimento, Faculdade de Direito, Universidade do México.

Portugal

- Comendador da Ordem Militar de Santiago de Espada.
- Grande Colar da Ordem Militar de Santiago de Espada.
- Cidadão de Honra, Câmara Municipal do Porto.
- Medalha de Ouro, Universidade de Coimbra.
- Sócio Honorário Desportivo do Sport Lisboa e Benfica.
- Chaves de Ouro da Cidade de Pinhel.
- Sócio Honorário da Academia de Ciências de Lisboa.
- Professor Coordenador Honorário do Instituto Politécnico de Leiria.
- Membro Honorário do Centro Nacional de Cultura.
- Medalha de Ouro da Cidade de Mafra.

República Dominicana

- Visitante Distinguido, Santo Domingo.

dicionario Personagens Jose Sar355 355 09.01.12 12:15:21

ADAPTAÇÕES

Inúmeros têm sido os trabalhos desenvolvidos a partir da obra de José Saramago, desde as Artes Plásticas ao Cinema, passando pelo Teatro, Ópera, Música. Alguns desses trabalhos são aqui apresentados.

Do seu romance *Memorial do Convento* foi feita pelo compositor italiano Azio Corghi uma adaptação para ópera intitulada *Blimunda*. A estréia mundial, com encenação de Jerôme Savary, teve lugar no Teatro Alla Scala de Milão (Itália) em 20 de Maio 1990. Também da obra *In Nomine Dei* foi extraído um libreto, o da ópera *Divara*, estreada em Münster (Alemanha) a 31 de Outubro de 1993, com música de Azio Corghi e encenação de Dietrich Hilsdorf. Igualmente de Azio Corghi é a música da cantata *A Morte de Lázaro*, sobre textos de *Memorial do Convento*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e *In Nomine Dei*, com estréia em Milão na Igreja de San Marco em 12 de Abril de 1995. De Azio Corghi é ainda a música da cantata sobre *O Ano de 1993*, com estréia em Florença a 8 de Junho de 1999. Da sua obra teatral *Don Giovani ou o Dissoluto Absolvido* foi extraído o libreto da ópera de autoria de Azio Corghi *Il dissoluto assolto*, estreada em Lisboa a 18 de Março de 2006 no Teatro Nacional de São Carlos e em Setembro no Teatro Alla Scala de Milão.

O seu romance *A Jangada de Pedra* foi adaptado para cinema pelo realizador holandês George Sluizer, em 2002, com o título *Het Stenen Vlot Spoorlos*.

O seu romance *Ensaio sobre a Cegueira* foi adaptado para cinema pelo diretor brasileiro Fernando Meirelles, reconhecido internacionalmente pelos filmes *Cidade de Deus* (2002) e *O Fiel Jardineiro* (2004). Com o nome de *Blindness*, o filme, um longa metragem, estreiou em 2008 com um notável elenco de actores: Julianne Moore, Mark Ruffalo, Gael Garcia Bernal, Danny Gloover, entre outros.

dicionario Personagens Jose Sar357 357 09.01.12 12:15:22

SOBRE A AUTORA

SALMA FERRAZ graduou-se em Letras pela Faculdade Hebraico Brasileira Renascença de Letras de São Paulo (Hebraica), especializou-se em Literatura Brasileira e Literatura Infantil pela Faculdade Severino Sombra do Rio de Janeiro. É mestre em Literatura Portuguesa e Doutora em Literatura Portuguesa pela Unesp, campus de Assis. **Concluiu o Pós Doutorado em Teologia e Literatura em 2008 na área de Teologia e Literatura na Universidade Federal de Minas Gerais. É Professora Associada de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC em Florianópolis e atua na Pós Graduação de Literatura com a linha de Pesquisa Teopoética - Os Estudos Comparados entre Teologia e Literatura.** É contista, crítica e ensaísta com inúmeros artigos publicados e autora de diversos livros de crítica literária.

LIVROS PUBLICADOS (CRÍTICA LITERÁRIA):

1) Desmistificando a redação (co-autoria). Florianópolis: UFSC, 1997.
2) Ensaios: Fernando Pessoa, Eça e Saramago. São Paulo: Cone Sul, 1998.
3) O jeitinho Brasileiro de Sherlock Holmes. Blumenau: Furb, 1998.
4) O rei Leão e a Memória do Mundo. Blumenau: Furb, 1998.

dicionario Personagens Jose Sar359 359 09.01.12 12:15:26

5) A sagrada luxúria de criar: Porto Alegre: Edipuc, 1999.
6) O quinto evangelista. Brasília: UNB, 1999.
7) Na Terceira Margem da História. Blumenau: Furb, 1999.
8) Dicionário Machista. Londrina: Campanário, 2002.
9) As Faces de Deus na Obra de um Ateu Juiz de Fora: EUFJF, 2004.
10) No princípio era Deus e Ele se fez Poesia. Rio Branco: EDUFAC, 2007.
11) Deuses em poética. João Pessoa: UFPB, 2009
12) Maria Madalena: A mulher que amor o amor (EDUEM, 2011).
13) O Polén do Divino (EDIFURB, 2011)
14) Dicionário de personagens da obra de José Saramago (EDIFURB, 2011)
13) As malasartes de Lúcifer (EDUEL, 2012)
15) Sois deuses (EDUFGD, 2012)

LIVROS PUBLICADOS - FICÇÃO

1) Em nome do Homem. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.
2) O Ateu ambulante. Blumenau: Furb, 2001.
3) A Ceia dos Mortos. Florianópolis: Edição do autor, 2007.
4) Nem sempre amar é tudo. (no prelo)